



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TRIÂNGULO MINEIRO – *CAMPUS* UBERABA
Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - PPGET
Mestrado Profissional em Educação Tecnológica - MPET

KARLA INÊS SOUZA COSTA

**FORMAÇÃO OMNILATERAL E FORMAÇÃO PARA O TRABALHO:
A percepção dos alunos dos cursos técnicos em administração do
IFTM – *Campus* Uberaba e da Escola Estadual Irmão Afonso**

Uberaba
2023

KARLA INÊS SOUZA COSTA

**FORMAÇÃO OMNILATERAL E FORMAÇÃO PARA O TRABALHO:
A percepção dos alunos dos cursos técnicos em administração do
IFTM – *Campus* Uberaba e da Escola Estadual Irmão Afonso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica – curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – *Campus* Uberaba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia – Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica

Orientador: Prof. Dr. Otaviano José Pereira
Coorientador: Prof. Dr. Vicente Batista dos Santos Neto

Uberaba
2023

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Referência do IFTM –
Campus Uberaba-MG

C823f Costa, Karla Inês Souza
FORMAÇÃO OMNILATERAL E FORMAÇÃO PARA O
TRABALHO: a percepção dos alunos dos cursos técnicos em
administração do IFTM – Campus Uberaba e da Escola Estadual Irmão
Afonso Ramos / Karla Inês Souza Costa – 2023.

192 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Otaviano José Pereira
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Tecnológica) -
Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Campus Uberaba - MG, 2023.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Técnico em
Administração. 3. Mundo do Trabalho. 4. Dualismo da Formação.
I. Pereira, Otaviano José. II. Título.

CDD 370.26

FOLHA DE APROVAÇÃO

03/05/2023

DOCS/IFTM - 0000477538 - FOLHA DE APROVAÇÃO - DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO

KARLA INÊS SOUZA COSTA

A FORMAÇÃO OMNILATERAL E A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO: Um relato dos alunos dos cursos técnicos em administração do IFTM – Campus Uberaba e da Escola Estadual Irmão Afonso.

FOLHA DE APROVAÇÃO – DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Data da aprovação: 24/04/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Otaviano José Pereira

IFTM - Campus Uberaba

Membro Titular Prof. Dr. Vicente Batista dos Santos Neto

IFTM- Campus Uberaba

Membro Titular Prof. Dr. Anderson Clayton Ferreira Brettas

IFTM - Campus Uberaba

Membro externo Prof.ª Dr.ª Maria Rita Nascimento Pereira

IFG

Local – IFTM *Campus* Uberaba – Uberaba/MG

OTAVIANO JOSE PEREIRA

PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por OTAVIANO JOSE PEREIRA, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 02/05/2023, às 19:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETAS
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por ANDERSON CLAYTOM FERREIRA BRETAS, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 02/05/2023, às 19:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

VICENTE BATISTA DOS SANTOS NETO
PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO



Documento assinado eletronicamente por VICENTE BATISTA DOS SANTOS NETO, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 03/05/2023, às 10:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

MARIA RITA NASCIMENTO PEREIRA
REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO MG - MEMBRO EXTERNO DE BANCA DEFESA/QUALIFICAÇÃO
MESTRADO/PÓS-GRADUAÇÃO



Documento assinado eletronicamente por MARIA RITA NASCIMENTO PEREIRA, REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO MG - MEMBRO EXTERNO DE BANCA DEFESA/QUALIFICAÇÃO MESTRADO/PÓS-GRADUAÇÃO, em 03/05/2023, às 15:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://www.iftm.edu.br/autenticacao/> informando o código verificador **0A5D5AD** e o código CRC **FE5DD12C**.

Referência: NUP: 23200.003349/2023-47

DOCS nº 0000477538

*Dedico este trabalho a Deus,
que me deu a oportunidade de terminá-lo.*

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desse trabalho só foi possível graças a pessoas muito especiais na minha vida. Foram dias difíceis, e cada um, a seu modo, cuidaram para que eu estivesse aqui hoje com saúde.

Agradeço ao meu esposo Renato que muito me ajudou, aos meus filhos, Arthur e Sofia, vocês sempre estiveram presentes e me inspiram a lutar pelos meus sonhos. Vocês são meu alicerce.

Aos meus pais e irmãs que, mesmo em meio a dificuldades, me ensinaram o valor do estudo e trabalho. Obrigada por cuidarem de mim nos momentos difíceis, me apoiaram, incentivaram e ajudaram nessa trajetória.

Ao meu orientador, Professor Dr. Otaviano José Pereira, que viu mais em mim do que eu mesma, acreditou em minha proposta de pesquisa e me conduziu brilhantemente para a conclusão desse trabalho. Ao meu coorientador, Professor Dr. Vicente Batista dos Santos Neto, que me deu condições para que a pesquisa de campo fosse realizada.

Às/Aos professoras/es do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, as/os quais muito contribuíram para minha formação como professora e pesquisadora, nos diferentes espaços institucionais.

Às/Aos colegas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro com as/os quais tenho tido a grata satisfação de conviver e, também, aprendido muito nesses últimos meses.

A minha família e amigos pela compreensão e apoio.

Agradeço a Deus pela vida de cada um. Esse trabalho só foi possível graças ao apoio e contribuições de todos, citados direta ou indiretamente aqui.

A todos muito obrigada!

*Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo
(FREIRE, 1979, p.84).*

*O ser humano, ao trabalhar, busca não apenas,
e tão somente, a sua sobrevivência
Procura, também, realizar-se como pessoa,
alcançar consideração a sua dignidade
(GUNTHER, 2018, p.39).*

RESUMO

Esta pesquisa intitulada “A FORMAÇÃO OMNILATERAL E A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO: Um relato dos alunos dos cursos técnicos em administração do IFTM – *Campus* Uberaba e da Escola Estadual Irmão Afonso” – Uberaba, foi realizada no Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Mestrado em Educação Tecnológica, do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) – *Campus* Uberaba. Tem como objetivo (geral): conhecer as expectativas e percepções dos alunos de ambos os campos pesquisados, inseridos no universo de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), em relação a sua pretensão para o trabalho após sua formação; (e específicos): contextualizar a EPT no Brasil, como cenário integrador (maior), do contexto (menor) da cidade de Uberaba/MG; relatar suas expectativas no curso técnico em administração das escolas e turmas pesquisadas, quanto à sua escolha e os resultados da formação resultante da EPT; e avaliar, como contraponto à formação do aluno, o destino apontado nos dois cursos pesquisados. Optamos por realizar um grupo focal com ambas as turmas, separadamente, e discutir a temática por meio de um roteiro semiestruturado, para buscar respostas às questões: Uma “pedagogia das competências” consegue responder a uma proposta de formação integral do ser humano no contraponto à competição do mercado acirrada pelo trabalho? Como aferir uma formação em EPT, como as propostas pelo IFTM (integral, humana, omnilateral, com competência ético-política) se o mercado dá as cartas do jogo como garantidor da reduzida competência instrumental e técnica? Qual perfil de alunos estamos formando em cada curso pesquisado? Quais desses alunos estão realizando o curso na expectativa do trabalho após sua formação e quais deles estão centrados na formação propedêutica? A pesquisa traz como hipótese um duplo caminho de formação: de um lado uma formação técnico instrumental do curso fornecido pelo Estado, visando o mercado de trabalho imediato, e de outro, uma formação em EPT do instituo onde o aluno visa o ensino superior.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Técnico em Administração, Mundo do Trabalho, Dualismo da Formação.

ABSTRACT

This research, entitled "OMNILATERAL EDUCATION AND WORK TRAINING: A report from students in technical administration courses at IFTM - Uberaba Campus and Irmão Afonso State School" - Uberaba, was conducted in the Technological Education Master's program of the Federal Institute of Triângulo Mineiro (IFTM) - Uberaba Campus. Its general objective is to understand the expectations and perceptions of students from both researched fields, who are inserted in the universe of Professional and Technological Education (PTE), regarding their intentions for work after their education. Its specific objectives are to contextualize PTE in Brazil as the larger integrating scenario, from the smaller context of the city of Uberaba/MG; to report on their expectations in the technical administration course of the researched schools and classes, regarding their choice and the results of the resulting PTE education; and to evaluate, as a counterpoint to student education, the destination pointed out in the two researched courses. We opted to conduct a focus group with both classes, separately, and discuss the theme through a semi-structured script, to seek answers to the questions: Can a "competency pedagogy" respond to a proposal for integral formation of the human contrasting with the fierce competition in the job market? How to measure PTE education, such as the proposals offered by IFTM (integral, human, omnilateral, with ethical-political competence) if the market holds the cards of the game as a guarantor of reduced instrumental and technical competence? What profile of students are we forming in each researched course? Which of these students are taking the course in expectation of work after their education and which of them are focused on propaedeutic formation? The research brings as a hypothesis a dual path of education: on one hand, an instrumental technical education of the course provided by the State, aiming for immediate job market, and on the other, a PTE education of the institute where the student aims for higher education.

Keywords: Vocational and Technological Education. Technician in Administration, World of Work, Dualism of Training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fundamentação legal do Curso Técnico em Administração IFTM	65
Quadro 2: Quadros sinóticos dos relatos	89
Quadro 3: A – Cinco depoimentos com foco: (a) no “antes” do curso – projeto pessoal; (b) no mercado de trabalho; (c) nas relações compartilhadas e (d) numa formação mais abrangente que [apenas] o técnico, com indícios omnilateralidade.	100
Quadro 4: B – Três depoimentos com foco: (a) na formação crítica do aluno e o lastro social do curso.	102
Quadro 5: C – Seis depoimentos dando conta de uma formação propedêutica como opção, mesmo sob limites, em paralelo à pressão para o trabalho mais imediato – com alguma frustração pelas limitações (mercadológicas) do curso	103
Quadro 6: A – Quatro depoimentos com foco: (a) no “antes” do curso – projeto e amadurecimento pessoal; (b) no mercado de trabalho; (c) nas relações compartilhadas e (d) numa formação mais abrangente que [apenas] o técnico, com indícios de omnilateralidade.	107
Quadro 7: B – Depoimentos com foco: (a) na formação crítica do aluno e o (b) lastro social do curso	108
Quadro 8: C – Cinco depoimentos dando conta de (a) uma formação propedêutica como opção e resultado, mesmo sob limites, e estresse, (b) com alguma frustração pelas omissões de professores quanto aos problemas (dos referidos alunos).	108

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dados das taxas de desocupação no IBGE	32
Figura 2: Foto da Escola Estadual Irmão Afonso	78
Figura 3: Foto do Instituto Federal do Triângulo Mineiro	79
Figura 4: Folha de rosto do Fórum de Educação – Formação Ominilateral	124
Figura 5: Descrição do Fórum	125
Figura 6: Regras do Fórum	125
Figura 7: Telas de primeiro acesso ao Fórum	126
Figura 8: Publicação do conceito de Omnilateralidade no feed do Fórum.	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: População brasileira, de acordo com as divisões do mercado de trabalho, 2º trimestre 2022	31
Gráfico 2: Idade da Turma 1 da Escola A	79
Gráfico 3: Gênero da Turma 1 da Escola A	80
Gráfico 4: Idade da Turma 2 e 3 da Escola B	80
Gráfico 5: Gênero da Turma 2 e 3 da Escola B	81
Gráfico 6: Estado Civil da Escola A.....	82
Gráfico 7: Arrimo de Família da Escola A	83
Gráfico 8: Benefício do Governo - Escola A.....	83
Gráfico 9: Estado Civil da Escola B.....	84
Gráfico 10: Arrimo de Família da Escola B	84
Gráfico 11: Benefício do Governo - Escola B.....	85
Gráfico 12: Já trabalhou? - Escola A.....	87
Gráfico 13: Pretensão ao término do curso da Escola A.....	87
Gráfico 14: Expectativas antes do curso Escola B.....	112
Gráfico 15: Pretensão ao término do curso da Escola B.....	112
Gráfico 16: A escolha pelo curso está ligada a formação posterior? - Escola B.....	113
Gráfico 17: Já trabalhou? – Escola B.....	113
Gráfico 18: Estados Civil Consolidado	114
Gráfico 19: Gênero Consolidado.....	114
Gráfico 20: Situação Socioeconômica Consolidado.....	115

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

SIGLA	SIGNIFICADO
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CEP	Código de Endereçamento Postal
CESEC	Centro Estadual de Educação Continuada
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
COVID 19	Doença do coronavírus
EEIA	Escola Estadual Irmão Afonso
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENSEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
ETF	Escola Técnica Federal
FACTHUS	Faculdade de Talentos Humanos
FAZU	Faculdades Associadas de Uberaba
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FUNDEP	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF	Instituto Federal
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
OCDE	Organização Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PMU	Prefeitura Municipal de Uberaba
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
RH	Recursos Humanos

SEE	Secretaria de Educação
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SEPPAI	Superintendência de Projetos e Parcerias Inter setoriais
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SUCEM	Sistema Único de Cadastro e Encaminhamento para Matrícula
TIC's	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UNIUBE	Universidade de Uberaba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1	
TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO CENÁRIO DA CONSOLIDAÇÃO DO CAPITALISMO NO PAÍS, SOB O PRISMA DO DUALISMO ESTRUTURAL	24
1.1 Cenário da formação para o mercado de trabalho	27
1.2 Oferta de trabalho após período pandêmico.....	34
1.2.1 Pressão da realidade atual culminante com a expectativa da juventude.....	37
1.3 A importância da Educação Profissional Tecnológica	38
1.3.1 Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil, numa trajetória sucinta	40
CAPÍTULO 2	
O PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS E A PROPOSTA DE FORMAÇÃO OMNILATERAL	45
2.1 O trabalho sob novo paradigma.....	47
2.2 “Pedagogia das competências” norteando uma “ética do ajuste” na formação para o trabalho.....	52
2.3 O IFTM em foco: o ensino médio integrado em Administração como campo da pesquisa	59
2.3.1 IFTM - campus Uberaba.....	63
2.3.2 Ensino Médio Integrado em Administração do IF- Campus Uberaba.....	63
2.3.3 Perfil do aluno do ensino médio em administração, do IFTM Uberaba.....	68
2.4 Perfil e contexto da Escola Estadual Irmão Afonso	69
2.5 Educação Profissional na Escola Estadual Irmão Afonso.....	74
CAPÍTULO 3	
METODOLOGIA	76
3.1 Procedimentos metodológicos.....	76
3.2 Procedimentos técnicos.....	77
CAPÍTULO 4	
ANÁLISE DOS DADOS	78
4.1 Perfil sociográfico das duas escolas e dos respectivos cursos e alunos pesquisados.....	78

4.1.1	Representação gráfica dos dados quantitativos da turma 1 da Escola A (EEIA).....	82
4.1.2	Gráficos da turma 2 e 3 unificados da Escola B (IFTM)	84
4.2	Análise dos depoimentos das respectivas turmas de Administração – Ensino Técnico de Nível Médio	85
4.2.1	Escola A – turma 1	85
4.2.2	Escola B – turma 2 (da pesquisa de campo).....	96
4.2.3	Escola B – turma 3 (da pesquisa de campo).....	104
4.2.4	Gráficos consolidados do IFTM quanto as perguntas centrais.....	111
4.2.5	Análise Gráfica das duas escolas.....	114
CAPÍTULO 5		
PRODUTO EDUCACIONAL.....		
5.1	Proposta de troca de experiência permanente com professores e gestores.....	118
5.1.1	Introdução	118
5.1.2	Características do Produto	119
5.2	Conceitos e ideias importantes: A formação Omnilateral	119
5.3	Proposta	123
5.4	Referências.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		
REFERÊNCIAS.....		
APÊNDICES		
APÊNDICES A – TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA TURMA 1 - EEIA.....		
APÊNDICES B – TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA TURMA 2 - IFTM		
APÊNDICES C – TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA TURMA 3 - IFTM		
APÊNDICES D – MEMORIAL.....		
ANEXOS.....		
ANEXO I – LIBERAÇÃO DA PESQUISA NO CEP		
ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO		

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o cenário da Educação Profissional Tecnológica (EPT) tem sido marcado por um rico debate quanto à sua identidade, objetivos, finalidades, tendo em vista, sobretudo o perfil do alunado que esta modalidade de educação recebe.

Considerando a inequívoca necessidade laboral como um todo, um discurso corrente ainda “naturaliza” o fato de que também a EPT é destinada à formação de mão de obra especializada dos menos favorecidos, relacionada diretamente à iniciação e inserção deste perfil de aluno no mercado de trabalho. Daí decorre uma ideia segundo a qual as habilidades laborais, advindas desse tipo de formação, passam pela pressão por uma inserção “automática” a tal necessidade, uma vez que “o mercado exige” aceleradas atualizações profissionais e sobretudo tecnológicas.

Paulo Freire descreve a dualidade da escola profissional para pobres e de formação para classes mais favorecidas como “seletiva”. Sugere que novos projetos, mais arrojados, humanos, solidários e fraternos devem tomar lugar frente a educação mecanicista adotada. Um campo fértil para consolidar o direito à implantação da formação omnilateral.

Uma preocupação que já fica implícita em sua obra *Pedagogia do Oprimido* – mesmo quando não trata do tema da *omnilateralidade* mais diretamente, – quando Freire levanta a questão da importância de os excluídos participarem de uma jornada de libertação:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1987, p.17).

Assim, toda obra educacional, incluindo, portanto, a EPT, segundo o autor, deve ser impulsionada por um projeto social que alavanque a consciência crítica¹ dos

¹ Consciência Crítica: conciliação dos conhecimentos adquiridos com a experiência dos conhecimentos organizados.

educandos como instrumento de transformação social pela práxis, pela reinvenção de caminhos e pela denúncia da desigualdade social e econômica, na busca por um mundo que anuncie tempos menos desumanos às categorias sociais: classes subalternizadas, gênero, cor, raça, nacionalidades etc. É neste espectro amplo que o dualismo (estrutural) mais se faz presente, reverberando na própria oferta da educação formal.

A dualidade do ensino no Brasil contrasta-se com a ética educacional freiriana, desde uma pressão que tende a determinar os próprios caminhos da EPT, de fora para dentro das instituições formadoras. Por exemplo, na linguagem econômica usual tendo o mercado uma estranha função de um “enorme sujeito” a exercer tal pressão, em falas genéricas do “economês” do tipo: “o mercado exige isso; exige aquilo, aponta para isso, para aquilo...”.

Porém Freire, reforça que a educação deve ser pautada na ética, pois esta deve ser incansável na busca da transformação social por meio da valorização do ser humano. O enriquecimento de poucos às custas de muitos trabalhadores, e a desigualdade social vista no desemprego, falta de moradia, discriminação, violência, não pode ser visto como “ético”, a não ser que prevaleça uma “ética do ajuste” pura e simples, ou seja, precisamos tão somente de uma formação “competente”, desde que ajustada.

Como categorias de análise para fundamentar o trabalho, buscamos autores como Paulo Freire, inicialmente citado, com suas análises de *Pedagogia do Oprimido*, dentre vários outros aspectos da educação; Acácia Kuenzer, que traz sua contribuição sobre a *Pedagogia da Fábrica*; Ricardo Antunes, com sua dialética sobre *O Privilégio da Servidão, Urbanização e trabalho*; Demerval Saviani, Dante Moura, tratando sobre a *Dualidade Estrutural* do trabalho atual entre formação e trabalho, *Pedagogia das Competências*, Formação Integral, entre outros. Recorremos a David Harvey com as condições pós-modernas, Maria Ciavatta, Gaudêncio Frigotto, Antônio Gramsci e Márcio Poschman deram sua contribuição sobre EPT, num contraponto entre educação e trabalho. Também estão presentes os conceitos de Taylor, Fayol, Karl Max, Warren Dean, John Locke e outros autores, para nos aprofundarmos na temática educação e trabalho em diferentes cenários históricos.

Emerge daí um rol de perguntas que nos instiga a realizar esta pesquisa. Uma “pedagogia das competências” dá conta de responder a uma proposta de formação integral do ser humano no contraponto à competição do mercado acirrada pelo

trabalho?

Desta primeira, resultam outras: Como aferir uma formação em EPT, como as propostas pelo IFTM e Escola Estadual Irmão Afonso (integral, humana, omnilateral, com competência ético-política) se o mercado dá as cartas do jogo como garantidor da reduzida competência instrumental e técnica? Qual perfil de alunos estamos formando em cada curso pesquisado? Quais desses alunos estão realizando o curso na expectativa do trabalho após sua formação e quais deles estão centrados na formação propedêutica?

Afinal, o mercado “não mente” quando escancara uma dura realidade, como se dissesse: pegue sua fatia numa “inclusão excludente” (da riqueza produzida) para não vir a amargar uma “exclusão includente” (na sociedade como um todo) – conforme pondera a pensadora Acácia Kuenzer. E o próprio discurso (do mercado), que clama para a formação cada vez mais hiper tecnológica para mundo do trabalho, expõe a tragédia anunciada como resultado de sua pressão.

Uma “pedagogia da fábrica” (KUENZER, 1985) expõe o “lado cruel realista” do capital, tendendo a manter o dualismo estrutural já instalado na atualidade pós-moderna, como na quarta fase da revolução industrial (toyotista) em voga. Para Kuenzer (1985) o trabalho é um processo no qual o homem transforma a natureza, os outros homens e a si mesmo, tendo em vista construir as condições necessárias à sua sobrevivência, não apenas como indivíduo, mas também como humanidade. Nesse contexto, o trabalho se torna o meio pelo qual o homem transforma uma ação em algo útil à vida, tendo em vista construir uma condição necessária à sobrevivência, não apenas como indivíduo, mas como humanidade. Reforça que os limites da intervenção social, da realização profissional e pessoal são compreendidos por meio do trabalho e torna-se a dupla face dessa dialética.

Sob o ponto de vista do capitalismo, Kuenzer (1985) relata que o trabalho passa a ser a produção de valor de troca, em que, a partir do capital, os meios de produção e da força do trabalho são detidos, determinando um processo de desqualificação do trabalhador. Essa *práxis* gera uma relação de trabalho alienante. Assim, entendemos que o capitalismo em sua forma atual, atingiu o mais alto nível excludente que conhecemos, levando a EPT a ser um instrumento a seu serviço.

Esta mesma autora acrescenta: “é nesse sentido que a hegemonia, além de expressar uma reforma econômica, assume as feições de uma reforma intelectual e moral” (KUENZER, 1985, p. 11). A dialética entre trabalho e educação,

compreende que a pedagogia capitalista, ao mesmo tempo que objetiva a educação do trabalhador que, ao vender sua força de trabalho como mercadoria, se submete à dominação exercida pelo capital, educa-o também para enfrentar essa dominação. À medida que esse trabalhador aprende a fazer frente às formas de disciplinamento impostas pelo capital, este vê-se forçado a rever seus modos de ação, criando novas formas de dominação. É no bojo desse processo pedagógico, a qual permeia as relações de produção, que vão sendo gestadas novas formas de organização do trabalho, novos padrões de relação, novas exigências de qualificação, novas ideologias. Essas formas se representam movimentos de refuncionalização do modo de produção capitalista, também contém os germes de sua superação, na medida em que, por meio delas, os trabalhadores vão aprendendo a se organizar, a reivindicar seus direitos, a desmistificar as ideologias, a dominar o conteúdo do trabalho, a compreender as relações sociais e a função que nelas eles desempenham (KUENZER, 1995, p.11).

No campo da educação formal, como na EPT, teorias como a do capital humano “rondam” a formação de nossos jovens, em vias de regra carentes de um “lugar ao sol” na relação vida e trabalho. Contudo, não se trata de uma aceitação pacífica, líquida e certa, sob tais discursos como “éticas” aliciadoras.

Antunes (2017) discorre sobre a teoria do capital humano como uma forma de reprodução ideológica que concebe a pedagogia a partir da economia utilitarista, onde ela compreende um conjunto de saberes – fazeres específicos, de habilidades, destrezas, conhecimentos teóricos e práticos que podem ser desenvolvidos previamente pelos trabalhadores a fim de serem aplicados e consumidos produtivamente por quem os compra, ou seja, os empregadores, detentores do capital. Assim, tem-se uma nova fase da educação, onde se impõe de forma contundente o dever de qualificar dentro das expectativas do mercado e atender à própria empregabilidade.

Assim, a educação torna-se um precioso investimento, onde o capital equaliza o processo de compra da força de trabalho entre o trabalhador e o empreendedor, como uma mercadoria comum, transacionada por dinheiro.

Essa é a moldura que as chamadas “reformas da educação” trazem embutidas em sua concepção: uma escola (e uma “educação”) flexibilizada para atender às exigências e aos imperativos empresariais; uma formação volátil, superficial e adestrada para suprir as necessidades do mercado de trabalho “polivalente”, multifuncional e flexível. Não é difícil perceber que a educação instrumental do século XXI desenhada pelos capitais em sua fase mais destrutiva, não poderá desenvolver um sentido humanista e crítico, que deve singularizar as *ciências humanas*; ao contrário, poderá concebê-las como decalque das ciências exatas, como um prolongamento residual quiçá desnecessário (ANTUNES, 2017, p.104).

Tais reformas apresentam uma escola (educação) preocupada com a

democratização do acesso por parte de todos, porém não se alcança uma democratização da qualidade do ensino na mesma abrangência. Uma dualidade se apresenta, onde a educação dos menos favorecidos ainda recai sobre as necessidades do mercado e suas polivalências. Será que podemos alinhar essa necessidade apresentada pelo mercado e desenvolver um sentido humanista e crítico?

Em suma, a propositura desta investigação, busca levantar aspectos sobre o que nos inquieta, centrada no núcleo do problema apresentado: um deslocamento profundo entre o que a EPT atualmente oferece, o que o mercado realmente deseja, como “competência técnica”, mesmo sob a forma de um discurso que o instiga a estar “atualizado”, como pressão por resultados, e o que o aluno visa para si diante de sua carreira.

A pesquisa traz como hipótese um duplo caminho de formação: de um lado uma formação técnico instrumental do curso fornecido pelo estado, visando o mercado de trabalho imediato, e de outro, uma formação em EPT do instituto, onde o aluno visa o ensino superior.

Para tanto, temos que conhecer as expectativas e percepções dos alunos inseridos no universo de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do curso de administração do IFTM – campus Uberaba e da Escola Estadual Irmão Afonso, em relação a sua pretensão para o trabalho após sua formação, a fim de:

- I. contextualizar a EPT no Brasil, como cenário integrador (maior), do contexto (menor) da cidade de Uberaba/MG;
- II. relatar as expectativas dos alunos do curso técnico em administração das escolas e turmas pesquisadas, quanto à sua escolha e os resultados da formação resultante da EPT; e
- III. avaliar a formação do aluno e o destino apontado por ele nos dois cursos pesquisados.

Na busca por essas respostas, realizaremos um levantamento das expectativas do aluno que opta por uma formação profissional e técnica, e às questões que o levam a uma inserção no mercado de trabalho, ou à busca por uma formação de ensino superior após a conclusão do curso.

O estudo foi realizado por meio de pesquisa exploratória com material teórico, dados oficiais sobre EPT no Brasil, e por pesquisas realizadas por *grupo focal*, com ambas as turmas, separadamente, e discutir a temática por meio de um roteiro

semiestruturado, no sentido de buscar respostas a essas questões.

Por vias de uma análise de discurso² dos próprios alunos é que elucidamos este duplo impasse entre formação integral e trabalho aqui posto. Para maior abrangência do conteúdo, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, por meio de uma abordagem investigativa e comparativa, permitindo que as informações sejam exploradas de forma mais profunda, garantindo o entendimento de quais variáveis são a causa e efeito, determinando a natureza e dimensões da relação entre as variáveis e o efeito previsto.

A pesquisa exploratória comparativa, foi composta por grupo focal, questionários semiestruturados, entrevistas e observação, estimulando o aluno a opinar livremente, por meio de roteiros de perguntas que conferem mais liberdade e participação.

Os roteiros e pesquisas foram discutidos no ato do grupo focal, e posteriormente computados e explorados, com o objetivo de encontrar respostas quanto às expectativas dos mesmos frente a sua opção por fazer um curso em EPT, a natureza de suas alternativas profissionais após a conclusão do curso, a pressão do mercado de trabalho, bem como a realidade por eles observada ao longo de sua experiência. Trata-se de uma leitura comparativa, complementar (paralela e ilustrativa), de escolha aleatória, do ensino técnico de um curso em EPT.

O trabalho está organizado em seis partes: introdução; cinco capítulos e considerações finais. A Introdução destaca o cenário da EPT diante da dialética entre trabalho e educação; transitando pelos temas da dualidade estrutural, formação omnilateral e mercado de trabalho. O Capítulo I dispõe sobre o trabalho e a educação profissional no cenário da consolidação do capitalismo no país, sob o prisma do dualismo estrutural. O Capítulo II tem como foco os Institutos Federais como proposta

² Ao falarmos da especificidade da AD, constatamos que não há apenas uma Análise do Discurso [...], em decorrência dessa fronteira instável sobre a qual ele privilegia o contato, surgem diferentes "Análises do Discurso". Classicamente considera-se que, se um delas mantém uma relação privilegiada com a História, com os textos de arquivo, que emanam as instâncias institucionais, enquanto uma outra privilegia a relação com a Sociologia, interessando-se por exemplo, têm-se duas "Análises do Discurso" diferentes: a Análise do Discurso de origem francesa, que privilegia o contato com a História, e a Análise do Discurso anglo-saxã, área bastante produtiva no Brasil, que privilegia o contato com a Sociologia (MUSSALIM, 2003, p.113).

O que diferencia a Análise do Discurso de Origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã, ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais (MUSSALIM, 2003, p.113).

de formação omnilateral e a EPT. Descreve a EEIA, o IFTM e o ensino médio integrado, além da administração como campo de pesquisa. Aprofunda-se em informações sobre o Campus Uberaba e o perfil dos alunos do curso em questão. Descreve o sujeito da pesquisa, a pressão do mercado de trabalho sobre o novo paradigma e o olhar sobre a “Pedagogia das competências”, norteado pela ética da adaptabilidade da formação para o trabalho.

Ademais, o Capítulo III trata da metodologia, dos procedimentos metodológicos e técnicos. O Capítulo IV traz a análise dos dados da pesquisa. No Capítulo V encontra-se o Produto Educacional. Finalizamos com as Considerações Finais, traçando um paralelo entre a teoria e a análise de dados da pesquisa.

CAPÍTULO 1

TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO CENÁRIO DA CONSOLIDAÇÃO DO CAPITALISMO NO PAÍS, SOB O PRISMA DO DUALISMO ESTRUTURAL

Há poucos registros de formação profissional anteriores ao século XIX; o que temos antes desse período é uma educação propedêutica, onde a educação era direcionada para uma formação de futuros dirigentes, contribuindo assim para uma reprodução de classes sociais. Segundo Moura (2005), aos filhos das elites estava assegurada a escola das ciências, das letras e das artes e aos demais lhes era negado o acesso. Embora o registro histórico não caracterize a educação como profissional, até esse momento, podemos ver que a dualidade, presente no Brasil desde sua colonização, já definia as classes sociais por meio da educação.

Demerval Saviani, professor emérito da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, formulador da Pedagogia Histórico-crítica, relata, em sua obra, o dualismo entre formação e trabalho e, fundamentados em sua visão, dentre outros, buscamos uma aproximação com o tema em pauta.

Em um memorável artigo sobre os fundamentos ontológicos do trabalho humano e seu elo profundo com a educação, Saviani (2007) destaca a visão de Aristóteles, na qual o trabalho e a educação são propostos como atividades especificamente humanas, ou seja, apenas o ser humano trabalha e educa. Isso permite dizer que o trabalho e a educação sejam considerados atributos essenciais do homem. Acrescente ainda, que na definição de homem mais difundida (animal racional), o atributo essencial é dado pela racionalidade, conseqüentemente sendo o homem definido pela racionalidade, é esta que assume o caráter de atributo essencial do ser humano (SAVIANI, 2007).

Nessa perspectiva de Aristóteles, Saviani define como próprio do homem o pensar, o contemplar, reputa o ato produtivo, o trabalho, como uma atividade não digna de homens livres. Em contraponto, apresenta a visão de Bergson e sua análise do “torpor vegetativo, instinto e inteligência”, e conclui como insuficiente para definir a essência humana.

Segundo Marx e Engels (1974) o que pode distinguir o homem do animal é o fato de o ser humano produzir sua própria vida, adaptando a natureza a si e agindo como agente transformador:

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material (MARX; ENGELS, 1974, p. 19).

Com isso, entende-se que é a natureza dessa transformação que o homem produz em função da necessidade própria que definimos como trabalho. Podemos dizer que a essência do homem é o trabalho, sendo o que é pelo trabalho e fruto dele. Assim entendido, implica em afirmar que o homem não nasce completo, é necessário que ele se forme, por meio do aprendizado e a produção da própria existência. Isto define a origem da educação, que trataremos mais adiante.

A divisão do trabalho emergiu do desenvolvimento da produção em detrimento da apropriação privada da terra, o que provocou uma ruptura na unidade das comunidades primitivas. Com isso, passamos a nos dividir em classes sociais, sendo as principais, desde tempos remotos, e em tempos mais recentes: proletário e não-proletário.

Daí o adágio: ninguém pode viver sem trabalhar. No entanto, o advento da propriedade privada tornou possível à classe dos proprietários viver sem trabalhar. Claro. Sendo a essência humana definida pelo trabalho, continua sendo verdade que sem trabalho o homem não pode viver. Mas o controle privado da terra onde os homens vivem coletivamente tornou possível aos proprietários viver do trabalho alheio; do trabalho dos não-proprietários que passaram a ter a obrigação de, com o seu trabalho, manterem-se a si mesmos e ao dono da terra, convertido em seu senhor (SAVIANI, 2007, p. 155).

Vê-se um elo profundo entre mundo do trabalho e mundo da educação escolar, uma vez que, conseqüentemente, por meio da divisão do trabalho também temos uma divisão na educação. Há uma dualidade aqui representada: uma educação para a classe proprietária, denominada educação dos homens livres, e outra para a classe não-proletária, voltada para os escravizados e serviçais. A primeira é direcionada para as atividades intelectuais, na arte e na atividade física, enquanto a segunda é unicamente dirigida ao processo de trabalho (SAVIANI, 2007). Podemos assim dizer que o formato escravista e feudal fez a separação entre educação e trabalho por meio do desenvolvimento da sociedade em classes. Essa divisão, por sua vez, subdividiu o trabalho em intelectual e manual.

Com o capitalismo a relação trabalho e educação sofre uma ebulição. O

surgimento da economia e do mercado como instrumento de troca, inverte o sistema do feudalismo. Passamos da produção de subsistência para uma produção voltada para o consumo. Nesse novo formato social, a troca determina o consumo. Com isso o eixo produtivo passa para um novo nível: o processo produtivo do campo se desloca para a cidade e o da agricultura para as indústrias (SAVIANI, 2007).

Essa nova forma de produção da existência humana determinou a reorganização das relações sociais. A dominância da indústria no âmbito da produção corresponde a dominância da cidade na estrutura social. Se a máquina viabilizou a materialização das funções intelectuais no processo produtivo, a via para objetivar-se a generalização das funções intelectuais na sociedade foi a escola. Com o impacto da Revolução Industrial, os principais países assumiram a tarefa de organizar sistemas nacionais de ensino, buscando generalizar a escola básica. Portanto, à Revolução Industrial correspondeu uma Revolução Educacional: aquela colocou a máquina no centro do processo produtivo; esta erigiu a escola em forma principal e dominante de educação (SAVIANI, 2007, p. 159).

Temos, então, no impacto da Revolução Industrial, uma “aliança” entre a sociedade e o equipamento social escola; esta, moldada à imagem e semelhança da própria sociedade (de classes). Vale dizer, a formação e consolidação da escola, institucionalizando o processo educacional.

As transformações sociais e educacionais, redirecionaram o papel da educação profissional, sendo o capitalismo estabelecido como forte vínculo entre a educação e o mercado de trabalho, institucionalizando o processo educacional decorrente de embates políticos e econômicos.

A instrução e o trabalho produtivo sofrem o impacto da revolução Industrial, forçando as escolas a se aproximarem dos conceitos de mundo da produção, e os homens ficam divididos em dois campos: profissões manuais e profissões intelectuais. Essa nova forma de produção, determinou a reorganização das relações sociais, agora vinculadas ao modo de produção capitalista.

[...] com a divisão dos homens em classes a educação também resulta dividida; diferencia-se, em educação destinada à classe dominante daquela a que tem acesso a classe dominada. E é aí que se localiza a origem da escola. A educação dos membros da classe que dispõe de ócio, de lazer, de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho (SAVIANI, 2007, p. 156).

A importância de pesquisarmos sobre a dualidade se dá, portanto, da necessidade de integrar o ensino médio a educação profissional sem desfavorecer

nenhuma classe, de forma contributiva com a sociedade sob um caráter ético-político.

A dualidade estrutural mostra-se nos limites entre as classes sociais e a dicotomia histórica entre estudos teóricos e práticos, a ideia é romper com essa educação fragmentada e utilitária, e promover uma educação integral e politécnica, fundamentada no trabalho e na ciência, por meio da formação de um indivíduo crítico e integral.

1.1 CENÁRIO DA FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Sobre o universo do trabalho há uma diferença entre o conceito aplicado à expressão “mercado de trabalho” e “mundo do trabalho”, que nos cabe contextualizar. O mercado de trabalho é a associação dos elementos da força de trabalho e a procura de emprego. Já o mundo do trabalho refere-se a atividades de natureza humana e seus processos sociais. Ou seja, enquanto o mercado de trabalho é inerente à empregabilidade, – bem pertinente à nossa proposta de análise –, o mundo do trabalho se refere a um mais ampliado conjunto de fatores.

Vale dizer, sobre o mundo do trabalho, como um fenômeno mais ampliado. Uma vez que nasce da motivação humana para operacionalizar tal trabalho humano levando em consideração outros fatores que o circunscrevem, o “circundam”, como a cultura, o ambiente, a identidade, os conhecimentos intuitivos e os ingredientes comunicacionais desse processo dialético construído nas complexas relações desse afã genuinamente humano, em meio a outros humanos e à natureza – incluso nela os animais.

Nesse contexto, sempre que fazemos algo estamos “trabalhando”, isto é, estamos em atividades laborais, inclusive quando pensamos, planejamos ou até mesmo quando uma criança está brincando, uma vez que estamos realizando uma atividade dita “rotineira” o termo pode ser aplicado. Porém esse quadro mais ampliado da categoria trabalho extrapola nosso objetivo de pesquisa que é direcionado ao trabalho³ estritamente formal, consolidado em nossa compreensão circunscrita às

³ O “**labor**” é a atividade relacionada ao processo biológico do corpo humano: crescimento, metabolismo e seu declínio. Corresponde a uma condição nata de como determinados conhecimentos, um saber implícito, nascem com o homem. A condição humana do labor é a vida. Sua qualidade é de um estoque inicial de informação, que se acumula com o viver da vida. (BARRETO, 2002, p. 67). O “**trabalho**” corresponde ao artificialismo da existência humana. Ele produz um mundo de coisas completamente diferentes de qualquer ambiente natural. E é exercido por diversos fluxos. Com o

profissões.

Neste caso, de um olhar direcionado ao campo educacional formal, objeto da proposta em pauta, uma rica contradição emerge da relação Educação Profissional e Tecnológica (EPT) versus mercado de trabalho, ambos atualmente tencionados como um irreversível “sinal dos tempos”.

Por um lado, cada dia mais tem se falado e buscado uma formação integral do ser humano, não como mero destaque, mas com um peso formativo caro à identidade dos Institutos Federais, portanto presente em seus respectivos Planos de Desenvolvimento Institucional – PDI, e nos Programas de cursos oferecidos pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM. Em contraponto a essa realidade dos IF's, traremos a realidade apresentada nos cursos técnicos das escolas Estaduais, aqui representadas pela Escola Estadual Irmão Afonso.

A Educação Profissional e Tecnológica – EPT⁴, tem significativo peso no desenvolvimento desse sujeito social (o aluno) em seu itinerário formativo, tendo em vista uma nova identidade institucional dos Institutos Federais, desde sua criação em 2008. Por outro lado, o próprio avanço tecnológico torna o mercado de trabalho mais competitivo e excludente, o que reflete diretamente no ingresso e permanência do cidadão no mercado de trabalho, instigando o aluno a “ter de optar por isso ou aquilo”, nem sempre numa livre escolha.

Diante das várias discussões, acerca da educação politécnica, em meados dos anos de 2004, chegou-se à conclusão de que as necessidades da sociedade atual não permitem que os filhos da classe trabalhadora tenham que chegar aos 20 anos para adentrar ao universo do trabalho. Necessitam inserir-se o quanto antes no mercado de trabalho para contribuir, via de regra, com a renda familiar, devido à desigualdade socioeconômica estrutural do país. Sob o dualismo estrutural supracitado, e que repica na formação escolar, estes, “por destinados”, são aqueles que não receberão uma formação omnilateral, a que Marx aludiu como necessidade,

trabalho o homem pratica a troca em todos os sentidos para cumprir sua permanência na terra. A condição humana do trabalho é a mundanidade. Uma das qualidades dessa condição humana é criação, e o registro, em código próprio, da informação e de sua representação. Com a apropriação e elaboração gera-se o conhecimento (ARENDR, 1995, p. 151).

A “**ação**” é a única atividade da condição humana que só pode ser praticada com outros homens. Corresponde à condição humana da pluralidade. A ação é a condição de toda a vida política do homem na Terra. Nela o homem exerce sua qualidade de inteligência para introduzir seu conhecimento no espaço em que convive, com a intenção de modificar para melhor esse espaço, com a finalidade de estabelecer um acréscimo ao bem-estar de seus habitantes (ARENDR, 1995, p. 151).

⁴ Doravante passaremos a denominar o instituto, objeto de nossa pesquisa apenas pela sigla IFTM.

intrínseca, ontológica.

Com base nisso, a solução mais adequada a essa realidade seria, sob a ótica de Moura (2005), garantir um ensino médio de justiça social (não só “mercadológica”), que garanta a integridade da educação básica, acrescida de formação profissional, mas necessariamente sob a perspectiva da integração dessas dimensões. Embasado na citação de Ciavatta, Frigotto e Ramos (2005), Moura defende que se trata de uma solução transitória, porém viável diante do cenário atual, tão carente de uma formação que protagonize um trabalhador capaz de pensar a educação / formação que pratica, e não só absorve a formação que recebe.

Moura (2005) salienta a necessidade de superarmos, com novo tempo histórico de uma nova formação, a dualidade estrutural e cultural na educação, tendo em vista a busca pela formação integral de nossos estudantes. Apresenta, por exemplo, as dificuldades que as escolas estaduais de ensino médio apontam, e que, apesar de termos escolas com ensino de qualidade no ensino médio, a maior parte das escolas, onde estudam os filhos dos trabalhadores, ainda não consegue ombrear-se com o que é oferecido pelas escolas privadas, porque faltam condições materiais concretas, além do tempo reduzido de estudos desse aluno trabalhador.

Num campo mais amplo de leitura do cenário da presente pesquisa, Antunes (2018), em seu livro, *O Privilégio da Servidão*, nos traz um contexto atual revelador. O autor nos esclarece que nas últimas cinco décadas, desde uma das crises cíclicas do capitalismo em 1973, o mundo sofreu um processo de reestruturação produtiva permanente, um processo de mudanças ideológicas e políticas da qual o neoliberalismo e a hegemonia financeira (capitalismo financista e cada vez mais “virtualizado”) são traços marcantes.

Em 1980, os Estados Unidos e a Europa, apesar da herança taylorista e fordista, dispunham de uma forte tendência de novos contingentes de trabalhadores e trabalhadoras, especialmente no setor de serviços. Acreditava-se que a classe trabalhadora estava fadada ao “fim” – de si mesma e sua organização – e que a China dispunha da maior superexploração do trabalho no cenário mundial (Antunes, 2018).

O grande contingente proletário desse período era o industrial-fábrica, bem como o proletário rural, nascido da abolição da escravatura, com salários extremamente baixos, muitas vezes provenientes de imigrantes. Tivemos um período de mudanças muito profundas em que o capital passou a experimentar uma reestrutura produtiva permanente, onde um equipamento, por exemplo um celular, que hoje é de última

tendência, amanhã será obsoleto – mas não se trata de um “amanhã tão distante”.

Esse equipamento tecnológico informatizado e completamente digital vem mudando o mundo em todas as suas vertentes, e todos sentimos, inclusive na gestão de pessoas. Com isso, acontece o chamado nascimento de um novo paradigma de empresa em ascensão, de modo que a empresa de Taylor e Ford vão virando modelos empresariais e fabris do passado.

Tratam-se, doravante, de empresas “enxutas”, “flexíveis”, com trabalhadores temporários, ou terceirizados, que então cada vez mais desprovidos de direitos do trabalho. Nosso país, cada vez exportador de matérias primas e importador de mercadorias complexas, dependente, portanto, de uma transformação em escala global, não foge à regra, no campo do trabalho e empregabilidade, tampouco no campo da formação – o que nos instiga a pesquisar o destino de egressos, em que mundo vive, que relações de trabalho estabelece, que formação em EPT receber, desde seu olhar de retrovisor.

David Harvey (1992), em seu livro *Condição pós-moderna*, defende que a modernidade está sendo marcada por uma crise de significado, pois não consegue mais oferecer um sentido único e universal para a vida. Ele argumenta que a modernidade é caracterizada por uma multiplicidade de perspectivas, crenças e práticas, e que a verdade é relativa e construída socialmente.

Harvey (1992) também acredita que a modernidade é marcada por uma crise de identidade, pois as pessoas não conseguem mais se identificar com um único grupo ou cultura. Por fim, ele defende que é marcada por uma crise de autoridade, pois as pessoas não conseguem mais aceitar a autoridade de uma única fonte.

Como mencionado por Antunes (2018), um exemplo bem nítido de nossos dias é o fenômeno da “uberização” do trabalho sob a forma de novos serviços, no caso de uso de carros (agora ônibus, motocicletas...), o que pode ser estendido a outros: serviços na internet, *delivery*, venda de serviços (hotelaria, viagens etc.) e produtos (ferramentas, equipamentos etc.) em sites – sem contar os robôs (ou drones) quem em futuro não muito distante farão, por exemplo, entregas de supermercados nos lares.

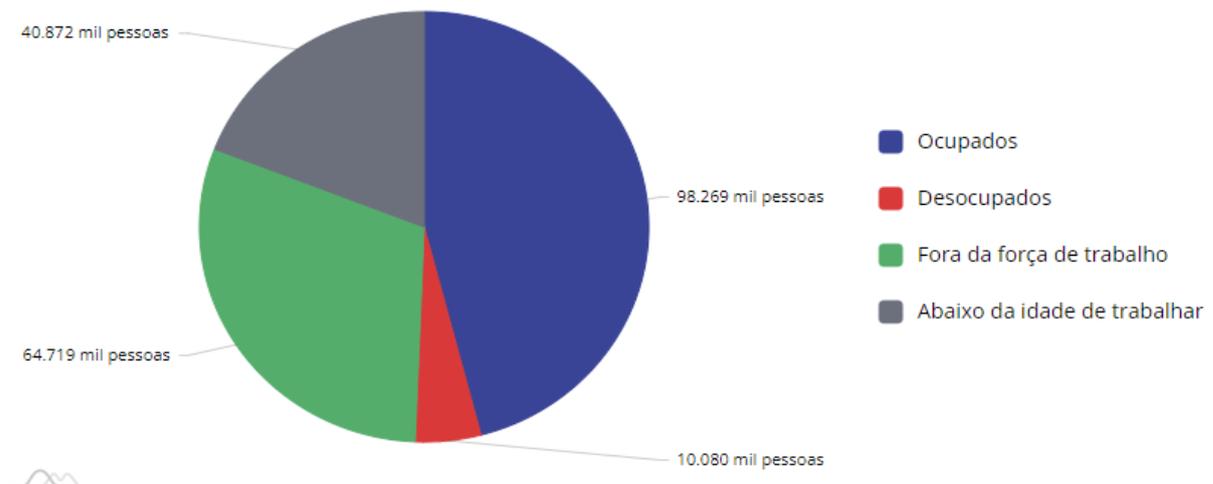
Com o advento dos fenômenos da “uberização” e pandemia COVID-19, o desemprego no Brasil passa por transformações gradativas. Mas o que vem a ser o desemprego? O termo se refere às pessoas com idade para trabalhar, ou seja, acima de 14 anos, que não estão trabalhando, mas estão disponíveis e procurando por um

emprego. Pessoas que estão estudando com dedicação de tempo integral para sua formação, donas de casa que estão exclusivas ao cuidado do lar e empreendedores que possuem negócio próprio não se aplicam ao termo desempregados, portanto não entram na estatística de desemprego.

A pesquisa que mede o desemprego no Brasil pelo IBGE é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD. Nela, o termo utilizado para desemprego é “desocupação”. Os estudantes e donas de casa, são considerados elementos fora da força de trabalho, e não entram nessa contagem. Os empreendedores são considerados como ocupados. O Gráfico 1 nos ajuda a visualizar esses perfis:

Gráfico 1: População brasileira, de acordo com as divisões do mercado de trabalho, 2º trimestre 2022

População brasileira, de acordo com as divisões do mercado de trabalho, 2º trimestre 2022



Fonte: Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

No item “desocupados” estão contabilizados os números de pessoas que já possuem idade para trabalhar, porém, ainda se encontram disponíveis e tentando, a todo custo, encontrar trabalho num contexto global que deteriora, a cada dia, o próprio paradigma de trabalho que herdamos.

Somam-se, ainda, saídas ditas “criativas” – como o excesso de brechós (loais de roupas usadas, também na internet), alimentos criativos para delivery e outras “alternativas”, com uma cantilena da “inovação”, sobretudo quando se trata de uso intensivo das tecnologias. Neste caso, inclusive determinado pela “Pedagogia das competências”, o cidadão, antes trabalhador, se sente não mais um “empregado”, mas

um “empregador” ou “dono” do próprio negócio.

Uma pesquisa realizada pela PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), que consta no site do IBGE⁵, nos apresenta os dados (2019 a 2022), conforme a figura 1:

Figura 1: Dados das taxas de desocupação, conforme o IBGE

Taxas e Níveis - Indicadores selecionados - Últimos 13 trimestres													
Brasil													
Indicador	Trimestre de coleta												
	2º trimestre 2019	3º trimestre 2019	4º trimestre 2019	1º trimestre 2020	2º trimestre 2020	3º trimestre 2020	4º trimestre 2020	1º trimestre 2021	2º trimestre 2021	3º trimestre 2021	4º trimestre 2021	1º trimestre 2022	2º trimestre 2022
Taxa de participação na força de trabalho das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência (%)	63,7	63,8	63,6	62,7	57,3	57,6	59,5	59,8	60,8	61,9	62,5	62,1	62,6
Nível da ocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência (%)	56,0	56,2	56,5	55,0	49,5	49,0	51,1	50,9	52,1	54,1	55,6	55,2	56,8
Nível da desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência (%)	7,7	7,6	7,0	7,8	7,8	8,6	8,4	8,9	8,6	7,8	7,0	6,9	5,8
Taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade, na semana de referência (%)	12,1	11,9	11,1	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1	11,1	9,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

Fonte: Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 25 ago. 2022.

Os dados da pesquisa realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que o desemprego teve um aumento de suas taxas nos anos de 2020 e 2021, porém em 2022 esta taxa apresenta tendência de queda. Não podemos deixar de considerar que os empreendedores estão dentro desses números apresentados como ocupados (empregados). Tais dados nos instigam a colocar um questionamento em vista do presente estudo: Em que medida a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é influenciada nesse jogo?

Segundo a perspectiva marxista, a educação é uma extensão da vida social e é pensada a partir da articulação com o trabalho. O trabalho é uma parte essencial da vida, o mundo do trabalho é um elemento vital para a sobrevivência humana (ANTUNES, 2009). O ser social é constituído a partir do trabalho.

Mas, se por um lado, podemos considerar o trabalho como um momento fundante da vida humana, ponto de partida no processo de humanização, por

⁵ Site do IBGE: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>

outro lado, a sociedade capitalista o transformou em trabalho assalariado, alienado, fetichizado. O que era uma finalidade central do ser social converte-se em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se uma mercadoria, ainda que especial, cuja finalidade é criar novas mercadorias e valorizar o capital. Converte-se em meio e não primeira necessidade de realização humana (ANTUNES, 2009, p. 48).

Podemos dizer que o trabalho é mais do que uma atividade laboral ou um emprego, que ele é essencial para a vida dos seres humanos (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005). No Brasil, a formação do mercado de trabalho teve momentos significativos como: a Abolição da Escravidão (1888) até a Revolução de Trinta (1930), quando do início do processo de industrialização, que perpassa o período do Brasil Colônia (1808) até a Proclamação da República (1889). Nesse período, o Estado passa a desenvolver políticas de proteção social, regulação do trabalho e relações trabalhistas no país.

Para Antunes (1999), a cada dia a classe trabalhadora se torna mais complexa e heterogênea. Ela se apresenta em: qualificada, que seriam os trabalhadores polivalentes e multifuncionais; e desqualificada e precária, estes exemplificados pelos subempregados e informalizados, atingidos pelo desemprego estrutural. As situações precárias de trabalho, a alta valorização do capital, a exploração do trabalho, entre outros fatores, deixam de lado a articulação da educação e do trabalho, refletindo assim na educação profissional do país.

A formação profissional, por sua vez, é um meio pelo qual o conhecimento científico adquire, para o trabalhador, o sentido de força produtiva, traduzindo-se em técnicas e procedimentos, a partir da compreensão dos conceitos científicos e tecnológicos básicos (FRIGOTTO, CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 15).

Ciavata destaca:

No Brasil, falta-nos uma base cultural que tome a integração como um valor, tanto para criar através do desenho, da informática etc., como para remontar artefatos tecnológicos, de modo a deixar de ver o trabalhador sempre como subalterno (CIAVATTA, 2005, p. 07).

Ainda segundo Ciavata (2005), quanto ao sentido da formação profissional: “[...] uma luta política permanente entre duas alternativas: a implementação do assistencialismo e da aprendizagem operacional, versus a proposta da introdução dos fundamentos da técnica e das tecnologias, o preparo intelectual” (CIAVATTA, 2005,

p. 05).

Segundo Frigotto; Ciavatta; Ramos (2005), a educação e o trabalho constituem a educação profissional e precisam caminhar juntos, numa perspectiva politécnica. Os interesses do mercado devem ser parte da formação do indivíduo, porém ele deve ter acesso também a uma formação ampla e integral, que possibilite a construção de projetos de vida social determinados.

1.2 OFERTA DE TRABALHO APÓS PERÍODO PANDÊMICO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, no dia 11 de março de 2020, a pandemia de COVID-19, decorrente do vírus SARS-CoV-2 que se espalhou rapidamente por todo o mundo, causando impactos na saúde, economia e mercado de trabalho.

No intuito de diminuir os impactos do vírus e reduzir a quantidade de mortes, foram criadas medidas de bloqueio total e parcial da população que teve que passar por isolamento social e escassez de trabalho. Empresas e trabalhadores foram forçados a se adaptarem às novas necessidades de mercado. O vírus desestruturou o modo dito “normal”, afetou empregos, reduziu salários, bem como a capacidade produtiva da indústria, comércio e serviços. Foi preciso uma adaptação da rotina com um impacto mínimo da produtividade.

Por consequência do isolamento social, tivemos uma mudança no formato de consumo e nos hábitos diários, tais como: trabalhar em casa, conciliar trabalho com a vida doméstica e em família, estar em família em tempo integral, pedir comida ao invés de sair, entre tantos outros. Com isso, houve o crescimento do e-commerce, dos serviços de entrega e do *home office*.

Cavallini (2020) fala sobre esse impacto das mudanças pós-covid nas relações de trabalho para empresas e profissionais. Segundo ela, a pandemia antecipou mudanças no mundo do trabalho em relação ao *home office* e as relações de trabalho. Hayter (2020), discorre sobre o futuro do trabalho: algumas grandes empresas de países desenvolvidos já anunciam que o trabalho remoto será o padrão adotado e os trabalhadores não precisarão ir até o escritório, a menos que queiram.

A questão aqui é adaptar as práticas de trabalho e colher os benefícios do mesmo, sem perder o valor social e econômico do ambiente presencial. Essa mudança permitiu que as empresas não perdessem sua capacidade produtiva no

momento de crise causado pela pandemia, porém funcionou e remodelou o setor produtivo em prol do mercado de trabalho.

Hayter (2020) relata o aumento da taxa de desemprego provocada pela desaceleração da economia causada pela pandemia. Nesse contexto medidas como flexibilização da jornada de trabalho e reduções de salários foram adotados durante o período pandêmico, a fim de reduzir a demanda de demissões.

Segundo o subprocurador-geral do Trabalho, Ronaldo Fleury, em entrevista à rede BBC News Brasil:

[...] antes, se você tinha mestrado, ou doutorado, já seria contratado. Hoje está sendo muito valorizado o que chamam de *continuous learning* (educação continuada), que é o conceito de você estar sempre aprendendo e fazendo vários cursos, oferecidos pela empresa ou relacionados à área de atuação (FLEURY, 2020 *apud* CAVALLINI, 2020, grifo nosso).

Existe uma preocupação em relação a essas condições e fissuras do capitalismo neoliberal e seus marcadores sociais de exclusão, que foram desnudados pela pandemia. A dramaticidade dos fatos é reconhecida, porém, os postos de emprego foram afetados, e a linha do tempo das transformações do trabalho passou a ser questionada, não como precedente causal, mas como evento catalisador do processo de precarização de suas relações e condições do meio ambiente laboral.

Tal fato é reforçado por Portela e Oliveira (2022), ao tratar das transformações advindas do período pandêmico. Uma dessas transformações é o crescimento do expediente a distância – teletrabalho⁶. Segundo eles:

Levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), feito a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indica que 11% das pessoas ocupadas e não afastadas exerceram suas atividades remotamente entre maio e novembro de 2020. Em termos absolutos, isso significa que, entre aproximadamente 74 milhões de brasileiros, cerca de 8,2 milhões exerceram o teletrabalho e em torno de 65,9 milhões (89%), o presencial (PORTELA; OLIVEIRA, 2022).

O Projeto de Lei PL10/2022 do Senado, que regulamenta a modalidade de

⁶ A previsão legal para o teletrabalho aparece no artigo 6º da [Consolidação das Leis do Trabalho \(CLT\)](#), que afasta as distinções entre o trabalho realizado no estabelecimento do empregador, o executado no domicílio do empregado e o realizado a distância, desde que estejam caracterizados os pressupostos da relação de emprego. O parágrafo único desse artigo estabelece que “os meios telemáticos e informatizados de comando, controle e supervisão se equiparam, para fins de subordinação jurídica, aos meios pessoais e diretos de comando, controle e supervisão do trabalho alheio”. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/perspectiva-de-trabalho-hibrido-no-pos-pandemia-mobiliza-organizacoes-e-legisladores>

teletrabalho e regime híbrido, prevê que ambos devem constar expressamente no contrato individual de trabalho e podem ser alterados para regime presencial caso se faça necessário e se houver acordo mútuo entre as partes. Tal flexibilidade permite que o trabalhador execute suas atividades fora do ambiente de trabalho e possibilita ao empregador uma redução nos custos.

Além de mudar o formato de trabalho, a pandemia também resultou numa mudança na estrutura de cargos, algumas posições de trabalho serão menos demandadas, enquanto outras ganharam destaque. Áreas que envolvem serviços de tecnologia, como o *e-commerce* por exemplo, tiveram maior alta.

Tais mudanças, oriundas do isolamento social, trazem consigo uma preocupação com a economia e conseqüentemente com o mercado de trabalho. Estes impactos atingem diversos setores, pois a realidade de trabalho das pessoas foi afetada em vários níveis.

O desemprego, por exemplo, que já era um problema no Brasil e no mundo, com a diminuição das ofertas de vagas, teve um aumento no número de desalentos, pessoas que por falta de esperança desistiram de procurar emprego. Com isso, o trabalho informal aumenta. Entre as modalidades informais temos trabalhadores domésticos, *freelancer*, *motoboys*, garçons, e muitos outros empregados sem carteira assinada.

Segundo Granato (2021)⁷, a dicotomia entre posições abertas e o alto número de desempregados é o que vai marcar o contexto do mercado para 2022. Basaglia diz que “se somarmos o número de profissionais subutilizados e que deixaram de procurar emprego, temos quase metade da população com idade economicamente ativa que não está sendo utilizada da melhor forma” (2021, s.p.).

A busca por profissionais de tecnologia e marketing, bem como para cargos executivos de planejamento financeiro, tende a aumentar e a migração de empregos para novas carreiras de tecnologia já está acelerada. Porém, a previsão do Fórum Econômico Mundial⁸ para 2030 é que aproximadamente 50% da força de trabalho não esteja preparada e será necessário que se requalifique.

Em outro contexto, com retorno das atividades após o período pandêmico, os setores voltados para festas, viagens, lazer, entre outros, que estavam há mais de dois anos paradas, voltam a empregar pessoas de forma direta e indireta.

⁷ Fonte: <https://exame.com/carreira/cargos-profissoes-em-alta-2022/>

⁸ Fonte: <https://exame.com/revista-exame/um-diploma-de-65-trilhoes-de-dolares/>

1.2.1 Pressão da realidade atual culminante com a expectativa da juventude

De acordo com estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), mais de um em cada seis jovens do mundo precisaram deixar de trabalhar, e entre os que mantiverem seus empregos, aproximadamente 23% terão suas jornadas de trabalho reduzidas, após o período pandêmico. Segundo o relatório⁹ da OIT os jovens estão sendo o grupo mais afetado pela crise. A organização defende que os empregos dessa classe estão sendo destruídos, assim como as oportunidades de educação e desenvolvimento. Destarte, temos um aumento dos obstáculos dos profissionais que precisam entrar no mercado de trabalho, ou que precisam fazer uma transição de carreira. Para a organização supracitada:

Em 2019, a taxa de desemprego juvenil de 13,6% já era maior do que a de qualquer outro grupo. Havia cerca de 267 milhões de jovens que não trabalhavam, não estudavam nem estavam em treinamento (Nem-Nem, no NEET, em inglês) em todo o mundo. As pessoas entre 15 e 24 anos que estavam empregadas também tinham maior probabilidade de estar em formas de trabalho que as deixavam vulneráveis, como ocupações mal remuneradas, trabalho no setor informal ou como trabalhadores (as) migrantes (BRASIL NA PRÁTICA ORG.BR, 2020).

A sugestão do relatório em questão é de minimizar o impacto desse fato, por meio de adoção de respostas políticas, em grande escala e direcionadas a apoiar a população jovem, inclusive programas abrangentes de garantia de emprego/formação nas economias de baixa e média escalas de renda.

O economista Stefano Scarpetta (2021), diretor da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), diz temer que os jovens atuais se tornem uma “geração perdida”, e demonstra preocupação de que os jovens profissionais fiquem à mercê de posições precárias, ou não consigam nem se inserir no mercado de trabalho. Scarpetta (2021) usa como exemplo a situação do Japão, na década de 1990, onde os jovens não conseguiam bons trabalhos e recorriam a subempregos para sobreviver. Lembra que quando a situação do país melhorou, o mercado “preferiu” contratar pessoas mais jovens, que não tinham passado pelos subempregos.

Em contraponto, o especialista em educação Guilherme Soárez (2021) enxerga que os jovens terão oportunidades e não acredita que haverá uma geração perdida

⁹ http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_746072/lang--pt/index.htm

de jovens no mercado de trabalho. Para Soárez (2021) os jovens precisam se preparar para essa nova realidade e ser mais protagonistas da própria trajetória. Estamos hoje vivendo a dor do parto do nascimento de um mundo novo. Mas ele chegou e precisamos lidar com esse contexto.

Andrea Martins (2021), professora da HSM University e Denise Asnis (2021), consultora de gestão de pessoas da plataforma emprego Tage, apoia a visão do especialista Soárez de que não teremos uma geração perdida, e dizem vislumbrar um cenário de perspectivas de reinvenção.

O trio, Soárez, Martins e Asnis (2021), acredita ainda que teremos um cenário futuro abalado pela crise, porém os jovens profissionais podem desenvolver competências mais relevantes para o mercado de trabalho futuro, como: curiosidade, protagonismo, liderança, resiliência, resolução de problemas, autoconhecimento, inteligência emocional e proatividade. Tais competências podem facilitar sua inserção no mercado de trabalho, e estar atento aos novos modelos de trabalho e profissões de modo a facilitar o processo.

Como já mencionamos anteriormente, funções de *soft skills* e empreendedorismo farão a diferença. O mercado está cada vez mais tecnológico, o que é uma vantagem para os jovens, pois eles já têm uma facilidade com essa linguagem, pois cresceram lidando com uma visão tecnológica. Todos são unânimes em afirmar que o investimento na educação será o investimento de melhor retorno segundo Soárez (2021).

O que dizer da EPT neste cenário? A EPT busca alcançar essa formação voltada para o desenvolvimento desses jovens a fim de prepará-los para o mundo de trabalho? Qual seu real paradigma de formação?

1.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

Um dos pontos que contribui para a inserção desse jovem profissional no mercado de trabalho, que define sua vida em sociedade, e reduz o nível de desemprego é a EPT. Esse direito é previsto na Lei nº 9.394/1996.

Art. 39º. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.
Parágrafo único. O aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará

com a possibilidade de acesso à educação profissional (Lei nº 9.394/1996).

A Educação Profissional e Tecnológica é normatizada pela referida Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e tem por objetivo preparar o aluno para o “exercício de profissões”, proporcionando cursos de qualificações, habilitação técnica e tecnológica e pós-graduação. Prevê a formação de um cidadão que possa ser inserido no mercado de trabalho e na sociedade, por meio da articulação contínua dos estudos.

Nesse sentido, o fator histórico influencia diretamente em nosso sistema educacional, onde a EPT é reconhecida como um passo na busca do primeiro emprego. O conflito entre a dimensão formativa integral da EPT, sob a mudança de paradigma do próprio trabalho em profunda metamorfose tecnológica e a pressão do mercado para que o itinerário formativo do aluno, se enquadra em suas demandas.

O sistema educacional permeia o contexto histórico, e com a EPT não foi diferente. Sua estruturação foi marcada por necessidades sociais e empresariais, advindas de um contexto de colonização exploradora desde a primeira revolução industrial, passando pela sua estruturação mais radical e profunda no fordismo, em que pese os avanços do Direito Trabalhista.

Os registros mostram uma ausência de formação profissional, o que temos antes desse período e ainda hoje, é uma educação propedêutica direcionada para uma formação de futuros dirigentes, contribuindo assim para uma reprodução de classes sociais, onde, segundo Moura (2005), aos filhos das elites estava assegurada essa escola das ciências, das letras e das artes e aos demais lhes era negado o acesso. Mesmo que os registros históricos não tenham caracterizado a educação como “profissional”, – como hoje se funda numa EPT – até esse momento, podemos constatar que a dualidade já existia. Tal modelo de formação para o trabalho, de uma forma incisiva, já definia “quem deveria ir para quais categorias ou campos de trabalho”, o que ficou patentes na pluralidade de ofertas de “ensino profissionalizante” como pressão do mercado.

Considerando a trajetória histórica, esta discussão não é recente; está nas bases de consolidação da modernidade, em que a revolução do capitalismo se consolidaria. John Locke, (1632-1704), por exemplo, foi um dos primeiros a discutir sobre uma educação profissional, voltada para o trabalho industrial. Ele trouxe muitas contribuições para as bases educacionais. Era mais que um filósofo pensador, pois

se posicionou de forma política, social e educacional.

Locke declara em suas obras que a formação humana do homem é constituída para o trabalho, e que o mesmo é proprietário de sua força de trabalho. À época, de intensa transição paradigmática das relações de sociabilidade, opunha-se à educação escolástica, extremamente abstrata, e, evidentemente defendia uma educação integral humana, empírica e utilitária, com características que incentivassem uma formação voltada para o corpo e a mente. Porém todo seu esforço, também, era voltado para a burguesia e os filhos de operários eram direcionados a uma formação mais profissionalizante do que intelectual.

De qualquer forma, houve um avanço, numa “nova” abordagem (à época) condizente à proposta da formação omnilateral, defendida pela Educação Profissional do nosso século, nitidamente inspirada em Marx. Os IFs estão na ponta de lança desta tendência, mesmo em suas origens de escolas agrotécnicas e industriais, desde 1909, nas “escolas para os desvalidos da sorte”, (veremos a diante) e bem posteriormente os CEFETS etc.

1.3.1 Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil, numa trajetória sucinta

No Brasil, em 1809, o Colégio das Fábricas, criado por João VI, é considerado responsável pelo primeiro registro de educação profissional. Logo após, em 1816 surge a Escola de Belas Artes, cujo objetivo era ensinar ciências e desenhos direcionados para o ofício em oficinas mecânicas. Em seguida tivemos outras escolas voltadas para esse paradigma de formação então emergente entre nós.

Posteriormente, já no início do século XX, nos alvares da crise agrária da Velha República pós-escravista de 1889, a educação profissional foi sendo marcada pelo esforço de substituir o objetivo assistencialista até aqui empregado, pela preparação e formação de operários para o exercício profissional. Assim, resultado de um intenso embate político e de reestruturação da economia, os ministérios da agricultura, indústria e comércio, assumem o ensino profissional, em 1906, e consolidam leis e políticas de incentivo ao exercício profissional.

Nilo Peçanha, apoiado nas ideias de Afonso Pena, em 1909, cria várias Escolas de Aprendizes Artífices, destinadas aos “pobres e humildes”, (notadamente os chamados “deserdados da sorte”), consideradas (tais escolas) grande passo rumo a

EP no país.

Na virada (política) para a República Nova, na década de 1930, forjada a economia do país para a chamada “substituição de importações” o país entre em sua “modernidade urbano industrial”, cujo paradigma de relações societárias passa a ser o de uma sociedade transitando entre um Brasil eminentemente rural (mais de 80% da população no campo)¹⁰ e um Brasil cada vez mais urbano-industrial. É a entrada para a nossa “modernidade reflexa” (expressão de Darcy Ribeiro), até hoje, cantada em prosa e verso, mas com todos os problemas de acumulação de capital e seus reflexos em todos os setores sociais.

Assim, foram criados: o Ministério da Educação e Saúde Pública e o Conselho Nacional de Educação, seguido de uma tentativa exaustiva de reformas educacionais e culminando com a Reforma de 1930 (Reforma Francisco Campos). Quase imediatamente, em 1932, culminando com o importante movimento dos chamados “Pioneiros da Educação Nova”, com forte aporte às metodologias de ensino e a luta pela implantação mais decisiva de um modelo de escola pública no Brasil, a ser expandido.

O ano de 1930, da entrada para a Segunda República – ou República Nova, não mais agrária, agora agroindustrial – como era esperado, foi marcado pela industrialização acelerada. E no mundo todo, o interregno entre as duas Grandes Guerras (1914 a 1917 e 1939 a 1945) sob a pressão acentuadamente armamentista sobretudo da 2ª Grande Guerra Mundial, que fez com que a demanda de mão de obra profissional aumentasse, bem como pode se observar, uma crescente necessidade de especialistas para a indústria, comércio e prestação de serviços.

Com isso, no Brasil, as oligarquias do café são enfraquecidas por meio de um crescente fortalecimento da burguesia industrial mudando o contexto social e econômico da estrutura social do país. Esse movimento, cominou na criação de decretos-lei para normalizar a estrutura da educação, inclusive e, sobretudo a educação profissional.

A Conferência Nacional de Educação, de 1933, refletiu essas mudanças e reforçou a responsabilidade do Estado quanto a educação. A Constituição Brasileira de 1934 possibilitou a criação de Diretrizes Nacionais e um Plano Nacional de Educação, e proporcionou a vinculação de recursos públicos direcionados para a

¹⁰ Hoje este percentual praticamente invertido e o agronegócio expulsando “o que resta” da massa trabalhadora do campo com seus maquinários de última geração.

educação, notadamente aquela voltada para o mundo do trabalho.

Nesse período ainda tínhamos “escolas pobres para os pobres e destinavam-se a preparar os filhos dos operários ou de seus associados para os ofícios, cujos cursos deveriam ser desenvolvidos com a colaboração dos sindicatos e das indústrias” (MOURA, 2006, p. 5).

Então entramos na Era Vargas, que consolidou a indústria de base no país e o próprio Direito Trabalhista. Ainda segundo o referido autor, na educação brasileira denominada regular, era constituída pelos cursos normal, industrial técnico, comercial técnico e agrotécnico e não habilitava para o ingresso no nível superior, tão somente reafirmando a já estabelecida dualidade, onde o ensino secundário normal formaria as elites e o profissional formaria os filhos de operários para o ofício, voltado essencialmente para a produção. Também ressalta que foi nesse período de 1942-1946 que se criou o SENAI e SENAC, cujo objetivo é preparar mão-de-obra para o mundo produtivo. Resultava disso a Reforma Capanema (de Gustavo Capanema, ministro de Getúlio Vargas) de 1942. Para Moura:

[...] após a Reforma Capanema, a educação básica e a profissional passaram a se estruturar e relacionar conforme descrito a continuação. Na educação básica desaparecem os cursos de complementação e surge uma nova etapa, os cursos médios de 2º ciclo (atual ensino médio), denominado de cursos colegiais, com duas variantes: científico e clássico, ambos voltados para preparar cidadãos para o ingresso no ensino superior (MOURA, 2006 p. 6).

Mas o dualismo na formação propedêutica e profissional permanece. Os que pensam a educação e a comandam e os que se inserem-no mundo do trabalho dito “braçal”.

Apesar dessa diferenciação, é nesse contexto que surge pela primeira vez uma possibilidade de aproximação entre o ramo secundário propedêutico (o colegial, com suas variantes científico e clássico) e os cursos profissionalizantes de nível médio, por meio de exames de adaptação (MOURA, 2006 p. 6).

Nesse contexto de conflitos e dualidades, perpassando toda a intensa década de 1950, o Projeto de Lei da primeira LDB tramitou por 13 anos no país, refletindo o resultado das contradições sociais e educacionais dessa época. A primeira LDB em 1960, dentro de um contexto que envolvia, logo depois, o Golpe Civil Militar de 1964, permitiu que todos os cursos do mesmo nível fossem realizados sem exames e provas de conhecimentos. Buscava-se uma equiparação e permitiu-se também maior

liberdade de atuação da iniciativa privada em relação a educação acadêmica e profissional, atendendo a reivindicações que buscavam uma redução da ação política sobre a escola.

Com essa flexibilização, os estudantes do ensino profissional obtiveram o mesmo direito de adentrar o ensino superior de um estudante do “clássico e científico”¹¹, em tese ficou em aberto o fim da dualidade de ensino formal. Com a LDB de 1961, a educação brasileira fica dividida em três graus: Educação de Grau Primário; Educação de Grau Médio e Educação Superior.

Nos anos 70, a supracitada Lei 5.692/71 – Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus, faz uma profunda reforma na educação básica, segundo Dante Henrique Moura, na tentativa de estruturar a educação de nível médio brasileiro como sendo profissionalizante para todos.

Nos sistemas estaduais de ensino a profissionalização compulsória foi amplamente problemática e não foi implantada completamente. Em primeiro lugar, porque a concepção curricular que emanava da Lei empobrecia a formação geral do estudante em favor de uma profissionalização instrumental para o “mercado de trabalho”, sob a alegação da importância da relação entre teoria e prática para a formação integral do cidadão (MOURA, 2006 p. 9).

Em contrapartida, as ETF se consolidaram com um ensino de qualidade na formação de técnico de nível médio, e isso se dá porque as ETF não mantinham os currículos restritos estabelecidos pela lei anteriormente citada. Esse fato fez com que muitos estudantes da classe média se deslocassem das escolas estaduais para as ETF, gerando um ciclo negativo que reforçava novamente a dualidade entre a educação básica e a educação profissional.

Por meio dos pareceres de flexibilização da lei nº 5.5692/1971, a obrigatoriedade de cumprir a profissionalização em conjunto com então intitulado 2º grau foi sendo revista e modificada. Posteriormente, quando a nova LDB – Lei nº 9.394/1996 entra em vigor, os conflitos e a busca por uma educação pública, gratuita, laica, de qualidade e igualitária para todos continua sendo uma busca implacável, e a dualidade é consolidada mais uma vez.

Com a nova LDB, a educação brasileira fica estruturada em dois níveis: Educação Básica e Educação Superior. Em 1996, no governo FHC, foi aprovada o PL

¹¹ Clássico e científico – nomenclatura, à época do ensino médio, na Reforma de Gustavo Campanema de 1942, até a Lei 5.692 de 1971, que passaria a ser denominada colegial até a atual LDB

1603, que tinha como principal função separar a obrigatoriedade de o ensino médio ser junto com o ensino profissional, que posteriormente foi contemplado no Decreto nº 2.208/1997. Dessa forma, o ensino passa a ter caráter totalmente propedêutico, e os cursos técnicos poderiam ser oferecidos tanto concomitante com o ensino técnico como de forma subsequente, para quem já havia concluído o ensino médio e queria se especializar em alguma formação técnica complementar.

Em concomitância com o Decreto nº 2.208/1997, que acima citamos, vem a necessidade de financiamento para execução dos projetos, o que gerou o PROEP – Programa de Expansão da Educação Profissional. Este tinha como função reestruturar a Rede Federal nos âmbitos de ofertas educacionais, gestão e relações empresariais e comunitárias.

A LDB de 1996 mais uma vez reestrutura a educação, doravante dividida em três níveis: básico, técnico e tecnológico, sendo o tecnológico uma oferta do nível superior, apresentada com redução de carga horaria.

A educação profissional no Brasil, como já salientado, sempre foi marcada por uma perspectiva assistencialista, cujo objetivo era “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte”, inclusive por sociedades civis como os Liceus de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1858), de Salvador (1872), do Recife (1880), de São Paulo (1882), de Maceió (1884) e de Ouro Preto (1886).

Dante Moura relaciona essa lógica assistencialista da educação profissional à origem escravocrata de nossa sociedade, devido a todas as influências a que foi submetida em sua formação. A EPT possibilita a integração em diversos níveis da educação: um deles é direcionado para a modalidade da educação de jovens e adultos e a outra à educação básica no nível médio. Dessa forma, garante ao cidadão o direito à educação e o direito ao trabalho, garantidos pela Constituição Federal.

CAPÍTULO 2

O PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS E A PROPOSTA DE FORMAÇÃO OMNILATERAL

Com a abolição da escravatura, o Brasil passou pela implantação da indústria e do desenvolvimento capitalista. Segundo Warren Dean, a criação de uma mão de obra assalariada, muitas vezes de origem imigrante, colaborou para essa formação da indústria. Isso ocorre porque muitos desses imigrantes possuíam qualificação técnica voltada para o trabalho industrial (DEAN, 1989, p. 255).

Mantendo o contexto de dualismo herdado do Brasil Imperial, por meio da contraposição entre as escolas de elite e escolas para o povo que já citamos anteriormente, o contexto da industrialização busca atender os interesses dos setores dominantes.

Como parte dessa herança da época do Brasil Colonial, temos a chamada “hierarquia capitalista do trabalho”. Podemos observar, que o sistema escolar acompanhou e contribuiu para a hierarquização capitalista, promovendo uma educação para o trabalho intelectual para uma determinada classe e, para outra, destinada ao trabalho manual (ofícios).

As Escolas de Aprendizes e Artífices, foram criadas como parte do movimento social em 23 de setembro de 1909, no Brasil, visando ganhar força na luta por melhores condições de vida e trabalho. Tais escolas tinham como objetivo garantir a sobrevivência da classe operária (CUNHA, 2000, p. 6).

Nesse mesmo ano, o Brasil passava por um surto na industrialização que gerou muitas greves de operários, greves essas que se tornavam cada vez mais numerosas e organizadas, pois as categorias estavam se unindo em prol do objetivo. Neste contexto, o Ensino Profissional foi visto pelas classes dirigentes como um antídoto contra a “inoculação de ideias exóticas” no proletariado brasileiro pelos imigrantes estrangeiros, que constituíam boa parte do operariado (CUNHA, 2000, p. 6).

O país passou por uma reestruturação econômica, após a abertura da Escola de Aprendizes. Nota-se que desde o início as escolas profissionalizantes públicas buscavam atender uma demanda do modelo de desenvolvimento econômico.

Em 1909, já presidente da República, Nilo Peçanha baixou o decreto 7.566,

de 23 de setembro, criando 19 escolas de aprendizes e artífices, situadas uma em cada estado. Essas escolas formavam, desde sua criação, todo um sistema escolar, pois estavam submetidas a uma legislação específica que as distinguia das demais instituições de ensino profissional mantidas por particulares (fossem congregações religiosas ou sociedades laicas), por governos estaduais, e diferenciavam-se até mesmo de instituições mantidas pelo próprio governo federal. Em suma, as escolas de aprendizes artífices tinham prédios, currículos e metodologia didática próprios; alunos, condições de ingresso e destinação esperada dos egressos que as distinguia das demais instituições de ensino elementar (CUNHA, 2000, p. 6).

Com o decreto nº4.127, em 1942, os Liceus (antigas Escolas de Aprendizes e Artífices) passam a ser chamados de Escolas Industriais e Técnicas, oferecendo formação profissional em nível secundário. Aqui inicia a formação profissional com vínculo à estrutura de ensino no Brasil. Em 1959, com a indústria automobilística se desenvolvendo, e a implantação da Lei nº 3.552, as escolas passam a se chamar Escolas Técnicas Federais, intensificando a formação técnica e tornando a mão de obra indispensável para o crescimento econômico. Os sindicatos e grupos trabalhistas, associados ao interesse de grandes indústrias contribuíram para o investimento em Educação Profissional. A política pública inclinou-se para atender as tendências de mercado.

A reforma de 1º e 2º grau, da Lei Federal nº 5.692, em 1971, tornou o currículo do ensino médio, até então denominado segundo grau, em técnico-profissional. Em 1978, surgem os Centros Federais de Educação Tecnológica.

O ano de 1980 é um marco da globalização, e os Centros de Educação Federal passam por uma adaptação curricular. Em 1994, por meio da Lei Federal nº 8.948, é instituído o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, onde as escolas técnicas federais são transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológicas (CEFET).

Em 2008, com a Leiº 11.892, foi instituída a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que possuem como características:

Art. 6º. Os Institutos Federais têm por finalidades e características: I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais; III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação

superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão [...] (BRASIL, 2008).

Tais características estão diretamente voltadas para o mercado de trabalho e a oferta de formação profissional.

2.1 O TRABALHO SOB NOVO PARADIGMA

Especialmente nos últimos 40 anos, desde 1973, o mundo sofreu um processo de reestruturação produtiva permanente, um processo de mudanças ideológicas e políticas do qual o neoliberalismo e a hegemonia financeira são traços marcantes. O autor Ricardo Antunes traz essa temática com profundidade em seu livro *O Privilégio da Servidão*. Ele faz uma grande análise de artigos, e nos permite entender as relações de emprego e trabalho no Brasil, no contexto contemporâneo.

Segundo Antunes (2018), somos proletários da era digital, estamos completamente desenergizados, mental e fisicamente, diante da servidão do trabalho pelo capital, que ainda leva alguns a perda da própria vida. Nossa energia vital está sendo sugada pela era digital e pela exploração do trabalho pelo capital.

Esse novo proletário de serviços, que não possui vínculos formais de trabalho, é parte da terrível exploração do trabalho contemporâneo. Isso fica ainda mais agravado nas áreas rurais, se você for mulher ou parte de uma classe indígena, pardo, negro ou emigrante.

Contudo, considerando que estamos vivendo a revolução do paradigma no mundo trabalho, não há unanimidade, entre os analistas, em relação ao futuro que há de vir, do ponto de vista da ocupação humana, em parte já sentida. Assim, Poschman (2002), por sua vez, afirma que o setor de serviços tem sido crucial para o desenvolvimento econômico de muitos países. Ele destaca que os serviços podem criar empregos de qualidade e criar mais riqueza para a população. Em complemento, ele também acredita que o setor de serviços pode ajudar a melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e contribuir para o crescimento econômico. Por fim, Poschman acredita que o setor de serviços deve ser incentivado para que possa crescer ainda mais.

Conflitos de interpretação sobre tais transformações já duram pelo menos umas quatro décadas, o que deixa em aberto visões que oscilam entre o otimismo e o pessimismo sobre o futuro, típicas de enfrentamentos de processos ainda não

cumpridos e avaliados em seus resultados práticos. Em 1980, os Estados Unidos e a Europa, apesar da herança Taylorista e fordista, dispunham de uma forte contratendência de novos contingentes de trabalhadores e trabalhadoras, especialmente no setor de serviços. Antunes acredita que a classe trabalhadora estava fadada ao fim e que a China dispunha da maior superexploração do trabalho no cenário mundial.

A terceirização em escala global, gerada desse formato capitalista, buscando atender a rigorosas especificações de preço, acarretou pressões salariais, árduas condições de trabalho e ainda mais riscos à saúde dos trabalhadores. Provocou, inclusive, o aumento de casos de suicídios e muito descontentamento (ANTUNES, 2018).

A “longa transformação” do capital chegou à era da financeirização e da mundialização em escala global, introduzindo uma nova divisão internacional do trabalho, intensificando os níveis de precarização e informalidade, direcionando à intelectualização, especialmente nas TICs.

O adoecimento do trabalho, e o conseqüente adoecimento das pessoas mental e fisicamente, tem devastado a vida afetiva e humana em escala mundial. O aniquilamento do trabalho tem mascarado o fato de que a exploração da força de trabalho não é mais vista como escrava, porém é mais cruel.

Para Antunes o mito do empreendedorismo, leva as pessoas a se auto explorar para garantir resultados, e a ideia de que a pessoa vai ser sua própria patroa, encobre a realidade de que a pessoa vai se autoflagelar em busca de metas preestabelecidas e acaba sendo sugada por rotinas sem fim de trabalho intenso na busca por uma ideologia de crescimento e independência financeira.

O autor fala também sobre as novas relações de trabalho, e a posição em que os sindicatos se encontram. Sugere que sejam revistas as estratégias de tais sindicatos, bem como seu posicionamento diante desse proletariado de serviço, para que não sejam sugados pelo contexto contemporâneo de exploração da mão de obra, a fim de atender esse novo nicho de trabalhador, das relações abstratas que são exploradas pelas questões capitalistas.

Ricardo Antunes critica a política de conciliação de classes promovida pelos governos e sindicatos, que não foram capazes de reverter essa nova condição de trabalho, que vem explorando a classe de proletários de serviço. O setor de serviço é o que mais tem empregado pessoas no mundo. Ricardo Antunes diz que “o cenário

atual do trabalho é profundamente diverso do que nós vivenciamos no século passado.” Ele lembra que no século passado a sociedade contextualizava um cenário onde tínhamos grandes fábricas automotivas, cita o filme tempos modernos de Charlie Chaplin como ilustração, e que a iniciação da mão de obras de mulheres, voltado para essas fábricas, foi um marco nessa parte da história do trabalho. O grande contingente proletário do século passado era o industrial-fábril, onde também tínhamos o proletário rural, nascido da abolição da escravidão, com salários extremamente baixos, muitas vezes proveniente de imigrantes.

Segundo ele, nós tivemos um período de mudanças muito profundas onde o capital vive uma reestruturação produtiva permanente, onde um equipamento, por exemplo um celular, que hoje é última tendência, amanhã é obsoleto. Esse maquinário informatizado e completamente digital mudou o mundo em todas as suas vertentes, e todos sentimos, inclusive na gestão de pessoas. Com isso, acontece o que ele chama de nascimento da empresa flexível, a empresa de Taylor e Ford são coisas do passado. Temos agora empresas enxutas, flexíveis, com trabalhadores temporários, ou terceirizados, cada vez mais desprovidos de direitos do trabalho.

Vemos o surgimento de escravos digitais, nenhum de nós hoje conseguimos trabalhar sem um celular. Se não o temos, não somos chamados, se não somos chamados, não temos emprego. Estamos à mercê da tecnologia segundo Antunes. Além dessas classes citadas, temos a classe de proletariado de serviços que envolvem trabalhadores informais do *call center*, do *telemarketing*, da indústria hoteleira, dos *fastfoods*, dos *motoboys*, dos restaurantes, nos bancos, nos comércios, na medicina, trabalhadores domésticos, entre tantos outros.

Ciavatta (2005) acredita que o proletariado deve ser visto como um grupo de trabalhadores que possui poucos recursos econômicos, sendo explorados pelos capitalistas. Daí a sua percepção de que o proletariado deve ser defendido, bem como as condições de trabalho, de modo a garantir que os trabalhadores continuem avançando nas conquistas de seus direitos. Ele também acredita que o proletariado deve ser organizado para lutar por melhores condições de trabalho e salários justos.

Ricardo Antunes diz que a indústria 4.0, que nasceu na Alemanha em 2011, significa que todos os tipos de empresa constituem um mundo fábril de máquinas, com tecnologias integradas que, infelizmente vão, aos poucos, dispensando mão de obra humana no enfrentamento irreversível da inteligência artificial, (robótica e mecatrônica), que vão operar essas máquinas com menor custo. Ainda conforme

Antunes, essa profunda mutação tecnológica, vai gerar uma desestruturação mundial, um colapso do mundo do trabalho, pois vai gerar uma carga horária mais excessiva, e pagamentos ainda mais baixos, numa mais refinada e sofisticada relação capital e trabalho.

Segundo o autor, é inevitável que a tecnologia diminua a quantidade de emprego numa proporção mundial, onde um número pequeno de trabalhadores e trabalhadoras, vai operar esses equipamentos extremamente avançados, onde a máquina irá prescindir a mão de obra humana. Numa sociedade que já é marcada pelo desemprego, nós vamos perder ainda mais empregos para a era digital e a inteligência artificial.

Essa transformação da indústria 4.0, especialmente na indústria de serviço, vai gerar uma massa de desemprego, esse público vai carecer de trabalhos intermitentes, tipo de trabalho legalizado no governo de Michel Temer, que reforça ser uma perda de direitos trabalhistas.

Os autores Frigotto, Ciavatta e Poschman defendem que a Indústria 4.0 é uma revolução tecnológica que está transformando a maneira como as empresas produzem e se relacionam com seus clientes. Eles acreditam que a adoção de tecnologias digitais, como a Internet das Coisas (IoT), a Inteligência Artificial (IA) e a Robótica, permitirá que as empresas se tornem mais ágeis, eficientes e competitivas. Além disso, argumentam que a Indústria 4.0 também pode ajudar as empresas a melhorar sua produtividade, reduzir custos e melhorar a qualidade dos produtos.

Tais autores também acreditam que a adoção da Indústria 4.0 pode trazer benefícios significativos para os trabalhadores, pois pode ajudar a criar novos empregos e melhorar as condições de trabalho. Eles argumentam que a tecnologia pode ajudar os trabalhadores a serem mais produtivos, aumentar sua segurança e melhorar sua qualidade de vida.

Para Antunes, porém, é neste contexto e nessa nova estruturação que nasce o que chama de “proletário de serviços”. O que agrava esse fato é que a mão de obra não está em sua totalidade preparada para absorver serviços com grande aporte de tecnologias, até então inusitadas. Não temos como, por exemplo, pegar os trabalhadores que foram dispensados de seus empregos nas lavouras pela vinda dos maquinários, e lançá-los para as indústrias para administrar maquinários tão evoluídos, e a consequência disso é que não haverá emprego para um contingente dessa mão de obra cada vez mais dispensada de seu antigo processo fordistas /

taylorista de trabalho.

Por esse motivo, essa mão de obra é direcionada para a área de serviço, na sua maioria como autônomos, terceirizados ou empreendedores, perdendo assim o direito de gozo dos direitos trabalhistas que contemplavam anteriormente, e com salários instáveis pois o recebimento de proventos fica condicionado a execução da tarefa e da demanda do mercado. A empresa, diante de uma possível demanda de trabalho, deixa esse profissional de pronto aviso e ele irá prestar serviço, caso a demanda aconteça, não tendo assim a certeza de que terá ganho por estar disponível para ela. Pode ocorrer de o profissional ficar à disposição da empresa por dias ou horas e não ser remunerado por essa disponibilidade porque não houve demanda de mercado. Para driblar essa falha, o profissional abraça vários pequenos serviços o que o sobrecarregam e diminui, por consequência, sua qualidade de vida. Lembrando também que o mesmo, além de não possuir direitos agora, também é desprovido de direitos futuros, como recolhimento para fins de aposentadoria, licenças de saúde, seguro-desemprego, entre outros.

Os salários menores e as jornadas de trabalho prolongadas, provenientes de um burilamento da legislação social protetora do trabalho, por meio da terceirização, inicia um processo de corrosão dos direitos dos trabalhadores. O trabalho é um valor humano e não deveríamos converter isso para um formato unicamente capitalista para enriquecimento privado: “O trabalho que estrutura o capital, ele desestrutura a humanidade” diz Antunes. Sendo o trabalho um valor, temos que preservar sua dignidade e direito. Não podemos negar ao trabalhador seus direitos adquiridos por meio da servidão do proletariado de serviços.

De acordo com o autor, o trabalho é uma forma de expressão e realização pessoal, que nos permite desenvolver nossas habilidades e nos ajuda a crescer como pessoas.

O americano John Maynard Keynes também acreditava que o trabalho é importante para o desenvolvimento pessoal, pois nos permite desenvolver nossas habilidades e nos ajuda a crescer como pessoas. O filósofo francês Jean-Paul Sartre também acreditava que o trabalho é importante para o desenvolvimento pessoal, pois nos permite ampliar nossas habilidades e nos ajuda a crescer como pessoas. Portanto, a opinião de Ricardo Antunes sobre o trabalho é compartilhada por outros autores, que acreditam que o trabalho é um importante instrumento na formação do indivíduo.

O futuro do trabalho está conectado ao futuro da humanidade e onde vamos chegar. Uma minoria muito enriquecida, vai dominar o mercado de trabalho e o número de desempregados irá aumentar assustadoramente. A humanidade está vivendo uma fase crucial. Temos que rever nossos anseios e aonde queremos chegar, e que estrutura vamos deixar para nossa juventude.

Esse novo contexto do trabalho, aliado ao contexto pandêmico, já mencionado acima, está diretamente ligado a formação do nosso sujeito de pesquisa, traçando o perfil do nosso novo alunato, que será melhor desenhado após a aplicação do questionário.

2.2 “PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS” NORTEANDO UMA “ÉTICA DO AJUSTE” NA FORMAÇÃO PARA O TRABALHO

Diante das várias discussões acerca da educação politécnica, em meados dos anos de 2004, vemos que as necessidades da sociedade atual, não permitem que o jovem, filho da classe trabalhadora, espere chegar aos 20 anos para adentrar o universo do trabalho, pois ele necessita se inserir o quanto antes nesse mercado para contribuir com a renda familiar, devido à atual desigualdade socioeconômica que se encontra o país.

Com base nisso, Moura (2006) sugere que uma possível solução para essa realidade seja garantir um ensino médio de qualidade, que garanta a integridade da educação básica, acrescida de formação profissional, sob a perspectiva da integração dessas dimensões. O autor reforça, por meio de uma citação de Frigotto, Ciavatta e Ramos de 2005, que é uma solução transitória, porém viável diante do cenário atual.

Moura (2006) segue relatando sobre a necessidade de superarmos a dualidade estrutural e cultural na educação e a busca pela formação integral de nossos estudantes. Apresenta as dificuldades que as escolas estaduais de ensino médio apontam, e que apesar de termos escolas com ensino de qualidade no ensino médio, a maior parte das escolas, onde estudam os filhos dos trabalhadores, ainda não conseguem reproduzir o academicismo das escolas privadas, porque falta condições materiais concretas.

A formação integral, segundo apontado por Moura (2006), apresenta alguns pressupostos que a norteiam:

- a) Homens e mulheres como seres históricos-sociais, portanto, capazes

- de transformar a realidade;
- b) Trabalho como princípio educativo;
- c) A pesquisa como princípio educativo;
- d) A realidade como uma totalidade, síntese das múltiplas relações;
- e) A interdisciplinaridade, contextualização e flexibilidade.

Moura (2006) trata da importância de o currículo ser alinhado a um projeto político-pedagógico. Ressalta a necessidade de a matriz curricular expressar uma estrutura que possibilite uma base sólida de conhecimento científico e tecnológico, bem como alguns outros aspectos como:

- a) Garantia de financiamento público para apoiar as ações a serem desenvolvidas;
- b) Plano de capacitação permanente de docentes, técnico-administrativos e gestores;
- c) Infraestrutura adequada de salas de aula, laboratórios, biblioteca, espaço para atividades artístico-culturais;
- d) Organização curricular diferenciada para os alunos do turno noturno;
- e) Busca de um diálogo com interlocutores externos ao próprio sistema acadêmico;
- f) Colaboração com empresas e instituições para a realização de estágios curriculares;
- g) Plano de implementação, acompanhamento e avaliação dos cursos.

Moura (2006) discorre sua preocupação sobre a necessidade de dar sentido ao ensino médio, que para ele, se dá buscando uma interação do ensino médio com a educação profissional, por conta do contexto histórico atual. É fundamental que isso ocorra de maneira gratuita, laica e com qualidade nos sistemas públicos de educação.

É necessário que o processo ocorra de forma planejada e coordenada entre as instituições de ensino e o governo. E é preciso que a oferta de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio, constitua a base para um futuro, onde a educação politécnica ou tecnológica, seja universalizada, e onde as condições sociais do país permita sua implantação.

Para Ciavatta (2005), o termo formação integrada compõe um movimento da sociedade que tem o poder de gerar novos fatos e novos discursos. As leis são

elaboradas como novos discursos que devem impulsionar a sociedade em determinada direção, dentre elas temos o decreto nº. 5.154/2004 que prevê uma das “articulações entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio dar-se-á de forma integrada.

A autora reflete sobre o que é integrar e associa o termo a formação integrada e ao ensino médio integrado ao ensino técnico, afirmando que o esperado é que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho: seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, o ensino técnico, tecnológico ou superior.

O tema da formação integrada coloca em pauta uma concepção de educação que está em disputa permanente na história da educação brasileira: educar a todos ou a uma minoria, supostamente, mais apta ao conhecimento? A uns e a outros que tipo de educação deve ser dada de modo a atender às necessidades da sociedade?

Portanto, ela ressalta que a formação integrada sugere tornar íntegro, o ser humano histórico-social. A busca é direcionada a garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto o direito a uma formação completa e crítica. Porém, o que temos são movimentos que, segundo ela, respondem às necessidades do mundo do trabalho, permeando a ciência e a tecnologia como fonte geradoras de valores e fontes de riqueza.

A exclusão está atrelada a gênese da força de apropriação privada, relegada às atividades precarizadas do subemprego, ao emprego, à perda dos vínculos comunitários e da própria identidade. A origem da formação integral está imbricada à educação socialista e pretendia integrar a formação física, mental, cultural, política, científico-tecnológica do indivíduo.

Ciavatta cita Comenius com seu grande sonho de regeneração social e, principalmente, os socialistas utópicos da primeira metade do século XIX. Diz que de modo especial, foram Saint-Simon, Robert Owen e Fourier que levantaram o problema de uma formação completa para os produtores. Finalmente, Karl Marx extrai das próprias contradições da produção social a necessidade de uma formação científico-tecnológica (FRANCO, 2003).

No Brasil, é marcante o dualismo da sociedade e da educação junto as lutas pela democracia em defesa da escola pública. Rever esse dualismo através de mecanismos mais efetivos é uma busca constante dos estudiosos em educação.

As desigualdades sociais produzem diferenças mais acentuadas na sociedade brasileira do que em outros países. A formação profissional ocorre a partir de uma base de cultura científica e humanista, diferente dos países latino-americanos ou em desenvolvimento. Nestes, essa base ainda não foi alcançada por todos e, principalmente, pelas populações desfavorecidas socioeconomicamente para as quais se destinam muitos dos programas de formação estrita para o mercado, fomentadas pelas agências internacionais através de acordos acolhidos entusiasticamente pelos governantes desses países.

Ciavatta cita Weinberg (1999), e seu apontamento das virtudes e alguns defeitos dos sistemas latino-americanos. Destaca a crítica ao modelo de financiamento concentrado no modelo de instituição nacional em favor da ampliação com empresários, trabalhadores e outros âmbitos institucionais e a multiplicação de alternativas de financiamento, isto é, a retração do Estado no financiamento à educação.

Os maiores esforços sobre inovação, desenvolvimento e transferência tecnológica ocorrem nos espaços formativos, onde a unidade de atenção não é apenas o trabalhador, mas as unidades produtivas, os setores e cadeias produtivas e de serviços; de onde advém o foco da educação profissional nas necessidades empresariais.

Nos países desenvolvidos, além da articulação entre os sistemas regulares de formação e os programas de formação profissional entre ministérios e outras instâncias da vida do país, observa-se que o dualismo social e educacional é atenuado pelas conquistas sociais que garantem melhor educação e melhores condições de trabalho ou de suporte do Estado na situação de desemprego.

Ciavatta (2005) destaca as ricas discussões sobre o trabalho e educação nos anos 80. O debate, com forte presença dos textos gramscianos, avançou com a concepção de Lukács (1978) sobre a ontologia do ser social, que recupera e amplia a compreensão do trabalho em Marx.

O autor compreende o trabalho como atividade ontológica. É o trabalho como um princípio de cidadania, no sentido de participação legítima nos benefícios da riqueza social, que se distingue das formas históricas e alienantes, de exploração do trabalhador, presentes na produção capitalista.

Apenas enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço, podemos apreendê-

lo ou apreender o mundo do trabalho na sua historicidade.

O dualismo, entre trabalho e educação, pode ser alimentado de diversas formas, inclusive na segmentação dos currículos, separando a formação geral da formação profissional, cerceando a formação integrada do conhecimento que embasa a técnica e as tecnologias, sedimentando uma política curricular equivocada do ponto de vista da educação *omnilateral*.

No entanto, o conhecimento e o ato de conhecer se fazem mediante a compreensão dos conceitos científicos que são organizados na escola na forma de conteúdos de ensino. A formação integrada entre o ensino geral e a educação profissional ou técnica exige que se busquem os alicerces do pensamento e da produção da vida além das práticas de educação profissional e das teorias da educação propedêutica que treinam para o vestibular.

Ciavatta questiona sobre vários fatores, entre eles, indaga: qual a memória que se tem da escola? Como cada instituição escolar é reconhecida? Na busca por essas respostas ela cita o historiador francês Pierre Nora, que desenvolveu uma importante reflexão: “os lugares de memória” que são os arquivos, as bibliotecas, os dicionários, os museus, cemitérios e coleções, assim como as comemorações, as festas, os monumentos, santuários, associações, testemunhos de um outro tempo, “sinais de reconhecimento e de pertencimento a um grupo” em uma sociedade onde tende-se a perder os rituais, a dessacralizar as fidelidades particulares, onde se nivela por princípio e tende-se a reconhecer apenas indivíduos iguais e idênticos.

Cita também Michel Pollack que trata com propriedade o tema da memória e do esquecimento na construção da identidade dos grupos. O autor destaca a importância da história oral para o afloramento das “memórias subterrâneas” represadas pelas imposições da ordem social.

Com isso ela diz que a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem.

A reforma do ensino médio e profissional dos últimos anos certamente trouxe implicações para a identidade das escolas. Por ter sido um processo no qual estas tiveram que se inserir, sem a opção do contrário, suas identidades foram afrontadas por um projeto não construído por elas próprias, mas por sujeitos externos. Ela conclui, que para que as escolas sejam capazes de construir organicamente seu próprio

projeto político-pedagógico, assumirem o desafio de uma formação integrada, reafirmando sua identidade, é preciso que conheçam e compreendam sua história.

Ciavatta apresenta alguns pressupostos para a formação integrada e humanizada:

- a) O primeiro pressuposto da formação integrada é um projeto social.
- b) Manter, na lei, a articulação entre o ensino médio de formação geral e a educação profissional.
- c) A adesão de gestores e de professores responsáveis pela formação geral e da formação específica.
- d) Articulação da instituição com os alunos e os familiares.
- e) O exercício da formação integrada é uma experiência de democracia participativa.
- f) Garantia de investimentos na educação.

Ela finaliza dizendo que o Brasil ainda possui déficit em pesquisa e que há nas massas a urgência de um novo ordenamento social. Por onde passa esse déficit de pesquisas e novas frentes de abordagem, sobretudo no mundo do trabalho aos pares com o da educação?

A atualmente intitulada – e muito criticada – Pedagogia das Competências é uma abordagem educacional que busca desenvolver nos alunos as competências¹² necessárias para serem bem-sucedidos na vida. Complementarmente investe no desenvolvimento de habilidades sociais, como trabalhar em equipe, lidar com conflitos, desenvolver habilidades de liderança, como tomar decisões, motivar os outros e trabalhar em conjunto, desenvolver o pensamento crítico, como analisar informações, avaliar argumentos e tomar decisões informadas. O problema é impregnar essa “pedagogia” com o discurso empresarial, bem envernizado, pronto para o consumo e em vias de regra confundindo competências com habilidades, pela

¹²**Habilidade** é definida como a capacidade de realizar uma tarefa ou atividade com sucesso (Gagne, 1985). Esta capacidade é adquirida através da prática, treinamento e experiência. Uma habilidade pode ser desenvolvida a partir de um conhecimento básico, mas também pode ser adquirida através de experiências práticas.

De acordo com a obra de Salgado (2008), **competência** é definida como "a capacidade de realizar tarefas e atividades de forma eficaz e eficiente, utilizando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores". A competência é um conjunto de características que permitem a uma pessoa ou organização alcançar resultados desejados. Ela é formada por conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que são necessários para realizar tarefas e atividades de forma eficaz.

incapacidade crítica de separar competência técnica (reino das habilidades) com competência política (avaliação do valor humano das metodologias e meios técnicos).

É aí que emerge uma determinada confusão conceitual (ou categorial) entre Pedagogia e Ética, sobre o componente propriamente “político” – literalmente de vivência na *Polis* e suas consequências relacionais – tendo em vista o aprimoramento da competência em ensinar e formar o cidadão, quem quer que seja e qualquer que seja o curso ou a formação. É aí que entra o que podemos chamar de uma Ética do ajuste, em dois sentidos.

Quando confundimos competências e habilidades e entendemos competências para ensinar reduzidas a habilidades técnicas, em se tratando sobretudo de ensino numa área específica como na formação no Ensino Médio Integrado, aí tão somente formamos o/a aluno/a para melhor apertar os parafusos do sistema. O novo capitalismo, da revolução 4.0, sob novas linguagens empresariais, em tecnologias como mecatrônica, robótica, virtualidade, algoritmos, está recheado de termos (geralmente em inglês) cozidos em novas formas de gestão: *co-work*, *home-work*, *home-office*, *expertise*, gestão compartilhada, e tantos outros, tendo em vista a otimização de todas as formas de “ativos”, tais como de relações, lucros, dividendos etc. Habilidades que “douram a pílula” da competência para melhor extrair uma mais valia refinada com o não desperdício, a vigilância sobre o destino do planeta pela sustentabilidade etc.

Ora, quando investimos tão somente em competências para o mundo do trabalho e sua formação reduzida ao ajuste, estamos diante de um problema ético. É o que podemos chamar de uma Ética do ajuste pousando de competência formativa do ser humano integral, capaz, primeiramente, de lançar seu olhar crítico-avaliativo sobre esta nova modalidade do trabalho, de sua ontologia, conforme Saviani (2006), o destino do próprio trabalho humano como expressão de seu próprio destino. Não se trata, portanto, de uma visão e postura do “tudo-está-perdido” no sentido catastrófico de uma visão “nostradâmica” do trabalho humano.

Como vimos, no conflito de interpretação que ora se instala, é o momento de aparar arestas de uma formação que melhor subtrai dessa revolução do novo trabalho em prol da dignidade humana e de sua inteireza. E isto se dá na separação do joio e o trigo. Competência política de formação para o trabalho não se reduz a ajuste de técnicas. Na linguagem popular isto se dá quando “colocamos o carro na frente dos bois” ou “trocamos os pés pelas mãos”. Uma formação eticamente competente é a

que utiliza de habilidades técnicas para melhor se tornar uma formação política, criadora de alternativas de humanização, não exploração, leis compatíveis para fermentar uma formação politécnica e omnilateral.

O resto corre o risco de virar discurso pseudo humanizador, por não ir às raízes do problema (ontológico) do trabalho como transformador do ser humano. É claro que todos temos necessidade de emprego e renda, condições humanas de vida e tudo mais. Entretanto, um curso baseado numa formação (continuada) de professores e gestores aposta esperançosamente na formação integral do aluno, não só no ajusta ao mercado de trabalho.

2.3 O IFTM EM FOCO: O ENSINO MÉDIO INTEGRADO EM ADMINISTRAÇÃO COMO CAMPO DA PESQUISA

Eliezer Pacheco¹³, em seu artigo “Desvendando os Institutos Federais: Identidade e objetivos”, traz um contexto em que a formação da sociedade brasileira foi marcada por três elementos: “a escravidão, o déficit democrático e a ausência de Projetos Nacionais consistentes”.

Nossa história é marcada por 388 anos de trabalho produtivo exercido por escravos trazidos a força da África, e mais 47 anos de Estado Democrático de Direito, com enormes limitações. Nesse contexto a classe dominante não se preocupou em elaborar um Projeto Nacional, de Estado, o que penalizou o país com a descontinuidade e falta de projetos de longo alcance.

Essas raízes históricas configuraram uma elite perversa, antidemocrática e antinacional, contrária a qualquer política que invertesse esta lógica. Pacheco alega que:

A Educação necessita estar vinculada aos objetivos estratégicos de um projeto que busque não apenas a inclusão nesta sociedade desigual, mas também a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social. Esta sociedade em construção exige uma escola ligada

¹³ Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, tem mestrado na mesma área, além de especialização em Ciências Políticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recebeu título de Doutor Honoris Causa pelo Instituto Federal do Acre, atuou como Secretário de Educação na Prefeitura de Porto Alegre/RS, Presidente do IPE/RS e INEP Instituto de Previdência e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Foi titular da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação da Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social do Ministério de Ciência e Tecnologia e Inclusão Social (MCTI). Entre 2003 e 2004 foi Secretário Municipal de Educação de Porto Alegre/RS e Presidente da UNDIME/RS 2013/2015. Foi Secretário Municipal da Educação no município de Canoas/RS entre 2013 e 2016. (texto retirado da plataforma Lattes em 03/2020).

ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social (PACHECO, 2015, p. 1).

E propõe:

[...] uma formação contextualizada, banhada de conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos de vida mais dignos. Assim derrubar as barreiras entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana, é um dos objetivos basilares dos Institutos Federais. Sua orientação pedagógica deve recusar o conhecimento exclusivamente enciclopédico, assentando-se no pensamento analítico, buscando uma formação profissional mais abrangente e flexível, com menos ênfase na formação para ofícios e mais na compreensão do mundo do trabalho e em uma participação qualitativamente superior nele (PACHECO, 2015, p. 3).

Os Institutos Federais (IFs) apresentam não apenas uma extraordinária expansão da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), mas o estabelecimento de novos paradigmas fundados na Politecnia.

Os IFs são uma institucionalidade inédita em nossa estrutura educacional, original na medida em que não se inspira em nenhum modelo nacional ou estrangeiro, criada pela Lei 11.892\2008. Tem como objetivos atuar na formação inicial, no ensino médio integrado a formação profissional, na graduação, preferencialmente, tecnológica e na pós-graduação. Entretanto, estas diferentes modalidades têm de dialogar entre si, procurando estabelecer itinerários formativos possibilitando reduzir as barreiras entre níveis e modalidades, que dificultam a continuidade da formação dos educandos especialmente os oriundos das classes trabalhadoras e excluídos. Preconizam a atuação junto aos territórios e populações com vulnerabilidade social objetivando integrá-las à cidadania e aos processos de desenvolvimento com inclusão (PACHECO, 2015, p. 4).

Os IFs foram constituídos sob a coordenação da SETEC/MEC, sob a direção do Ministério da Educação. Participaram de forma coletiva os CEFETs, Agrotécnicas, Escolas Técnicas, vinculadas às Universidades, especialistas, pensadores da EPT e, praticamente todos os dirigentes da SETEC.

Sua concepção de educação integral é pautada na ideia de Karl Marx (1818/1883), através da formação geral humanística, física e profissional-tecnológica. Vincula-se ao mundo do trabalho por meio da Politecnia tratada por Marx em *O Capital* (Marx; Engels, 1987), dentre outras obras.

Quanto aos Institutos Federais, é previsto no art.6, que rege suas finalidades, os seguintes dizeres:

Art. 6o Os Institutos Federais têm por finalidades e características:

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;

III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;

IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;

V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;

VI - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;

VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;

VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;

IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente (BRASIL, 2008, n.p.).

Os principais fundamentos estruturantes dos Institutos Federais são:

1. A VERTICALIDADE, que extrapola a simples oferta simultânea de cursos em diferentes níveis, em organizar os conteúdos curriculares de forma a permitir um diálogo fecundo e diverso entre as formações de diferentes níveis e modalidades. Implica na implantação de fluxos que permitam a construção de itinerários formativos entre os cursos da EPT, construídos livremente pelos educandos em diálogo com os educadores.

2. A TRANSVERSALIDADE, diz respeito ao diálogo entre educação e tecnologia. Este é o elemento transversal presente no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, entendendo a organização da EPT por eixos tecnológicos. Envolve também o diálogo entre disciplinas, cursos, diferentes campi, Institutos e com a sociedade, objeto central de toda a ação educativa. Exige planejamento e trabalho coletivo.

3. A TERRITORIALIDADE, trata do compromisso com o desenvolvimento soberano sustentável e inclusivo de seu território de atuação. O IF e o Campus são parte de um território e protagonistas do mesmo.

[...] não se trata de ignorar a dimensão do trabalho enquanto prática econômica destinada a sobrevivência do homem e à produção de riquezas,

mas de entendê-lo em sua dimensão ontológica e como prática social. {...} quanto maior a compreensão desta dinâmica econômica e social, melhores condições de interferir neste processo histórico o trabalhador terá. O homem é um ser histórico, agindo dentro de determinadas circunstâncias e condicionado em sua ação por estas e pela cultura da época. Um dos papéis de educação é além de possibilitar o acesso aos conhecimentos específicos, promover a reflexão crítica sobre os padrões culturais vigentes e as formas de desenvolvimento progressista das forças produtivas, possibilitando o estabelecimento de relações sociais cada vez mais justas e igualitárias (PACHECO, 2015, p. 8).

São Princípios educacionais dos Institutos Federais:

1. A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL, que trata de superar a divisão dos seres humanos entre os que pensam e os que trabalham, produzida pela divisão social do trabalho. Objetiva formar o cidadão capaz de compreender os processos produtivos e qual o seu papel nestes processos, incluindo as relações sociais estabelecidas a partir daí.

2. O TRABALHO ENQUANTO PRINCÍPIO EDUCATIVO, parte indissociável da formação Humana Integral, busca superar a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, incorporando a dimensão intelectual ao trabalho produtivo. O objetivo é formar trabalhadores capazes de serem dirigentes (BRASIL, 2010, p. 42). Ao se envolver no processo produtivo o homem desenvolve sua compreensão das relações sociais do mundo. O currículo integrado organiza o conhecimento e desenvolve o processo de ensino–aprendizagem de modo a que os conceitos sejam apreendidos como parte de um sistema de relação de uma totalidade concreta que se pretende explicar\ compreender (PACHECO, 2015).

3. A PRÁTICA SOCIAL COMO FONTE DE CONHECIMENTOS, o conhecimento não é produzido pela especulação teórica, nem pela simples percepção, mas pela prática, refletida e, posteriormente, transformada em teoria. O conhecimento está vinculado à natureza social do homem e seu desenvolvimento histórico, ou seja, à prática social, e lutas entre as classes e camadas sociais e a sua inserção no processo produtivo. Todo o conhecimento tem um olhar ideológico e este é determinado pela posição do indivíduo na estrutura de classes da sociedade. A prática social envolve, além da atividade produtiva, a luta social, a vida política, a vida cultural e científica e demais atividades da vida em sociedade.

4. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE TODAS AS DIMENSÕES DO PROCESSO EDUCATIVO: Ensino, Pesquisa e Extensão. A Educação é instrumento de emancipação humana, ocorrendo o tempo todo através de muitos atores. Como

afirmou Paulo Freire “Ninguém educa ninguém, ninguém tampouco se educa sozinho. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”. Ou seja, é processo dialético e contínuo que se prolonga pela vida toda.

2.3.1 IFTM - campus Uberaba

O *campus* Uberaba do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Triângulo Mineiro é vinculado ao Ministério da Educação (MEC) e supervisionado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). Ele foi oriundo da Escola Agrotécnica Federal de Uberaba-MG, que funcionava na Avenida Edilson Lamartine Mendes da mesma cidade. Em 1982 foi implantado o curso Técnico em Agropecuária, que possibilitou, por meio de doação do município, a aquisição da escola-fazenda que é hoje o atual *campus* Uberaba. Em 1993 ocorre a transformação da instituição em Autarquia Federal por meio da Lei nº. 8.731, de 16/11/1993.

Em 2002, torna-se o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-Uberaba) pelo Decreto Presidencial s/n, de 16/08/2002, implantando os primeiros cursos superiores. No final de 2008, foi sancionada a Lei n. 11.892, que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, entre estes, o do Triângulo Mineiro.

Com a aprovação pelo Conselho Superior do IFTM da Resolução nº 17 de 01 de dezembro de 2014, da Resolução ad referendum nº 58/2014 foi criado Campus Avançado Uberaba - Parque Tecnológico, separando-se do Campus Uberaba, que ficou restrito ao imóvel situado à R. João Batista Ribeiro, 4000, Distrito Industrial II (IFTM, 2019, p.11).

O IFTM *Campus* Uberaba, busca garantir em suas atividades acadêmicas, a integração entre ensino, pesquisa e extensão, mediante o envolvimento da comunidade acadêmica em projetos de iniciação científica e tecnológica, no campo do ensino. Incentiva e apoia atividades extracurriculares como visitas técnicas, atividades de campo e desenvolvimento de projetos de pesquisa com a participação do educando (IFTM, 2019).

2.3.2 Ensino Médio Integrado em Administração do IF- Campus Uberaba

O ensino médio é o foco da dualidade da escola brasileira.

A literatura sobre o dualismo na educação brasileira é vasta e concordante quanto ao fato de ser o ensino médio sua maior expressão. [...] Neste nível de ensino se revela com mais evidência a contradição entre o capital e o trabalho, expressa no falso dilema de sua identidade: destina-se à formação propedêutica ou à preparação para o trabalho? (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 31).

No Brasil, o ensino médio exerce dupla função: preparar para a continuidade escolar e para o mundo do trabalho. Nesse aspecto, Kuenzer (2007) destaca que “uma vez que esta não é uma questão apenas pedagógica, mas política, determinada pelas mudanças nas bases materiais de produção, a partir do que se define a cada época uma relação peculiar entre trabalho e educação” (p.9), conferindo-lhe ambiguidade.

Por volta de 1990, no governo de Fernando Henrique Cardoso, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (Lei nº 9.394/96), tivemos a reforma do Ensino Médio e da Educação Profissional, através da proibição do sistema integrado do ensino médio e técnico, foi necessário construir um sistema paralelo de educação básica e educação profissional. Com isso tivemos a dualidade estrutural ainda mais evidenciada.

Kuenzer questiona: é possível superar a dualidade da educação na sociedade capitalista, ou a “unitariedade inscreve-se no campo da utopia a ser construída através da superação do capitalismo”? (Kuenzer, 2004, p. 90).

A escola ao explorar [...] as contradições inerentes à sociedade capitalista é ou pode ser um instrumento de mediação na negação dessas relações sociais de produção. Mais que isto, pode ser um instrumento eficaz na formulação das condições concretas da superação dessas relações sociais que determinam uma separação entre capital e trabalho, trabalho manual e trabalho intelectual, mundo da escola e mundo do trabalho (FRIGOTTO, 1989, p. 24).

A dualidade na educação é parte de um processo histórico e social da sociedade, que vive sob um modo capitalista e que como resultado desse modo, teve sua educação dividida e fragmentada.

Voltando ao impacto do ensino médio sobre esse perfil social, vamos falar um pouco sobre o curso ao qual nos direcionamos que é o ensino médio em administração do IFTM – campus Uberaba. Segundo a plataforma do IFTM no Ministério da Educação, o curso técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio tem como objetivo a formar profissionais conectados com o mundo do trabalho, com capacidade

de tomar decisões e implementar processos para contribuir para maior eficiência e eficácia das organizações, aptos a planejar, organizar, coordenar e controlar ações nos diversos tipos de organizações e comprometidos com os princípios da ética e da sustentabilidade (IFTM, 2019, p.13).

Além disso, deve:

- Favorecer o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- Propiciar aos discentes formação técnica que os torne capazes de conhecer e compreender os princípios da Administração;
- Proporcionar aos discentes reflexões sobre o relacionamento teoria e prática, visando torná-los aptos para propor soluções para melhorar a produtividade e a competitividade das organizações;
- Usar diferentes possibilidades de aprendizagem, mediada por tecnologias no contexto do processo produtivo e da sociedade do conhecimento, desenvolvendo e aprimorando autonomia intelectual, pensamento crítico e espírito criativo;
- Formar profissionais conscientes de seu papel na busca da melhoria contínua das organizações por meio de uma postura proativa, criativa e reflexiva;
- Desenvolver nos discentes o senso de responsabilidade e comprometimento com os princípios da ética, da sustentabilidade, do desenvolvimento social e o compromisso com a qualidade de seu trabalho (IFTM, 2019, p.13).

O projeto pedagógico do curso nos orienta quanto às leis que regulamentam o curso. São elas:

Quadro 1: Fundamentação legal do Curso Técnico em Administração IFTM

Base	Legislação
Quanto à criação	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução nº 86/2014. Dispõe sobre a aprovação da Resolução Ad Referendum nº 77/2014 que versa sobre a alteração da Resolução Ad Referendum 52/2014 que aprovou o Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba – 2015/1.
Quanto à autorização da Oferta do Curso	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução nº 86/2014. Dispõe sobre a aprovação da Resolução Ad Referendum nº 77/2014 que versa sobre a alteração da Resolução Ad Referendum 52/2014 que aprovou o Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba – 2015/1.
Quanto à legislação referente ao curso	<ul style="list-style-type: none"> • Lei Federal nº. 9394/96 – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. • Decreto Nº 5.154 de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do Art. 36 e os Arts. 39 a 41 da Lei Federal nº. 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. • BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB nº 39, de 08 de dezembro de 2004. Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de nível médio e no Ensino Médio. • Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional tecnológica. • Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Parecer CNE/CEB Nº 11, de 12 de junho de 2008. Proposta de instituição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio. • Portaria MEC no 870, de 16 de julho de 2008. Aprova o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio, elaborado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação.

	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução CNE/CEB nº 3, de 9 de julho de 2008 – Dispõe sobre a instituição e implantação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio. • Resolução nº 4, DE 6 DE JUNHO DE 2012 - Dispõe sobre alteração na Resolução CNE/CEB nº 3/2008, definindo a nova versão do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio. • Resolução CNE/CEB nº 1, de 5/12/2014 – Atualiza e define novos critérios para a composição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, disciplinando e orientando os sistemas de ensino e as instituições públicas e privadas de Educação Profissional e Tecnológica quanto à oferta de cursos técnicos de nível médio em caráter experimental, observando o disposto no art. 81 da Lei nº 9.394/96 (LDB) e nos termos do art. 19 da Resolução CNE/CEB nº 6/2012. • Lei nº 11.788/2008 - Dispõe sobre o estágio de estudantes. • Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional Técnica de Nível Médio e suas alterações. • Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira", e dá outras providências. • BRASIL, 2008. Lei nº 11.645, de 29 de dezembro de 2008. Institui a obrigatoriedade de incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena". • Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. • Parecer CNE/CP 03/2004 - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 10 • Resolução nº 2, de 10 de maio de 2016 – Define Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de Música na Educação Básica • BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. • BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. • Educação em Direitos Humanos (Decreto nº 7.037/2009, que institui o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH 3). • Resolução nº. 01, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. • Lei nº 13.146/2015 – Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. • Lei nº 11.947/2009 – Trata-se da Educação alimentar e nutricional, que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da Educação Básica. • Lei nº 10.741/2003 – Dispõe sobre o processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. • Lei nº 9.795/99 – Trata-se da Educação Ambiental, que dispõe sobre a Política Nacional da Educação Ambiental. • Lei nº 9.503/97 – Trata-se de Educação para o Trânsito, que institui o Código de Trânsito Brasileiro. • Lei 13.425 de 30/03/2017 – Estabelece diretrizes gerais sob medidas de prevenção e combate a incêndios e desastres em estabelecimentos e áreas de reunião de público.
<p>Quanto à legislação referente à regulamentação da profissão</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Lei nº 4.769, de 9 de setembro de 1965. Dispõe sobre o exercício da profissão de Técnico de Administração, e dá outras providências. • Norma nº 351305 - Técnico em Administração - CBO

Fonte: IFTM (2019)

O IFTM, por meio do projeto pedagógico (2019, p. 14), prevê em sua atuação os seguintes princípios norteadores:

- I. compromisso com a justiça social, equidade, cidadania, ética, preservação do meio ambiente, transparência e gestão democrática;
- II. verticalização do ensino e sua integração com a pesquisa e a extensão;
- III. eficácia nas respostas de formação profissional, difusão do conhecimento científico e tecnológico e suporte aos arranjos produtivos locais, sociais e culturais;
- IV. inclusão de um público historicamente colocado à margem das políticas de formação para o trabalho, dentre esses, as pessoas com deficiências e necessidades educacionais especiais;
- V. natureza pública e gratuita do ensino, sob a responsabilidade da União.

O curso Técnico em Administração assume um compromisso com os princípios elencados no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), e busca atender as demandas econômicas, sociais e culturais da região em que se localiza.

A definição dos objetivos e do perfil profissional ocorreu a partir de uma análise minuciosa de documentos legais dos órgãos responsáveis pela regulamentação do curso, buscando-se adequá-los às possibilidades institucionais e expectativas regionais. Na escolha dos conteúdos, a comissão responsável pela elaboração deste PPC teve o cuidado de traduzir e garantir a realização dos objetivos e do perfil profissional definidos. Prioriza-se ainda nesse projeto pedagógico, a concepção de trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico para a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica, desenvolvida e apropriada socialmente para a transformação das condições naturais da vida e a ampliação das capacidades, das potencialidades e dos sentidos humanos (IFTM 2019, p.14).

O curso Técnico em Administração busca trazer ao educando a possibilidade de criar competências capazes de habilitá-los às atividades de gestão e trabalho em equipe, com criatividade, iniciativa e sociabilidade. O aluno é incentivado a ser capaz de enfrentar os desafios e as complexidades do universo do conhecimento, e pautado na ética e valores morais que forjam um cidadão profissional.

Ao integrar trabalho, ciência, tecnologia, cultura e a relação entre sujeitos, busca-se uma metodologia que permita ao educando adquirir conhecimentos e compreender a tecnologia para além de um conjunto de técnicas, isto é, como construção social e histórica, instrumento de inovação e transformação das atividades econômicas em benefício do cidadão, do trabalhador e do país. Para que se tenha um profissional cidadão deve-se levar o estudante, a desenvolver habilidades básicas, tais como: ler e escrever bem, saber ouvir e comunicar-se de forma eficiente; ampliar habilidades socioemocionais: tais como responsabilidade, autoestima, resiliência, urbanidade, sociabilidade, integridade, autocontrole, empatia, solução de problemas, criticidade, entre outros (IFTM, 2019, p.21).

O curso de Administração Integrado ao Ensino Médio pauta-se na busca por uma concepção curricular interdisciplinar, contextualizada e transdisciplinar, de forma

que as marcas das linguagens, das ciências, das tecnologias estejam presentes em todos os componentes, intercruzando-se e construindo uma rede em que o teórico e o prático, o conceitual e o aplicado. E que, o aprender a aprender, o aprender a conviver, o aprender a ser e o aprender a fazer estejam presentes em todos os momentos (IFTM, 2019, p.21).

2.3.3 Perfil do aluno do ensino médio em administração, do IFTM Uberaba

De acordo com a Projeto Pedagógico do curso (2019), orientado pelo Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, apresentamos o perfil profissional de conclusão do técnico em administração. Tal perfil se descreve em:

- executar operações administrativas relativas a protocolos e arquivos, confecção e expedição de documentos e controle de estoques;
- aplicar conceitos e modelos de gestão em funções administrativas; e
- operar sistemas de informações gerenciais de pessoal e de materiais.

O profissional de Administração será capaz de:

- Compreender, de maneira global, o processo produtivo da empresa onde atua e sugerir ações capazes de aumentar a eficiência produtiva da organização;
- Analisar e organizar documentos contábeis, financeiros e indicadores de resultados, a fim de propor ações que viabilizem financeira e economicamente o empreendimento;
- Conhecer e implementar estratégias de marketing empresarial e definir ações baseadas em estudos e pesquisas de mercado, com a finalidade de comercializar os produtos e serviços, estabelecer preços e formas de comunicação, criando vantagens aos clientes e à empresa;
- Implementar técnicas de gestão de pessoas, tais quais princípios de liderança, trabalho em equipe, recrutamento e seleção de pessoas, negociação de conflitos e motivação de pessoal, visando melhorar as relações no ambiente de trabalho e a eficiência organizacional;
- Conhecer as principais questões jurídicas relacionadas a legislação social e trabalhista, direito empresarial, tributário e do consumidor;
- Compreender a cadeia de suprimentos da organização onde atua e propor soluções capazes de promover sua integração;
- Conhecer sistemas de informação capazes de auxiliar nas práticas gerenciais e operar sistemas de informações gerenciais de pessoal e material;
- Identificar, avaliar e implementar técnicas de planejamento organizacional, buscando atualização e inovação;
- Buscar o desenvolvimento de projetos para a melhoria contínua nas suas áreas de atuação, a fim de identificar e incorporar inovações para o desenvolvimento da organização onde atua;
- Executar as funções de apoio administrativo: protocolo e arquivo,

confeção e expedição de documentos administrativos e controle de estoques;

- Utilizar ferramentas da informática básica, como suporte às operações organizacionais;
- Apresentar habilidade em relações interpessoais e capaz de trabalhar em equipe (IFTM, 2019, p.15).

2.4 PERFIL E CONTEXTO DA ESCOLA ESTADUAL IRMÃO AFONSO

O papel da instituição escolar na sociedade atual é baseado no conhecimento, comunicação e pesquisa. Dessa forma a escola busca se adaptar para a formação dos indivíduos e permitir o desenvolvimento de habilidades que os tornem capazes de utilizar os saberes e vivências adquiridos pela escolaridade na tomada de decisões.

Em 2003, no início do governo Lula, foi sistematizada a educação nacional a partir da educação básica por meio da universalização do financiamento do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação Básica (FUNDEB).

Essa retomada vai incentivar o surgimento de um Ensino Médio com sua base científica reforçada e com uma mínima articulação nacional, por via do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, com a nova lei de estágios para todos os alunos do Ensino Médio, com a profissionalização em caráter especial para jovens e adultos (Proeja) e com o ensino técnico a distância (e-Tec Brasil). Isso fará a sistematização na prática do Ensino Médio e da educação profissional em todo o Brasil. O programa catalisador dessa tarefa é o Brasil Profissionalizado (COLOMBO, 2008, p. 4).

Em meio a esse e vários outros contextos políticos, as escolas, principalmente as públicas, buscam estatísticas para superar as dificuldades tanto dos alunos quanto dos professores. A Escola Irmão Afonso foi fundada em conformidade com o capítulo II, art. 3º, letra “H”, do Estatuto da Associação dos Ex-Alunos do Colégio Diocesano de Uberaba e sua fundação ocorreu em 15 de setembro de 1956. Seus primeiros professores foram ex-alunos dos cursos mais avançados do Colégio Diocesano. Inúmeras pessoas de Uberaba ensinavam gratuitamente à noite para que a escola funcionasse. Posteriormente, o ensino passou a ser custeado pela Associação dos Ex-Alunos do Colégio Diocesano de Uberaba e, posteriormente, o Estado de Minas Gerais, assumiu a escola, por meio de Ato publicado no *Diário Oficial de Minas Gerais*, recebendo o nome de Escola Irmão Afonso.

A escola localizava-se inicialmente na Rua São Sebastião s/nº, em prédio adaptado pelo Colégio Diocesano. Tinha cinco grandes salas mobiliadas, uma sala

de reuniões e banheiros. Sua clientela era composta por adolescentes e adultos que frequentavam as quatro primeiras séries, denominadas de Ensino Integrado. Em 1969, obteve autorização para prorrogar a 5ª série, dando oportunidade aos concluintes da 4ª série, que geralmente repetiam por impossibilidade de prosseguir os estudos. Em 1970, passou a funcionar em três turnos, atendendo alunos especiais do curso de aperfeiçoamento. Em 1973, atendendo à nova política educacional mineira, o Estabelecimento de Ensino mudou de endereço para o Parque das Gameleiras, onde a população reivindicava uma escola, dada a periculosidade da rodovia. Alugou-se então uma casa com três cômodos e a Escola foi transferida para a Avenida Nossa Senhora de Lourdes s/nº.

Em agosto de 1974, a escola mudou novamente de endereço, para um prédio da união da Mocidade Espírita uberabense localizado à Av. General Ozório, nº 93, Bairro Estados Unidos, dando início às atividades escolares em 02 de fevereiro do corrente ano.

No período de 1988 até 1991, a Professora Anna Maria Gonçalves Munhoz, assume, nesse momento a escola passa a oferecer não só a Educação Infantil, mas também as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, tornando-se assim, referência educacional na Comunidade local.

Com a implantação em 1992, do Processo de Escolha de Diretor pela comunidade Escolar pelo Governo Mineiro, várias pessoas assumiram o cargo de diretor da escola, sendo aprovadas em prova escrita e eleitas pela comunidade escolar, através do voto.

Em 2007, mais uma vez, a escola muda de endereço, recebendo desta vez prédio próprio, localizado na Rua José Carlos Rodrigues da Cunha Júnior, nº 160 – Jardim Elza Amuí. No primeiro semestre de 2007, a escola funcionou temporariamente em salas cedidas pela Prefeitura de Uberaba no Centro Social “Dr. Décio Moreira”, durante o dia e na Escola Municipal “Arthur de Melo Teixeira”, durante a noite, aguardando a conclusão da construção do prédio.

Finalmente, a partir de junho de 2007, o prédio da escola foi entregue à Comunidade, cheia de esperança de uma nova vida e muitos desafios a enfrentar. O período de 2007 a 2011 foi marcado por intensas movimentações e muitas transformações, ocasionando: mudanças na clientela atendida, expansão do Ensino Fundamental; implantação do Ensino Médio; mudança de direção; a equipe de servidores foi ampliada e, em sua maioria, renovada; adequação e organização do

novo espaço físico; e principalmente a reestruturação e aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Como o aluno é o foco principal do processo educacional, a aquisição de equipamentos e móveis foi cuidadosamente pensada para melhor atender às suas necessidades. As carteiras foram adquiridas em quatro cores diferentes, formando conjuntos por sala de uma mesma cor, para que cada turma pudesse identificar e cuidar de seu espaço e dos bens à sua disposição. Para a Sala Multimídia e Biblioteca, as carteiras também foram diferenciadas, proporcionando acomodação em grupo para trabalhos coletivos. A cantina, o laboratório de ciências biológicas, as salas destinadas ao serviço administrativo foram também equipadas. E com a cooperação de alunos e colaboradores a escola ganhou forma, formatou seu visual, ficou linda, agradável e aconchegante.

No 2º semestre de 2007, foi elaborado o Plano de Desenvolvimento Pedagógico e Institucional – PDPI com a participação efetiva da Comunidade Escolar, a partir da reflexão fundamental: “qual escola temos, qual escola queremos?” e análise criteriosa dos resultados obtidos nas avaliações externas, que neste ano demonstraram alto nível de proficiência em baixo desempenho, assim como no IDEB. Nesse momento, o arcabouço filosófico da escola foi construído coletivamente, na seguinte frase: “Oportunizar a Educação pelo Respeito e pela Unidade”.

Diante do desejo de melhoria no desempenho escolar e na qualidade do trabalho pedagógico, à Comunidade Escolar mobilizou-se: na elaboração de projetos; nas ações condizentes com as necessidades apresentadas; e celebrando parcerias com as Universidades – UFTM, UNIUBE, IFTM, FAZU, FACTHUS; Superintendência de Projetos e Parcerias Inter setoriais – SEPPAI / PMU; Colégios de Uberaba, Polícia Militar; dentre outros.

No ano de 2009/2010 o PDPI foi reavaliado e foi elaborado o PDE – Plano de Desenvolvimento Escolar, conforme orientações do Ministério de Educação, com a obtenção dos bons resultados, da organização administrativa, da pontualidade na realização dos trabalhos, do aprimoramento pedagógico, do respeito, da união e da seriedade no enfrentamento dos desafios educacionais, do reconhecimento pela Comunidade do esforço dela Equipe da Escola Estadual Irmão Afonso.

A primeira turma da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, nível médio, foi autorizada a funcionar a partir de 2012. Em 25 de Janeiro de 2013, na

página 48, do Diário Oficial de Minas Gerais, encontra-se a publicação da Portaria nº 170, referente à autorização para o funcionamento dos Cursos Técnicos de Contabilidade e Administração. Publica-se em 02 de julho de 2013, na página 15, no Diário Oficial de Minas Gerais, a Portaria nº 753, autorizando o funcionamento do Curso Normal em Nível Médio, para formação de Professor de Educação Infantil.

Em 2016, reuniu-se a comunidade escolar para reavaliar o PDPI, inclusive com ações propostas pelo VEM-Virada Educação Mineira, conforme as diretrizes estabelecidas pelo Estado e Superintendência Regional de Ensino foi realizada diversas atividades com base em um cronograma proposto.

A entidade que mantém a escola é o Estado de Minas Gerais, e ela fica localizada à rua Dr. José Carlos Rodrigues da Cunha Junior, 160, Jardim Elza Amuí, município de Uberaba. A Escola Estadual Irmão Afonso oferece o Ensino Fundamental anos iniciais e finais, Ensino Médio, organizado em regime seriado, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Ensino Profissionalizante e Cursos de Formação Inicial e Continuada/Fic- Pronatec. Atende ainda aos projetos estabelecidos pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. A demanda do Ensino Fundamental, Médio, EJA e profissionalizante é composta por alunos residentes na zona urbana, vindos, a sua maioria de bairros circundantes da escola.

O mundo hoje é visto em crescente avanço tecnológico e a escola se encontra distante desta tecnologia. Com isso, podemos citar, como aspectos positivos, a facilitação do aprendizado, aumento de interesse tanto dos professores quanto dos alunos, aprimoramento da prática pedagógica etc. No espaço escolar, existe um distanciamento entre professor e aluno no que diz respeito à tecnologia, interferindo no processo de ensino aprendizagem, trata-se de um conflito de gerações.

Existem propostas diferentes para cada público atendido, porém, não temos ferramentas tecnológicas adequadas para cada uma dessas, que exigem especificidades diferentes. Um currículo de qualidade que reúna os diversos aprendizados aos alunos, é preciso uma revisão da grade curricular com ampliação da carga horária do aluno e a revitalização do espaço escolar com ele, promovendo a chamada “sala-ambiente”.

O princípio da igualdade universal, que garante os saberes e os fazeres a todos, vêm sendo discutidos. Sabe-se que o atendimento às especificidades socioculturais de crianças, adolescentes e jovens demanda políticas diferenciadas. A igualdade universal permanece como um horizonte. Sendo assim, a direção da Escola Estadual

Irmão Afonso vê essa questão como uma caminhada, cujos atalhos serão construídos enquanto se caminha, e com o envolvimento da comunidade escolar.

Essas salas-ambiente seriam uma maneira de interagir de acordo com as especificidades dos nossos discentes, visando uma educação de qualidade e de acordo com suas necessidades básicas de aprendizagem. O nosso laboratório de Informática também é considerado uma sala-ambiente, uma vez que auxilia na aprendizagem dos nossos discentes.

A Escola Estadual Irmão Afonso tem como premissa implementar ações com práticas escolares que favoreçam a aprendizagem a todos aqueles que a ela procuram para adquirir os conhecimentos historicamente acumulados.

Em relação à inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, a escola reconhece a importância do atendimento ao alunado, porém atualmente não possui estrutura física adequada para o perfeito acesso dessa clientela, salvo os casos em que os alunos apresentam somente dificuldade de aprendizagem, e para esses a escola prevê atenção individualizada e adaptações curriculares significativas que facilitem a aprendizagem e o sucesso de todos os alunos. Entende o direito constitucional da pessoa com necessidades educacionais especiais e de sua família, e se compromete com uma educação que melhor se ajuste às suas necessidades, circunstâncias e aspirações, promovendo assim, o ideal de uma escola de qualidade que acolha a todos. Por fim, considerando que todo Projeto Pedagógico não pode distanciar-se do contexto histórico, torna-se importante levar em consideração a realidade brasileira.

Diante do cenário atual, sabendo da importância da escola perante a sociedade, propõe um plano de trabalho que vise uma sociedade mais justa, pensante, criativa, ecologicamente responsável e que possua mais empatia diante das diferenças sociais. A escola deve exercer o papel de formar cidadãos conscientes e pensantes, visando promover os valores humanos e contribuir para a formação integral dos alunos, para que esses se tornem cidadãos críticos que trabalhem em prol da sociedade, assumindo responsabilidades.

A escola deve ser um local de socialização, de troca de saberes e de valorização das diversidades, sendo assim um espaço plural. Precisa desenvolver uma integração maior entre a relação família escola, baseada na união e diálogo. Diante das novas tecnologias presentes na atual sociedade, faz-se necessário que a escola acompanhe essa modernização, criando novos métodos de ensino e

aprendizagem.

A escola deseja planejar em consonância com a disponibilidade financeira. O currículo já vem pronto com suas especificações, dias letivos, carga horária e disciplinas. Portanto, não tem margem de manobra para alterações significativas. O processo de ensino-aprendizagem oferece uma ampla gama de recursos didáticos para melhorar os conhecimentos e a reflexão dos alunos. Para isso é necessária uma avaliação diversificada, respeitando a condição de argumentação, atitudinal e reflexiva.

Quanto ao desenvolvimento integral do sujeito-aluno, nota-se que é preciso ampliar propostas que sejam inclusivas, cooperativas, que façam discussões sobre preconceito e ainda que tenha o compromisso de formar cidadãos inseridos nas questões sociais, políticas e econômicas, abarcando todos os seus conhecimentos prévios, sua cultura. Em relação à educação, para além dos espaços e tempos da sala de aula, a escola a realiza em parte, pois esta questão está condicionada à disponibilidade de recursos, tempo, das particularidades de cada disciplina, entre outros fatores.

2.5 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLA ESTADUAL IRMÃO AFONSO

Os cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio são oferecidos, na forma concomitante e subsequente, têm por finalidade proporcionar ao estudante as competências profissionais necessárias ao exercício laboral e da cidadania, com base em fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais.

A oferta de cursos de Educação Profissional, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, articula-se com o Ensino Médio e suas diferentes modalidades, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e com as dimensões do trabalho, da tecnologia, da ciência e da cultura, propiciando, simultaneamente, a elevação dos níveis de escolaridade e contribuindo para a formação humana integral, para a qualificação profissional e profissionalização dos jovens e adultos com vistas à inserção no mundo do trabalho, atendendo também às demandas das comunidades e dos arranjos produtivos locais.

A escola oferece os Cursos de Administração, Recursos Humanos, Informática para Internet, Logística, Contabilidade e Controle de Programação, com a formação de profissionais preparados em suas respectivas áreas de conhecimento, onde seus

objetivos estruturais estão em consonância com as propostas estabelecidas pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, pelo plano de curso e proposta pedagógica.

Para se candidatar a uma das vagas nos cursos ora ofertados, o interessado deverá realizar sua inscrição no Sistema Único de Cadastro e Encaminhamento para Matrícula-SUCEM conforme normativas da SEE/MG. Após esse processo a escola irá realizar a divulgação de suas vagas à comunidade escolar, e as orientações para a inscrição dos candidatos e divulgação dos resultados, por meio de tecnologias de informação e comunicação, de acordo com a realidade e especificidades da comunidade atendida, optando sempre por aqueles capazes de alcançar o maior número de interessados.

As atividades escolares das turmas de Cursos Técnicos autorizadas para o ano são iniciadas, obrigatoriamente, em alinhamento com calendário letivo divulgado pela SEE/MG (RESOLUÇÃO SEE Nº 4.660, DE 16 DE NOVEMBRO DE 2021). As turmas são organizadas de forma semestral e os planejamentos das atividades pedagógicas distribuídos entre os bimestres e módulos/semestres letivos. O percurso formativo estrutura-se pela garantia da carga horária apresentada em cada matriz curricular.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desde sobretudo os anos de 1970, da consolidação dos Mestrados/Doutorados em Educação, temos três grandes escolas pedagógicas progressistas: a escola ou tendência (1) anarquista, de Maurício Tragtenberg e outros (não é nosso caso); (2) a escola libertadora, de Freire e outros, e (3) a escola antes intitulada Pedagogia crítico-social dos conteúdos, posteriormente renomeada como Pedagogia Histórico-crítica, de Saviani e outros.

Foram décadas de revisão, sobretudo da grande produção francesa, dos anos de 1960 em diante – que estavam fervilhando numa leitura profunda do escolanovismo do início do século XX, com sua repercussão desde 1930 no Brasil, pautada na centralidade do aluno, (pedagogias não diretivas, ênfase na profusão de metodologias de ensino, etc.).

Dermeval Saviani, radicalizou a crítica dos reprodutivistas. Para ele, a Teoria Crítico Reprodutivista francesa, tão em voga, necessitou de uma retomada crítica entre nós (no antigo cenário do então “Terceiro Mundo”, na Guerra Fria, ou dos países periféricos ou dependentes e hoje, na globalização produtiva neoliberal e o eixo Norte-Sul). À época, décadas de 1960/70, a chamada Teoria Crítico Reprodutivista francesa se estabeleceu em três frentes:

- a) Teoria dos Sistemas de Ensino sob a forma da violência simbólica, com Jean-Claude Passeron Pierre Bourdieu;
- b) a Teoria da escola como aparelho ideológico do Estado, de Louis Althusser;
- c) Teoria da escola dualista, de Claude Baudelot e Roger Establet.

Assim, Dermeval Saviani, desde sempre, vem tecendo uma crítica radical a esta escola (de pensamento) crítico-reprodutivista francesa – da mesma forma em relação à tese do “fim da escola” ou descolarização da sociedade, de Ivan Illich, também dos anos de 1970 em diante – aquela, pautada no discurso da relação estrutural capital e trabalho, esta, na revolução comunicacional.

O texto/artigo sobre a “ontologia do trabalho” como obra já tornada clássica

entre nós, Escola e democracia, foi de fundamental importância para as análises.

3.2 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.

A pesquisa teve como abordagem um grupo focal, onde tudo dependeu do que os sujeitos pesquisados (alunos da escola do Estado e do IFTM) “entregaram” como discurso em seus depoimentos. Os pesquisados transitaram, de modo direto ou indireto, entre discursos ou percepções de vivências em torno do dualismo estrutural da sociedade, como questões de método de trabalho e relações de sociabilidade, sob diferentes condições, inclusive repicando na formação (dualista) que recebem.

Observando o desenho metodológico, a pesquisa, buscou o diferencial na concepção do IFTM, quanto a formação omnilateral e da politecnia, a resposta à pergunta: que perfil de aluno estamos formando e para onde ele vai? Esta mesma pergunta vale para a sua experiência no Estado.

Os discursos dos alunos foram usados como ilustração, por meio de um paralelo entre as turmas e escolas. Neste caso, a pesquisa trata das expectativas deles como futuros egressos. Este estudo percorre um viés de “pesquisa comparativa” (ou comparada). Os lugares/situações de falas dos pesquisados, principalmente da escola do Estado, repicam, ainda, o próprio discurso dos reprodutivistas franceses.

O que não podemos, numa pesquisa de abordagem fundamentalmente qualitativa e intersubjetiva, é deixar “soltos”, numa leitura supostamente “neutra”, os vieses de seus lugares e situações de fala, desvinculados do cenário de uma sociedade cingida de um modelo de “escola para os apertadores de parafusos do sistema”, e outro (modelo) de futuros “pensadores do processo de formação e mundo do trabalho”, daqueles que tão somente apertam os tais “parafusos”.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa em pauta, realizada com aval do CEP/UFTM, cujo processo CAAE 63577822.8.0000.5151 foi submetida e aprovada em 02/11/2022, após anuência dos gestores e professores, aconteceu em duas escolas públicas, centrada no curso de Administração em nível médio. Vamos a uma leitura dos dois campos de pesquisa, ressaltando-se que não se trata de análises comparativas, mas um paralelo entre os dois perfis de escolas públicas, com seus respectivos desafios, limites, impasses e avanços.

4.1 PERFIL SOCIOGRÁFICO DAS DUAS ESCOLAS E DOS RESPECTIVOS CURSOS E ALUNOS PESQUISADOS

A primeira, a Escola Estadual Irmão Afonso, (sigla EEIA), sito à Rua José Carlos Rodrigues da Cunha Júnior, 160 – Jardim Elza Amuí I, Uberaba – MG, CEP 38082-258. Esta será aqui denominada: *Escola A, turma 1, conforme Figura 2*. A segunda, o Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM – campus Uberaba, sito à Rua João Batista Ribeiro, 4000 – Distrito Industrial II, Uberaba - MG, 38064-790. Esta será aqui denominada: *Escola B, turmas 2 e 3, vide Figura 3*.

Figura 2: Foto da Escola Estadual Irmão Afonso



Fonte: <https://www.facebook.com/EEIA.educacao>

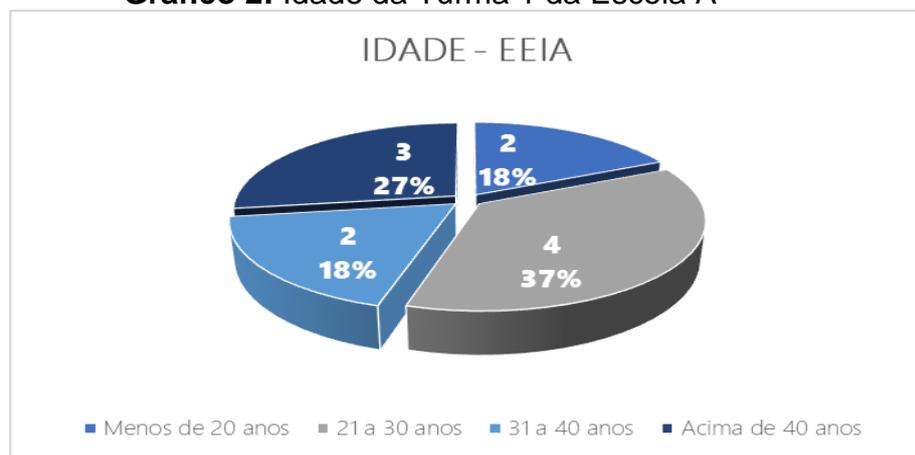
Figura 3: Foto do Instituto Federal do Triângulo Mineiro



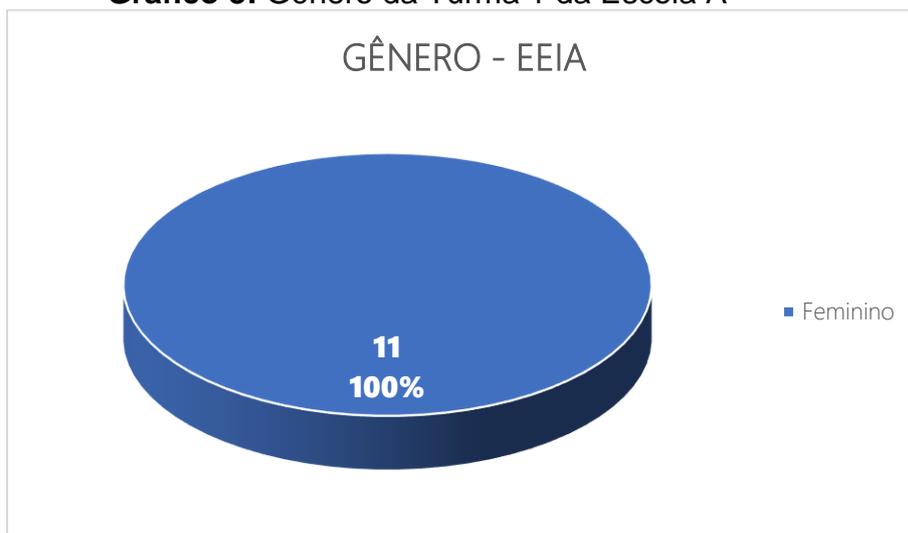
Fonte: <https://iftm.edu.br/embrapii/apresentacao>

Vale ressaltar que as duas escolas, mesmo sendo ambas de natureza pública, apresentam características díspares, a saber: A *Escola A*, (a EEIA - turma 1) é homogênea quando avaliada pelo gênero, isto é, só tem mulheres, e heterogênea pela análise das idades, que oscilam entre jovens de 17 anos até adultas de 40 anos (vide Gráficos 2 e 3), fator que aponta para um diálogo intergeracional, a nosso juízo interessante nos quesitos experiências de vida e perspectivas de trabalho.

Gráfico 2: Idade da Turma 1 da Escola A



Fonte: Elaboração própria

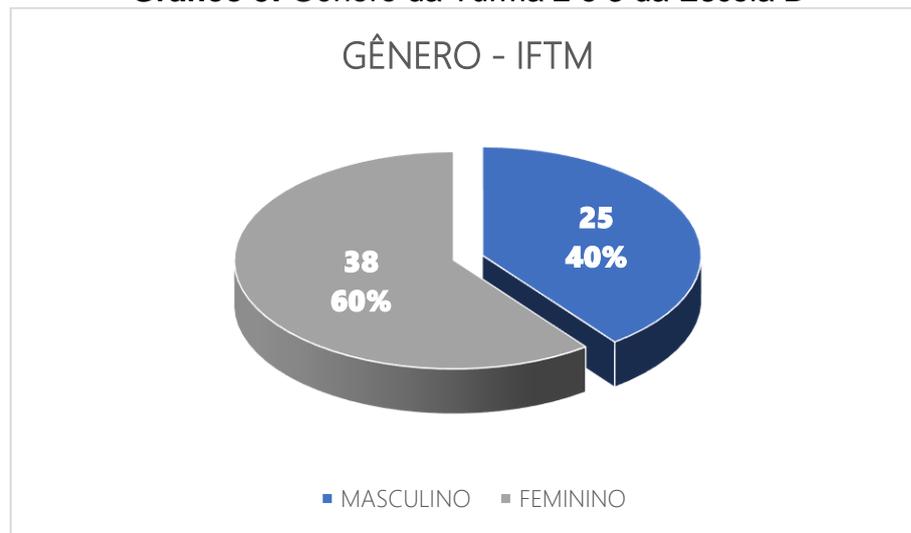
Gráfico 3: Gênero da Turma 1 da Escola A

Fonte: Elaboração própria

Já a *Escola B* (o IFTM), suas duas turmas pesquisadas (*turmas 2 e 3*) mostram-se homogêneas do ponto de vista de idade, numa média de 16/18 anos, portanto, todos jovens e heterogêneas quando analisado o gênero, ou seja, com uma divisão quase igualitária entre alunos do gênero masculino e feminino, como vemos nos Gráficos 4 e 5.

Gráfico 4: Idade da Turma 2 e 3 da Escola B

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 5: Gênero da Turma 2 e 3 da Escola B

Fonte: Elaboração própria

Outro detalhe que as diferenciam é o fato de as alunas da EEIA morarem no mesmo bairro ou bairros adjacentes, ao passo que os/as jovens das duas turmas do IFTM vêm de diversas localidades, tanto de Uberaba quanto de algumas cidades circunvizinhas. Soma-se, portanto, com relação a estas duas turmas (2 e 3) os jovens terem de “viajar” para ir às aulas, considerando também o fato de o campus do IFTM situar-se fora da área urbana.

Neste caso, em função da escolha dos pesquisados, são três fatores que os unem como identificação: são alunos/as, estudam em escola pública (redes Estadual e Federal) e todos cursam Técnico em Administração. Neste caso, é determinante o fato de uma escola oferecer curso em turno único (noturno na EEIA) e a outra oferece o ensino no formato integral/integrado ao Ensino Médio no matutino e vespertino. Portanto, se a maioria da *turma 1* (jovens e adultas) trabalha durante o dia e estuda à noite, os jovens das *turmas 2 e 3* são impossibilitados de trabalhar – a não ser em eventuais “bicos” em épocas de Natal, Páscoa, ajudas domésticas, estágio obrigatório etc. Ou seja, as alunas da turma 1 da escola A, vivem a dura realidade do estudo/trabalho; quando, em paralelo, os jovens das turmas 2 e 3 da escola B, vivem na expectativa do trabalho futuro.

Como se trata de uma pesquisa com abordagem quali-quantitativa, os números aqui apresentados nos serviram como uma “porta de entrada” para a análise qualitativa, realizada nas três turmas a partir da formação de três grupos focais, moderados pela pesquisadora, em três encontros (um em cada turma) para tomada

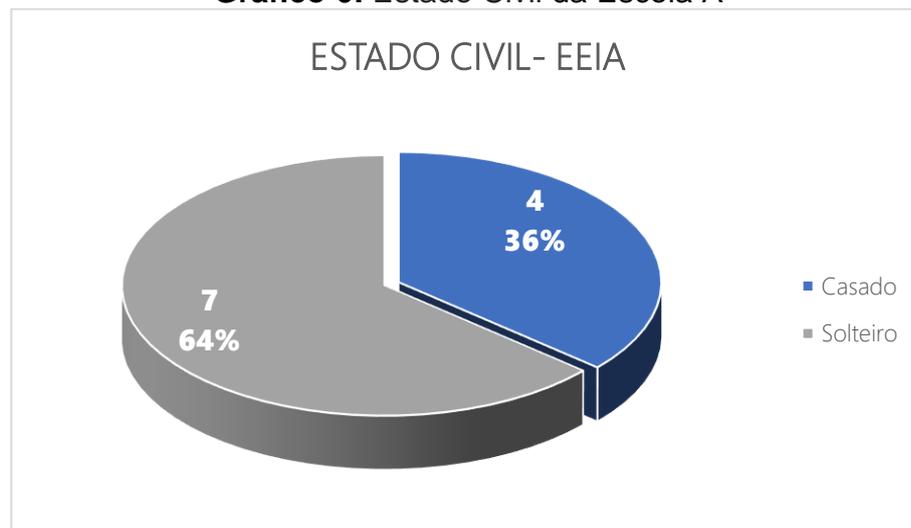
de depoimentos, o que mais diretamente nos interessou, tendo em vista o “lugar real” de fala dos alunos depoentes, inclusive pegos de surpresa para seus respectivos relatos. Assim, o nexos qualidade e quantidade como duas colunas de dados convergentes, sem um lastro estatístico mais complexo.

4.1.1 Representação gráfica dos dados quantitativos da turma 1 da Escola A (EEIA)

Os dados quantitativos em toda a pesquisa servem como “coadjuvantes” ilustrativos aos cenários dos depoimentos, que mais nos interessam na abordagem (qualitativa) de campo.

Quanto ao estado civil das alunas da Escola A, observa-se que a maior parte, 64%, é solteira, conforme Gráfico 6.

Gráfico 6: Estado Civil da Escola A

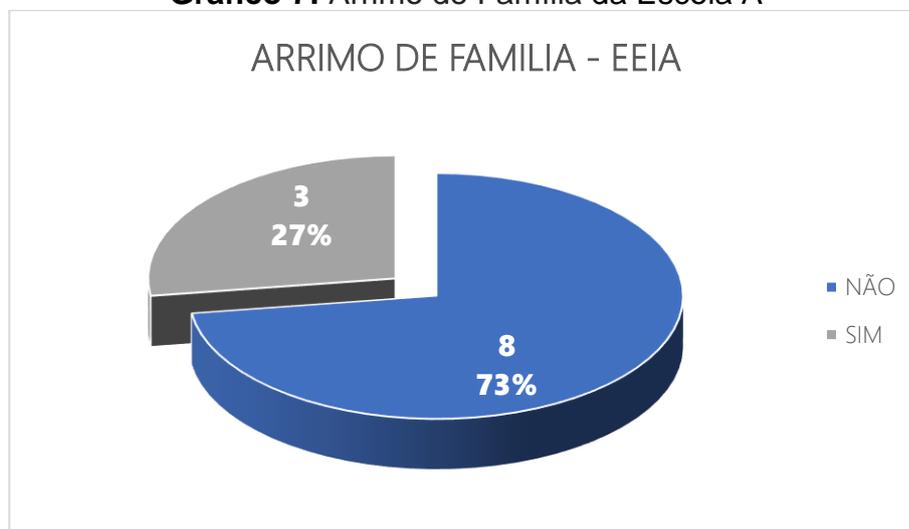


Fonte: Elaboração própria

Também é possível observar que 27% das alunas são responsáveis pelo sustento do lar, contrastando com a realidade da escola B. Um ponto importante a destacar aqui, é a realidade de que as mulheres tem buscado uma maior qualificação, objetivando melhores posições no mercado de trabalho, principalmente retratado aqui, observando-se mulheres adultas com idade mais avançada, responsáveis pelo sustento de suas famílias, que, não obstante todos os desafios do dia a dia, a dupla jornada de trabalho, conciliada com o cuidado dos filhos e família, e os afazeres do

lar, se lançam no sonho e no sacrifício de, à noite irem para a escola e se dedicarem a um curso técnico. Vide Gráfico 7.

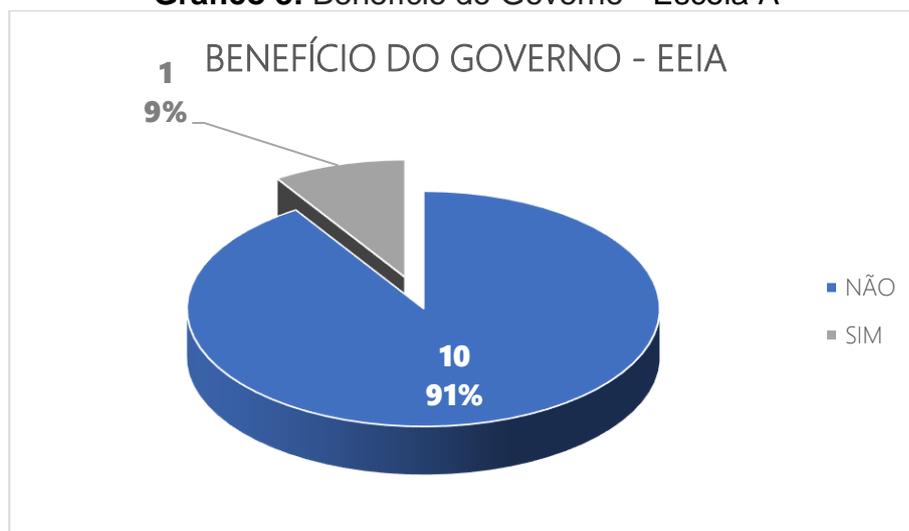
Gráfico 7: Arrimo de Família da Escola A



Fonte: Elaboração própria

Mesmo em se tratando de um curso técnico gratuito, em escola pública estadual, localizado em uma região de renda per capita não tão alta, apenas 1 aluna que representa 9% da turma, possui benefício do governo, sendo justamente a aluna mais nova da turma, com apenas 17 anos de idade, de acordo com o Gráfico 8

Gráfico 8: Benefício do Governo - Escola A



Fonte: Elaboração própria

4.1.2 Gráficos da turma 2 e 3 unificados da Escola B (IFTM)

Em ambas as turmas, o estado civil do alunato é uniforme: solteiros. Nenhum dos alunos declara ser arrimo de família, ou seja, responsável financeiramente pelo sustento familiar, como vemos no Gráfico 9.



Fonte: Elaboração própria

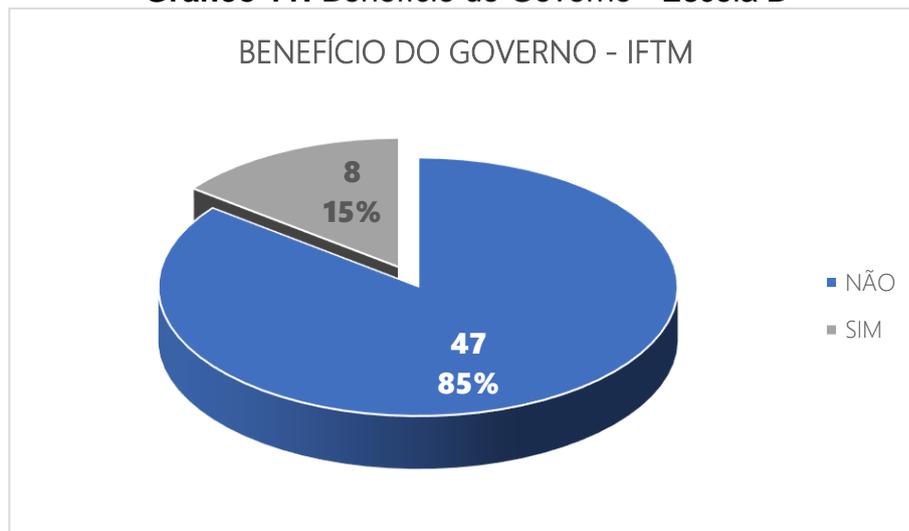
Esse cenário revela uma realidade onde muitos alunos que frequentam Institutos Federais são jovens e solteiros, pois essas instituições geralmente oferecem cursos técnicos e profissionalizantes que atraem jovens que desejam se qualificar para o mercado de trabalho. Até mesmo porque, o curso em voga é concomitante com o ensino médio, o que por si só direciona para esse público. Observa-se tal conteúdo no Gráfico 10.



Fonte: Elaboração própria

Dos 55 alunos, 8 possuem algum tipo de benefício do governo, até aqui não estabelecido qual deles. Observamos que aqui, essa quantidade representa 15% do total de alunos, enquanto na escola A, embora seja apenas uma aluna, representa 9% do total de discentes, observado no Gráfico 11.

Gráfico 11: Benefício do Governo - Escola B



Fonte: Elaboração própria

4.2 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DAS RESPECTIVAS TURMAS DE ADMINISTRAÇÃO – ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO

Dito isto (nos parágrafos introdutórios) cumpre-nos apresentar um rápido perfil sociográfico das duas escolas, dos respectivos cursos e dos alunos em foco como sujeitos sociais da pesquisa em pauta.

Ressalta-se, em tempo, que as fichas preenchidas pelos alunos, assinadas e sem informação dos respectivos nomes estão guardadas, com cautela, e ficarão sob custódia da pesquisadora por um período de pelo menos um ano, com anuência do orientador e do coorientador.

4.2.1 Escola A – turma 1

Iniciaremos nossas análises pela turma de Administração da Escola Estadual Irmão Afonso (EEIA).

Trata-se de um Curso Técnico em Administração, em turno único, noturno, no referido bairro em Uberaba. Nela frequenta uma turma madura em questão de idade, constituída unicamente por mulheres, sendo 11 em sua totalidade, oscilando entre mulheres já em torno de 30/40 anos, que na sua maioria, como veremos mais adiante, já teve mais de uma experiência profissional.

O grupo focal dessa turma foi realizado em dezembro de 2022. A turma já estava nos últimos dias de aula, finalizando o curso. Estavam presentes na reunião de grupo focal realizada na EEIA, na data supracitada a pesquisadora, Karla Inês Souza Costa, na função de moderadora do encontro, o Orientador Otaviano José Pereira, o coorientador Vicente Batista dos Santos Neto e as alunas – classe completa, sem nenhuma ausência.

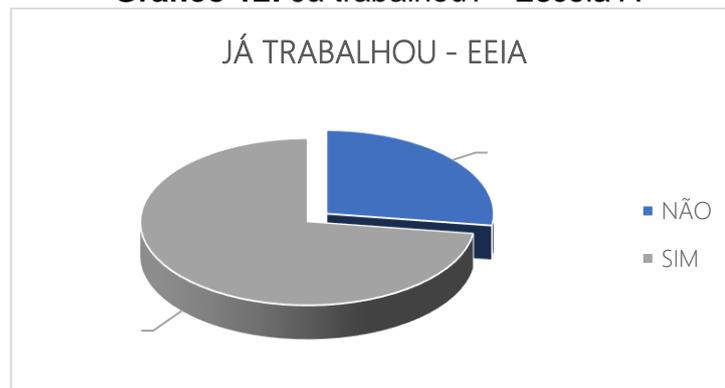
Iniciamos uma roda de conversa, no grupo focal, explicando às alunas sobre o tema da pesquisa, o conceito de omnilateralidade, a confidencialidade das informações fornecidas, preenchimento dos termos de autorização de uso da informação do CEP e da importância do mesmo para a pesquisa na área de educação, tendo em vista a relação intrínseca entre educação e mundo do trabalho. Com uma acolhida que deixou a pesquisadora, os dois observadores e as próprias alunas muito à vontade, marcada por grande expectativa e um aparente prazer em participar da pesquisa, e muito inclinada a ajudar.

Todas as alunas, num semicírculo, uma a uma, sem exceção, deram depoimentos marcados por dois momentos: primeiro, o de suas expectativas quanto ao curso ao entrarem e, segundo, após concluírem o curso – como afirmado, naquela própria semana. O foco, como esperado, girou em relação a estarem ali, ou (simplesmente) por um lugar no mercado de trabalho, de modo mais urgente, dadas as necessidades, ou por uma formação propedêutica, tendo em vista o ingresso no Ensino Superior. Complementarmente, a conversa foi regada por uma noção inicial (da pesquisadora) em torno do conceito de formação omnilateral, sobre a percepção de suas experiências, ou não sobre tal dimensão formativa, uma categoria cara à pesquisa em pauta. Também houve relatos de outras temáticas relacionadas às suas experiências de formação derivadas do próprio curso, tendo em vista o mundo do trabalho.

No geral, das 11 alunas, duas nunca trabalharam, no sentido profissional mais completo e clássico: carteira de trabalho, investimento numa carreira etc. Uma delas informou fazer pequenos trabalhos artesanais e a outra é “do lar” – expressão popular,

cujo senso comum “minimiza” o trabalho doméstico, em vias de regra afazeres “de mulheres”. Uma terceira informou ser menor-aprendiz – uma categoria de formação para o trabalho proeminente em Uberaba. As demais, as 8 restantes, todas já trabalharam, como visto no Gráfico 12.

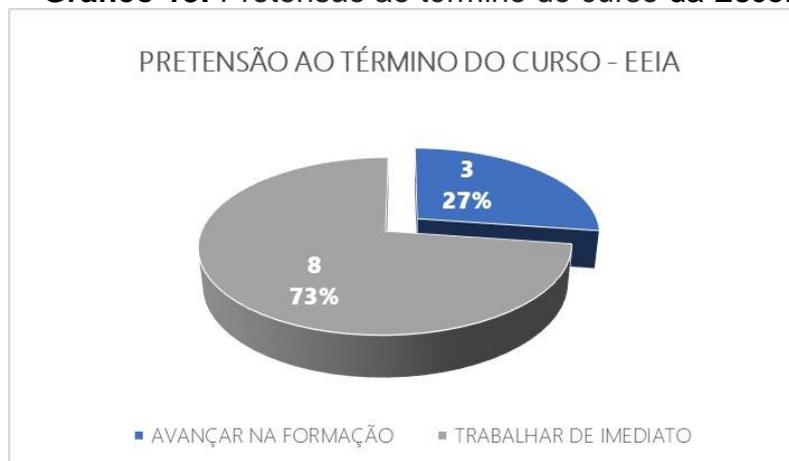
Gráfico 12: Já trabalhou? - Escola A



Fonte: Elaboração própria

A quase totalidade das 11 alunas informou que, inicialmente, entrou com a expectativa de melhorar suas posições no mercado de trabalho ou conseguir um emprego, mas no decorrer do curso foram mudando suas mentalidades e hoje, (dezembro de 2022), mesmo trabalhando pretendem continuar os estudos por meio de uma formação propedêutica. Das 11 alunas, 8 disseram, no decorrer do grupo focal que querem fazer uma faculdade, mesmo de forma concomitante ao trabalho. Vide Gráfico 13.

Gráfico 13: Pretensão ao término do curso da Escola A



Fonte: Elaboração própria

Num olhar rápido sobre a qualidade do curso, a questão da Pandemia de COVID-19 teve impacto na turma pelo fato do curso ter se iniciado de forma online. Houve, inclusive, dois relatos de alunas que tiveram que sair do trabalho para acompanhar as aulas presenciais, uma teve que ir se adequando, acumulando muitas faltas, e muitos dos alunos da turma, que iniciou com 40 alunos, saíram por conta do retorno presencial, porque trabalhavam e os horários não possibilitavam o formato presencial.

Observou-se um consenso de que o curso está agregando valores à vida, e formação, agregando conhecimento a todas as alunas, sejam elas mais idosas ou mais jovens. Por exemplo, no quesito formação e sua contribuição na vida social e profissional das alunas, vale ressaltar o seguinte relato de uma delas – que se declarou “menor aprendiz”

Pra mim, [o curso] tem contribuído muito. Por eu ser aprendiz e entrar direto na parte da administração, eu tive que me adaptar muito e lincar o que eu estou estudando aqui com o que eu estou trabalhando. Tem muita coisa lá que estou mexendo que eu até comento: a professora ensinou isso pra nós ontem.

Em relação a omnilateralidade apresentada pelo curso, as alunas, em sua totalidade, declaram ter recebido tanto a formação técnica quanto a formação para vida, portanto, omnilateral, contribuindo muito para a formação humana. Também pontuaram que o curso de Administração em foco mudou a forma de verem o mundo, e que as deixaram mais preparadas para o mercado de trabalho e para experiências do cotidiano. As competências adquiridas em sala possibilitaram que elas desenvolvessem tanto como técnicas em administração como como pessoas.

De 11 alunas, na data do grupo focal, 7 estão trabalhando, das quais, 4 estão fora do mercado de trabalho, 2 saíram recentemente do trabalho por conta do horário das aulas, 1 faz trabalhos artesanais e outra é “do lar”.

Após transcrevermos as falas, entendemos ser pertinente uma síntese dos relatos, como um “memorial descritivo” de depoimentos vazados de experiências do curso. Ressalta-se a trajetória de cada uma das 11 alunas, suas expectativas, lutas diárias, impasses e conquistas. Os depoimentos foram trasladados para o formato de texto dissertativo, com comentários e uma ou outra transcrição direta, *ipsis litteris*.

Quadro 2: Quadros sinóticos dos relatos

Primeira aluna

A primeira aluna, com 25 anos, declara que após a conclusão do ensino médio parou de estudar, voltando após os 20 (ela não cita a idade atual) através do referido curso de administração. Sua opção em voltar a estudar foi falta de uma profissão, e se comparava com as amigas da mesma idade que tinham uma faculdade e seguiam em suas carreiras. A necessidade de se inovar no mercado também foi um dos pontos apontados por ela.

A escolha pelo curso de administração foi pensada e desejada.

É uma área boa que ganha bem então assim eu senti vontade de fazer o técnico em administração. Eu quis sim fazer administração, porque alguns falam que é administração às vezes não é escolha, é acaso né, assim eu escolhi estou gostando da área, estou aprendendo muito.

A aluna pretende continuar os estudos fazendo faculdade no próximo ano (2023).

Declara ter entrado no curso pensando em trabalho: *“eu entrei pensando em trabalho eu pensei assim eu vou fazer o curso técnico e vou arrumar um emprego melhor não você só operadora de caixa em um supermercado”*. Porém, após sua formação em técnico em administração a mesma ampliou suas expectativas, e quer fazer uma faculdade: *“...eu pretendo fazer faculdade porque eu quero mais, me aprofundar na área, eu quero entender mais, eu quero ter um certificado melhor, entendeu, sempre estar evoluindo porque a gente não pode parar, né”*. Pelo relato podemos observar que essa mudança de pensamento tem relação com a formação omnilateral que foi empregado à turma pela maioria dos professores do curso. Os relatos posteriores vão consolidar essa observação.

A mesma trabalhava antes de iniciar o curso, mas abandonou o emprego para conseguir cumprir sua carga horaria na escola, tendo em vista que os horários de trabalho chocavam com os horários de aula. Ela disse: *“eu tive a oportunidade de fazer o curso técnico eu não pensei duas vezes... porque eu sentia que precisava dessa oportunidade”* [curso técnico]. No momento do grupo focal a aluna estava desempregada.

Segunda aluna

A segunda inicia seu depoimento declarando que tem 38 anos, e que procurou o curso para sair da “mesmice” (sic). Desde muito cedo ingressou no mercado de trabalho e viu no curso uma oportunidade de sair da “área de conforto”.

Aprendeu muito sobre gestão financeira pessoal, e hoje em dia consegue administrar melhor suas finanças. O curso proporcionou uma melhora na sua vida pessoal, porque lhe trouxe uma nova visão.

Trabalha desde os 17 anos, estava empregada no ato do grupo focal e está há mais de seis anos no serviço atual. Fez magistério, mas não trabalha na área. Relatou que sua mãe sempre ensinou a importância de trabalhar, mas não tinha muito foco no estudo.

Quanto a faculdade, ainda não sabe se vai fazer, mas não descarta a vontade de continuar estudando. Sua pretensão é a de abrir um negócio próprio.

Terceira aluna

A terceira informou ter 41 anos. Trabalha há quase 12 anos na mesma empresa. Decidiu estudar técnico em Administração porque não gosta de parar: No final do 1º semestre de 2023 completa sua formação superior em Recursos Humanos, que está fazendo em paralelo à formação técnica em Administração. Anteriormente já fez curso de radiologia, área que trabalha atualmente, e diz gostar muito do que faz, mas está em busca de mais um emprego para conciliar com o que já tem atualmente.

Está há quase 17 anos na área da saúde, entre administrativo e radiologista. Seu objetivo hoje é passar em um concurso público.

Quanto a formação após o curso, a aluna pretende terminar a graduação que já está realizando e fazer uma pós-graduação.

<p>Quarta aluna</p> <p>Afirmou ter 38 anos, casada, dois filhos. Começou a trabalhar com 14 anos. Ficou mais de 10 anos sem estudar porque estava cuidando dos filhos e trabalhando.</p> <p>Entrou no curso técnico em Administração por ser online, por conta da pandemia do COVID-19; depois voltou para sua modalidade normal, a presencial. Visando concluir os estudos, desligou-se do emprego de oito anos, dado a incompatibilidade de horário escola / emprego. Saliu como vendedora e saiu como liderança.</p> <p>Tinha receio de que a idade ou tempo sem estudar pudessem de alguma forma reduzir seu desenvolvimento em sala de aula, mas depois viu que não foi afetada nesse quesito.</p> <p>Pretende fazer curso superior, porém não é na mesma área do curso técnico realizado: <i>“Pretendo fazer um curso superior, mas não é administração, eu gosto da área de psicologia, então acredito que vou seguir por esse caminho.”</i></p>
<p>Quinta aluna</p> <p>Informou ter 17 anos, a mais nova da turma. Inicialmente não queria fazer o curso, porque se sentiu deslocada, por se tratar de colegas de sala mais maduras em idade, e por ser um curso técnico, pois ainda fazia o ensino médio: <i>“eu estou me formando agora no terceiro ano do ensino médio, junto com o técnico.”</i></p> <p>Declarou que inicialmente não tinha interesse pela Administração; queria seguir carreira na área da perícia. Com o passar do tempo se identificou com a área, superou suas expectativas, repensou sobre a carreira e agora quer seguir na área de Administração.</p> <p><i>Depois com passar do tempo eu me identifiquei muito com a Administração, me identifiquei muito com essa área. Tipo me superei bastante, até na parte da Contabilidade, né, da matemática do curso, eu achei que não ia dar conta, com os colegas de turma também [se superou], e depois comecei a repensar em qual área profissional quero estar; e eu percebi que eu queria estar entrando na parte da Administração, na área profissional, e eu não sabia como entrar, então eu consegui por um programa de aprendiz.</i></p> <p>Atualmente está trabalhando na área [foi efetivada como auxiliar], ama estudar e já passou no vestibular; vai cursar administração na UNIUBE, em 2023.</p>
<p>Sexta aluna</p> <p>A aluna informou ter 19 anos; já havia tentado o curso técnico em Recursos Humanos, também oferecido pela escola, porém não pôde continuar: <i>“eu acho que o curso [Administração] me escolheu”.</i></p> <p>Pretende fazer um curso superior, mas não na área de Administração, sua aptidão é para Educação Física e Matemática.</p> <p>O objetivo central agora é o curso superior e não o mercado de trabalho.</p>
<p>Sétima aluna</p> <p>Informou ter 28 anos; com 16 terminou o ensino médio, aos 18 saiu de casa, foi morar sozinha, assumiu a responsabilidade dos custos [leia-se também: experiência feminina] de morar sozinha e assim permanece até o momento. Trabalha há cinco anos numa rede de farmácias.</p> <p>Sobre a Administração, declarou que ingressou [no curso] por acaso. Havia dez anos que não estudava, não tinha cursado mais nenhum curso depois do ensino médio.</p>

Resolvi entrar na Administração pra tentar de alguma forma alguma chance de crescimento pessoal ou até mesmo na empresa atual que eu estou. Foi mais pra isso mesmo: pra ter aprendido e conseguir entrar no mercado de trabalho como administradora. Porém, não pretendo seguir na área de Administração, apenas para trabalho. Minha vontade mesmo seria ser veterinária.

Alimenta o sonho de ser veterinária, mas declara que só consegue fazer se for com bolsa de estudos, e mesmo assim por ser um curso diurno ela teria que voltar para casa dos pais, porque não conseguiria se manter financeiramente, não teria como trabalhar, mesmo com a bolsa. Por esse motivo, de ter que voltar para a casa dos pais, ela ainda não decidiu por esse caminho, que é seu sonho.

Almeja, com o curso, conseguir melhor oportunidade onde trabalha ou novas oportunidades no mercado de trabalho.

Oitava aluna

Com 29 anos, declara que parou cedo de estudar. Em 2019, resolveu voltar e concluiu o Ensino Fundamental. Foi para Escola Estadual Irmão Afonso fazer o Ensino Médio, pelo EJA e, no final do referido curso abriram-se vagas para a nova turma de Técnico em Administração, nos meios de comunicação da escola, onde de cara ela já gostou do referido curso e emendou o EJA com o ensino técnico.

Enfrentou dificuldades com as áreas de matemática, mas conseguiu concluí-lo. Após a conclusão do Técnico em Administração, pretende conseguir um trabalho, mas, quanto à faculdade ainda não decidiu a respeito.

Nona aluna

A aluna informou ter 28 anos e parou de estudar cedo. Em 2019 voltou estudar, fez CESEC pra concluir o Ensino Fundamental. Depois ingressou no Irmão Afonso, fez EJA e novamente parou de estudar.

O curso de Administração não era um foco, o foco da aluna, que pretendia fazer Enfermagem. Chegou a matricular-se em um curso técnico em Enfermagem, porém, não teve como continuar por questões financeiras.

Por indicação de uma amiga, ficou sabendo do curso técnico em Administração do EEIA. O desejo inicial era fazer RH, [Recursos Humanos] mas como não tinha aberto vaga para o referido curso, resolveu fazer Administração.

Não se via fazendo Administração, mas está gostando muito.

Usa muito do que aprende no curso no trabalho atual, a parte administrativa, como ela disse, literalmente: *O curso me ajudou muito no meu trabalho, e é uma área que pretendo continuar, não pretendo mais fazer enfermagem.*

Quando iniciou o curso, à época, [inclusive da pandemia], o fez pensando no trabalho, pois já trabalhava, mas hoje [dezembro de 2022] mudou totalmente o foco e pretende continuar numa formação propedêutica.

Em relação a faculdade, a aluna pretende fazer um curso de Recursos Humanos.

Décima aluna

Afirmou ter 42 anos, e parou de estudar na oitava série. Iniciou um curso de Magistério, mas não terminou. Depois casou-se e se mudou para Uberaba. Permaneceu 22 anos fora da sala de aula.

Incentivada pela cunhada voltou para concluir o Ensino Médio, que fez pelo ENSEJA – um programa governamental, bancado pelo INEP, que visava / incentivava “tirar o atraso” de jovens e adultos para a volta aos estudos. Logo depois, [a aluna] soube do curso de Administração e resolveu fazê-lo.

Gosta do curso, mas não se vê cursando Faculdade por conta da idade, já se achando “velha”. ...*não é meu foco fazer Faculdade, até mesmo por causa da minha idade, quando eu for acabar a faculdade eu já estou velha, - disse.*

Declarou que iniciou o curso para melhorar o currículo, porque nunca trabalhou de carteira assinada e tem pretensão de obter um primeiro emprego, pois nunca trabalhou fora. Para isso está tentando concurso público. Seu foco é conseguir o primeiro emprego, não foca em Faculdade: ...*talvez fazer outros cursos, mas faculdade não!* – ressaltou, com ênfase.

Décima-primeira aluna

Com 41 anos, declara que esse é o terceiro curso técnico que faz. Fez Radiologia, onde trabalha atualmente, Magistério e está terminando Administração.

Entrou no curso [atual] pra acompanhar a irmã que precisava fazer o EJA, porém não podia ir sozinha.

O curso tem ajudado no equilíbrio financeiro pessoal.

Não pretende fazer Faculdade porque a filha está para entrar na Faculdade e para a aluna a prioridade nesse momento passa ser o estudo da filha.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, extraída do grupo focal.

É evidenciado, nos depoimentos, que essa turma busca pelo ensino técnico com objetivo de melhorar suas condições para o mercado de trabalho, na busca de condições melhores de vida. Todas as alunas trazem histórias fortes de vida, de superação, de busca por um mundo melhor para si mesmas e para os que as rodeiam.

Suas ações, porém, são limitadas ao tempo, à idade, recursos, à condição social a que pertencem, e isso é fruto da abordagem microeconômica, que limitam seu acesso às oportunidades por meio de uma educação de baixa qualidade, que as deixa em maior vulnerabilidade ao entrarem no mercado de trabalho, muitas vezes fazendo não o que gostariam de estarem fazendo, mas aceitando as oportunidades que surgem, mesmo contra vontade, devido a responsabilidade com sustento da família.

Para manter o sustento, e simultaneamente crescer na carreira, elas precisam optar por um curso noturno, para que possam trabalhar durante o dia. Essa carga horária pesada, de uma rotina de aproximadas 15 horas entre trabalho e estudo, muitas vezes as distancia do convívio com a família, de projetos sociais etc. Mas ainda assim, elas adotam tal rotina por determinado tempo, porque buscam por melhoria de vida, de status, de posição financeira.

Os resultados do processo de escolaridade, corroboram com as práticas funcionais do trabalho. Os alunos melhoram sua habilidade verbal, sua comunicação, suas habilidades de raciocínio, e isso é útil para o empenho de suas funções, independente do trabalho a ser desenvolvido.

Porém, fica a pergunta: o aluno que trabalha e estuda, consegue ter o mesmo rendimento daquele que pode se dar a oportunidade de só se aprofundar nos estudos? Ele terá as mesmas condições/oportunidade de emprego no mercado de trabalho?

São muitas as dificuldades de se estudar e trabalhar concomitantemente: o cansaço físico e mental, as noites sem dormir, a falta de tempo para se relacionar com a família, a falta de tempo para se dedicar ao curso, as perdas laborais no trabalho, o estresse etc. É preciso muita determinação para não perder a motivação, que elas demonstram ter.

Essa busca se dá do cenário econômico, oriundo da globalização dos mercados, que trouxe a necessidade de qualificação do cidadão para melhorar suas oportunidades de trabalho. Porém também já vimos anteriormente que o mesmo também trouxe a hierarquia social, econômica.

Como a educação torna-se cada vez mais uma condição necessária para o emprego da mão de obra, a oferta de trabalho tende a estar mais identificada com a busca de maior qualificação profissional. A escolaridade passa a ser um recurso inadiável de elevação da qualidade da mão de obra, já que há correlação direta entre baixa escolaridade e baixa qualidade ocupacional, sem ser uma panaceia de resolução do problema do emprego nacional (POCHMANN, 2002, p.97).

A visão de Pochmann (2002) sobre educação e trabalho é que eles são inseparáveis. Ele pensa que a educação é o caminho para o sucesso no trabalho, pois ela fornece as habilidades necessárias para o desempenho bem-sucedido. Também acredita que o trabalho é uma parte importante da educação, pois oferece experiência prática e ajuda a desenvolver habilidades profissionais. Considera que a educação e o trabalho devem ser encarados como partes integrantes de um todo, e que ambos são necessários para o sucesso.

Outro aspecto, é que um dos objetivos básicos do curso técnico é capacitar e preparar para o mercado de trabalho. No EEIA não é diferente, a escola tem em sua concepção a formação para o mercado de trabalho e suas demandas. Contudo, podemos observar que, apesar de não ter como objetivo uma formação Omnilateral, os relatos das alunas demonstram que os professores dessa instituição, em particular, buscam enriquecer o alunado numa experiência fora do proposto, instigando, pelo menos em parte e sob limites estruturais e pedagógicas, uma formação omnilateral para a turma. Isso levou as alunas a mudar suas concepções iniciais, e desejarem a continuidade de sua formação por meio de uma faculdade. Percepção essa que,

anteriormente, quase nenhuma aluna tinha no horizonte de sua vida, onde o objetivo inicial era de fazer o curso voltando exclusivamente para o mercado de trabalho e não para uma formação mais completa.

É interessante ressaltar a desigualdade apresentada entre os cursos aplicados pela EEIA e IFTM. Tais diferenciais promovem, ainda que sem intenção, oportunidades diferentes a seus alunados. A rede estadual oferece um curso noturno para dar oportunidade aos que trabalham de se aperfeiçoarem, enquanto os institutos presam por uma formação integral do aluno, e possibilita que ele tenha oportunidades de continuar sua formação, e também disponibilizam mais recursos de aprendizado e pesquisa.

A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a "área" escolar e quanto mais numerosos forem os "graus" "verticais" da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado. Pode-se ter um termo de comparação na esfera da técnica industrial: a industrialização de um país se mede pela sua capacidade de construir máquinas que construam máquinas e na fabricação de instrumentos cada vez mais precisos para construir máquinas e instrumentos que construam máquinas etc. O país que possuir a melhor capacitação para construir instrumentos para os laboratórios dos cientistas e para construir instrumentos que fabriquem estes instrumentos, este país pode ser considerado o mais complexo no campo técnico-industrial, o mais civilizado etc. (GRAMSCI, 1995, p.9).

Antônio Gramsci, filósofo marxista italiano, acreditava que a educação era um meio essencial para a transformação social. Ele argumentou que, enquanto a educação serve para dar conhecimentos e habilidades, mas também pode ser usada para controlar as pessoas.

Gramsci (1995) entendia que as estruturas de poder existentes na sociedade, como a religião, a economia e a política, estavam ligadas à educação. Acreditava que a educação deveria ser usada para mudar essas estruturas de maneira que as pessoas possam ter mais liberdade e igualdade de condições de crescimento.

Ainda para Gramsci (1995), a educação deveria ser usada para promover o senso crítico e o desenvolvimento da capacidade de pensar de forma autônoma. Ele acreditava que isso permitiria que as pessoas se libertassem das forças opressoras da sociedade.

Além disso, Gramsci (1995) argumentou que a educação deveria ser usada para promover a igualdade e a solidariedade entre as pessoas, tendo em vista que a

educação deveria ser usada para desenvolver uma consciência coletiva e que isso ajudaria a promover a mudança social.

Argumentou, sem tréguas e mesmo em seus piores momentos de prisão, quando escreveu os *Cadernos do cárcere*, que a educação deveria ser usada para ajudar as pessoas a desenvolver a capacidade de pensar criticamente e de forma autônoma. Ele acreditava que isso ajudaria a promover uma educação mais inclusiva e que permitiria que as pessoas desenvolvessem suas habilidades intelectuais e promovessem a mudança social.

Esse olhar atento às diferenças permitem o aperfeiçoamento da mobilidade social e seus resultados, auxiliando no crescimento inclusivo dos profissionais técnicos, formados em altos níveis de qualidade. “É preciso pensar nas diferentes juventudes, as que estudam no diurno e aquelas do noturno; as que sonham por uma escola de tempo integral; as que precisam trabalhar e de mais tempo para concluir o Ensino Médio” (ROITMAN; RAMOS, 2011, p.70).

Na maioria dos países, os sistemas educacionais estão sendo revistos. Espera-se que a educação prepare os jovens para o mundo do trabalho, para sua independência econômica, para que eles possam viver de forma construtiva em comunidades responsáveis e para que possam conviver e compreender a diversidade cultural de uma sociedade que se transforma de uma forma muito rápida. Espera-se que a educação ajude os jovens a construir suas vidas em um cenário de futuro que ninguém com certeza pode prever (ROITMAN; RAMOS, 2011, p.47).

Ainda conforme Roitman e Ramos (2011), o Brasil apresenta uma educação que parece se vestir com uma burka¹⁴, com o intuito principal de esconder as suas imperfeições.

O maior dos sonhos, o de o Brasil se tornar um país justo e soberano. Podemos até ter uma conjuntura econômica favorável, construída nos últimos anos. No entanto, não teremos o país que almejamos se não tivermos educação de qualidade para todos os jovens, alicerce de uma democracia (ROITMAN; RAMOS, 2011, p.23).

De acordo com Roitman (2011), o trabalho é uma forma de expressão e realização pessoal, pois permite que as pessoas desenvolvam suas habilidades e talentos, além de contribuir para o bem-estar social. O trabalho também é visto como

¹⁴ Conforme Roitman e Ramos (2011) definem: a burka, também conhecida como burca ou burqua, é um traje usado pelas mulheres muçulmanas com o propósito de disfarçar o corpo inteiro.

um meio de desenvolvimento pessoal, pois proporciona aos indivíduos a oportunidade de adquirir novas habilidades e conhecimentos, além de aumentar sua autoestima. Além disso, o trabalho também é visto como uma forma de contribuir para a sociedade, pois permite que as pessoas contribuam para o desenvolvimento econômico e social.

Por sua vez, Antunes (2009) baseando-se no conceito de Mézaros (1995), apresenta o sistema de metabolismo social do capital como resultado da divisão social que subordinou a estrutura do trabalho ao capital, como o resultado de um processo historicamente constituído. Essa gênese social é constituída de complexos que se constituem do trabalho, da sociabilidade e da linguagem.

Ricardo Antunes é um dos principais autores brasileiros que escreve sobre trabalho. Ele defende que o trabalho é uma forma de expressão e de realização pessoal, e que deve ser visto como um meio para alcançar a liberdade e a autonomia. Para ele, o trabalho não é apenas uma forma de ganhar dinheiro, mas também uma forma de expressar a criatividade e a individualidade.

O trabalho é um tema recorrente, sobretudo na consolidação da Modernidade, e não é por demais lembrar o intenso desempenho de Karl numa abordagem da dialética do trabalho, o que passou a imprimir uma profundidade de olhar jamais pontuada. Assim sendo, Marx defendia que o trabalho era uma forma de exploração e opressão, enquanto, por exemplo, Max Weber argumentava que o trabalho era uma forma de ascensão social. Outros autores, como Hannah Arendt e Simone de Beauvoir, também abordaram o tema do trabalho, destacando a importância da liberdade e da autonomia para o desenvolvimento humano.

Portanto, o trabalho não é algo que o ser humano “apenas” faz, no sentido de “fabricar” ou transformar o dado puro da natureza como operacionalidade e/ou exterioridade, mas que se faz (como “trabalhador”) na sua própria relação dialética entre interioridade intersubjetiva e objetividade de transformação da natureza - em que o ser humano se integra como aquele que a pensa – e exterioridade objetiva.

4.2.2 Escola B – turma 2 (da pesquisa de campo)

Embora permanecendo na mesma oferta de curso (Técnico em Administração) e no mesmo setor educacional (público), entramos em duas turmas homogêneas do ponto de vista de idade, em torno dos 16/18 anos, no IFTM. Vamos à primeira do

IFTM, turma 2 da pesquisa. O fato de termos uma turma mais homogênea, nas turmas do Instituto Federal do Triângulo Mineiro-IFTM – campus Uberaba.

O primeiro e mais relevante aspecto do ponto de vista da pesquisa é o fato de doravante tratar-se de duas turmas de tempo integral. Na parte da manhã são trabalhadas as matérias do Ensino Médio e na parte da tarde as matérias do Curso Técnico em Administração. Por conta dessa carga horária, os alunos ficam impossibilitados de trabalhar de forma concomitante aos estudos. Nenhum deles teve o primeiro emprego. Por outro lado, os alunos passam por um estágio, não remunerado, para concluir o Curso Técnico de Administração, que lhes gera um contato inicial com o mercado de trabalho, como espécie de “barganha” para o futuro.

O grupo focal de ambas as turmas do IFTM foi realizado no dia 28 de fevereiro de 2023. Essas turmas ainda vão concluir o curso no final do ano de 2023. Portanto, se no primeiro grupo focal (turma1 da EEIA) as alunas estavam no apagar das luzes de seu curso, os/as jovens das turmas 2 e 3 ainda têm um ano de experiências pela frente.

Começamos o grupo focal explicando aos alunos(as) sobre o tema da pesquisa, o conceito de omnilateralidade, a confidencialidade das informações fornecidas, preenchimento dos termos de autorização de uso da informação do CEP e da importância do mesmo para a pesquisa na área de educação, entre outros.

A finalidade dos dois encontros no IFTM continuou sendo a tomada de depoimentos dos alunos/as quanto a suas experiências **antes** de entrar no curso e **agora** (leia-se fevereiro de 2023) já quase formandos. Para tanto realizamos perguntas comuns a todas as três salas do curso de Administração, por via da abordagem de grupos focais, também moderados pela pesquisadora.

Estavam presentes na reunião de grupo focal realizada no IFTM, no dia supracitado, a pesquisadora Karla Inês Souza Costa, ainda na função de moderadora, o Orientador Otaviano José Pereira, o coorientador Vicente Batista dos Santos Neto como observadores. Somou-se à equipe (pesquisadoras e observadores) o coordenador do curso de Administração Antenor Roberto Pedroso da Silva.

A turma somou um total de 28 alunos/as, sendo 5 oriundos de escola particular e o restante (23) de escola pública. Mostraram-se empolgados/as em dar depoimentos, revelando-se também uma turma acolhedora e muito participativa, tal qual a já analisada (turma 1 da EEIA). Contudo, nem todos deram depoimentos – não se seguiu a mesma estratégia, cada uma por vez, em semicírculo, como na EEIA –

embora nas informações de cunho quantitativo ninguém se omitiu em dar informações num questionário. Nessa nova estratégia, com sala cheia e sem possibilidade de “abrir roda”, bem como na próxima turma do IFTM (turma 3) as transcrições e respectivas análises dos depoimentos virão em blocos. Vejamos.

Dos 28 alunos participantes, quando questionados referente a suas expectativas e escolhas **antes** de iniciar o curso, ou seja, no âmbito de suas escolhas, 3 declaram ter iniciado o curso apenas para conclusão do ensino médio, e estão fazendo administração por não ter uma opção de fazê-lo separadamente.

Quando questionados sobre o foco de suas escolhas, inicialmente, pelo ensino integrado do IFTM, 18 alunos disseram que fizeram a escolha do curso com foco em adentrar no mercado de trabalho, mas não ficou claro se de imediato à formação, ou após a conclusão da faculdade. Posteriormente, apontaram que suas respostas estão atreladas a sua condição financeira, pois caso não passem em uma faculdade pública, precisarão trabalhar para realizar o foco central que é a faculdade.

Na escolha do curso, 12 alunos tinham como objetivo fazer uma faculdade após a conclusão do ensino médio. Os demais, ou estavam interessados no ensino médio em si, ou em uma opção profissional para o caso de não passarem numa faculdade pública e precisarem bancar seus estudos.

Ninguém na turma teve o primeiro emprego até a data em que foi realizado o grupo focal. Alguns alunos apontaram que inicialmente, ao escolherem o curso integrado, eles tinham a visão de que estariam melhor preparados para o mercado de trabalho ao final do curso. Todavia, no decorrer do curso se depararam com a preocupação quanto ao fato de eles não terem condição de estarem iniciando no primeiro emprego durante os estudos, e como isso acham que podem, de alguma forma, diminuir suas oportunidades no mercado de trabalho, dado a exigência do mesmo quanto a experiência, por estarem fazendo um curso integral e não terem condições de conciliar, trabalho e estudo. Outros alunos defenderam o ponto de vista contrário, e destacaram que o curso traz uma formação técnica e isso é um diferencial de mercado, deixando essa balança de opiniões bem dividida.

Agora, que já passaram pela experiência de dois anos no curso integrado, os alunos, diante da realidade de suas vivências, ressaltam que apesar de seu objetivo ser fazer uma faculdade de imediato, eles se deparam com a realidade de não terem condição de pagar por ela se não estiverem trabalhando. Então, alguns alunos irão estudar a noite para poderem trabalhar durante o dia, outros estão pensando na

possibilidade de fazer pequenos serviços no final de semana para suprirem suas necessidades financeiras. Contudo, o objetivo geral de todos os alunos é a formação propedêutica após concluírem o curso atual.

Outra coisa, somos todos pobres. Nossos pais não vão bancar a gente pra ir a festinhas quando a gente já tiver 18 anos, ou a gente trabalha, ou a gente trabalha. Independente da nossa escolha de fazer faculdade ou não, vamos ter que um jeito de arranjar uma renda por fora, nem que seja sábado e domingo trabalhando.

Nesse contexto, hoje é unânime entre os alunos o desejo de fazer faculdade, e os 14 alunos, que agora desejam entrar para o mercado de trabalho, afirmam que sua escolha de trabalhar está atrelada ao fato de a renda familiar não comportar o pagamento do curso superior que desejam fazer, e que só vão trabalhar de imediato se não passarem numa Instituição Federal [leia-se pública] ou não tiverem uma bolsa de estudos.

Dos 28 alunos, 14 pretendem trabalhar na área de Administração. Os demais têm outra área de formação posterior. Alguns relacionados a Administração, outros não. Um exemplo, são os alunos que querem fazer Medicina e veem a Administração como complementar, pelo fato de precisarem administrar seus consultórios após a formação.

Um dos focos da nossa pesquisa é estudar a formação omnilateral, nos ambientes da EEIA e do IFTM. Ela tem como conceito a formação integral, a formação tanto das técnicas, quanto da formação humana. A formação do pensamento crítico, traz a teoria aplicada a vivência, as implicações socioeconômicas, as questões raciais, enfim a formação humana completa.

Essa formação omnilateral proposta pelo IFTM, agregada a formação técnica dos cursos de ensino médio integrado com a administração, e esse curso técnico integrado, trabalha aqui com as duas formações: tanto a formação da área técnica da administração, quanto com a formação propedêutica, que é a formação do ensino médio.

Os institutos em seu corpo e alma, tendem a superar a formação puramente institucional, para ser não apenas uma formação de conteúdo, mas também crítica. Esse é realmente o grande salto de qualidade do instituto, de não ser uma continuidade das escolas técnicas. Ele amplia essa qualidade social e crítica do que é a formação humana.

Vejamos o exemplo das *autoescolas* que ensinavam a dirigir, e passaram a ser *escolas de formação de condutores*, ou seja, passaram do estágio técnico para a formação do cidadão que vai dirigir, não só o motorista tecnicamente formado na habilidade ao volante, mas também com competência para conduzi-lo.

Com relação a este quesito: oferta de uma **formação omnilateral**, é quase unanime a quantidades de alunos que considera que esta concepção de uma formação, proposta pelo Instituto, foi alcançada. Dos quais 25 dos 28 acreditam que estão saindo com essa formação. Ressalta-se, daí, o peso de ser uma escola de tempo integral com oferta de uma formação não adstrita ao conteúdo do curso, mas sua transversalidade com o mundo da cultura plural, da formação humana, da ética etc. em suas alternativas de ensino não reduzidas apenas a salas de aulas em vias de regra instrucionais.

Neste cenário, pudemos perceber, via depoimentos, que o IFTM tem entregado essa formação, senão em sua totalidade, – sempre uma utopia – pelo menos na medida do possível e desejável, de modo que as falas se tornaram reveladoras quanto aos alunos compreenderem o conceito de educação omnilateral proposto. Vamos a alguns depoimentos deste quesito, presentes no Quadro 3:

Quadro 3: A – Cinco depoimentos com foco: (a) no “antes” do curso – projeto pessoal; (b) no mercado de trabalho; (c) nas relações compartilhadas e (d) numa formação mais abrangente que [apenas] o técnico, com indícios omnilateralidade.

Então, pra mim é o seguinte: pra quem não sabe onde quer chegar, qualquer caminho vale. Pra mim foi assim no nono ano, eu não sabia que queria fazer, fui lá e fiz administração. Mas o IFTM proporciona uma coisa muito além do que outras escolas proporcionam, muito também pelo curso de Administração que a gente faz, porque a gente tem contato com pessoas mais velhas aqui dentro, tanto dos professores como o pessoal da graduação, então a nossa visão se abre. Aqui é um lugar que nem se parece com uma escola normal, então isso ajuda muito a gente a abrir nossa cabeça, pelo menos pra mim. Então a Administração, também não sei se quero seguir com ela, mas eu já tenho uma visão muito mais aberta sobre aquilo que eu quero fazer, só que eu acho que estar aqui no IFTM, um lugar aberto, que eu conheço pessoas, que eu tenho oportunidade de fazer um projeto, que trabalha com a soft skills, aqui também a gente está sempre em contato com fazer trabalhos em que a gente tem que falar, a gente sempre tem contato com outras pessoas, então a vergonha deixa de existir no terceiro ano, então acho que isso influencia muito, no quem a gente vai se tornar, e isso ajuda muito no mercado de trabalho, porque muitas pessoas que tem experiências entram em trabalhos como vocês falaram, mas quem é que fica lá dentro é quem tem a soft skills necessárias para estar lá dentro. Então quem entra pra ficar são as pessoas que sabem ficar, então não adianta [só] ter o técnico.

Uma coisa que eu acho que mudou muito a minha perspectiva de vida entrando no IF, é que por exemplo, aqui você entra em contato com pessoas muito diferentes, e também tem por exemplo, contato com projetos de extensão, de pesquisa. Então, querendo ou não, quem entra aqui na escola, mesmo que ache que o ensino por si só, o ensino médio e técnico, sejam tão bons, acaba que você tenha outras oportunidades por fora. Então por exemplo, a formação de uma pessoa que estuda aqui, pode não ser tão completa, por exemplo, em química e física, como a pessoa que estuda numa

escola particular, porque é muito mais a fundo [na escola particular], mas é o tipo de pessoa que criou um caráter diferente para conseguir um emprego. Porque ela acaba que desenvolve habilidades sociais diferentes aqui na escola. Foi uma coisa que achei mais interessante. E assim, tem a oportunidade de intercâmbio, de fazer aulas de outras línguas, então eu acho que tem muita oportunidade sim, mas o que eu acho é que as vezes alguns professores são negligentes. Então, é uma escola que pra mim seria muito melhor do que várias outras, mas que por esse motivo, as vezes deixa um pouco a desejar.

Estudando aqui no IF a gente consegue ter mais responsabilidade, porque nenhum professor vai forçar a gente a vir pra escola, a entrar nas aulas dele, e fazer isso ou aquilo, e aqui a gente tem a liberdade de entrar e sair e andar aqui no campus sem ninguém ficar monitorando a gente, ou seja, a gente consegue criar uma responsabilidade antes das pessoas que estão estudando em escola que não é o IF.

A gente cria mais resistência por causa da rotina [do IFTM integrado], a gente fica aqui muito tempo e se a gente for tanto na Universidade quanto trabalhar, a gente não vai ter tanta dificuldade para se adaptar... a gente cria uma resistência que deixa a gente na vantagem pra enfrentar outras áreas da vida.

Uma coisa que eu acho que o IF me ajudou muito é que eu era muito dentro da caixinha, não era nada criativa e com [o] IF eu passei a ter mais ideias porque eu realmente não tinha nada, e me ajudou muito, porque isso influencia muito no mercado de trabalho, e eu por exemplo, que quero montar um consultório de Odontologia eu preciso ser um pouco mais criativa, então isso me ajudou bastante. E também melhorou minhas habilidades de comunicação, porque eu tinha um pouco de dificuldades por ser mais tímida.

Fonte: arquivos da pesquisadora

Ao repassar para a turma os principais conceitos, como por exemplo o significado de omilateralidade, observou-se que eles recebem o proposto por Freire. Uma educação que gera competência técnica, social e crítica. Nota-se que boa parte da turma não assimila e verbaliza com suficiente clareza a categoria aqui usada de formação omilateral, porém mesmo não conhecendo os conceitos, declaram viver sob os princípios dessa formação através de suas falas.

Assim, foi ventilada pelos alunos, de forma indireta nos depoimentos, após uma breve explicação. Declaram ter contato com pessoas de muitos núcleos, com projetos de extensão, acesso a pesquisa. Os alunos têm percepção de que sua trajetória no ensino médio, os proporcionam uma vantagem com alunos de outras escolas que não tem usufruem do acesso que eles possuem.

A omilateralidade está diretamente associado à formação crítica dos sujeitos envolvidos (alunos, professores, gestores), o que em via de regra se refletem no lastro social dos cursos. Com o Técnico em Administração, integrado ao Ensino Médio não foi diferente – mesmo em relação aos alunos mais bem abastados do ponto de vista de condições familiares – somando-se ao evidenciado antes, no tocante ao contato com gente mais adulta, a graduação, outros profissionais, o que, aliás, uma

convivência integral geralmente propicia. Ao serem questionados quando a formação crítica recebida e se isso os tornaram cidadãos mais críticos hoje em função do que vivenciaram no IFTM, os alunos deram as seguintes devolutivas, contidas no Quadro 4:

Quadro 4: B – Três depoimentos com foco: (a) na formação crítica do aluno e o lastro social do curso.

<i>Eu vejo bastante diferença nos professores do ensino técnico que querem mostrar o operacional, é isso, e temos professores que tentam aplicar isso para a sociedade. E isso eu acho muito legal.</i>
<i>Eles [professores/as] nos ensinam e nos fazem entender o que a gente pode aplicar em nossas vidas. O que vai ser importante para não nos passarem a perna na gente, de certo modo. Se a gente for entrar em uma empresa, a gente sabe como aplicar as determinadas regras e os determinados procedimentos, então acaba que isso nos ajuda muito, mas nem todos professores são assim.</i>
<i>A gente acabou tendo muito uma noção de dinheiro também, de como funciona, do porque ele existe, porque querendo ou não, ninguém tem a noção real desse tipo de coisa. Então não só o curso técnico dá essa ideia mais ampla pra gente nesse sentido de correlacionar o sentido das coisas, mas também é as matérias normais. O professor de Biologia por exemplo, também tem esse tipo de preocupação.</i>

Fonte: arquivos da pesquisadora

Outro aspecto que podemos observar é que os alunos ao receberem a formação crítica, inclinam-se para a continuação dos estudos por meio da formação propedêutica.

Como observamos, no começo do grupo focal, quando questionados a respeito de suas expectativas ao escolherem o curso, os alunos se mostram divididos: metade da turma já pensava em formação propedêutica e não tinha interesse em ir para o mercado de trabalho e a outra metade escolheu o curso pela formação profissional, porque visavam ir para o mercado de trabalho de imediato.

Contudo, quase ao final do curso, confrontando o **antes** (do curso) com o **agora** (penúltimo período) a turma é unânime em dizer que vão continuar os estudos e vão fazer Faculdade. Agora o trabalho fica condicionado à condição financeira para alcançar, de fato, um objetivo central que passa a ser a formação propedêutica.

Seguem alguns depoimentos relevantes no Quadro 5:

Quadro 5: C – Seis depoimentos dando conta de uma formação propedêutica como opção, mesmo sob limites, em paralelo à pressão para o trabalho mais imediato – com alguma frustração pelas limitações (mercadológicas) do curso

<p><i>No começo eu entrei, como era uma época pandêmica, eu pensei: ah como eu estudava em escola pública falei ensino remoto já está difícil, então vou procurar alguma coisa de qualidade. O que era acessível pra mim era o IF, então acabou que o curso de administração veio como o que mais eu me via ali, então foi uma consequência, mas eu mudei totalmente a minha cabeça, eu queria uma coisa totalmente diferente da administração, e tal, mas hoje em dia eu consigo ver que além de me proporcionar diversas oportunidades, a parte de administração e ampliar minha mente, eu consigo aplicar no contexto de vida pro futuro que eu quero hoje. E eu quero fazer análise do desenvolvimento dos sistemas, então vou precisar de certas coisas básica da administração. Se eu precisar trabalhar em algum escritório, se eu for um analista de BI, que tem seus próprios requisitos, não precisa nem ter formação em algo relacionado a ciências da computação, quando você tem um técnico em administração já dá certo.</i></p>
<p><i>Bom, eu quando eu comecei, quando eu entrei no curso eu pensava já em ingressar em uma carreira, em trabalhar no banco. Mas quando eu entrei, eu levei um choque de realidade muito grande, pode se dizer, que eu gostava muito da área, sem ter conhecido, hoje eu não gosto tanto. Mas eu imaginei que ia gostar e ia seguir isso o resto da minha vida e hoje em dia eu estou confuso em relação a se eu quero continuar em Administração ou se quero outras coisas.</i></p>
<p><i>Quando eu comecei a fazer o estágio esse ano, eu percebi que não é lá grande coisa assim, Administração não é tão valorizado no mercado, assim atualmente pelo que eu percebi com base no meu estágio, eles não dão muito valor em quem é formado em Administração. E que não vai trazer tantas oportunidades quanto eu esperava, então em relação ao curso de Administração eu acabei quebrando a cara mesmo, e eu não tenho a mínima vontade de me formar em nenhuma área da Administração. A área que eu pretendo seguir é Direito.</i></p>
<p><i>Eu vejo que a sala em si, nós temos muitas histórias muito diferentes, e eu vim de escola particular, e eu vejo a diferença de ensino, então, sei que pra muita gente foi uma melhora, mas pra mim o ensino foi bem mais precarizado, e não é a mesma coisa realmente. O que eu quero fazer é Administração também, eu sei que tem muito estereótipo negativo quanto ao curso de Administração, mas é porque eu quero ingressar ou na carreira de marketing ou na carreira de finanças, então de certa forma o curso me deu certa base, mas eu não diria que foi essencial para eu descobrir que eu queria isso.</i></p>
<p><i>Eu amei o curso, amei a área da contabilidade. Eu acho que hoje em dia, querendo ou não, eu posso ir pra área da administração, tem muita gente nessa área, mas hoje você tem que fazer diferença na sua área. Eu acho que se a pessoa, ela quer, ela vai até onde ela quiser. Por exemplo, eu quero fazer administração, eu posso chegar lá e ser uma profissional comum, ou eu posso fazer a diferença. eu acredito nisso, e também, tenho vontade de seguir na contabilidade, então a administração não vai passar batido igual pra muita gente, pra mim não.</i></p>
<p><i>Não estava nos meus planos entrar no IFTM, eu queria trabalhar, eu já tinha arranjado emprego de carteira assinada, como jovem aprendiz, só que aí entrou a pandemia, e a aí na mesma semana que eu ia trabalhar, já não tinha mais como eu trabalhar, porque meio que cortou, jovem não podia trabalhar por causa do começo da pandemia. E aí, por influência dos meus amigos, eu quis ingressar no IF, sempre focada em administração porque era um curso que abrangia tudo, e eu queria ser advogada antes, e eu acho que o IF é uma escola muito boa, por mais que uma parte negativa dele seja a carga horária, porque é muito difícil ficar o dia todo aqui no IF, sentada, focada, pesando só em estudar. E quando a gente chega em casa, a gente tem que estudar em cima. Por outro lado, o IF, o nome, a escola têm um nome forte, você tem um status e também por causa do IFTM eu consegui um emprego, logo após o estágio, eles queriam me contratar, justamente porque eu era um estudante do IFTM e não porque eu era estudante do curso de administração. Então eu acho que você estudar aqui no IF é um grande diferencial.</i></p>

Fonte: arquivos da pesquisadora

No processo de antes e depois, proposto pela pesquisa, buscou-se salientar as mudanças de visão de realidade do/a aluno/a, experimentada ao longo de sua trajetória no curso. Permitiu-nos perceber que muitos dos alunos entraram com uma ideia, fixa, pré-determinada, ou mesmo incompleta, e, no decorrer da formação foram mudando de conceitos, visão (mais real de mundo) e de expectativas, por conta das experiências vividas. E foram muitos depoimentos apoiando essa afirmativa.

No contraponto ao afirmado acima, também tivemos depoimentos que contrastam com esse fato. Apesar de a maioria enaltecer a formação recebida e as experiências vividas no IFTM, foram notórios os depoimentos que questionam, como veremos, a seguir.

Os depoimentos 3 (*Quando eu comecei...*) e 4 (*eu vejo que a sala em si...*), por exemplo, foram falas típicas de quem não se encontrou no curso. O terceiro depoente faz parte daqueles que “atiram no que vê acertam o que não vê”, ou seja, que entraram sem uma noção mais apurada do que querem para suas vidas. No caso dele(a), queria mesmo é fazer Direito e a Administração não passou de um degrau da escada. O quarto depoente apresentou característica de ser um aluno que veio da rede particular, ou seja, está no IFTM pelo nome que a instituição carrega e buscando administração como estepe ou para tocar os negócios da família.

Pelo que se nota, tanto o terceiro quanto o quarto depoentes não estão focados no ensino crítico, voltado para sociedade, para a omnilateralidade, ou para a formação integral etc. São aqueles que realmente fazem do Ensino Médio uma “ponte”, já que seu principal objetivo é o Ensino Superior.

Chamou-nos a atenção, particularmente, o segundo depoente, que se mostrou meio “sem rumo”, típico de um sentimento que faz parte da idade, à espera de maior amadurecimento. Vale a pena dizer, que percebemos aqui diferentes juventudes, sobretudo que a juventude do IFTM não é a mesma do Irmão Afonso. Como vimos nos dois perfis analisados.

4.2.3 Escola B – turma 3 (da pesquisa de campo)

Ato contínuo, a pesquisa na terceira sala seguiram-se os mesmos critérios propostos na turma 2, ambos do IFTM. Nesta segunda turma do IFTM, (terceira do conjunto da pesquisa) estavam presentes na reunião do grupo focal, na data já mencionada, continuaram presentes na reunião, no dia supracitado, a pesquisadora

Karla Inês Souza Costa, ainda na função de moderadora, o Orientador Otaviano José Pereira, o coorientador Vicente Batista dos Santos Neto como observadores, e o coordenador do curso de Administração Antenor Roberto Pedroso da Silva, recebidos pelos alunos da referida turma, dos quais estavam presentes 27 deles.

A maioria dos alunos deram depoimentos, e nas perguntas de cunho quantitativo todos participaram da pesquisa, revelando igual entusiasmo das turmas já pesquisadas. No caso específico desta turma notou-se, ainda um pouco mais intenso, o desejo de falar sobre o IF – raramente usavam a sigla IFTM.

Do conjunto da turma, 6 alunos vieram de escolas particulares e outros 6 informaram não morar em Uberaba, ou seja, viajam todos os dias para as aulas de tempo integral. Um detalhe que faz muita diferença no investimento pleno (emocional, de tempo, desgastes, gastos etc.), no tocante a permanecerem no curso até o fim, enfrentando, na jornada de três/quatro anos o risco de evasões, transferências, mesmo desistências. Lembrando que dos 6 alunos destacados em cada item de investigação, pode, ou não, coincidir de haver o mesmo aluno em cada item.

Quando questionados sobre suas **experiências anteriores ao curso**, no âmbito de suas escolhas pela instituição de ensino e de curso em foco, 11 alunos responderam que vieram exclusivamente por causa do ensino médio do IFTM, não pela formação integral. Quinze alunos vieram pela formação integrada e 1 não opinou.

Uma vez perguntados em relação a quantos deles escolheram o curso direcionados para formação ao trabalho, 17 levantaram a mão. Dos 27 presentes, 23 já tinham uma mentalidade de cursar Faculdade após a conclusão do Ensino Médio. Se a condição financeira deles/delas permitisse, os 27 gostariam de continuar a formação propedêutica, indo para o Ensino Superior. Porém, dos 27, 20 precisam trabalhar para pagar o curso.

Mudando o contexto, e numa trajetória do tempo ali vivido, trazendo para a (nova) visão de suas realidades estudantis nos dias de hoje (leia-se: fevereiro de 2013, dois anos após essa escolha do curso), os alunos foram unânimes em declarar que ninguém pretende sair do Ensino Médio Integrado e ir direto para o mercado de trabalho. Portanto, ficou patente que todos, “nesse momento”, (leia-se, segundo eles/elas, “caminhando para o final do curso”) pretendem ir para a Faculdade. Contudo, 20 alunos precisarão estar trabalhando para conseguir pagar a Faculdade caso ela seja particular, ou a mesma precisa continuar sendo uma instituição pública – como o IFTM. Neste contexto de percepção do alcance futuro e “vantagem” de estar

no IFTM, 22 alunos afirmaram estar recebendo uma formação de Ensino Médio que possibilita que eles passem em uma instituição pública para ingressar no Ensino Superior.

Observamos que 1 aluno disse que, inicialmente, ao escolher o curso, tinha interesse em usar a formação de Técnico em Administração, mas que no decorrer de sua formação dentro do IFTM, mudou seus conceitos e demandas, e agora não mais quer ir para o mercado de trabalho direto; pretende continuar sua formação fazendo uma Faculdade.

Eu sou uma pessoa que eu gosto de viver a minha vida. Então minhas expectativas, eu não pensava em Faculdade, em tipo assim, ver meu futuro estudando, eu via meu futuro vivendo a minha vida e tendo experiência de vida. Então, dentro da minha realidade, lá em 2019, 2018 eu queria sair da minha bolha e expandir, e o IF era meu canal, era minha asa que eu teria pra voar. Então eu vim mais pensando no trabalho que eu faria depois que saísse daqui, com a formação do IFTM. Eu vim pra Administração porque a administração está em tudo. Só que no meio do caminho, eu fui me descobrindo, fui amadurecendo, e acabei tomando outros rumos; hoje eu já quero fazer uma Faculdade, hoje eu não estou focado mais em sair direto pro trabalho, eu quero ter uma formação antes de viver essas experiências de vida que eu quero viver. Então o Instituto me moldou muito, me transformou em outra pessoa, hoje eu tenho uma outra mentalidade, claro que moldou pra alguns aspectos bons e ruins, porque tudo na vida é uma transformação, mas no geral é isso mesmo. Eu quero fazer Dança ou Letras.

Com isso, neste seu relato, além de confirmar o que vimos na primeira turma do IFTM, (segunda do grupo focal) reforça-se o indicativo de que a formação omnilateral está transformando a vida desses alunos, instigando-os a ampliar o horizonte de conhecimentos - para além do Técnico em Administração, ou a partir dele - de modo a aprimorar a formação profissional, em novos paradigmas pedagógicos. Outrossim, nos faz refletir sobre o fato de a turma 2, de modo unânime, estar, nessa presente data focada em terminar os estudos para iniciar uma formação superior. Vale dizer, literalmente indo na contramão do que em vias de regra é proposto pela formação técnica, cujo objetivo se restringe às demandas de formação para o mercado de trabalho.

Observamos que as turmas 2 e 3 tem perfis diferentes de alunos, e a turma 3 é mais enérgica e polêmica, o que levou algumas partes do debate para respostas que não eram o centro da pesquisa. Isso reduziu um pouco a quantidade de dados relevantes usados na pesquisa, porém, não atrapalhou no resultado e foi satisfatório, tendo em vista que temos material suficiente.

Apenas 2 alunos pretendem permanecer na área de Administração ao continuar sua formação. Os demais citaram que querem seguir nas seguintes profissões: Marketing, Medicina, Veterinária, Estética, Direito, Letras, Psicologia, Engenharia, Odontologia, Música, Dança, Terapia ocupacional, ciências biológicas, licenciatura em história, ciências sociais, enfermagem, cinema, Jornalismo e tornar-se atleta – certamente cursando Educação Física. Isso também é um dado que nos faz refletir sobre os cursos ofertados. Será que estamos fornecendo cursos técnicos que atendem as demandas dos futuros estudantes tão somente ao que o mercado anseia?

Por fim, o aspecto mais determinante, extraído da quase totalidade das falas é que o IFTM está entregando a formação omnilateral proposta, pois 25 alunos, dos 27 que participaram do grupo focal, responderam que recebem esse tipo de formação no instituto.

Vamos aos depoimentos, no mesmo esquema de “blocos” como na sala anterior. Informamos que parte de alguns depoimentos também cabem em outros blocos, tendo em vista a estreita relação sobre o que buscamos – sobretudo o conflito “ir para uma Faculdade” ou “imediatamente pra o mercado de trabalho”. Vide Quadro 6

Quadro 6: A – Quatro depoimentos com foco: (a) no “antes” do curso – projeto e amadurecimento pessoal; (b) no mercado de trabalho; (c) nas relações compartilhadas e (d) numa formação mais abrangente que [apenas] o técnico, com indícios de omnilateralidade.

Minha expectativa era uma coisa muito bonitinha pro que é de verdade, o IF ainda seria minha escolha. (Pesquisadora: Você amadureceu?) Com certeza, porque as coisas que a gente passou. (Pesquisadora: Em que sentido?) Eu acho que hoje em dia eu sou uma estudante muito mais preparada pra Faculdade, pra vida na verdade, a gente aprendeu a levar tapa e não cair.

Acho que muitos professores aqui querem trazer essa visão pra gente da questão de que a gente está na escola, mas que a gente está saindo daqui, justamente, acho que a maioria, que precisa no caso pagar uma Faculdade, pro mercado de trabalho. Então não vou idealizar na minha cabeça, que eu vou chegar em uma empresa, e eles vão cem por cento se importar com a minha saúde mental, se eu estou bem ou não, porque eles querem resultado. Eu sou literalmente uma peça, e se eu estiver dando trabalho, eles vão me eliminar. [...] Mas principalmente no ano passado, tirei uma experiência muito boa disso, eu me colocar no extremo, acho que o IF me obrigou a isso, pra mim foi uma experiência muito positiva.

Eu sempre tive o sonho de vir para o IFTM, porque a minha escola (acredito que quis dizer cidade) não tem um bom ensino, apenas particular, pra quem mora fora sabe que aqui sai com um custo de escola particular, mas eu vim com o sonho e eu realizei meu sonho, superou minhas expectativas em cem por cento. Tudo que eu aprendi aqui, sempre falo que o IF não forma somente para administração, somente para o ensino médio, o IF forma pra vida, prepara a gente pra vida.

“A gente foi preparado para o mercado de trabalho com a experiência do estágio, não é qualquer

pessoa que tem essa experiência. Tem sim muitos professores que pegam mais pesado, mas eu acho que é pelo fato de entender que a gente estar aqui já é algo mais superior, e eu também entendo que o nível dos estudantes varia de acordo com o que acontece na sua vida pessoal, então as vezes alguns tem possibilidades de coisas melhores, outros não. Alguns estão aqui focados em Faculdade, e outros estão aqui focados no mercado de trabalho porque não tem uma condição de pagar uma Faculdade, precisa trabalhar e aqui tem oportunidade pra isso, então pra mim a IF foi uma porta aberta de muitas coisas, várias possibilidades. A convivência o dia a dia, tem momentos que são cansativos, são exaustivos, mas eu não trocaria a IF por qualquer outra escola tanto pela convivência, quanto pelos professores que são de extrema qualidade, são muito qualificados.”

Fonte: arquivos da pesquisadora

B – Depoimentos com foco: (a) na formação crítica do aluno e o (b) lastro social do curso

Neste quesito os depoimentos evidenciaram, pelo menos de forma direta, uma abordagem geral de contentamento, por um lado. Por outro, a classe se mostrou mais crítica quanto à avaliação do curso, pressão por resultados acadêmicos e algumas dificuldades com relação a alguns/algumas professores/as. No entanto, a nosso juízo, sem uma nítida percepção do lastro social do curso, pareceu – apenas impressão à primeira vista – uma turma um tanto “carente” e mais “olhando pra o próprio umbigo” do que ao significado social do curso de Administração. Vejamos os Quadros 7 e 8:

Quadro 7: B – Depoimentos com foco: (a) na formação crítica do aluno e o (b) lastro social do curso

Olhando pro lado do técnico que tive esses dois anos, eu não me arrependo, porque foi uma matéria que me surpreendeu, porque fez eu crescer, o estágio assim como todo mundo, me surpreendeu muito, porque eu pensei, gente eu vou chegar lá no estágio, eles vão ter que ficar me ensinando me mostrando tudo, e eu dei conta de fazer muito mais do que funcionários que eram já formados em Administração. Muitos ficaram até surpresos, de tipo, eu demonstrar tanta habilidade, então eu não me arrependo.

Então assim, aqui no IF, eu acho que a questão da gente ser obrigado a entregar resultados, pra mim eu vejo como um ponto positivo, porque eu me coloco ao extremo, obviamente, tem momentos que a gente surta, mas eu acho que no geral, eu tirei uma experiência excelente de estar começando.

Fonte: arquivos da pesquisadora

Quadro 8: C – Cinco depoimentos dando conta de (a) uma formação propedêutica como opção e resultado, mesmo sob limites, e estresse, (b) com alguma frustração pelas omissões de professores quanto aos problemas (dos referidos alunos).

No começo eu acreditava que seria uma carga horária complicada, só que estando no IFTM eu vi que basicamente o dobro do que eu pensei, então assim, é algo interessante e você vê que você adquire muita maturidade e bastante aprendizado, estando no IFTM; só que é algo totalmente exaustivo. Então assim, eu vejo que a ideia que eu tinha do IFTM era algo cansativo, mas eu não via que teria que ter um tamanho amadurecimento, desse nível para estar aqui.

Com relação ao curso de Administração, eu já entrei meio que decidido porque eu já havia feito um curso de Assistente Administrativo completo, então supriu muito mais minhas expectativas, porque são três anos, eu fiz o curso antes de dois anos, então eu vi muito mais coisas, acredito que agregou muito mais. Eu já entrei aqui com todo mundo me falando que era cansativo, que ia precisar doar muito de mim, que tinha gente que entrava e ficava até quatro horas da manhã fazendo trabalho e pra mim foi realmente foi isso tudo. Eu não tive uma quebra de expectativa nem positiva, nem negativa. É o que eu vim preparada pra ter.

A expectativa que eu tinha do IF em relação ao estudo foi suprida, porque eu tinha expectativa que a gente ia sair daqui realmente formado pra Administração, pro mercado de trabalho. e agora no estágio eu vi que realmente a gente sai preparado, porque eu achei que eu não conseguiria fazer nada no estágio, e assim eu sabia praticamente tudo, mas o ensino médio também é incrível. Só que eles passam uma imagem assim, tipo, o campus é muito humanizado, mas passa uma imagem de que todo mundo vai sempre te compreender aqui dentro do campus, e todos os professores vão sempre estar ali e te entender. E tipo assim, isso eram coisas que falavam até no vestibulinho, meio que um cursinho. E tipo assim, tem professores que, tipo o Bxxx [cita o nome de um deles] que entende os alunos, e ele cuida e entendo o emocional, mas tem alguns professores que eles não estão nem aí para o seu psicológico mesmo, ele fala [agora se referindo a um só] o que tem que falar, é estourado, e assim, eu acho que isso aí quebrou um pouco a expectativa.

Quanto ao Técnico em Administração, eu não entrei aqui pelo técnico, eu entrei pelo Ensino Médio, então se tivesse uma escolha lá de marcar: quero fazer só o Ensino Médio, eu marcaria só o Ensino Médio. Mas assim, vendo Técnico em Administração me agregou muito, não colocava expectativa até porque eu não queria fazer técnico, achei que isso ia me atrapalhar pra estudar pro Ensino Médio, mas não me atrapalhou, só agregou conhecimento. O estágio, também obrigatório, viu que a gente observou que a gente é capaz de estar no mercado de trabalho, agora no terceiro ano, enquanto a [quanto a] relação [professor/a -aluno/a] a maioria ou minoria de professores que tratam a gente como máquina, eu acho que é a minoria.

Comentando sobre minhas expectativas, quando eu entrei também, eu respondi a pergunta que eu vim focada pelo ensino médio. Até porque por eu querer Medicina e ter que passar em [Universidade] Federal, o meu objetivo era, antes, o curso de Administração Técnico, não tinha aula no terceiro ano à tarde, só até o segundo. Então o que eu imaginei, vai chegar no terceiro, que é o ano realmente do vestibular, eu vou poder fazer um cursinho à tarde. Então na real eu entrei em ADM pensando nisso, pensando que além de formar em um curso técnico e aprimorar o meu currículo, [no] terceiro ano eu ia conseguir focar realmente no meu objetivo. Então olhando assim, de quando fiz a inscrição, se for pra pensar de forma inteligente em relação ao meu objetivo final que é Medicina, eu não sei se optaria pelo IF, pelo fato de certa forma eu não estar conseguindo cumprir meu objetivo inicial.

Fonte: arquivos da pesquisadora

A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Segundo essa lei os institutos têm como finalidades e características:

Art. 6º Os Institutos Federais têm por finalidades e características:

- I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;
- II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais (BRASIL, 2008).

Um dos objetivos dos institutos é formar profissionais para ingresso no mercado de trabalho por meio de qualificação mais ampliada. A Educação Profissional Técnica de nível médio tem por objetivo proporcionar ao alunado conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional

Dentro dessa perspectiva, nos foi possibilitado pensar sobre os aspectos que nos levam à busca pela aprendizagem e como o ambiente escolar está atrelado ao ambiente familiar e integrado à dinâmica social, ou seja, desde uma percepção de como a vida social e suas práticas pode nos levar a uma aprendizagem integrada e ativa, ou não.

Essa visão de contexto, ampliado e dinâmico, está totalmente alinhada ao pensamento da autora Jean Lave, que trata da *participação periférica legítima*, pela qual se busca uma aprendizagem ativa, que permite a discussão entre alunos e professores, a troca de experiências das práticas sociais e suas relações de poder, por meio da inclusão em suas respectivas comunidades e contextos. Ainda conforme a autora “aprender é incluir-se”, é um processo de conhecimento que deriva do coletivo e da participação, onde os valores se completam. A aprendizagem consciente por ela apresentada consiste, fundamentalmente, em uma aprendizagem de inclusão.

A sociedade e a escola precisam buscar novas estratégias de convergir seus interesses, possibilitando uma evolução qualitativa da educação de modo a construir e reconstruir permanentemente o próprio cenário educacional. Assim, a percepção que fica, sempre, é a de que ainda não temos soluções prontas, acabadas, mas caminhamos na busca de possibilidade de inovação.

A gestão do conhecimento e das competências precisa se concretizar em estratégias pedagógicas de ensino-aprendizagem para o problema da inclusão. Por meio de uma educação emancipadora o objetivo é sempre – na medida do possível – formação (da juventude) a partir da qual o problema da inclusão seja equacionado, em termos concretos e bem definidos.

Os objetivos de aprendizagem, por sua vez, podem ser grandes aliados na reconstrução de novos métodos de ensino, pautados numa relação de cumplicidade e troca de experiências e saberes, entre o professor e aluno, permitindo uma linguagem de aprendizado que envolva um mútuo compartilhamento de conhecimentos e que possa articular demandas de consciência por meio da oferta de saberes plurais – por exemplo, ao ensinar tecnologias em uma aldeia de índios, num quilombo ou num assentamento do MST, num diálogo campo-cidade.

Seguimos nesse processo de transição, buscando a redução da inclusão e evitando currículos estáticos, que contemplam apenas conteúdos e competências, a fim de alcançar uma aprendizagem ativa mais assertiva para o novo público de estudantes. A ideia norteadora é articular nossos saberes e práticas no anseio de alcançar a construção de uma aprendizagem pautada na cumplicidade e na aplicação de umas linguagens genuínas, reais e coletivas, em que a própria ação de ensino nos permita questionar o porquê de estudar, de modo a gerar conhecimento crítico, estratégico para a vida dos jovens, da comunidade, da sociedade como um todo.

A importância da educação para o desenvolvimento saudável da juventude, está atrelada a questões como o desenvolvimento psicológico, motivação, habilidades sociais, relações interpessoais e muitos outros fatores que torneiam a sua formação.

A educação deve ser usada para libertar a juventude dos diferentes formatos de opressão ao qual ela está inserida. Formando indivíduos, alçados à condição de sujeitos sociais capazes de pensar criticamente sobre as realidades sociais e agir para mudá-las. O ensino pode mudar a realidade desse alunato, de forma que os mesmos possam desenvolver suas habilidades e talentos, como vimos aqui através dos depoimentos.

Ela é a uma fase da vida em que se pode e deve aprender a pensar, examinar, a argumentar, aprender a buscar soluções para os problemas que se apresentam. É também o momento de se construir um projeto de vida, de se descobrir o que se quer e o que se pode fazer para alcançar os objetivos inerentes a tais projetos. A esse conjunto de fatores é que se dá o nome de “competência política”, para além de uma Pedagogia das competências reduzida a habilidades técnico-instrumentais.

4.2.4 Gráficos consolidados do IFTM quanto as perguntas centrais

Dos 55 alunos ouvidos no grupo focal, 33% dizem que suas expectativas antes de iniciar o curso eram de agregar valor para sua formação no sentido de os tornarem aptos ao mercado de trabalho. Os demais que somam 67% já entraram no curso com a expectativa voltada à continuação de sua formação propedêutica, conforme o Gráfico 14.

Gráfico 14: Expectativas antes do curso Escola B

Fonte: Elaboração própria

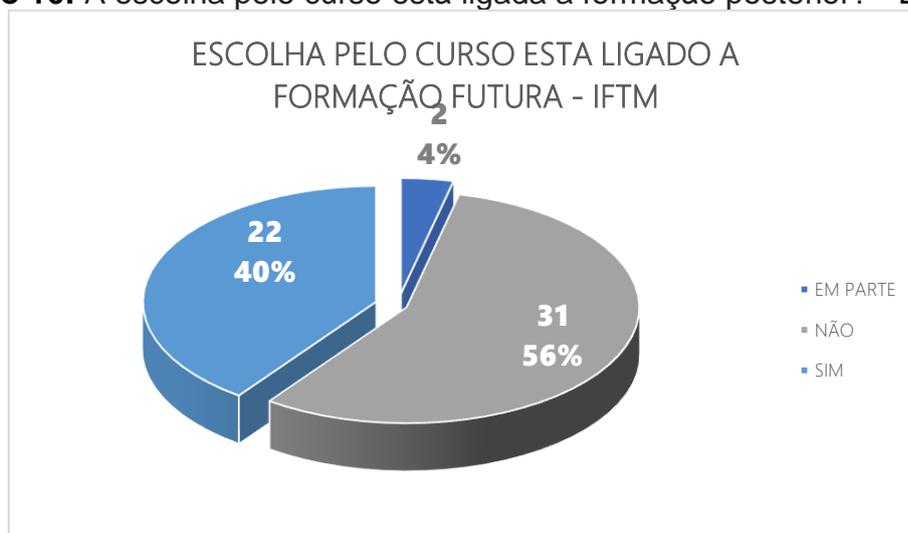
Já no término do curso, suas expectativas mudaram, 100% dos alunos dizem não ter interesse em adentrar no mercado de trabalho de forma imediata. Estão voltados para a formação propedêutica. Porém com uma ressalva: dos 55 alunos, 34 declaram que, se não conseguirem passar em uma faculdade pública terão que cursar a graduação no turno da noite e trabalhar durante o dia para conseguirem pagar a faculdade particular. Vide Gráfico 15.

Gráfico 15: Pretensão ao término do curso da Escola B

Fonte: Elaboração própria

Com relação a escolha da formação técnica em Administração, 40% do alunato fez sua escolha pautado na formação futura, 4 % são relacionados diretamente e 56% não tem nada a ver com a formação escolhida posteriormente, conforme evidencia o Gráfico 16.

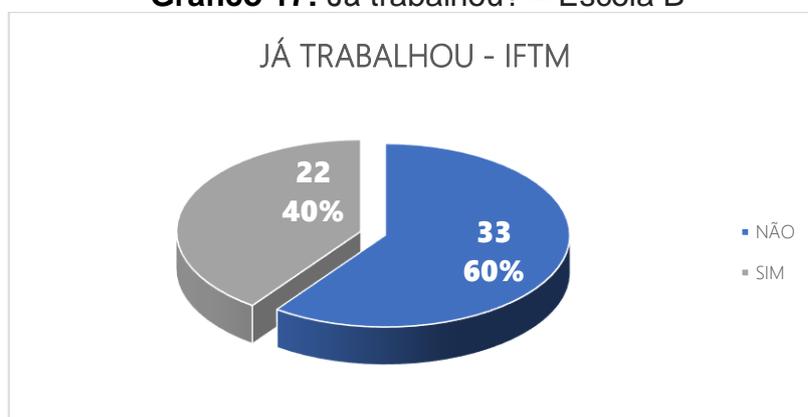
Gráfico 16: A escolha pelo curso está ligada a formação posterior? - Escola B



Fonte: Elaboração própria

Todos os alunos declaram que o único contato que tiveram com o mercado de trabalho foi o estágio não remunerado, oferecido pelo IFTM. Portanto 100% das turmas nunca tiveram um trabalho formal, porém 40%, já passaram pelo estágio, tendo a oportunidade de sentir, na prática, como é atuar na profissão. O Gráfico 17 representa o dado considerando o estágio também como trabalho.

Gráfico 17: Já trabalhou? – Escola B



Fonte: Elaboração própria

4.2.5 Análise Gráfica das duas escolas

Podemos observar, pelo Gráfico 18, que na EEIA, onde temos uma formação mais voltada para o trabalho mais imediato (não necessariamente à Faculdade), também temos um público mais heterogêneo no quesito estado civil, onde boa parte das alunas já são mais “maduras”, no sentido comum da experiência de vida, casadas e responsáveis por parte da renda familiar. Enquanto no IFTM temos uma turma de jovens, sob a tutela de um adulto que, na sua totalidade, são solteiros, ainda não necessitam de suas rendas para sustento da família, mesmo que alguns sejam de baixa renda familiar.

Gráfico 18: Estados Civil Consolidado



Fonte: Elaboração própria

No quesito gênero, a turma da EEIA é, em sua totalidade, do gênero feminino, enquanto a do IFTM é mista, muito principalmente também pelo fato de que os alunos do IFTM fazem o curso concomitante com o curso técnico, o que traz muitos alunos homens. Vide Gráfico 19.

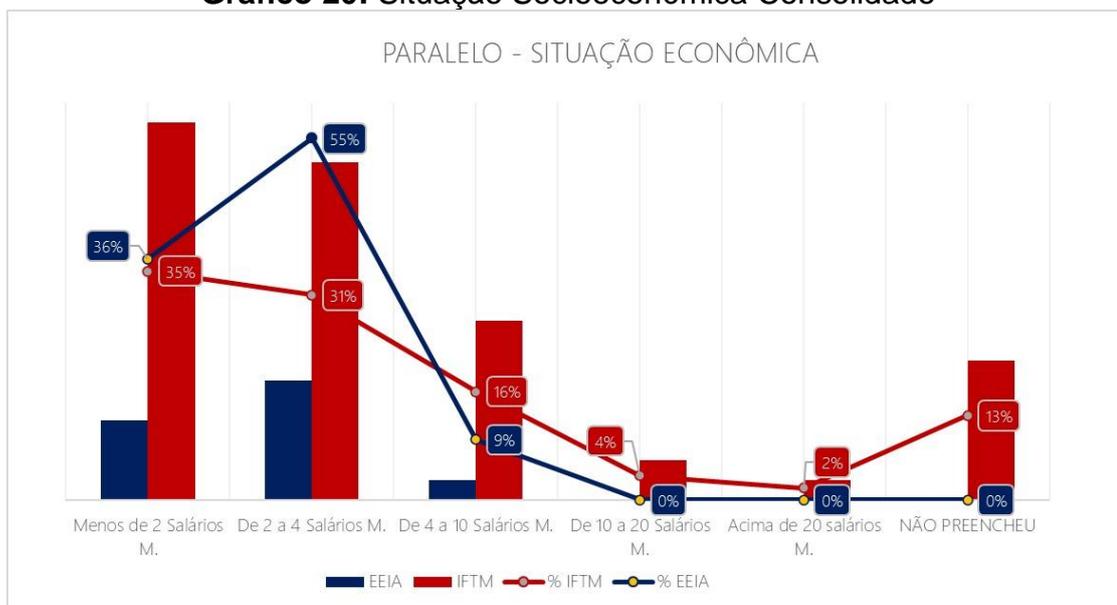
Gráfico 19: Gênero Consolidado



Fonte: Elaboração própria

Nota-se, no Gráfico 20, que na faixa inferior de salários (abaixo de 2 salários) não existe uma diferença tão acentuada entre as escolas A e B. 91% dos alunos da EEIA estão na faixa de até 4 salários-mínimos enquanto no IFTM 66% estão nesta faixa. Na categoria acima de 10 salários apenas o IFTM apresenta alunos.

Gráfico 20: Situação Socioeconômica Consolidado



No caso da pesquisa de campo aqui projetada, após realizados os grupos focais, nas três turmas e suas análises, verificou-se a profundidade e importância da omnilateralidade, na formação dos sujeitos/alunos investigados, jovens em sua maioria, todos declaradamente transformados pelo contexto em que foram inseridos, entre o “antes” e o “depois” – ou o “agora” pela ocasião da pesquisa – a considerar seus depoimentos.

Cabe ressaltar que a educação omnilateral se dissemelha dos termos ensino integrado, ensino holístico e politécnico. Marisa Ciavatta em seu artigo “Porque lutamos?”, fala sobre **Ensino Integrado, Politécnico e Ensino Holístico**. Ela retrata a importância de observarmos que o ensino integrado, a educação omnilateral e a educação politécnica não são palavras sinônimas, embora estejam dentro de um mesmo universo de ações educativas. E isto vale sobretudo quando se trata de ensino médio e de educação profissional.

Na politecnia há um sentido político, de emancipação humana, em que o sujeito-aluno se vê instigado a ser crítico, possa se reconhecer dentro do seu contexto,

vale dizer, num contexto mais geral, de modo e que ele possa se inserir como ser autônomo, pensador de sua formação e suas ações, e livre. Uma formação politécnica tende a superar a divisão social do trabalho em "trabalho manual" e "trabalho intelectual", a partir da qual se estabelece uma divisão da classe trabalhadora, destinada aos trabalhos manuais, e a classe burguesa, a elite, destinada às funções mais intelectuais e de diligência. Ao contrário, (na politecnia) trata-se de uma situação social que a possibilita, também à classe trabalhadora, usufruir-se de uma educação que propicie aos seus filhos também exercer funções intelectuais.

A formação integrada vai além, ao permitir a concretização de um ensino médio integrado a uma educação profissional, só que nessa integração, projeta-se ir além, fazer uma ponte entre as duas formações: técnica e politécnica. Ela também se relaciona, até de modo conflitivo, por se tratar de divisão e luta de classes, com a superação da divisão e dualidade estrutural que acontece tanto na sociedade brasileira como também na educação. É sabido, neste sistema dual, que a classe trabalhadora é “projetada” – instada, conduzida – para uma educação deficitária, carente, fragmentada, e a classe mais elitizada a uma educação de alto padrão, que envolve arte, cultura e ciência. Então, e é para isso que pesquisamos, perseguimos utopias, se pensa na superação dessa divisão entre classes sociais.

O fim da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual em defesa da democracia e da escola pública “de qualidade” social e humana, não exige que a educação profissional seja integrada ao Ensino Médio, mas, no contexto brasileiro, se apresenta como uma necessidade para a classe trabalhadora, que sempre ficou alijada dessa “qualidade” e entregue a uma formação dualista.

Quando falamos do ensino secundário e do ensino profissional, estes pertencem ao mesmo campo de formação no processo educativo mais amplo, no que esperamos ser ações educativas que potencializem a vida dos trabalhadores e de seus filhos.

Para que o trabalho se incorpore à educação básica, é importante que tanto numa questão de trabalho, como princípio educativo, como também como contexto econômico, se lute por uma educação de qualidade e democrática, tanto para o/a filho/a do trabalhador e da trabalhadora, como para o/a filho/a de uma classe mais favorecida.

Dito isto, pelos depoimentos, nota-se que os alunos têm muito apreço tanto pelo IFTM, quanto pelo EEIA. Pudemos ver sua satisfação em estudar nas respectivas

instituições. Mesmo pontuando que a carga horária é muito puxada, comum a ambos, pois uma turma trabalha e estuda e a outra estuda em tempo integral, eles veem a EEIA e o IFTM como a melhor opção, e até afirmam que essas dificuldades fazem com que eles/elas tenham um diferencial, que estão mais preparados para as próximas fases que passarão na vida adulta. Inclusive ao afirmar, em alto e bom tom, que estão mais preparados para o caso de não passar em uma faculdade pública e ter de trabalhar e estudar de forma simultânea.

Em sua obra, *Paulo Freire e a Educação Popular*, de 1996, este educador brasileiro defende que os alunos de escolas públicas têm o direito de ter acesso às mesmas oportunidades que os alunos de escolas particulares.

Freire (1996) defende que as escolas públicas devem oferecer oportunidades iguais para todos os alunos, independentemente de sua origem social. Ele acredita que as escolas públicas devem oferecer programas educacionais que sejam acessíveis a todos os alunos, independentemente de sua origem social. Além disso, acredita e propõe que os programas educacionais sejam relevantes para os alunos e capazes de desenvolver suas habilidades e competências.

CAPÍTULO 5

PRODUTO EDUCACIONAL

Com base nos resultados da pesquisa, observamos que ainda temos muito a ser feito no campo da relação Omnilateralidade e ensino. A formação Omnilateral em todas as turmas pesquisadas, se mostra, se não falha, no mínimo insuficiente. Parte do corpo docente ainda rege seus trabalhos segundo rígidas condutas voltadas exclusivamente à técnica, enquanto outra parte tenta driblar a natureza de ensinar o técnico com essa tão sonhada formação integrada. Com base nessa expectativa de uma melhor prática formativa, com visão de um ensino crítico e integrado, propusemos nosso produto.

Assim, o presente **Produto Educacional**, visa oferecer aos professores e gestores, de todas as áreas de formação e de diferentes lugares e culturas, a troca de experiências na temática Formação Omnilateral, por meio de um Fórum de Discussão Permanente Virtual.

Através de uma plataforma virtual, amplamente divulgada, o Facebook, os interessados pela temática poderão compartilhar suas vivências de forma síncrona e assíncrona de comunicação, além de usufruir de material sobre o tema.

5.1 PROPOSTA DE TROCA DE EXPERIÊNCIA PERMANENTE COM PROFESSORES E GESTORES

5.1.1 Introdução

Este produto trata-se da proposta de um **Fórum Permanente *online***, a ser desenvolvido em ambiente virtual, utilizando a plataforma do Facebook, onde a comunidade de professores e gestores escolares, poderão ter acesso por meio de links.

Trata-se de um espaço de construção coletiva de conhecimento, análise da realidade e de trocas de experiências. O Fórum permite que a teoria e a prática estejam em alinhamento para efetivação de uma práxis educacional transformadora.

Todo processo de comunicação se dará em ambiente virtual, utilizando-se a plataforma do Facebook, uma rede social que conecta pessoas do mundo todo por

meio de perfis pessoais e profissionais, interagindo de forma positiva com experiências de carreira e vida. Esse aplicativo pode ser usado para compartilhar mensagens, links, vídeos e fotos. Em complemento, serve como ferramenta de divulgação de produtos, grupos de discussão, como é o nosso caso, entre muitos outros tipos de comunicação e aprendizado pessoal.

A escolha pelo Facebook foi baseada na sua diversidade de informações e usuários que o acessam. Nosso público-alvo faz uso contínuo da ferramenta, o que vai facilitar a divulgação e adesão ao grupo de discussão e troca de vivências.

5.1.2 Características do Produto

Modalidade: Fórum Permanente de Discussão Virtual

Forma de Oferta: Online

Ferramenta: Facebook

Público-alvo: Professores e gestores.

Objetivo: Estimular a troca de experiências e vivências entre os interessados, e motivar a discussão acerca da Formação Omnilateral.

Temática: Formação Omnilateral

Conteúdo Programático: Os membros do Fórum são convidados a postar suas experiências relacionadas à temática: Formação Omnilateral.

5.2 CONCEITOS E IDEIAS IMPORTANTES: A FORMAÇÃO OMNILATERAL

Paulo Freire descreve a dualidade da escola profissional para pobres e de formação para classes mais favorecidas como “seletiva”. Sugere que novos projetos, mais arrojados, humanos, solidários e fraternos devem tomar lugar frente a educação mecanicista adotada. Um campo fértil para consolidar o direito à implantação da formação omnilateral.

Trata-se de uma preocupação que já fica implícita em sua obra *Pedagogia do Oprimido* – mesmo quando não trata do tema da *omnilateralidade* mais diretamente – quando Freire levanta a questão da importância de os excluídos participarem de uma jornada de libertação:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1987, p.17).

Neste sentido, observa-se que:

Se as circunstâncias em que este indivíduo evoluiu só lhe permitem um desenvolvimento unilateral, de uma qualidade em detrimento de outras, se estas circunstâncias apenas lhe fornecem os elementos materiais e o tempo propício ao desenvolvimento desta única qualidade, este indivíduo só conseguirá alcançar um desenvolvimento unilateral e mutilado (MARX; ENGELS, 2011, p. 43).

O desenvolvimento do indivíduo consiste em rejeitar esta visão unilateral e mutilada da educação, não a aceitando como única forma de formação, na qual o indivíduo é determinado pelas relações econômicas e sociais, limitando-se à reprodução de ideias alienadas. Uma escola unitária pode se tornar um projeto educacional que aponta o caminho para o desenvolvimento da sociedade humana, não apenas limitada ao progresso tecnológico. Nesse sentido, assinalaremos elementos para uma reflexão preliminar sobre a escola única e sua relação com a formação omnilateral.

A concepção de Formação Omnilateral busca desenvolver os sujeitos em todas as dimensões da vida humana. De acordo com Ramos (2014) essa integração diz respeito a uma concepção de formação humana que tem como base todas as dimensões indissociáveis da vida humana, o trabalho, a ciência, a cultura e a tecnologia, no processo educativo.

A Educação Profissional e Tecnológica – EPT, tem significativo peso no desenvolvimento desse sujeito social (o aluno) em seu itinerário formativo, tendo em vista uma nova identidade institucional dos Institutos Federais, desde sua criação em 2008. Por outro lado, o próprio avanço tecnológico torna o mercado de trabalho mais competitivo e excludente, o que reflete diretamente no ingresso e permanência do

cidadão no mercado de trabalho, instigando o aluno a “ter de optar por isso ou aquilo”, nem sempre numa livre escolha.

Diante das várias discussões acerca da educação politécnica, em meados dos anos de 2004, chegou-se à conclusão de que as necessidades da sociedade atual não permitem que os filhos da classe trabalhadora tenham que chegar aos 20 anos para adentrar ao universo do trabalho. Necessitam inserir-se o quanto antes no mercado de trabalho para contribuir com a renda familiar, devido a desigualdade socioeconômica estrutural do país. Sob o dualismo estrutural supracitado e que repica na formação escolar, estes, “por destinados” são aqueles que não receberão uma formação omnilateral, a que Marx aludiu como necessidade, intrínseca, ontológica.

De qualquer forma, um avanço, numa “nova” abordagem (à época) condizente à proposta da formação omnilateral, defendida pela Educação Profissional do nosso século, nitidamente inspirada em Marx.

A Constituição Federal no seu artigo 205, diz:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL,1988).

A integração dos saberes pela conexão do ensino médio e a formação técnica para o trabalho, promove um diálogo de conhecimento que envolve o científico, o tecnológico, o social e o humanístico, por meio do desenvolvimento das habilidades.

Se a preparação profissional no ensino médio é uma imposição da realidade, admitir legalmente essa necessidade é um problema ético. Não obstante, se o que se persegue não é somente atender a essa necessidade, mas mudar as condições em que ela se constitui, também é uma obrigação ética e política garantir que o ensino médio se desenvolva sobre uma base unitária para todos. Portanto, o ensino médio integrado ao ensino técnico, sob uma base unitária de formação geral, é uma condição necessária para se fazer a “travessia” para uma nova realidade (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS,2005, p.43).

Três sentidos são atribuídos por Ramos (2008): a **formação omnilateral**, integral, completa, a indissociabilidade entre educação profissional e educação básica, e a integração de conhecimentos gerais e específicos como uma totalidade.

Com a escola unitária mostrou-se a possibilidade de superação de pessoas alienadas pelas relações de produção e consumo. Ainda há um longo caminho a

percorrer para uma formação mais humana. Mas não podemos esperar as condições perfeitas para prosseguir com essa formação. Precisamos trabalhar de acordo com as condições do nosso tempo, as limitações e contradições que vemos na contemporaneidade. Refletir sobre a relação entre educação e trabalho é a base para entender as contradições do sistema educacional e mesmo do sistema social e buscar uma saída. Entender sempre que os caminhos são possibilidades, não verdades estabelecidas e imutáveis, mas sem “fingir” que está tudo bem, nem nos atolar em retóricas onipotentes. É possível estabelecer possibilidades concretas de mudança, vendo-as sempre não como efêmeras, mas frutos de um processo dialético não apenas “mudancista” (mudança pela mudança) mas radicalmente transformador, a partir do qual nunca mais seremos os mesmos.

Não encontraremos a mesma realidade em todas as escolas, nas disciplinas, enfim, precisamos pensar em uma educação que liberte a todos. É na emancipação que devemos buscar o caminho, refletindo constantemente sobre nossa prática e nosso papel como educadores, sabendo de nossas responsabilidades para com as escolas enquanto espaço formador de sujeitos que podem perseguir e construir práticas pedagógicas que modifiquem as condições sociais, ao criticar e questionar as ideologias dominantes, usar modelos de formação omnilateral, revelando e superando contradições apresentadas, são ações que podemos optar ao educar.

A Omnilateralidade pode ser um meio de superar a divisão do homem moderno que parou para refletir e apenas fazer, mas para isso precisamos saber que a formação Omnilateral é utilizada como disciplina dedicada à humanização do próximo.

Para tanto, é necessário comprometimento com a práxis tanto no trabalho, como na escola e na comunidade.

[...] atualmente parece que estamos atingindo o limiar desse mesmo processo quando o próprio desenvolvimento da base produtiva coloca a necessidade de universalização de uma escola unitária que desenvolva ao máximo as potencialidades dos indivíduos (formação omnilateral), conduzindo-os ao desabrochar pleno de suas faculdades intelectuais-espirituais. O processo de produção se automatiza; em outras palavras, se torna autônomo, autorregulável, liberando o homem para a esfera do não-trabalho. Generaliza-se, assim, o direito ao lazer, ao tempo livre, atingindo-se o “reino da Liberdade” (SAVIANI, 2003, p.148).

A formação omnidirecional tem um caráter holístico que possibilita a formação humana plena, visando o desenvolvimento do homem como um ser “não-alienado e

dotado de uma formação verdadeiramente humana, omnilateral” (SOUSA, 1999, p. 100).

Para tanto, é preciso analisar e refletir sobre as realidades concretas das condições desumanas em que muitos homens e mulheres se encontram no trabalho e a extrema especialização dos processos de trabalho que limita a capacidade humana de formação.

A omnilateralidade refere-se à humanização do ser humano – o que não se trata de uma mera tautologia – formando uma pessoa que nega ser apenas um trabalhador ou um intelectual, e se entende como um ser em constante transformação e formação. Vale dizer um “ser genérico dotado de uma quantidade de manifestações verdadeiramente humanas, como homem não-alienado” (SOUSA, 1999, p.101).

Na formação omnilateral o sujeito é capaz de desenvolver suas habilidades de forma integral, constituindo o desenvolvimento educacional maior do que o ensinado na escola, numa construção desalienadora (MOURA, 2013). Para discutir os termos dessa formação é fundamental remeter a práxis dos professores aos princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96 (BRASIL, 1996) e a muitos outros aspectos legais e práticos. Para tanto, a interação e troca de experiências, entre esses profissionais os envolvidos na prática educacional, entra como condutor nessa jornada. Foi com esta finalidade que criamos e disponibilizamos um Produto Educacional.

5.3 PROPOSTA

O **Produto Educacional** aqui apresentado faz parte de uma dissertação de Mestrado em Educação intitulada “A FORMAÇÃO OMNILATERAL E A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO: Um relato dos alunos dos cursos técnicos em administração do IFTM – *Campus* Uberaba e da Escola Estadual Irmão Afonso” – Uberaba. Trata-se de um estudo paralelo entre duas instituições públicas, uma da Rede Estadual e outra da Rede Federal. Foi realizada no Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Mestrado em Educação Tecnológica, do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) – Campus Uberaba.

O Produto Educacional, de forma geral, consiste em criar um Fórum de Discussão Permanente Virtual onde as partes interessadas possam interagir através

de postagens de suas vivências, troca de mensagens, vídeos ao vivo, divulgação de conteúdo, entre outras modalidades oferecidas pelo aplicativo.

O acesso ao referido **Produto Educacional**, sob a forma de um **Fórum de Discussão Permanente Virtual**, onde as partes interessadas possam interagir será via link: www.facebook.com/groups/formacaomnilateral/, ou convite direto do canal. Este link será divulgado na rede estudantil e via aplicativo do Facebook, com propósito de unir forças para uma educação mais humana e completa.

Nessa proposta foi criado o **Fórum de Educação – Formação Omnilateral**, como ferramenta para que possamos avançar na prática o que temos como teoria de formação. O grupo de discussão já está ativo, conforme a Figura 4, e aceitando membros. Sua abrangência é pública para alcançar o máximo de pessoas possíveis.

Figura 4: Folha de rosto do Fórum de Educação – Formação Omnilateral



Fonte: Elaboração própria

Foi feita uma breve introdução, na descrição do grupo, para informar aos membros do grupo sobre seus objetivos.

Figura 5: Descrição do Fórum

Configurar grupo

Nome e descrição

Nome
Fórum de Educação - Formação Omnilateral

Descrição
Este fórum trata-se de um espaço de construção coletiva de conhecimento, análise da realidade e de trocas de experiências. O Fórum permite que a teoria e a prática estejam em alinhamento para efetivação de uma práxis transformadora. Visa oferecer aos professores e gestores, de todas as áreas de formação e de diferentes partes do mundo, a troca de experiências na temática Formação Omnilateral, por meio de um Fórum de Discussão Permanente Virtual.

Participe, compartilhe conhecimentos, troque idéias, vamos fazer desse canal uma ferramenta de construção do conhecimento.

Cancelar Salvar

Fonte: Elaboração própria

Para maior segurança do grupo e visando evitar que sejam postados vídeos fora da temática, foram criadas algumas regras para permanência no mesmo. Vide Figura 6.

Figura 6: Regras do Fórum

Regras do grupo Criar

- 1 Seja simpático(a) e gentil**

Precisamos nos unir para criar um ambiente acolhedor. Vamos tratar todos com respeito. Discussões saudáveis são naturais, mas seja gentil e educado(a).
- 2 É proibido discurso de ódio ou bullying**

Todos devem se sentir seguros. O bullying de qualquer tipo não é permitido, e comentários degradantes sobre raça, religião, cultura, orientação sexual, gênero ou identidade não serão tolerados.
- 3 É proibido promoção ou spam**

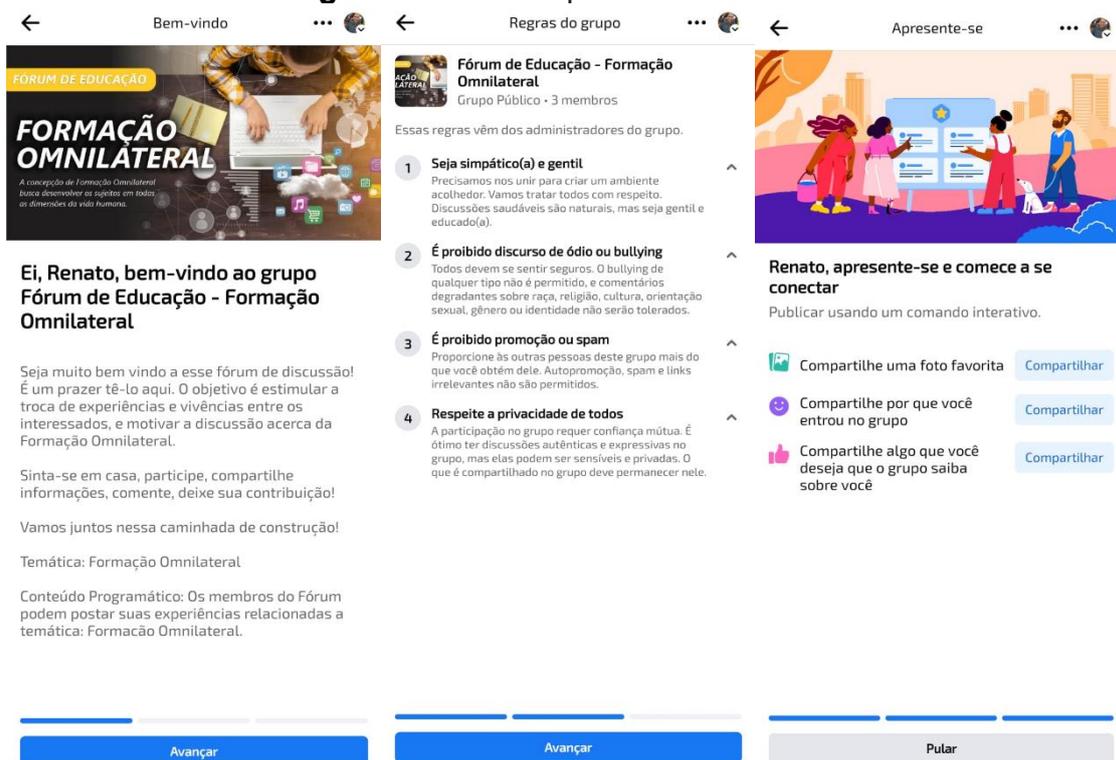
Proporcione às outras pessoas deste grupo mais do que você obtém dele. Autopromoção, spam e links irrelevantes não são permitidos.
- 4 Respeite a privacidade de todos**

A participação no grupo requer confiança mútua. É ótimo ter discussões autênticas e expressivas no grupo, mas elas podem ser sensíveis e privadas. O que é compartilhado no grupo deve permanecer nele.

Fonte: Elaboração própria

Ao aceitar o convite para participar como membro, o usuário é instruído a passar por três telas principais. São apresentadas na Figura 7:

Figura 7: Telas de primeiro acesso ao Fórum



Fonte: Elaboração própria

Com intuito de estimular a interação entre os membros, serão feitas publicações iniciais; porém, o objetivo é que todos da comunidade virtual, se assim o desejarem, postem suas próprias observações dentro da temática, alimentando o *feed* do Fórum.

A primeira postagem, vista na Figura 8, tratou do conceito de Omnilateralidade – como no exemplo antecipado anteriormente, e enquanto um primeiro “aquecimento” de ensaio de participação e discussão.

Figura 8: Publicação do conceito de Omnilateralidade no feed do Fórum.



Fonte: Elaboração própria

Esse trabalho tem por objetivo estreitar o processo de comunicação entre os profissionais de várias hierarquias da educação, por meio de sua aproximação, falando do assunto, buscando novas soluções através da troca de experiências / vivências e conteúdos. Para tanto, entendemos que, em plena era do conhecimento em rede, cumpre-nos unir forças em prol desse objetivo em prol da melhoria do desempenho didático do profissional de educação, esteja ele em qual escala da hierarquia que estiver. A visão do todo deve estar alinhada no mesmo propósito para que o fim seja uma práxis pedagógica e tecnológica que sedimente sua ação profissional cada vez mais interativa, dialógica, emancipadora.

5.4 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição de 05 de outubro de 1988**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005a.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MARX, K. **O Capital**. 3ª ed., São Paulo: Nova Cultural, volume 1, 1988.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOURA, D. H. **Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?** Educação Pesquisa, v. 39, n. 3, p. 705–720, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/10.pdf>>.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 41ª ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, D. **O choque teórico da politecnia. Trabalho, Educação & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 115-130, 2003.

SOUSA Jr., J. de. Politecnia e omnilateralidade em Marx. In: **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte: NETE, jan/jul, 1999, n. 5, p. 98-114.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade, culturalmente, alimentou um formato de educação escolar proveniente de uma linhagem de autoritarismos e exploração. Hoje, estamos no processo de busca de novos rumos para que possamos escrever uma nova história daqui em diante. Para que possamos superar tantos desafios postos, é necessário que as práticas de ensino estejam direcionadas ao âmbito da pesquisa, às didáticas e à formação de professores.

Conhecer nossas fragilidades nos remetem a novas conquistas e novos desafios. Daí a necessidade de estudar os objetivos de aprendizagem para nos apropriarmos de seus benefícios e tomarmos ciência de suas fragilidades, a fim de alcançar um processo de aprendizagem mais rico e melhor direcionado.

Esse tipo de aprendizado pode alavancar uma sociedade e mudar as estruturas que abrigam e sustentam a construção do saber escolar, o que só se torna viável a partir de métodos dinâmicos, criativos e proativos. A aplicação de estratégias de ensino e aprendizagem, como metodologias ativas, sala de aula invertida, aprendizagem em rede e tantas outras que temos como inovadoras e atuais, produzem transformação no campo da educação. Tais caminhos são importantes, mas não bastam por si mesmos, correndo o risco de virar “modismos”.

Observando as respostas às perguntas de pesquisa, ficou notório que a Pedagogia das Competências, tão alardeada em nossos dias (década de 2020) tem sido cada vez mais utilizada como uma abordagem de ensino para preparar os alunos para o mercado de trabalho e as demandas da sociedade contemporânea. Ela se concentra em habilidades e conhecimentos práticos que são relevantes para as necessidades do mercado. Se isso é o bastante, para quem insistir em uma formação omnilateral? Basta-nos uma Ética do ajuste da formação escolar ao paradigma de formação empresarial.

Embora a Pedagogia das Competências possa ser útil para ajudar os alunos a se adaptarem ao mercado, não é suficiente para uma formação integral do ser humano. Para alcançar esse objetivo, é necessário integrar outras abordagens de ensino que promovam valores humanos, éticos e morais, além do desenvolvimento das habilidades técnicas. Para conseguir uma formação integral do ser humano, é necessário adotar uma abordagem mais holística e integrada que promova o

desenvolvimento de habilidades técnicas e emocionais, bem como valores humanos e éticos, o que as três turmas, à sua moda, aventaram em suas respostas.

No entanto, no campo da formação em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sua aferição é uma questão complexa, pois envolve avaliar tanto as competências técnicas quanto as habilidades socioemocionais e éticas dos indivíduos formados nessa área. Além disso, o mercado de trabalho pode ser um indicador importante, mas não deve ser o único utilizado para avaliar a “qualidade pedagógica” da formação em EPT.

Longe de considerar a EPT como uma ilha isolada do mundo real. Uma forma de avaliar a formação em EPT é por meio da adoção de padrões de qualidade e competências técnicas reconhecidas nacional e internacionalmente, que podem ser utilizadas como referência para a avaliação de programas e instituições de ensino. Também é importante avaliar a qualidade dos recursos e equipamentos disponíveis nas instituições de ensino, bem como a qualificação e experiência dos professores e instrutores.

Além disso, a avaliação dos resultados dos alunos também é um indicador importante para avaliar a qualidade da formação em EPT. Isso pode ser feito por meio de estimativas regulares dos alunos, como testes práticos e teóricos, projetos e trabalhos em grupo, bem como por meio do acompanhamento dos egressos no mercado de trabalho e sua capacidade de se adaptar às demandas da indústria. Não estamos negando o aporte de ingredientes de avaliação, sobretudo os quantitativos. No entanto, é importante lembrar que o mercado de trabalho nem sempre é um indicador confiável da qualidade da formação em EPT. A competência instrumental e técnica não devem ser uma preocupação única dos programas de EPT.

Quanto ao perfil dos alunos que estamos formando em cada curso pesquisado, e quais desses alunos estão realizando o curso na expectativa do trabalho após sua formação e quais deles estão centrados na formação propedêutica, concluímos que ao olharmos para os contextos da Escola Estadual e do Instituto Federal aqui estudados, ainda que no olhar em um único curso técnico pudemos observar que ainda existe muita diferença entre os perfis de alunos que nos fazem refletir se estamos entregando a educação proposta por Freire.

De um lado temos a EEIA, alunas mais velhas, que passaram por longos períodos fora da escola, frutos de uma sociedade explorada pelo capitalismo, e todas (11 alunas) tão somente em busca de um pouco de melhoria de vida. Alunas com

condições socioeconômicas limitadas, em geral com baixo nível de vida e renda. Histórias de vida sofridas, nos limites do abandono social e à procura de melhores oportunidades. Podemos notar sua escassez de estudo pelas próprias falas, rodeadas de erros de português e sem muita acuidade intelectual e acadêmica.

Do outro lado, temos no IFTM, alunos com falas um pouco mais robustas e concisas do ponto de vista conceitual, embora vazadas de gírias próprias da idade. Uma turma jovem, mista, com alunos que vieram de escola particular e pública, cujo foco é a **educação propedêutica**, a grande maioria visa o curso de medicina. Apesar de serem alunos cujas famílias têm baixas rendas, não podemos desprezar o fato de que ali estão os melhores alunos das redes estaduais e que as salas também são compostas por estudantes oriundos da rede particular de ensino. Por isso, a fala de muitos em estar ali pelo ensino médio de qualidade que a instituição entrega. Eles estão focados em adquirir conhecimento para realização de vestibulares do setor público, inclusive, obtenção de bolsas. Por suas falas, podemos concluir que estão alcançando essa formação propedêutica, e o Instituto por sua vez alcançando a excelência de sua proposta de ensino.

Os alunos do IFTM têm a oportunidade de só estudar, mesmo que em período integral, enquanto os da EEIA precisam trabalhar durante o dia e estudar a noite. Para ambos a carga horária é sofrida, mas o fato de estudar à noite reduz a capacidade de aprendizado do alunado noturno, por já estarem cansados ao chegarem na escola. Enquanto o alunato do IFTM tem mais oportunidades de acesso a pesquisa, a professores mais qualificados e a conteúdos mais profundos.

Com isso concluímos que ainda há muito a ser feito. A desigualdade ainda é muito discrepante. As diferenças sociais ainda permeiam a formação de nossos alunos. Claramente podemos ver que o grau de educação está relacionado com a renda e o trabalho. Essa diferença educacional pode estar atrelada aos resultados de aprendizagem e tem origem na vida social. Quanto maior a renda, melhor condições de sucesso, e vice-versa. Daí a necessidade de colocar em prática o fórum de discussão proposto no Produto Educacional, de criarmos novas diretrizes governamentais, de termos mais financiamento e avanços no campo da educação.

Também podemos destacar que na EEIA, na sua totalidade de alunas, optaram pelo curso exclusivamente buscando por uma melhoria no currículo para alcançar uma oportunidade no mercado de trabalho. Porém, ao passarem pela formação muitas mudaram suas mentalidades a ponto de hoje estarem idealizando, ou até mesmo já

realizando, uma formação a nível superior. Alcançaram o objetivo pré-estabelecido, e por meio da formação humanizada que receberam de alguns professores foram além e hoje colocam como propósito um novo rumo para suas vidas.

As turmas do IFTM, por sua vez, nos surpreenderam. Muitos entraram unicamente interessados no ensino médio. Outros poucos, até entraram no curso pensando em ir para o mercado de trabalho, porém, também evoluíram em suas expectativas e hoje almejam o ensino superior antes de irem para o mercado de trabalho. E existe entre eles uma incerteza quanto a terem que trabalhar para pagar a faculdade, caso não passem em uma instituição pública, porém, só vão trabalhar, caso isso ocorra. Porque é unânime em ambas as turmas que o único motivo de procurarem um emprego de imediato seria para que pudessem pagar a faculdade, no caso da mesma ser particular.

Isso nos sinaliza a preocupação inicial de que estamos formando técnicos que, provavelmente, não irão exercer sua profissão como técnico e mesmo que o façam, será por tempo determinado até que alcancem a formação desejada. Pois suas escolhas pelo técnico em administração, é direcionada para a formação em poucos casos. Para a maioria dos alunos o fator principal pelas escolhas é o fato de ser um curso genérico que abrange várias áreas de formação. Como dito, grande parte irá para a área de saúde, computação dentre outros. Usam o curso como um degrau para usufruir da formação propedêutica oferecida pelo instituto.

Muitos alunos sinalizaram que o IFTM lhes proporciona grandes chances de passar em uma federal ou qualquer outra instituição do governo. Para eles o instituto lhes dá tanto a formação técnica, quanto a formação omnilateral proposta em suas diretrizes.

Em ambas as escolas, nas três turmas estudadas, houve muitos elogios tanto em relação a instituição, quanto ao corpo docente e o curso em si. Os alunos se sentem realizados por terem feito o curso em que estão.

A escola pela qual desejamos, é um caminho pelo qual ainda estamos percorrendo e cada um de nós tem uma responsabilidade nessa evolução e nesse processo. Como profissionais da educação, estamos no caminho para uma educação que ainda não experimentamos em sua plenitude. Essa caminhada nos tem feito pesquisadores, e a vivência nos tem levado a novos conhecimentos e experiências. Continuemos no propósito de ensinar e construir um pensamento mais crítico, mais atualizado e mais voltado a pesquisa e inovação, para com nossos alunos.

A pergunta de pesquisa sobre qual o perfil de aluno estamos formando poderia ser respondida de modo genérico, sobre o “já sabido”, mas não em detalhes em torno dos limites temporários do próprio processo de formação que almejamos – e pelo qual lutamos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. **A Fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista. São Paulo, Ed. Cortez, 2017.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 151.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A condição da informação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67, 2002.
- BRASIL. **Constituição de 05 de outubro de 1988**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1988.
- BRASIL. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004**. *Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 01 set. 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 6.302**, de 12 de dezembro de 2007. Institui o Programa Brasil Profissionalizado. Brasília, 2007b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6302.htm. Acesso em: 01 set. 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 01 out. 2021
- ClAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Trabalho Necessário**, v.3, n.3, 2005.
- COLOMBO, Irineu. Brasil profissionalizado: um programa que sistematiza na prática a educação profissional e tecnológica. **Especiais, Projetos**. Brasília: MEC/SETEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/artigos_brasil_profissionalizado.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021
- CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 6.
- DEAN, Warren. A industrialização durante a República Velha. In FAUSTO, Boris (org). **O Brasil Republicano**: Estrutura de poder e economia (1889 – 1930) (História geral da civilização Brasileira). 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 255.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 3º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Primeira e Segunda partes - p.1-26).
- DESCARTES, René; ENGELS, Friedrich. **La ideologia alemana**. Montevideo: Pueblos Unidos; Barcelona: Grijalbo, 1974. p.19.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Morales, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Paulo Freire e a Educação Popular.** São Paulo: Cortez Editora, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Edith Ione dos Santos. **Construção curricular e demarcação discursiva: gênese e afirmação da proposta Escola Cidadã de Porto Alegre.** (Tese de Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. (Org.). **A formação do cidadão produtivo: a cultura do mercado no ensino médio técnico.** Brasília, DF: INEP, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições.** São Paulo: Cortez, 2005a.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **A Gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita.** Rio de Janeiro: Mimeo UFF/UERJ, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A política de educação profissional no governo Lula: um percurso histórico controvertido. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1087-1113, out. 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a construção democrática no Brasil: da ditadura civil-militar à ditadura do capital. In: FAVERO, O.; SEMERARO, G. (Org.). **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 53-67.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Fazendo pelas mãos a cabeça do trabalhador: trabalho como elemento pedagógico na formação profissional. **Conferência Brasileira de Educação**, 2., 1982, Belo Horizonte. Anais... Rio de Janeiro: SENAC/DIPLAN, 1983.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O Brasil e a política econômico-social: entre o medo e a esperança.** Observatório Social de América Latina, Buenos Aires, n. 14, p. 95-1004, maio/ago. 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho – educação e tecnologia: treinamento polivalente ou educação politécnica? In: SILVA, Tomaz T. **Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GRAMSCI, Antonio Sebastiano Francesco. **Cadernos do cárcere.** v. 1. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio Sebastiano Francesco. **La alternativa pedagógica.** Barcelona: Editorial Fontamara, 1981.

GRAMSCI, Antonio Sebastiano Francesco. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.

HAYTER, Christopher S.; RASMUSSEN, Einar; ROOKSBY, Jacob H. Beyond formal university technology transfer: Innovative pathways for knowledge exchange. **The Journal of Technology Transfer**, v. 45, p. 1-8, 2020.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IFTM - Instituto Federal do Triângulo Mineiro. **Técnico em Administração**: Informações sobre o curso. Ministério da Educação IFTM, 2019. Disponível em: <<https://iftm.edu.br/cursos/ituiutaba/tecnico-concomitante/administracao/>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (Introdução - p. 62 - 83).

KUENZER, Acácia Zeneida. **A Pedagogia da fábrica**: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez, 1985.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino médio e profissional**: as políticas do estado neoliberal. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão incluyente e inclusão excluyente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. **Capitalismo, trabalho e educação**, v. 3, p. 77-96, 2004. Disponível em: <http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/exclusao_incluyente_acacia_kuenzer.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm>. Acesso em: 17 mar. 2023.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. (Introdução / Livro I / Livro II – p. 29 – 62).

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. *In*: **1ª Conferência Nacional da Educação Profissional e Tecnológica**, 2006, Brasília. Anais da 1ª Conferência Nacional da Educação Profissional e Tecnológica, Brasília, MEC, 5 a 8 de novembro de 2006.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação Pesquisa**, v. 39, n. 3, p. 705–720, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/10.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MUSSALIM, Fernanda. Sociolinguística. *In* MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003.

PACHECO, Eliezer. Desvendando os Institutos Federais: identidade e objetivos. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 4, n. 1, p. 1-22, 2015. Disponível em: <<https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/download/575/437>>. Acesso em: 17 mar. 2023.

POCHMANN, Marcio. **O trabalho sob fogo cruzado**: Exclusão, desemprego e precarização no final do século. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PORTELA, Raíssa; OLIVEIRA, Nelson. Perspectiva de trabalho híbrido no pós-pandemia

mobiliza organizações e legisladores. **Agência Senado**, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/03/perspectiva-de-trabalho-hibrido-no-pos-pandemia-mobiliza-organizacoes-e-legisladores>. Acesso em: 17 mar. 2023

ROITMAN, Isaac; RAMOS, Mozart Neves. **A Urgência da Educação**. São Paulo: Moderna, 2011. 154 p.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politecnicidade. **Trabalho, Educação & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 115-130, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9 ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 2006.

SCARPETTA, Stefano. Activation and employment support policies in OECD countries. An overview of current approaches. **IZA Journal of Labor Policy**, v. 1, p. 1-20, 2021.

APÊNDICES

APÊNDICES A – TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA TURMA 1 - EEIA

TRANSCRIÇÃO AUDIO TURMA 1 EEIA

Professora Karla: Então pessoal, nós estamos aqui agora hoje pra fazer essa roda de conversa. Nada formal. O título da nossa pesquisa pra a nível de conhecimento de vocês é: A formação Omnilateral e a formação para o trabalho: um comparativo entre o curso técnico em administração do IFTM e da Escola Estadual Irmão Afonso. Nós passamos pra vocês preencherem aí uma ficha. Essa ficha não consta o nome de vocês porque tudo que vocês falarem aqui é confidencial, na questão da ética vai ser tudo mantido em sigilo, tá? Esse sigilo é por tempo indeterminado. Todos os dados que vocês nos fornecerem vão constar como por exemplo: elemento um, elemento dois, elemento três, então o nome de vocês não vai aparecer em nada, só o dado mesmo da informação. Junto também passamos o termo de consentimento, de livre esclarecimento, lá também fala tudo isso que eu falei, se vocês lerem vocês verão que está mantendo aqui o sigilo das informações que vocês vão dar pra nós ok? E quem for de menor depois vai precisar levar pra um pai ou a mãe assinar. Nós estamos aqui com o professor Vicente ele é coordenador do curso de alimentos, né Vicente?

Professor Vicente: Agora não mais, sou professor do bacharelado em administração, sou administrador com a Karla, né? Estudamos juntos na ciência econômicas e no momento sou professor do mestrado na estrada da educação.

Professora Karla: E e temos o doutor Otaviano que é também professor lá no IFTM e ambos são os meus coordenadores desse projeto. Pode falar professor Otaviano.

Professor Otaviano: É eu sou professor há doze anos agora né? E esse trabalho da Karla é muito importante. Extremamente importante será uma pesquisa feita em paralela com uma outra situação. Nós estamos vivendo num período de muita pesquisa né? Que fala muito de pesquisa, inclusive eleitoral pesquisa de pandemia, né? E essa aqui não é uma pesquisa de rua, nada disso, muita gente, a pesquisa que nós estamos fazendo aqui nós damos o nome de grupo focal. Já é uma pesquisa focado nos depoimentos mais do que só nos dados, né? Quantos estudam, quantos estudam é o sentido de estar aqui vocês investindo nesse curso que pra nós, visão de futuro, tudo isso pra nós é mais importante. Depoimento mesmo.

Professora Karla: Daí a gente gostaria, porque eu conheço vocês, conheço a história de vocês, mas os nossos professores também gostariam de conhecer um pouquinho de cada um de vocês. Então assim, sem falar o nome, mas falando por que que vocês escolheram esse curso? Se não escolheram? Se não foi uma a primeira opção isso é importante pra nós? Eh façam uma breve apresentação das expectativas que vocês tinham em relação a isso.

Professor Vicente: é a gente quer saber assim um pouco de cada um. O que que trouxeram vocês a fazer um curso técnico é o que que me levou a fazer um curso técnico né é vocês poderem até em casa assistir novela agora dormindo. Fazendo um

monte de coisa só que estão aqui, né? Estudando e assim cada um tem uma expectativa com isso, né. alguns pensam que vão estudar aqui e vão parar, outros pensam em continuar. Então a gente quer ouvir um pouco disso pra saber como que se deu Essa experiência de estar aqui estudando, fazendo curso técnico em Administração e também as dificuldades, o das expectativas, então de um de um de um de uma forma bem geral mesmo.

Aluna 1: Então, eu tenho vinte e cinco anos, vou fazer, essa semana que vem agora. Eu fiquei muito tempo parada sem estudar, porque eu fui embora e acabei que eu me afastei um pouco dos estudos, então eu voltei depois dos vinte. Então eu sentia muita falta de ter uma profissão porque assim as minhas colegas da minha idade elas já tinham uma faculdade, tem uma profissão. Então eu me senti um pouco assim perdida no tempo em que eu estava, né? Pela idade, por ser jovem, né? Sempre precisar me inovar no mercado de trabalho e também pela dificuldade de achar um emprego que seja bom, né é uma área boa, que ganhe bem, então assim, eu senti vontade de fazer o curso técnico, eu quis sim fazer administração, porque alguns falam que é administração às vezes é não é escolha, é a caso, né? Então eu escolhi, estou gostando da área estou aprendendo muito e eu pretendo sim continuar e fazer uma faculdade o ano que vem.

Professor Vicente: você falou assim que tem expectativa que espera eh uma oportunidade de trabalho que ganhe bem. O que que é ganhar bem pra você?

Aluna 1: Assim ser valorizada na área né? Eh pra mim ganhar bem não é só o dinheiro e sim você trabalhar no local que você se sente bem eh em que você consiga desenvolver o que você aprendeu né? Porque muita gente ainda é desvalorizada. Você tem uma faculdade, mas acaba que você não exerce aquela área que você estudou tanto né? Que você tanto almejou quatro anos. Então assim, eu penso nisso.

Professora Karla: Hoje dentro dessa trajetória vocês tiveram uma evolução, né? De quando entrou pra cá. Dentro dessa evolução que vocês tiveram, você tinha uma expectativa e hoje você tem a mesma expectativa? Conta um pouco pra gente disso. Você entrou aqui pensando já numa faculdade? Você pensou mais na questão de trabalho, de formação?

Aluna 1: Eu entrei pensando em trabalho. Eu pensei assim, vou fazer o curso técnico e vou arrumar um emprego melhor. Não vou ser só operadora de caixa em um supermercado. Um exemplo e agora eu pretendo fazer a faculdade, porque eu quero mais me aprofundar na área, eu quero entender mais, eu quero ter um certificado melhor, entendeu? Sempre estar evoluindo. Por que que a gente não pode parar, né?

Professor Vicente: É verdade. Obrigada. Então você pretende terminar o curso e continuar estudando?

Aluna 1: Sim, estou até pesquisando algumas faculdades pra mim tá iniciando ano que vem. Ah, hoje você trabalha. Não, estou desempregada. É. Tinha trabalho. Eu estava trabalhando no supermercado Bahamas e aí eu tive a oportunidade de fazer o curso técnico. Eu não pensei duas vezes. Eu fui até o meu gerente, comuniquei a situação em que eu estava. Eu trabalhava da uma às nove e trinta e cinco. Então não dava pra mim fazer o curso técnico aqui. O horário não batia. Fui até ele, me

comuniquei, expliquei minha situação, ele não quis me mudar de horário. Então eu me eu pedi demissão. Porque eu sentia que eu precisava dessa oportunidade.

Professor Vicente: Você mora com os pais?

Aluna 1: Sim, moro com meus pais.

Professora Karla: Mais alguma questão doutor?

Professor Vicente: Tranquilo. Tranquilo.

Aluna 2: Trinta e oito anos. Eu procurei esse curso pra tipo sair da mesmice porque desde que eu terminei o ensino médio eu só sei trabalhar entrei com dezessete no trabalho, fiquei catorze anos, e depois entrei nesse outro serviço, estou seis ano lá é pra sair da área de conforto mesmo, só que eu nunca tive uma coisa na minha cabeça eu não eu nunca soube gastar meu dinheiro, eu sempre gastava além do que eu ganhava. Com o curso eu aprendia a medir as o meu gasto, eu estou melhorando, assim, eu hoje eu vejo é uma expectativa melhor não é o tanto que eu ganho, mas sim o que eu faço com o meu dinheiro porque eu já ganhei muito e não sobrava eu gastava mais além do mais do que eu ganhava. Hoje em dia não, hoje em dia sobra, ganham menos e sobra e eu e a expectativa minha é de melhorar ainda mais com o curso, que eu aprendi muito aqui.

Professora Karla: Hoje você está empregada?

Aluna 2: Estou, desde dezessete anos eu nunca saí, assim, nunca parei de trabalhar, sempre trabalhei em dois serviços, toda vida. Aí eu parei de estudar por causa disso. Eu sempre quis, só queria trabalhar, trabalhar, trabalhar, porque só tinha isso na minha cabeça. Eu fui criada a isso. Desde criança minha mãe ensinou a gente só a trabalhar. Não tinha estudos.

Professora Karla: Você tem outras formações?

Aluna 2: Eu fiz só magistério.

Professor Otaviano: O curso superior está no seu horizonte?

Aluna 2: Eu não sei ainda. Não. Posso ser que eu faço, posso ser que eu não faço. Porque eu pretendo assim abrir alguma coisa pra mim que possa ser que eu encaixo possa ser que eu não encaixo. Pra me direcionar. E foi muito bom. Porque do começo da minha vida eu só era só ladeira a baixo, eu gastava além, vivia uma vida ruim porque só sabia só querer só trabalhar gastar vai gastar hoje em dia eu penso além.

Aluna 3: Boa noite, tenho quarenta e um anos. Trabalho há quase doze anos em uma empresa. Decidi estudar porque eu não gosto de parar, eu tenho uma formação, estou completando outra no meio do ano que vem, no superior, e eu sempre gostei do administrativo, mas devido alguns problemas eu tive que parar e agora que deu uma melhorada financeiramente também, eu consegui continuar o meu objetivo, né? Eu tenho um objetivo que é um concurso. O curso até vai me auxiliar mais nessa parte.

Professora Karla: Conta pra gente um pouco das suas outras formações.

Aluna 3: Eu faço recursos humanos, termino em julho do ano que vem [2023] trabalho na área da radiologia numa instituição particular gosto, não nego, amo minha profissão, gosto do que eu faço, mas se eu arrumar um concurso eu consigo conciliar os dois devido a minha carga horária que é pequena, né, por conta da radiação eu consigo conciliar outro emprego pra mim. Não pretendo arrumar na radiologia porque a própria legislação fala vinte e quatro horas devido ao grau de que tem de risco a minha saúde. Então eu consigo conciliar com outro horário administrativo que é uma área que eu gosto também de exercer. Como eu trabalhei antes de exercer a radiologia, eu já era do administrativo, eu era secretária em uma empresa, depois eu fui pra área da saúde, saí da área da saúde, eu fui pra essa instituição na qual eu tô, ou seja, eu já tenho quase dezessete anos na área da saúde, entre administrativo e radiologia.

Professora Karla: você tem filho?

Aluna 3: Eu tenho uma filha eu sou casada. Tenho uma filha de dezessete anos, no qual estuda no IFTM, está terminando computação gráfica agora em dezembro, ensino médio, e vai tentar ciências da contação, que ela passou no meio do ano mas não pôde assumir porque não tinha completado ainda o ensino médio.

Professora Karla: Você pretende estudar depois aqui, quiser de faculdade.

Aluna 3: Eu já faço faculdade, né? Só que aí eu pretendo um a pós-graduação. Porque eu não gosto de parar, eu sempre continuo.

Aluna 4: Tenho trinta e oito anos, sou casada, tenho um casal de filhos: um de dezesseis, uma menina de onze. Eu também trabalho desde muito cedo, trabalhei com catorze anos, nesse meio tempo eu optei por casar, ter filhos, fiquei mais de dez anos sem estudar uma barreira pra mim, entrei aqui no técnico por ser online e estava um curso online. Então, achei que a dificuldade seria menor. Eu estou adorando a área, principalmente, eu já fiz um feedback pra Karla, que as matérias extracurriculares é que mais me agradaram por conta dos professores, e isso quebrou um pouco também da barreira, eu achava antes que eu não conseguiria acompanhar a turma por esse intervalo de dez anos. Achava que tinha muito tempo que não estudava e tal, então hoje eu vejo que acaba sendo a mesma coisa que o estudo acaba que está o mesmo. Então eu não vejo hoje dificuldade em continuar. Pretendo fazer um curso superior, mas não é administração. Eu gosto da área de psicologia. Então acredito que eu vou seguir por esse caminho.

Professora Karla: Hoje o que vem primeiro, trabalho ou formação?

Aluna 4: Ah então, eu tive uma quebra de contrato, pedi pra que me desligassem há oito anos no trabalho. Eu entrei como vendedora, saí como liderança e pedi pra que me desligassem porque é incompatível o horário do trabalho onde eu trabalhava que é shopping com estudo. Não daria pra continuar as duas coisas ao mesmo tempo e principalmente pensar no futuro. Então, hoje pra mim eu estudo. Sai setembro agora. Tinha oito anos de empresa.

Aluna 5: Tenho dezessete anos, sou a mais nova da turma. E o jeito que eu comecei o curso é bem engraçado porque eu não queria pelo fato da minha idade com o da turma. Entendeu? Porque tipo assim pra mim a turma é muito mais velha do que eu. Então eu, tipo assim, eu achei que eu não ia me adaptar com a turma, talvez nem concurso por ser um técnico. Eu tô me formando agora no terceiro ano do ensino médio junto com o técnico. E tipo assim, não era totalmente diferente da profissão que eu queria porque eu queria entrar bem na área da perícia, mas como até entrou a pandemia eu fiquei meio em dúvida de qual área eu queria estar mesmo. Aí apareceu o curso técnico fiquei assim, na dúvida se eu ia ou não, mas aí depois com o passar do tempo eu percebi que eu gosto muito da administração, me identifiquei muito com essa área tipo me superei bastante até na parte da contabilidade né? Da matemática do curso, eu achei que eu não ia dar conta com os colegas de turmas também, e depois eu comecei a repensar em qual área profissional eu quero estar e eu percebi que eu queria tá entrando na parte da administração na área profissional e eu não sabia como eu entrar aí então eu consegui né por um programa aprendiz, entrar na parte da administração. Então, agora eu sou aprendiz na área de administração e eu pretendo continuar estudando, porque eu amo estudar, não gosta de parar. Então pretendo ano que vem, ano que vem eu vou estar na, já passei, tô na administração da UNIUBE, no superior. Moro com a minha mãe e com meus dois irmãos.

Aluna 6: Olá tenho dezenove anos escolhi começar o curso por conta que um tempo atrás eu comecei o de RH aí por conta da pandemia eu tive que parar porque eu não dei conta de continuar. Mas eu entrei mesmo porque eu acho que o curso me escolheu novamente, porque eu gostava da área, mas não conseguia, aí não tinha RH eu peguei entrei no ADM que está pareado ali. Eu pretendo fazer um curso superior, mas não tem nada a ver com a área porque o que eu gosto de educação física e matemática. Então uma coisa pode mudar a outra. Domingo agora eu vou fazer o Enem, prestar o Enem com curso superior. É isso.

Aluna 7: Tenho vinte e oito anos, aos dezesseis anos eu terminei o ensino médio, aos dezoito anos eu saí de casa fui morar sozinha. Assumiu a responsabilidade de morar sozinho, inclusive até hoje, sou solteira. Trabalho atualmente uma rede de farmácia tem cinco anos na administração por um acaso. O ano passado apareceu a oportunidade, como eu fiquei muito tempo parada, tinha dez anos que eu não estudava, que depois que eu sai do ensino médio eu não fiz mais nada. Então eu resolvi mesmo entrar na administração pra tentar de alguma forma, uma chance, de crescimento pessoal ou até mesmo na empresa atual que eu estou. E é isso. É mais pra isso mesmo. Pra ter aprendizado e consegui entrar no mercado de trabalho como administração. Porém, não pretendo seguir na área administração, apenas para trabalho. Minha vontade mesmo seria ser eh veterinária é o meu sonho.

Professor Vicente: Você pretende fazer veterinária?

Aluna 7: Sim, mas é um pouco complicado pelo fato que se não for bolsa, não tem como, né? É muito difícil. E eu não poderia, eu precisaria, no caso, voltar a morar com meus pais, pela questão que não tem como trabalhar porque é integral acredito, né? É uma coisinha que eu estou pensando bem se eu vou realmente seguir esse caminho. É um pouco complicado quando você sai de casa depois de dez anos, no caso que eu moro sozinha independente, tem que voltar com seus pra casa dos seus pais novamente. Mas não posso dizer que eu não vou voltar, se for uma coisa que

realmente eu conseguir a bolsa. Eu preciso estudar porque eu tenho um pouco de preguiça não vou mentir a gente tem um pouco de preguiça inclusive assim até me saiu bem nas provas, as coisas, mas eu tenho um pouquinho de preguiça de estudar até porque eu também achei que não ia conseguir, depois de dez anos ir voltar a estudar é tudo diferente, é totalmente diferente. Mas é isso. É isso.

Professora Karla: Você fez o curso técnico com intenção de continuar os estudos ou voltado para o mercado de trabalho?

Aluna 7: Por uma chance de crescimento mesmo ou na empresa que eu estou atual ou então em outras empresas já como recurso, né? Já pronto, consegui uma chance melhor no mercado de trabalho. Pra isso.

Aluna 8: Bom, eu tenho vinte e nove anos, né? Eu também parei muito cedo de estudar. Em dois mil e dezenove eu resolvi voltar a estudar e concluir fundamental né? Consegui concluir fundamental, aí vim aqui pra Irmão Afonso fazer o ensino médio. Então no final do ensino médio saiu a notícia no Face da escola que ia ter curso né? Aí eu de cara vi administração e já gostei. Aí então eu já emendei, terminei o ensino médio e já comecei. Isso. É, eu fazia EJA e já comecei já o curso também administração. Eu não vou, eu não vou mentir. Pra mim não foi fácil, né? Que eu tenho certa dificuldade com a matemática, mas graças a Deus tá dando certo. Sou casada, tenho dois filhos, um menino e uma menina. Pretendo concluir o curso e conseguia ter um trabalho também. Faculdade assim não, ainda não decidi isso se eu vou querer fazer faculdade. Então é isso.

Aluna 9: Eu tenho vinte e oito anos. Eu parei de estudar cedo, mas em dois mil e dezenove, se eu não me engano, eu voltei a estudar, fiz o Cesec pra concluir o ensino fundamental, que eu parei de estudar bem cedo, depois do fiz o CESEC em dois meses, eu vim aqui pro irmão Afonso, fiz o EJA e depois o EJA não quis estudar mais. Só que eu não dou conta de ficar parada e eu vi que eu saía do serviço eu estava com um tempo sobrando, e isso estava me deixando doida já, dentro de casa. Eu não queria administração não, meu foco era fazer enfermagem, até que no entanto eu fui, fiz a inscrição, fiz os a matrícula, só que não deu pra eu continuar por conta de questões financeiras e eu conversando com uma amiga minha, ela me indicou, falou fazer um curso aqui no irmão Afonso vi assim depois da enfermagem seria o RH, só que na época não estava fazendo matrícula pro RH no Irmão Afonso, e eu falei então vamos fazer administração que era o que ela ia fazer. Aí por um momento eu não queria, porque eu não me via querendo fazer administração, mas ela insistiu muito pra mim vim, e ela até saiu do curso eu toquei até hoje. É um curso que eu estou gostando bastante que não pelo fato de não querer é um curso que eu gosto de fazer só que tem dias igual eu falo não tem como eu vim porque não bate com o horário do trabalho, mas eu faço o esforço imenso pra estar aqui o dia que eu posso. Estou gostando de fazer porque querendo ou não o meu trabalho está ligado com a parte administrativa. Isso foi um ponto que fez eu gostar também do curso, que o curso também me ajudou muito no meu trabalho, ajudou bastante, e é uma área que eu pretendo continuar, não quero mais enfermagem. Quero continuar com você. Quero continuar nessa área. Pretendo fazer o curso de RH superior, já estou até pensando, igual eu vi a ideia da professora pra uma aluna aqui, que o meu problema é vim as aulas também por causa do trabalho todo, mas igual ela deu a ideia do on-line que é semipresencial também, é só uma coisa que eu estou pensando mesmo em fazer.

Professora Karla: Quando você fez essa escolha pro nível técnico você fez pensando no trabalho ou na graduação?

Aluna 9: No trabalho.

Professora Karla: E hoje você mudou?

Aluna 9: Sim. Totalmente. Quem me viu entrando aqui dizendo eu não quero. Agora eu quero.

Aluna 10: Tenho quarenta e dois anos, e eu também parei de estudar muito nova, com os meus dezessete anos eu parei na oitava série, aí eu fiz o curso eu fiz um curso de magistério na minha cidade, aí eu não terminei que foi só dois anos e depois eu casei. Aí eu vim morar em Uberaba, aí eu fiquei vinte e dois anos fora da sala de aula. Aí eu não tinha terminado o ensino médio. Não tinha completado. Aí minha cunhada me forçou a fazer, terminar, né? Pra começar a fazer alguma coisa, um curso, né? Alguma coisa. Aí eu fui e fiz, fiz o como é que fala lá o ENSEJA. Aí eu passei na prova, consegui o certificado. Aí logo depois ela me falou também do curso aqui. Que ia ter o curso de administração e de informática. Aí eu queria fazer o de informática, mas era mais eh mais moderno. Não era só o básico. Eu não tinha nem o básico. Então pra mim já não ia dar certo. Ela, então tem o de administração. Falei, ah então vou tentar isso. Eu estou gostando, mas não é o meu foco continuar a faculdade até mesmo por causa da minha idade, na hora que eu for acabar a faculdade eu já estou velha né? Então não é o meu foco. Não, não é o meu foco, fazer faculdade. Eu fiz pra eu melhorar o meu currículo, né? Porque meu currículo tá lá sem nada, porque eu nunca trabalhei de carteira assinada. Esse é, se eu conseguir um emprego, vai ser o meu primeiro emprego, nunca trabalhei fora. Então esse também é meu foco né? Aí eu tô tentando concurso público, vou tentar concurso público esse ano que vem [2023], pra ver se eu consigo meu primeiro emprego, mas realmente foco assim em faculdade não. Talvez fazer outros cursos, mas não faculdade. Esse é o meu foco.

Professor Otaviano: Eu queria só dar um depoimento pro pessoal de quebrar um pouco o gelo. Eu eu fui pra alguns [...] do Enem, né? Ali por volta de dois mil e doze tive uma experiência muito forte, mas logo depois fui convidado pra fazer os itens da prova do Encceja. Uma das peças mais maravilhosas (parte inaudível).

Aluna 11: Bom, eu tenho quarenta e um anos, sou casada, tenho três filhos, esse é o terceiro curso técnico que eu faço. O primeiro eu fiz técnico em enfermagem que é hoje que eu trabalho na área, depois fiz o magistério há três anos atrás e hoje estou fazendo o curso técnico em administração. Eu entrei no curso por conta da minha irmã que ela estava fazendo o EJA, ela não queria vim sozinha e me empurrou nessa. E assim, o curso também tá me ajudando muito, que eu também era muito gastadeira, né? Gostava muito de gastar até hoje, gosto de gastar. Mas ele está me dando um equilíbrio muito bom, né? Financeiramente. Financeiramente ele está me ajudando muito a administrar, né? Uma coisa que eu não sabia hoje está me dando um suporte bem melhor financeiramente dentro de casa. E assim eu não sei se eu vou fazer uma faculdade ainda porque eu estou com adolescente entrando no primeiro colegial e eu pretendo incentivá-la ela a estudar e fazer o curso. Então assim, pra eu fazer uma faculdade eu vou ter que fazer uma faculdade que eu possa fazer online. E deixar ela mais sobressair no futuro dela. Porque como eu tenho criança pequena e ela que olha

pra mim. Então, assim, eu prefiro ela voar e eu só administrar ela de longe. Entendeu? Trabalho na enfermagem, né?

Professor Otaviano: Não vai fazer faculdade, não tá no seu horizonte?

Aluna 11: Não, o curso aqui está me dando suporte. Isso. Que antes eu gastava muito demais e hoje eu tenho uma visão totalmente diferente. Do que eu tinha, que muitas das vezes a gente acha que tá fazendo certo e acaba tá fazendo errado, né? Então eu não estava sabendo administrar bem a situação e hoje eu já consigo administrar bem sem poder passar aperto, sem nada a gente passa sempre um aperto.

Professora Karla: Uma aluna mencionou que não teve o primeiro emprego, quem mais ainda não teve?

(Nesse ato levantaram a mão três alunas e uma declarou que é menor aprendiz e que tem carteira assinada como menor aprendiz).

Professora Karla: As demais todas já trabalharam com carteira assinada?

Alunas: Sim

Professora Karla: Alguns de vocês podem contar assim as experiências de vocês, porque nós começamos online. Certo? E depois nós passamos pro presencial. Isso afetou de alguma forma, né? Assim, ficar permanência ou não? Teve algum colega de vocês que era da turma que precisou sair por esse motivo? Alguém pode relatar pra nós? Quem vai relatar? Chega aí porque senão não te ouço.

Alunas:

Pelo fato de ser presencial ... Sim. Ficava ali na frente dela, a Kelly por causa do serviço mesmo

Teve a Paloma que saiu porque não bateu o horário

Teve outro que trabalhava até após o horário de entrada.

Teve um teve um aluno aqui, teve trabalho. É, auxiliar Teve um aluno aqui que teve que sair pelo fato dele fazer ter que entregar tipo em Uberlândia. Então ele todos os dias ele estava em Uberlândia aqui. E acabou que isso apertou bastante isso pra ele. Porque o horário de chegar ele não dormia direito é perigoso. Oito horas tinha dia era mais era mais fácil pra quem trabalhava porque eu tivesse poderia conectar e estar ali participando da aula.

A Roberta saiu que ela fazia o curso trabalhando

Duas alunas específicas que ainda estão no curso tiveram que abrir mão do trabalho pra continuar aqui.

(parte inaudível)

Professor Otaviano: Há um consenso de que o curso tá agregando pra vocês valores no sentido de formação, conhecimento, expertise? Tem contribuído no trabalho?

Aluna: Nossa Senhora! Pra mim tem contribuído muito por eu ser aprendiz e entrar na parte de administração. Eu tive que me adaptar muito, juntar o que eu estou estudando aqui com o que eu estou trabalhando tem muita coisa lá que eu estou

mexendo, ai eu digo nossa tem muito a ver com o que eu trabalho, então muitas vezes eu fico falando nossa a professora comentou isso com nós ontem. está me agregando muito o curso com o que trabalho.

Professora Karla: O curso de alguma forma afetou a expectativa que vocês tinham, que eu acho que a maioria, **entrou** com a expectativa só de melhorar no trabalho, não foi isso? Isso mesmo. E mudou a expectativa em relação a ter uma formação? Quem mudou de interesse? Quantos?

Nesse ato seis alunas levantaram a mão.

Professor Vicente: Outra coisa importante, que a gente queria saber também. Nós temos basicamente duas propostas na formação. Não vou dizer formação técnica, né? Quando a gente pensa em formar o técnico de qualquer área, nós pensamos em dois caminhos que podem estar juntos, podem estar separados ou o curso pode levar pra um ou levar pra outro. Que é o que a gente chama de formação no contexto mais amplo, mais enquanto pessoa, enquanto gente enquanto pessoa, enquanto ser humano, enquanto indivíduo, enquanto cidadão. E a outra é aquela formação que a gente pensa em aprender uma coisa pra gente trabalhar. Ah eu vou aprender a técnica, o ofício que são técnica em administração. Como que vocês avaliam o curso de vocês? Ele leva vocês mais pro trabalho, mais pra coisa assim, não estão aprendendo a técnica e às vezes distancia um pouco daquela formação enquanto pessoa, enquanto indivíduo ou ele consegue levar as duas coisas ou ele puxa mais pra formação humana. Como que vocês avaliam esse curso?

Alunas:

Colocaria setenta e cinco por cento técnico e vinte e cinco humana.

Na sua visão depende dos professores, a gente acaba que a gente tem dois, que é bem humano e outros dois que são mais técnicos.

Para mim é mais humano

Pra mim é cinquenta, cinquenta.

Me ajudou muito principalmente sobre liderança

Teve pessoas que achavam que não conseguiam fazer coisas e se descobriram no curso

(faixa muito inaudível – telefone de captação estava longe por conta da turma estar em roda e todas falando ao mesmo tempo)

Professora Karla: Durante as aulas vocês tem só as aulas técnicas ou vocês tem as experiências dos professores? Vocês têm vivencia daquilo que vocês usam na parte prática? Vocês têm aulas que mostram na pratica os conteúdos que estão sendo ministrados?

Aluna: Sim tivemos, o professor Fulano, abriu uma empresa com a gente do zero, separou em setores e cada um pode escolher qual setor iria trabalhar, e ele fez daquilo ali uma empresa. Então a gente teve na pratica como é trabalhar numa empresa.

Professora Karla: Isso mudou a vida de alguém no quesito pessoal.

Alunas:

Pra mim sim
 Pra mim também (várias responderam)
 E muito, não foi pouco não

(faixa muito inaudível – telefone de captação estava longe por conta da turma estar em roda e todas falando ao mesmo tempo)

Aluna: Quando o Fulano montou a empresa, a primeiro setor que ele colocou lá no financeiro eu falei assim, eu vou tentar porque se eu der conta de exercer o meu trabalho eu vou conseguir fazer uma faculdade e trabalhar na minha área. Então assim foi lá planilha né amiga que eu me descobri eu passei tanta raiva porque a última do dia que eu não sabia fazer da minha vida. Teve um dia que eu fiquei lá onze horas da noite até sete horas da manhã fazendo uma corrida. Então assim eu tenho esse eu falo que essa qualidade é misturada com defeito quando eu pego uma coisa eu gosto de fazer e dar o meu melhor. Enquanto eu fizer aquilo melhor pra mim é como se eu não tivesse feito. Então assim eu me descobri muito na área.

Professora Karla: Quantas entraram aqui com conhecimento em informática?

Alunas: zero.

(faixa muito inaudível – telefone de captação estava longe por conta da turma estar em roda e todas falando ao mesmo tempo)

Professora Karla: Das 11 alunas, 7 estão trabalhando. Dessas 4 que não estão trabalhando duas saíram recente por conta do horário de trabalho que não batia com o horário da escola. Duas não tiveram primeiro emprego ainda.

Professora Karla: Então quero agradecer imensamente desde o começo agradeço vocês por tudo que vocês têm entregado e pela disponibilidade de vocês participar dessa pesquisa. O objetivo é saber se essa formação técnica está voltando vocês para o mercado de trabalho ou pra graduação. A gente não sabe o que que nós vamos alcançar ao final da pesquisa, mas quando a gente fizermos todas as análises a gente volta com o material pra vocês terem ciência como fechou o trabalho. Agradeço aos professores [Otaviano e Vicente] por estarem aqui nessa noite com a gente. Disponibilizando seu tempo, eles não ganham nada pra estar aqui, risos. É por desprendimento mesmo.

Professor Otaviano: Vou fazer uma correção a gente ganha experiência estar aqui com vocês ouvintes esse depoimento, né? Esse é um ganho, aquela questão humana. É uma vivência confortável.

Professor Vicente: É o ser professor, né? E eu digo sempre pros meus alunos todo início de semestre, de ano que eu estou ali pra aprender mais. Então a gente é um ser em eterno aprendizado. Então cada oportunidade, que a gente tem é pra isso, é pra aprender. E como que a gente chega igual hoje? Nós somos professores da rede federal, eu acredito que que a gente tá no topo da carreira da docência, né? Ser professor, né? E e ontem a gente estava dando aula na rede pública, o município era professor do município, e almejando isso. E como que a gente vai dessa forma, aprendendo, aprendendo, aprendendo todos os dias. Né? E isso ficou muito claro aqui

pra nós que todos vocês disseram, estão aqui pra aprender. Aprender, e esse é o maior ganho que a gente tem. Né? Como o Otaviano disse. Bom, acho que a gente pode encerrar a gravação. Uhum.

Professora Karla: Boa noite. Pode encerrar. E aí? Só vou reforçar que é a turma da escola estadual Irmão Afonso porque eu não disse no começo né? E encerro aqui.

APÊNDICES B – TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA TURMA 2 - IFTM

TRANSCRIÇÃO AUDIO GRUPO FOCAL TURMA 2 - IFTM

Professor Otaviano: A professora Karla está no processo final pra escrever e defender dissertação dela e vai passar mais detalhes da pesquisa. Sintam-se à vontade para responder as perguntas dela. A grande pergunta de pesquisa que, ela depois vai explicar um pouco melhor, é sobre o destino de cada um de vocês no sentido do mercado de trabalho ou universidades. Que é uma pergunta norteadora no sentido de qual aluno nós estamos formando de fato, e aqui não é juízo sobre cada um não, é uma leitura da instituição, da gente, mestrado e doutorado é isso, entender a educação, entender os processos, entender os sujeitos sociais de vocês, com funcionários, como a comunidade, como professores. E a parte desses processos mesmo. Por exemplo, programa de curso, inovação, tudo isso. Então a pesquisa dela tem essa pergunta, ela é professora da escola pública e pretende absorver de vocês do ponto de vista qualitativo o que vocês estão imaginando doravante pra vida, pra vida profissional de vocês. É esse o sentido.

Professora Karla: É uma alegria muito grande estar aqui com essa turma, como professor disse, eu sou professora do curso de administração da rede estadual, dou aula há cinco anos pra curso de Administração. Então assim, é gostoso ver a carinha de vocês assim tão jovens, porque eu estou acostumada a dar aula para pessoas mais velhas, mas também tenho alunos de dezesseis a vinte e poucos anos. E aqui a turma é mais homogênea, então acredito que nós vamos ter um perfil diferente aqui, do perfil que eu tenho na escola estadual. Esse é o objetivo do nosso trabalho? É traçar esses perfis, tirar um pouco da experiência de vocês antes de entrar no curso, e agora já quase formando, qual que é a nova expectativa de vocês em relação a isso? Primeira coisa que eu gostaria de falar pra vocês é que nós vamos estar gravando, mas nada do que vocês falam é errado toda experiência de vocês, seja ela qual for, é muito válida, muito preciosa pra esse trabalho, certo? Então, pra que eu possa gravar, eu preciso que vocês assinem pra mim a permissão, quem é o representante? Pode me ajudar? Você vai entregar alguns formulários, deixa eu mostrar pro pessoal, nós vamos entregar assim pra vocês ó, aqui nós temos um termo de autorização pra que eu use as palavras de vocês. Já deixo bem claro que não posso identificar na minha pesquisa quem que é qualquer um de vocês. Então não há necessidade de citar nomes, quando vocês forem responder as perguntas que nós estamos fazendo. Então aqui no verso ó, vocês vão colocar assinatura de vocês, certo? E aí nós temos essa segunda folha que é pra eu poder depois lançar os dados na minha pesquisa a gente vai fazer algumas perguntas ó, estado civil, solteiro, casado, divorciado. Sexo, a idade, aí aqui tem assim escola, aí tem escola, tem a EEIA que é a outra escola que eu leciono, que nós também fizemos a pesquisa e tem o IFTM que no caso vocês vão assinalar nesta opção, certo? Arrimo de família, ou seja, você é responsável pela renda da sua família? Colocar sim ou não. Possui benefício do Governo? Vai colocar sim ou não? Situação econômica vocês respondem se se for da vontade de vocês, OK aí temos aqui mais quatro perguntinhas, todas elas são de uma palavra. O que nós vamos fazer aqui hoje seria melhor se a gente pudesse tá numa roda pra gente conseguir um visualizar um ao outro. Eu queria pedir o seguinte, no último grupo focal que nós fizemos, eu estou tendo muita dificuldade de pegar o

áudio de quem estava longe de mim. Então assim a pessoa que quiser falar, levanta, eu levo o celular mais perto de você e a gente consegue aí um áudio melhor pra que depois a gente tenha condição de pegar todos esses depoimentos, tá bom? Então o que que é um grupo focal? Ele é um grupo de discussão, ou seja, nós estamos aqui com esse tema, com essa temática que eu vou explicar agora qual é, e a gente vai discutir sobre esse tema, o ideal é que a gente venha com ideias mesmo, então não pense a sua ideia está errada, se sua ideia também está correta, certo? Então, joguem isso aqui no grupo, vamos conversar e vamos dialogar e vamos trocar experiências. O ideal é que a gente tenha o maior número de percepções possível. Qual que é o título da nossa pesquisa? O título é, a formação unilateral para o trabalho, um comparativo entre os técnicos em administração do IFTM e da Escola Estadual Irmão Afonso. Quem sabe aqui, o que é uma formação Omnilateral? É uma formação onde a escola te dá a possibilidade de se de ter um aprendizado crítico, ou seja, você aprende não só que um mais um é dois, mas como isso pode ser usado na sua vida, no seu cotidiano, no seu dia a dia, então ela dá a opção de você ter uma voz. Então, é uma formação além do aprendizado, uma formação que serve pra vida, pro cotidiano, pro profissional de vocês também.

Professor Otaviano: A formação omnilateral, ela é um que está do lado do outro, ou seja, esse braço é unilateral a esse, né. [...] Além disso é a questão assim, por exemplo, porque quem é formado em administração, não pode gostar de música? Escrever bem? então, uma formação também completa de nível português, artes enfim completas.

Professora Karla: Eu gostaria de fazer antes de tudo umas perguntas

Quantos de vocês iniciaram o curso com o objetivo de só fazer o ensino médio? O curso veio de brinde. Quem aqui tem, pode levantar sem medo quantos de vocês tem o intuito de fazer só o ensino médio? Então um, dois, três, não é errado gente, aqui também é difícil. Três, mais alguém? Não?

Resposta: Então três pessoas iniciaram o curso apenas para concluir o ensino médio.

Quantos de vocês tão fazendo o curso de administração focados em trabalhar, em arrumar um emprego? Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, quem já levantou não levanta de novo, peraí, vamos lá, de novo. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete,

Resposta: Dezoito pessoas que estão aqui dezoito e estão focados ao mercado de trabalho a ter um emprego.

Quantos aqui estão focados em terminar esse ensino médio, mas não vai trabalhar agora. Vou direto pra faculdade, pode levantar se tiver levantado. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze,

Respostas: Doze estão focados então em terminar o ensino médio e aí para uma faculdade.

Aluno: Se arrumar um serviço antes a gente vai para o serviço. Mas se a gente não passa numa faculdade, por exemplo federal, a gente precisa do serviço. [...]

Aluno: Pode completar um pouco sobre isso? (Pode). É porque sim, quando resolvi entrar no IF sempre achei que, nossa, isso é maravilhoso, que ia chover oportunidade

por causa desse curso técnico, mas olhando esse mercado de trabalho, eu vejo que não é bem assim, a gente, não é que eu me arrependa, é uma desvantagem muito grande por que pra você estar no mercado de trabalho você tem que ter experiência. Eu não sei se o estágio é suficiente pra querer me contratar. Pode acontecer de ter muita gente que conseguiu oportunidade de fazer isso mas a maioria dos casos não ajuda tanto, quanto promete eu acho.

Aluno: Tem gente que tem uma formação, mas tem gente que não tem uma formação, mas tem experiência, pessoas que tem experiência é contratado, porque sem querer a gente perde muito tempo aqui no IFTM porque a gente podia estar trabalhando agora e fazendo o ensino médio, e quando a gente começar a trabalhar no mercado de trabalho alguém já tem experiência em trabalhar em escritório por exemplo, vai conquistar a vaga no emprego.

Professora Karla: Qual que é a média de idade da turma?

Resposta: Dezesete e dezoito. Tem dezesseis também.

Aluno: Estão falando aí que acha que só o curso técnico do IFTM não te garante abertura de empregos, acho que é um pouco errado porque normalmente tenho empresas hoje em dia que preferem muito mais contratar um técnico do que uma pessoa já formada que é mais barata pra empresa. Tem essa balança, né.

Professora Karla: Pessoal, o gancho que eu falei, quantos aqui já tiveram o primeiro emprego?

Resposta: Não, ninguém. Até porque vocês estão em período integral. Então nós temos aqui uma turma um que é unânime que ainda o primeiro emprego.

Professora Karla: Vamos lá, continuando a pergunta, qual caminho pretende seguir agora que está terminando o curso? Então veja, nós estávamos na outra pergunta falando o que a gente queria quando a gente começou o curso. Agora que nós estamos terminando a nossa visão mudou? Então quantos de vocês querem de imediato um trabalho ó, não vou fazer faculdade, eu quero um trabalho?

Resposta: quatorze, porem com alguns pontos.

Aluno: Então o curso que quero fazer é noturno, então eu tenho que trabalhar, até porque eu não tenho como pagar também ele. Outra coisa, estamos todos pobres. Nossos pais não vão bancar a gente pra ir pra festinha, quando a gente tiver dezoito anos ou a gente trabalha, ou a gente trabalha, independente se a gente vai fazer faculdade ou não, nós vamos ter que ter um jeito de arranjar uma renda por fora. Nem que seja sábado e domingo trabalhando

Aluno: No meu caso tem a questão da bolsa de estudo também. Eu ia precisar trabalhar se eu não conseguir a bolsa de estudo.

Professora Karla: Ficou claro aqui pra gente que a questão de trabalho é por conta da renda, mas que todos, em unânime, querem fazer uma faculdade. É real isso? Todo mundo aqui pretende fazer faculdade? Levanta a mão.

Resposta: 28 levantaram a mão, estão focados na formação propedêutica, ou seja, vão continuar a formação.

Professora Karla: O técnico, vocês sabem, até vão usar pra um degrau e emprego mas não necessariamente é o principal caminho de vocês, tá certo?

Resposta: Sim, isso.

Professora Karla: Outra coisa, dos que vão para o mercado de trabalho quantos vão para a mesma área que estão fazendo curso técnico? Quantos vão trabalhar como administradores?

Resposta: Depende, tem a ver...

Professora Karla: Quantos pretendem trabalhar na área de administração?

Resposta: Quatorze. Então quatorze, de vinte e oito pretendem trabalhar na área de formação. Os demais, eles não pretendem trabalhar na área de administração, porque tem outra área de formação que é oposto a isso.

(parte inaudível)

Professora Karla: Então você pretende fazer medicina e acha que o curso vai ser complementar.

(parte inaudível)

Aluno: E eu acho que é um arrependimento porque eu vejo que a gente tá em muita desvantagem, porque professor pode passar uma série de coisas que não vai ter nada a ver com a gente a gente tem que estudar pra matéria da escola. Em escola particular deve ser focada nisso e cada um vai entender e eu acho. Mas essa é a principal vantagem que é pensando ou ter certas vantagens é o que eu tinha na cabeça entendeu?

Aluno: Eu sou uma pessoa que então eu via muitas possibilidades e eu quebrei um pouco a cara mas ainda vejo administração como algo que faz sentido pra mim.

Professora Karla: Entrando aonde nós temos que entrar agora, vamos justamente agora falar relatos. Eu vou ir a cada um de vocês. Como que era a minha expectativa antes de entrar no curso? E qual é a minha expectativa agora que eu já sei pra onde eu quero ir? Eu gostaria do relato de mais alguns alunos, o máximo que a gente conseguir em relação a isso. Ó, eu entrei, eu tinha essa mentalidade, eu tinha essas pretensões, no decorrer do ano e a minha formação contribuiu para isso, isso, isso, isso. Eu mudei a minha visão de carreira ou eu não mudei a minha visão de carreira. Esse tipo de comentários, entendeu?

Professor Antenor: Esses meninos eles ficaram um ano em casa. São a primeira turma do online, então não teve o contato com a gente no primeiro ano. Ah, a gente estava lá na aula online, mas não teve contato nosso do dia a dia, tá com a gente observar. Então, pode ter tido talvez uma mudança tão bem nesse sentido.

Professora Karla: É verdade. Eu tive isso com a minha outra turma. Então pelo professor tá relatando também é uma pergunta que cabe aqui, eu até tirei ela do roupeiro porque eu falei, eu não sei como funcionou. Lá com meus alunos era uma coisa que eu via que pensava, a pandemia pesou porque na hora de voltar pro

presencial, mais da metade da minha turma não retornou. Então, aqui eu ainda vejo que vocês estão com as turmas cheias mais são da rede federal, né? E por ser ensino médio, lá não é atrelado ao ensino médio. Então, isso, isso ajuda você, mas quais outros fatores, geraram em vocês um desconforto após esse período?

Aluno: Eu pensava já interessado em trabalhar no banco, só que quando eu entrei, eu gostava muito sem ter conhecido e hoje em dia eu não gosto tanto, mas eu ia seguir isso pro resto da minha vida. E hoje em dia eu estou confuso em relação se eu quero continuar na administração, se eu quero fazer faculdade de que? Eu pretendo começar administração, mas se eu não gostar eu vou sair, aí educação física ou gastronomia.

Aluno: Põe lá mais pertinho por gentileza. No começo eu entrei como era uma época pandêmica eu pensei ah eu estava em escola pública falei, remoto já tá difícil, então, vou procurar alguma coisa de qualidade que era acessível pra mim, era o IF. Então, acabou que o curso de administração não veio como o que eu mais me via ali. Então foi uma consequência, mas eu mudei totalmente a minha cabeça, eu queria uma coisa totalmente dentro da área de administração e tal, mas hoje em dia eu consigo ver que além de me proporcionar diversas oportunidades, a parte de administração, de ampliar minha mente, consigo aplicar no contexto de vida pro futuro que eu quero hoje. E eu quero fazer análise e desenvolvimento sistêmico. Então, vou precisar de certas coisas básicas, administração, se eu precisar trabalhar em alguns escritórios, se eu como analista de BI que se chamam, então eu tenho vários requisitos, não precisa nem ter uma formação algo relacionado a educação, quanto no setor técnico em administração já dá certo

Aluno: Eu desde sempre quando eu estudava na minha antiga escola, era uma escola municipal, então eu via que o ensino era fraco, os professores não davam muita atenção pros alunos assim e tipo tinha as vezes um aluno que faltava o ano inteiro, do mesmo jeito ele passava de ano, então eu já tinha essa noção de que eu não ia querer continuar no ensino público e eu gostaria de procurar alguma coisa melhor. Então desde sempre eu falava pra minha mãe que eu ia entrar no IF. Mas essa ideia de entrar no IFTM ela veio foi de outras pessoas porque outras pessoas já estudavam aqui. Muitas que eu conhecia entraram só que desistiram, não conseguiram passar de ano, essas coisas. E elas falavam, vai pro porque o IF é bom. Nele você pode fazer um curso que vai te trazer muitas oportunidades no futuro. E aí muita gente falou, faz administração. Porque administração ela engloba muita coisa com ela você não vai ficar sem emprego. Quando eu comecei a fazer o estágio esse ano eu percebi que não é lá a grande coisa assim. Administração não é uma coisa tão valorizada no mercado assim atualmente pelo que eu percebi com base no meu estágio, eles não dão muito valor em quem é formado em administração e que não vai trazer tantas oportunidades como eu esperava. Então com isso em relação ao curso de administração eu acabei quebrando a cara mesmo e eu não tenho a mínima vontade de me formar futuramente em alguma área de administração porque é a área que eu desejo seguir é direito.

Aluno: Falando um pouco sobre a minha história eu vejo que na sala em si, a gente tem histórias muito diferentes e tal, e eu vim de escola particular e eu vejo assim a diferença de ensino e tal e muita gente eu sei que pra muita gente foi uma melhora, mas pra mim, o ensino foi bem mais precarizado, e não é a mesma coisa. É diferente.

O que eu quero fazer é administração também, não porque a eu sei que tem muito estereótipo negativo em relação ao curso de Administração, mas é porque eu quero ingressar ou na carreira de marketing ou de finanças. Então, certa forma o curso me deu certa base, mas eu não sei, eu não diria que foi essencial pra eu descobrir que eu queria isso. Entendi?

Professora Karla: Pessoal, quantos de vocês vieram da escola pública? Vou fazer ao contrário, quem veio da particular?

Resposta: Cinco pessoas vieram da rede particular. Então cinco pessoas são da escola particular, OK?

Professora Karla: Eh continuamos então nossas expectativas, tô doida pra ouvir esse pessoal que tá caladinho, vamos lá me ajudar?

Aluno: Então quando eu entrei eu decidi que eu queria entrar no nono ano que eu conheci por outras pessoas que estudavam aqui. Aí quando eu queria entrar aqui eu pensei em fazer alimentos porque até então eu queria fazer nutrição. Só que aí com a pandemia veio a crise eu fiquei tipo meu Deus eu não sei mais o que eu quero fazer. Aí eu mudei de curso. Falei assim ah vou ficar de administração que é uma área mais ampla aí eu acabei entrando em administração e aqui mesmo, ano passado, eu fiz gestão contábil e eu percebi que eu gostava muito. Então vai ser uma área que eu quero seguir, quero fazer ciências contábeis.

Aluno: Minha visão já é um pouco assim porque na minha cidade não tinha investimento em educação, era bem ruim chama Aramina. Lá é bem triste a escola assim. E por assim a gente não ter muito que saber de escola assim boa, certo? O meu tio trabalha na IFTM, então ele sempre falou que era muito bom e a minha mãe tinha uma visão de que era o a oitava maravilha do mundo. Só que aí a gente chegou, é bom, mas não é tudo que ela pensava, que ela achava que era, que ela mesma percebeu que era muito cansativo, tipo, não sobrava tempo pra nada e eu, por ser de outra cidade, às vezes eu a minha aula acaba meio-dia. Aí pra eu poder voltar, embora, eu tenho que esperar as pessoas até quatro e quarenta pra poder voltar pra casa e chegar em casa umas seis horas, então acaba que a rotina é muito pesada e quebrou a expectativa do tipo de ser algo surreal que ia me proporcionar tipo já entrar na IFTM, passei na USP, na FUVEST mas deu uma tristeza.

Aluno: Eu pra mim entrar aqui na IF eu vim assim, minha prima fez o mesmo curso que eu estudou aqui e ela falava muito bem daqui. Quando eu entrei eu vi que era uma coisa era uma coisa diferente do que ela falava porque eu acho que só vivendo você saber. Eh mas eu amei o curso e tipo assim, igual ela falou, eu amei a área da contabilidade, eu acho que hoje em dia, querendo ou não, eu posso ir pra área de administração, tem muita gente nessa área, mas hoje você tem que fazer a diferença na sua área. Eu acho que se a pessoa, ela, ela vai até onde ela quiser. Por exemplo, eu quero fazer administração, eu posso chegar lá e ser uma profissional comum. Ou eu posso fazer diferença. Eu acredito nisso. E também tenho vontade de seguir na contabilidade. Então, tipo, administração não vai passar batido igual pra muita gente, pra mim não. É só isso que eu queria falar.

Aluno: É, uma coisa que eu acho que mudou muito minha perspectiva de vida entrando no IF que por exemplo, aqui você entra em contato muito diferentes e também tem, por exemplo, oportunidade de projetos de extensão, de pesquisa. Então,

querendo ou não, quem entra aqui na escola, mesmo que ache que o ensino por si só, o ensino médio e técnico não seja tão bom que você tenha outras oportunidades por fora. Então, por exemplo, a formação de uma pessoa que estuda aqui pode não ser tão completa, por exemplo, em química e física assim como a pessoa que estuda numa escola particular, porque é muito mais a fundo mas é um tipo de pessoa que criou um caráter diferente pra conseguir o emprego, porque ela acaba que desenvolve habilidades sociais diferentes aqui na escola, foi a coisa que eu achei mais interessante. E assim, tem a oportunidade de intercâmbio, de fazer aula de outras línguas eu acho que tem muita oportunidade sim, mas o problema é que às vezes alguns professores são negligentes. Então, é uma escola que pra mim seria muito melhor que várias outras, mas por esse motivo às vezes deixa um pouco a desejar.

Aluno: Não estava nos meus planos entrar no IFTM, eu queria trabalhar, eu já tinha arranjado emprego de carteira assinada e jovem aprendiz só que entrou a pandemia aí na mesma semana que eu ia trabalhar, não tinha mais como trabalhar, porque meio que cortou, Jovens não podia trabalhar por causa do começo da pandemia. E aí por influência dos meus amigos eu quis ingressar no IF, sempre focada em administração que eram coisas que abrangia tudo e eu queria fazer, queria ser advogada antes eu acho que o IF é uma escola muito boa, por mais que o uma parte negativa dele seja a carga horária, porque é muito difícil ficar o dia todo aqui no IF, focar sentado, pensando só em estudar, é muito complicado e quando a gente chega em casa, a gente tem que estudar em cima. Por outro lado, o IF, o nome, a escola, tem o nome forte, se você tem um status e também por causa do IFTM eu consegui um emprego logo após o estágio, eles queriam me contratar justamente porque eu porque eu era estudante do IFTM e não por causa do curso de administração. Então acho que você estudar aqui no IF é um grande diferencial, muito bom por mais que seja muito cansativo, é uma experiência muito boa Gosto muito.

Aluno: Eu trabalhei na área comum cara, ele já era muito antigo, aí ele não gostava da administração, ele não parava pra planejar. Ele falava que Administração é coisa de mulherzinha que homem bota a mão na massa. Então, às vezes ele negligenciava a própria empresa. É sério. Ele negligenciava o planejamento pra não ter que sentar e planejar porque era coisa de mulherzinha. ADM também é homem.

Aluno: Então, pra mim é o seguinte, quem não sabe o caminho, qualquer caminho vale. Pra mim foi assim no nono ano, não sabia o que eu queria fazer e fui lá e fiz administração. Mas o IFTM eu acho que ele proporciona uma coisa muito além do que outras escolas proporcionam. Muito também pelo curso de administração que a gente faz que a gente tem contato com pessoas mais velhas aqui dentro, tanto os professores como o pessoal da graduação. Então a nossa visão se abre. Aqui é um lugar em que nem se parece como uma escola normal e isso ajuda muito a gente abrir a nossa cabeça, pelo menos pra mim, né? Então, a administração eu também não sei se eu quero seguir com ela, mas eu já tenho uma visão muito mais aberta sobre aquilo que eu quero fazer, só que eu acho que estar aqui no IFTM, um lugar aberto eu conheço pessoas que eu tenho oportunidade de fazer um projeto que trabalha com a soft skill também que a gente tá sempre em contato com fazer trabalhos em que a gente tem que falar sempre tendo contato com outras pessoas, então a vergonha, deixa de existir no terceiro ano. Então eu acho que isso influencia muito no que a gente vai se tornar, e isso também ajuda muito no mercado de trabalho. Se a gente for olhar assim, muitas pessoas que tem experiência, entram em trabalhos, como

vocês falaram, né? Mas quem é que fica lá dentro? Aqui tem a Soft Skills necessários para estar lá dentro. Então, quem entra pra ficar são as pessoas que sabem ficar. Então não adianta só ter o técnico. É isso.

Aluno: Ah, outro ponto positivo da também é aquele estudando aqui no IF, a gente consegue ter mais responsabilidade que nenhum o professor vai forçar ou fazer entrar nas aulas dele, fazer isso e aquilo e aqui a gente tem a liberdade de entrar e sair e andar pelo campo sem ninguém ficar monitorando a gente, ou seja, a gente consegue ter, criar uma responsabilidade antes. Já as pessoas que estão estudando em escolas que não é o IF. (Chamaria-se de autonomia?) É.

Professora Karla: Como vocês acham, outros relatos agora, que o curso de administração contribuiu na formação pessoal. Agora nós não estamos falando, ah porque eu vou conseguir um emprego ou não por causa disso. Mas eu evolui como pessoa. Eu evolui como cidadão. Eu evolui como pessoa pensante.

Aluno: Aquilo que a amiga falou é muito verdade, porque como a gente tá aqui o dia inteiro e tal, a gente não é obrigado a nada nem usar uniforme, nem tô de uniforme falando nisso, e isso faz a gente ter um senso de responsabilidade que deixa a gente como vantagem, não eu mas não é nada a ver com o assunto, como pessoalmente mesmo, também tem a questão de que a gente cria mais resistência por causa da rotina, a gente fica aqui muito tempo e se a gente for tanto na universidade ou sei lá pra trabalhar a gente vai não vai ter tanta dificuldade pra se adaptar porque pior do que isso aqui não existe não tem que pegar aquele ônibus lotado que não tem como a gente viver coisa pior que isso uma resistência que deixa a gente na vantagem assim pra enfrentar outras áreas. Situações de mercado.

Aluno: É, eu acho que muito a ver com isso que o amigo falou, por exemplo, ajuda na organização, a gente tem que se organizar aqui com questão de tarefa e tals, é muita coisa e, por exemplo, o estágio. Como a gente estuda o dia inteiro, não é cansativo pra gente ficar oito horas no estágio, que a gente ficou, não é cansativo, tá ali o tempo todo com a rotina e tal. Então, eu acho que ajudar a gente a trabalhar mais rápido.

Aluno: É que aqui os professores como é uma coisa um pouco mais rígida assim, tipo, e ninguém não é igual escola outras escolas que a gente vai não fazer bonitinho pra você, ai você não conseguiu, que pena, vou deixar ele bonitinho procê conseguir. Tipo é assim, cê faz, cê se vira, tô nem aí pra você. Então, a gente tem que correr atrás mesmo do que a gente quer e isso faz a gente ficar muito mais determinado também.

Aluno: Pontos positivos que eu tinha falado antes de você fazer sua pergunta é responsabilidade. Eu ia falar outra coisa só que eu esqueci. (Eu falei de um exemplo de algo que abriu sua mente.). Começar a ver as coisas com um ponto positivo. E a gente também tem muito mais contato com a natureza que é muito bom, eu acho meu ponto de vista que a gente tá em volta desse matagal todo, é bom porque muitas atividades, principalmente ano passado a gente fez algumas atividades com a professora Luzélia, foi andar pelo campus e a gente conheceu ele, se bem que não dá pra conhecer ele, porque ele é muito grande, é impossível e contato com a natureza a gente consegue ter eh vencer a vergonha, porque quase todos os nossos trabalhos, quase todas as aulas a gente tem que apresentar seminário, a gente tem que

conversar com os professores, eh. (Tão melhorou suas habilidades de comunicação?) É, eu fiquei eu falo, eu falo mais do que eu já falava agora. (Dentro da sua casa, da sua família, melhorou um pouco o convívio?) Não tem convívio, porque não tem tempo, né? Porque quando eu chego em casa porque quando eu acordo meu pai já saiu, quando eu chego ele ainda não chegou e quando eu durmo ele chega, então não tem nem convívio direito mais. E final de semana é estudando, então eu odeio passar.

Aluno: Um ponto positivo que eu acho também é que a gente não fica tão refém do celular eu percebi que tipo quando estava de férias eu ficava muito focada no celular, tipo internet o dia inteiro e quando chega aqui acaba que não tem sinal, é muito difícil lugares que tenha sinal aqui que a gente acaba desapegando um pouco disso tudo.

Professora Karla: Alguém tem um exemplo de como isso mudou a a vida de vocês? Vida pessoal.

Aluno: Deixa eu pensar aqui, deixa eu formular. E o pior que eu tô doente. Na vida pessoal, quando eu entrei no IF coisas que eu fui percebendo que foram ajudando muito aqui no IF aqui funciona da seguinte forma ou você aprende a se virar sozinho, ou você se ferra totalmente, porque aqui não tem essa coisa de tipo que tinha nas escolas municipais ou estaduais, que tipo, ai vou mandar o bilhete pra sua mãe, pro seu pai autorizar tal, aqui a nós mesmos temos que entrar no virtual e a EFT procurar as coisas, nós temos que ir atrás de documentos, assinar, isso faz com que nós nos tornamos mais independentes, sabe? Eu, tipo, de eu mesma, eu era uma pessoa muito dependente da minha mãe, eu falava, mamãe resolve isso, hoje não, eu chego pra ela e falo, ó, só assina isso que eu tenho que levar, entendeu e também ele ajudou muito a organizar não só a otimizar o meu tempo de estudos mas também a organizar mais os meus pensamentos assim entre aspas porque antes o meu tempo era mais só tipo ah eu vou ir da escola eles falam vê televisão o dia inteiro e dormir depois quando eu cheguei no IF já foi já foi mas tipo ó eu sei que eu tenho que fazer isso eu tenho que fazer aquilo e pra eu poder ter as minhas coisas organizadas como os meus horários de estudos, o tempo que eu voltei pra mim, o curso de inglês entre aspas, então eu faço, eu pra isso eu tenho que ter a minha mente organizada, então eu não posso ficar com a mente bagunçada, tentar organizar a minha vida pessoal por fora, eu tenho que ser a mente toda organizada também. Ele ajudou muito nisso.

Aluno: Então, eu fiquei tipo a senhora tinha falado do da comunicação em relação a isso melhorou bastante que tipo antes eu não conseguia nem atender um telefone e pedir uma pizza porque eu ficava nervoso hoje em dia eu já consigo pedir uma pizza etc e o convívio em casa e o convívio em casa, tipo, não tem convívio, é igual ela falou, eu chego, eu saio cinco horas, chego aqui sete e pouca, aí eu eh chego lá em casa seis, aí eu saio pra ir pro pro no condomínio, depois eu volto, minha irmã já tá dormindo, eu tomo banho, também faço tarefa final de semana acaba que não tem esse convívio mais com a família. Pessoal.

Aluno: No meu caso já foi ao contrário porque antes eu passava o dia todo com minha mãe e com meu irmão e como eu já sabia que eu ia passar muito tempo com eles, então eu não buscava conversar com eles, ter um contato e agora como ele teve a distância eu passei a conversar mais com a minha mãe, a gente criou muito amigo nesse tempo, ainda mais na pandemia, que era só a gente mesmo, nós por nós e também eu incentivei que ela falou que se eu passasse eu entrasse na época emenda

ia começar a fazer o mestrado dela, aí ela tá fazendo, é meu irmão, agora tu começou a estudar na FTM também, quis fazer administração. Então foi isso, melhorou a minha relação com a minha família, foi o contrário do que aconteceu com todo mundo aqui, creio que seja exceção, mas foi isso, foi bom.

Aluno: Então eu quando eu entrei na eu foi um mundo adquirir ansiedade eh chorava todo dia no começo daí, chorava todo dia mesmo. Querendo sair. Não deu tipo, três meses eu chorava, chorava, chorava. E aí, a minha psicóloga era minha mãe, né? Eu chorava pra ela e tal. Aí cheguei Aí cheguei no segundo ano porque achei que era o fato de ser EAD, né? Cheguei no segundo ano, tomei um baque de novo no começo do ano, porque querendo ou não a gente tava voltando, teve contato, mas acostumei Já acostumei, mas assim, não deixe de ter ansiedade, me dê um, sabe? Tive muito isso, mas me ajudou muito em relação à timidez. Sou muito tímida ainda. É muito tímida. Sou assim. Eu sou muito tímida pra apresentar em público assim. E aí me ajudou muito.

Aluno: Eh assim eu também sofri muito do começo do IF até hoje, né? Com ansiedade, é porque eu vim em escola pública, então o ensino é muito diferente, mas um ponto que eu acho que me ajudou muito é que eu era muito dentro da caixinha assim, eu não era nada criativa. Com IF, eu passei a ter assim mais ideias porque eu realmente não tinha nada assim e me ajudou muito, porque isso influencia muito no mercado de trabalho. Eu, por exemplo, que quero montar um consultório de odontologia eu preciso ser um pouco mais criativa, então isso me ajuda bastante e também eh melhorou minhas habilidades de comunicação, que eu tinha um pouco de dificuldade por ser mais tímida.

Aluno: Eu quero falar também eh dessa parte que você falou com a relação familiar e tudo mais, né? Que o IF ajudou tipo a inspirar até minha mãe também porque lá em casa mora só eu e ela e tipo assim eu chego em casa todo dia a gente sai no mesmo horário ela sai até um pouco mais cedo do que eu, ela sai seis horas de casa, eu saio seis e meia e aí a gente chega mais ou menos no mesmo horário e ela via todo dia eu chegando em casa indo direto pro quarto dar e tudo mais essas minhas coisas e ela se inspirou nisso também sabe? Então a gente chega juntas e estuda juntas assim e a gente vai se ajudando também enquanto ela vai estudando e às vezes eu faço perguntas pra ela ela faz perguntas pra mim a gente fez um combinado que tipo assim, quando eu passar na minha faculdade de medicina ela vai fazer a faculdade dela de enfermagem, então isso é bem legal, IF ajuda bastante a gente inspirando assim nessas coisas.

Professor Otaviano: Pessoal tá na cara somos de idade diferente né? Já tem muitas décadas de docência na universidade, enfim. Ensino médio. A escola ela ela é uma contradição geral, ela traz traumas às vezes, né? Falava um pouco pesado. Mas a escola também é um ambiente de aprendizado de convivência e eu tô tão feliz de ver uma turma jovem aqui e tá me parecendo, queria deixar essa impressão a vocês. Tá me parecendo que apesar dos perrengues que a gente passa, né? Dificuldades, ônibus, chuva, tudo mais, pandemia. Me parece que é uma turma que convive bem aqui, é uma turma que gosta daqui. Eu não tô falando isso pra do instituto, né? Me pareceu assim que essa foi e está sendo uma casa que acolhe vocês, inclusive essa própria questão de do campus, da natureza, né? Isso ajuda muito e uma fala que eu percebi, não, agora não tá aquele negócio de recadinho pra mamãe, pro papai, né? O

amadurecimento de vocês como jovens, né? E há muitos jovens no país, quando a gente fala em juventude, o universo universalismo, muitas juventudes, né? Nossa, eu saio daqui assim com muita alegria, percebendo isso. Ao mesmo tempo, eu gostaria de no paralelo pedir licença pro nosso dois colegas, a você de fazer outra pergunta, né do ponto de vista, das necessidades e das carências que todos temos, né? Vocês já foram chamados, isso pra mim interessa muito como alguém que pretende desde sempre contribuir com o instituto, com a gestão, enfim, mas já foram chamados pra uma pra uma discussão sobre as próprias demandas que vocês mais precisam, por exemplo, pode ser que eu esteja errado, tá? Houve uma discussão aí e eu venho pouco aqui, estou mais lá no mestrado, a questão de, não sei se isso é verdade, mas não ter aonde esquentar uma marmita, não ter aonde se alimentar com, né? Por um lugar especial. As nossas águas estão todas, né? Pra nós passamos por um derretimento profundo das políticas públicas nesses quatro últimos anos, né? Mas vocês se sentiram já chamados assim pra discutir as necessidades mais prementes de vocês, essa questão me interessa, né? Como alguém que se identifica com o instituto, como a casa de todos nós, né? É uma pergunta que eu faço de modo geral assim?

Resposta: Não. Não. Não, mas em relação a marmita. É, essas questões mais não vieram ninguém em sala.

Professor Otaviano: Por exemplo, eu sinto, eu sinto que o campus aqui ele é muito bem eu dou aulas mesmo noturno, ele não é muito bem iluminado nas salas e é um campos escuro à noite, né? É, é isso que eu tô assim, porque na arrumação da nossa casa, é uma goteira, é uma coisa assim. É isso que eu gostaria de sentir vocês. Vejam que eu estou extrapolando agora a pesquisa porque vocês entregaram pra pra Karla já é suficiente.

Aluno: Eu acho que também a questão de ter uma enfermaria aqui, a gente tá afastado praticamente e se alguém passa mal.

Professor Otaviano: Isso já foi reivindicado por vocês?

Resposta: Não.

Ah então a gente tem a opção de fazer abaixo assinado.

Professor Otaviano: Entendendo, que conversa pra melhorias, reivindicação não é necessariamente briga contra alguém, não é não é afronto, confronto por enfermaria que amanhã senão eu caio fora não é isso né? Esse diálogo interno o aluno como aquele que mora nessa casa também dê sugestão

(algumas falas foram removidas para manter a confidencialidade das identidades.)

Professora Karla: O fato de vocês estarem aqui é uma extensão da casa de vocês. Geralmente a maioria é da escola pública, então entre os melhores da escola pública vocês foram escolhidos para estar aqui. Então, vocês estão, vamos dizer assim, no topo. Quem tá lá na escola irmão Afonso, por exemplo, infelizmente talvez não tenha a mesma chance de quem tá aqui na hora de fazer uma federal. Então, vocês têm que valorizar muito isso. Eu falo isso como aluna e falo isso como professora. Porque eu sei que quem vem pra cá é difícil. Certo? Eu também já estudei integral, ficava até cinco e meia na escola, e as coisas que eu vivenciei lá fora do meu cotidiano de escola, fizeram a pessoa que eu sou hoje, me fizeram começar a trabalhar com doze anos e

fizeram eu ir pra faculdade, pagar minha própria faculdade, com fruto do meu trabalho, entendeu? Então as dificuldades que vocês tão passando hoje, na verdade elas fazem de vocês pessoas mais fortes do que aqueles que não estão passando por isso certo? Fica aí esse conselho, agarrem essa oportunidade. Agarrem a oportunidade que o técnico em administração está dando pra vocês, porque a administração gente, ela pode até ter alguém aqui falou que que ela é assim mal vista no mercado, mas ela é uma das profissões que mais direciona todas as outras profissões. Nós aprendemos sobre finanças, nós aprendemos sobre como tratar outra pessoa, quando nós fazemos gestão de pessoas, nós aprendemos a parte fiscal, nós falamos sobre política. Então, a gente vê todas as áreas. Guardem esse conhecimento, pra a vida de vocês, que isso vai ser muito importante pra tudo que vocês forem fazer, para as escolhas das profissões que vocês forem levar adiante. Para as escolhas que vocês vão fazer como pessoas, como família, é muito importante. Espero mesmo, de coração, que vocês vivam esse último ano com intensidade. Que vocês nunca mais esqueçam desse último ano. Já perderam um ano de convivência juntos, estava cada um na sua casa, tiveram um ano juntos e agora vão pra o último ano juntos, depois um vai fazer medicina, outro vai fazer contábeis, o outro vai fazer área de informação, então vocês vão se dividir, vivam intensamente essa turma, vivam intensamente esse momento ao máximo esse tempo que ele é precioso Depois ó, é trabalho. A escola, que se preza é a que deixa saudade.

Professor Vicente: Gostaria de agradecer a participação de vocês, uma conversa informal, aparentemente informal mas pra gente chegar aqui tem todo um processo metodológico de pesquisa científica, né? Então a gente traz aqui a busca, a gente procura algumas informações que possam responder algumas questões da nossa pesquisa que está sendo conduzida pela Karla lá no mestrado em educação. E eu queria só pra fechar uma visão de vocês num aspecto, a Karla até já perguntou, mas eu queria ir um pouquinho mais adiante em relação a essa temática, né? Como vocês viram lá, o foco da nossa pesquisa é investigar bem a formação omnilateral, né que que é a formação integral, né? A formação tanto das técnicas quanto da formação humana. Então o curso técnico integrado do IFTM ele trabalha aqui com as duas formações. Tanto a formação da área técnica e administração quanto com a formação que a gente chama de propedêutica que é a formação antigamente chamada de colegial, né? Que são as disciplinas do ensino médio. E além disso, nós temos uma questão muito forte, que é uma questão que me intriga muito, que é a formação, digamos assim, do pensamento crítico, da visão crítica, porque uma coisa é eu receber lá financeira, aprendi calcular a taxa de juros. Ah, legal, taxa de juros anual do Brasil hoje, tá em treze ponto setenta e cinco por cento ao ano. Legal mas o que que isso impacta criticamente na vida das pessoas? Aprende calcular, mas e qual o impacto disso pra vida? Então a minha indagação, o meu questionamento e a minha reflexão é nesse sentido. Até que ponto a formação aqui do curso técnico em administração do IFTM trazem uma visão crítica pra vocês em cima daquilo que vocês aprendem, aprendi taxa de juros, tá, mas até que ponto essa taxa de juros é extremamente onerosa pro cidadão pobre? Pro cara que não tem dinheiro, o cara que deseja comprar um ventilador porque está morrendo de calor em casa, chega lá na Casas Bahia e não dá conta de pagar a parcela porque o juro é muito alto? O cara que tem que fazer sua compra de casa, arroz, feijão com cartão de crédito, porque o salário dele do mês já foi embora e ele tem que pagar com o cartão de crédito? São questões da administração, né? Até que ponto há uma na área de gestão de pessoas por exemplo é normal eu ter um cargo de chefia destinado a um cidadão branco, bem sucedido,

hétero e eu não tenho outras pessoas com outras características ocupando esses cargos de gestão? Então gostaria que vocês nos falassem mais em relação a isso. Até que ponto isso é discutido? Até que ponto ser debatido aqui na formação de vocês? E que realmente mexe com essa visão crítica de vocês de forma indireta. Ou vocês só aprendem a parte do técnico? Aprende essa outra parte, né isso? Exatamente, essa visão crítica. Isso é lançado pra vocês ou se na hora de ensinar juro ensinou-se aos juro na hora que ensinou sobre RH ensinou história ou trouxe isso pro mundo, trouxe isso pra mim. Independente.

Aluno: Depende dos professores.

Professora Karla: Então vamos lá, sem citar nomes a gente pede que não cite nome, nem de disciplina, nem de professor, é de um modo geral, como que isso se deu no curso?

Aluno: Eu acho que depende um pouco da gente. Aí eles nos ensinam e nos fazem entender o que a gente pode aplicar na nossa vida, o como vai ser importante para não passarem a perna na gente de certos votos. Se a gente for entrando em peso, a gente sabe como aplicar. Determinadas regras, determinados procedimentos. Ajuda muito na nossa vida mas nem todos os professores são assim.

(Parte inaudível)

Aluno: Eu recomendo a gente pode usar, por exemplo, no vestibular que a gente acaba conhecendo, amplia o conhecimento que a gente tem. Então, por exemplo, quando você atende a gente acabou tendo muita noção de dinheiro também de como funciona porque que ele não eu acho que ninguém tem essa ideia de qual que é a função ideal desse tipo de coisa. Então eu acho que não só o curso técnico da visão mais ampla pra gente nesse sentido de correlacionar com o resto das coisas, mas também as matérias normais, por exemplo, professor de biologia, também tem esse tipo de preocupação. Depende pelo que eles tão falando, e mas do professor.

Professora Karla: Vamos fazer assim, igual a gente fez aquelas perguntas que eu acho que vai dar uma questão de número pra gente, vai ser importante. Quantos aqui acreditam que a formação que teve aqui até hoje no, no Integrado do ensino médio com administração contribuiu pra que hoje fosse uma pessoa mais crítica.

Resposta: Quase unânime, né? Então vinte e cinco pessoas.

Agradecimentos. (parte inaudível).

Final da gravação

APÊNDICES C – TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO DA TURMA 3 - IFTM

TRANSCRIÇÃO AUDIO TURMA 3 - IFTM

Professor Antenor: Pessoal, na nossa aula de hoje, nós vamos receber a visita professora Otaviano da professora Karla. Professora Karla é aluna do mestrado aqui da escola e ela está desenvolvendo um trabalho com alunos de técnico em administração. Ela vai falar melhor o que que é o trabalho deles. E na aula de hoje vocês se sintam à vontade pra inclusive meter o pau na gente sabendo que eu estou ouvindo vamos lá. Antes deles começarem a o trabalho deles, fazer uma roda pra ficar em roda que fica mais fácil.

Professor Otaviano: Boa tarde a todos. Meu nome é Otaviano. E eu sou professor de mestrado comunicação, aqui do IFTM. A professora Karla dá aula para escola pública da área de administração e nós estamos fazendo uma pesquisa e você sabe que toda pesquisa sobretudo quando mexe com seres humanos, traz indagações. No caso aqui da administração a grande pergunta de pesquisa dela, em relação intuito, é uma pesquisa no sentido primeiramente de saber o destino de vocês depois de formados aqui no ensino técnico integral, orientado por uma outra pergunta, qual aluno nós estamos formando?

Então o que nós vamos fazer aqui chama roda de conversa, que é um método onde não é só levantar a mão quantos vieram de Uberaba, quantos não vieram, isso é o aspecto quantitativo nós precisamos, mas é sobretudo qualitativo, a sua fala. Vocês acham da sua experiência, os seus sonhos, frustrações, enfim, né? É que ela vai assim nessa roda de conversa, nós já tivemos na outra sala, essa é a segunda, de duas.

Então gostaria que vocês ficassem muito à vontade pra responder não é inquerito assim de, né? Não tão aqui pra outra coisa, e ela vai explicar não vai aparecer o nome de ninguém ainda para vocês assinam compromisso o termo da pesquisa que é obrigação oficial do CEP. Mas eu não sei que quem chama Roberto, quem chama Juliana, enfim, não é um trabalho muito demorado, mas sobretudo nós precisamos da fala do laudo, do lugar de fala e na fala de vocês.

Professora Karla: Prazer. É um prazer muito grande estar aqui com vocês, eu sou professora do curso técnico também em administração, já dou aula nessa área há cinco anos e o nosso trabalho basicamente consiste em pegar experiências. Então assim, que que vai ser muito importante aqui no nosso bate-papo? É vocês relatarem fatos e expectativas de vocês em relação as perguntas que nós vamos trazendo pro grupo. Então quanto mais vocês conseguirem falar, mais rica vai ser a pesquisa. Não tem certo, não tem errado, o que eu vivo é certo pra mim, então é uma verdade. Eu gostaria que vocês sentissem muito livres pra conversar. Quem é o representante aqui da turma? A primeira coisa que eu preciso passar pra vocês que é muito importante é que nós vamos ter que gravar a nossa fala. E independe pra mim quem está falando porque eu não conheço vocês e sou eu que vou fazer a análise desse dado. Então nunca vai ser pessoal. Vai ser uma análise do dado mesmo, da fala ou da quantidade quando eu falar pra levantar a mão. Mesmo sendo gravado eu não vou reconhecer a voz de ninguém. Concordam comigo? Então podem ficar à vontade pra falar. Para o CEPs pra eu colocar isso na minha pesquisa tem que ser a fala idêntica ao que foi falado. Então eu faço uma transcrição de tudo que a gente está conversando aqui

desde essas aberturas tudo isso é colocado no papel em formato de palavras e aí depois eu pego pedaços dessas falas pra justificar o que a gente vem dizendo no decorrer dessa pesquisa certo? Pra isso precisar esse termo ele vai tá assim ó, eu preciso que vocês assinem pra mim aqui ó, onde tá o escrito assinatura do participante certo? Aqui muito importante que vocês coloquem a data assinatura e aqui vocês vão receber também uma pequena pesquisa, é a mesma coisa que a gente vai estar falando na sala só que ela tá em formato de questionário e ela é um pouco mais quantitativa, então ela vai ser parte quantitativa da minha pergunta. Eu quero que todos preencham o questionário. Então é isso. Tem mais dúvida? Eu chego aí pertinho de você com o celular pra que a gente consiga obter o máximo de informações possíveis, tá OK?

Professora Karla: Então vamos lá pessoal, o tema da nossa pesquisa é a formação omnilateral e para o mercado de trabalho: um comparativo entre a turma do IFTM e da escola Irmão Afonso. Alguém aqui já teve contato com o termo Omnilateralidade? Omnilateralidade?

Resposta: Não

Professora Karla: Quando você tem uma educação omnilateral, significa que você tem uma educação que ela vai nas duas vertentes, ela abrange tanto o técnico quanto a parte social e crítica. Você tem uma formação que ela é universal, ela abrange todos todo o corpo, todo esqueleto da educação. Então você aprende o que é técnico e aplica isso na sua vida social. Você também adquire um senso crítico, ou seja, você consegue olhar um assunto e ter uma criticidade em relação a isso, né? Uma coisa assim, ter uma opinião a respeito de alguma coisa. Então quando a gente fala do instituto, o instituto ele tem esse propósito de uma educação omnilateral. Então a gente vai aqui falar um pouco sobre isso pra ver se a gente está alcançando essa educação. Nós estamos formando aqui administradores com um senso crítico.

Professor Otaviano: A formação técnica que não tem um laço de formação humana integral não consegue (faixa inaudível). Fica na instrução uma coisa é só instrução e ponto de vista de conteúdo. Outra coisa é trazer o conteúdo pra uma discussão mais abrangente. Inclusive com a conversa com outras áreas. A omnilateralidade também é isso, né? E do ponto de vista de ensino eu sinto que você ser um bom gestor de empresa, mas também gostar de música, de arte e aí um gestor pra ter sensibilidade pra apoiar a arte, por exemplo, ou a percepção, por exemplo, da destruição da natureza. Então, não é só aquela coisa técnica, como é que eu tiro o leite, a lactose, e como é que eu mexo com frango, né? Enfim, não é só técnico. Isso. Então nós vamos avançar nisso também.

Aluno: Estágio vale como trabalho, eu já preenchi?

Professora Karla: Coloca na frente estágio. Pessoal, quem colocar estágio, coloca pra mim se é remunerado ou não. Aí eu faço a análise disso lá. Vamos lá? Então a primeira pergunta, vocês vão responder no questionário junto, a gente vai ficar aqui uma ou mais de uma hora vai dar tempo está bom? Quais de vocês ao iniciarem o curso, lá na antes, não agora, vocês foram fazer a inscrição, quando vocês foram se inscrever pra fazer o curso aqui no IF, vocês tinham escolha de fazer em outra escola. Por que que vocês escolheram o IF, por que que

vocês escolheram a administração? Então, lá nesse início, quantos de vocês vieram pra cá única e exclusivamente por causa do ensino médio? Não estava pensando no curso de administração, eu só vim pra cá porque eu queria fazer o ensino médio no IF. Levanta pra minha mão.

Resposta: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez pessoas. Contei todo mundo. Dez pessoas vieram pra cá exclusivamente por conta do ensino médio, não estavam preocupados em fazer um ensino técnico junto, mas queriam a formação pelo instituto, OK? Certo.

Professora Karla: Agora os que não levantaram a mão responde pra mim. Vocês vieram pra cá pensando no ensino em administração?

Resposta: Sim. Sim, (todos?) Sim, sim. Sim.

Professora Karla: Então levanta a mão pra eu contar quantos. Os que vieram pelo curso de administração integrado com o ensino médio por essa formação.

Resposta: dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze. Isso? Então ó, quinze de vocês vieram já pensando nessa formação técnico e integrado, certo?

Professora Karla: Quantos de vocês, quando vieram, não agora, já pensavam em fazer o curso técnico direcionado para o mercado de trabalho? Então, ó, eu vim pra cá porque eu queria ter um técnico pra trabalhar. Resposta: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete. Então dezessete alunos dessa turma vieram com o intuito fazer o curso técnico voltado para o mercado de trabalho.

Professora Karla: Quantos nós somos aqui no total, professor?

Professor Antenor: vinte e sete.

Professora Karla: Vinte e sete. De vinte e sete alunos, dezessete vieram direcionados a isso.

Professora Karla: Quem de vocês quando fez lá a sua inscrição e estava fazendo o ensino médio não pensava em mercado de trabalho mas pensava em fazer uma faculdade após o curso? Quem? Qualquer faculdade. Veio pensando em fazer uma faculdade. ó, eu eu tô menos direcionada ao trabalho e mais direcionada a continuar meus estudos. Pessoal, olha aqui, não importa se você veio pelo curso, essa era a primeira pergunta, agora nós estamos numa outra pergunta, quando você fez, quanto você estava fazendo a sua inscrição, você tinha intuito de fazer: ir pro mercado de trabalho ou faculdade? Pode levantar a mão agora.

Resposta: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três. Vinte e três alunos de vocês já tinham uma mentalidade de fazer uma faculdade.

Professora Karla: Sabe por que que a gente pergunta isso? Às vezes pra vocês parecem uma pergunta estranha. Então vou conversar um pouco pra vocês irem entendendo. Quando a gente tem uma proposta de fazer um ensino técnico integrado com o ensino médio a gente pensa em algumas visões de alguns filósofos e eles

tenham a visão de que o técnico ele já seguiria direto para o mercado de trabalho e ele não continuaria numa formação propedêutica. O que que é uma formação propedêutica? É uma formação tipo de fazer uma faculdade, depois de uma pós-graduação e um mestrado. Então nós entendemos que o técnico ele tá direcionado a formar pessoas para o mercado de trabalho, e a gente meio que quer desmistificar isso, né professor quer mostrar que na verdade existe uma mistificação disso nas turmas, é um dos pontos do nosso trabalho. Então, é muito importante quando vocês coloca pra gente essa verdade, porque a gente vê que nós estamos formando técnicos que eles vão pro mercado de trabalho mas que eles também estão pensando em uma formação propedêutica pro futuro. Eles não vão parar aí. Certo? Então é nesse sentido. Vamos lá.

O professor quer que eu pergunte uma informação que a gente conseguiu ter de lá sem precisar de eu perguntar. Quantos de vocês quer ir só pra faculdade não pretende trabalhar agora? Ó, quem não pretende trabalhar agora, se pudesse, se a condição financeira permitisse, não queria trabalhar. Eu queria ir direto fazer uma faculdade
Resposta: Unanime 27 alunos. Mas desses todos, dezessete precisam trabalhar pra conseguir chegar na faculdade.

Professora Karla: Sustentando. Quem de vocês vai precisar trabalhar pra sustentar o curso? Se não passar na federal ou qq outra pública? Quem? Éeee, se você precisa, se você precisar fazer a faculdade particular, quem de vocês precisa trabalhar pra conseguir pagar o curso?

Resposta: Um, dois, três, quatro, sete. Vinte precisa trabalhar.

Professora Karla: Pessoal, vamos continuar então, agora ó, muda o foco, vira a chavinha. Nós estávamos falando de quando vocês entraram o pensamento que vocês tinham, agora nós vamos falar do pensamento de hoje, como alunos do terceiro já estão formando aqui, né? Nesse curso. E vamos passar pra uma nova fase.

Quantos de vocês tem a expectativa de trabalhar no mercado de trabalho de forma direta? Sair daqui e já começar a trabalhar e não fazer outra coisa. É, você não vai estudar agora, você vai só trabalhar. Quantos vão pra esse mercado de trabalho?
Resposta: Ninguém. Ninguém? Ninguém. Ninguém professora. Ninguém. É um dado novo pra mim.

Aluno: Não, mas é porque se você parar você não vai voltar.

Professora Karla: É unânime que todos vão pra faculdade? Todo mundo quer, é um pouco contraditório com as anteriores então é unânime que todos saindo do curso pretendem, a sua expectativa é de ir pra faculdade.

Resposta: Isso.

Professora Karla: Quantos de vocês pretendem fazer faculdade na área de administração?

Resposta: Dos vinte e sete alunos apenas dois pretendem continuar na área de administração.

Professora Karla: Vocês podem relatar as áreas que vão fazer? Vou passar por aqui.
Respostas: Eh pretendo fazer a área financeira ou marketing. Financeiro ou marketing. Medicina. Medicina. Medicina. Medicina. (A turma da medicina gente). Veterinária. Estética. Estética ou Medicina. Direito. Direito. Medicina. Medicina. Direito

ou letras. Direito ou letras. Psicologia. Ainda não sei. Estética ou medicina. Direito ou engenharia. Odontologia ou música. Dança ou Letras. Psicologia ou administração. Psicologia ou terapia ocupacional. Ciências biológicas bacharelado. Ciências biológicas também. Licenciatura e história ou ciências sociais. Medicina. Medicina. Enfermagem. Psicologia ou direito. Medicina. Psicologia. Direito. Assistência social ou psicologia. Eu pretendo fazer o cinema, jornalismo ou ser atleta. (Você joga o que?) Vôlei. Vôlei?

Professora Karla: Pessoal, vamos lá então. Vamos continuar então, agora pra mim a parte mais importante da nossa pesquisa, que são os relatos de vocês. Pra isso, eu já vi que a turma tem um pouco mais de energia, nós vamos ter que ter um pouco mais de ajuda porque enquanto um está falando o outro vai ter que esperar pra fazer a sua fala. E o que eu quero desses relatos de vocês? Eu quero que vocês relatem pra mim inicialmente como que eram suas expectativas antes. Puxa aí na memória de vocês como que era as suas expectativas antes de entrar no curso e como que essas expectativas foram se alinhando no decorrer do tempo? Foram atingidas? Agora nós estamos falando do curso integrado formação integral de vocês, do técnico de administração com o ensino médio tá. As expectativas que vocês tinham no início do curso elas estão sendo atingidas?

Alunos: Geral ou relacionada tipo matéria? Conhecimento? Geral?

Professora Karla: Geral. ó, quando eu entrei aqui eu achei que ia ser assim, assim, assim, assim. Hoje eu tenho uma nova percepção, hoje as minhas expectativas foram cumpridas, certo? Vamos lá, quem começa?

Aluno: No começo eu acreditava que seria uma carga horária complicada, só que estando no FTM eu vi que é basicamente o dobro do que eu pensei. Então assim, é algo interessante e você vê que você adquire maturidade e bastante aprendizado estando no IFTM, só que é algo totalmente exaustivo. Então assim, eu vejo que a ideia que eu tinha do IFTM era algo cansativo, mas eu não via que teria que ter um tamanho amadurecimento desse nível pra tá aqui.

Professora Karla: Então você na sua formação hoje omnilateral, você acredita que essa formação extensa te modificou como pessoa?

Resposta: Modificou. Por um lado bom, mas em outros lados também nem tanto por causa do excesso de cansaço. Eu diria.

Professora Karla: Quais eram as suas expectativas antes do curso e como elas estão agora?

Aluno: Com relação ao curso de administração eu já entrei com meio que decidido, porque eu já tinha feito um curso de assistente administrativo completo, então ele supriu bastante, muito mais as minhas expectativas. Porque são três anos, eu fiz um curso só de dois anos, então eu vi muito mais coisa, eu acredito que agregou muito mais e eu já entrei aqui com todo mundo me falando que era cansativo, que eu precisava doar muito de mim, que tinha gente que entrava e ficava até quatro horas da manhã fazendo trabalho e pra mim foi realmente isso tudo. Eu não tive uma quebra de expectativa nem positiva, nem negativa. É o que eu vim preparado pra ter. Com

certeza, tipo assim, eu tive um baque, assim, na hora que eu vi que realmente era, mas não me quebrou nem positivamente, nem negativamente.

Aluno: Pra mim falando de forma geral eu já sabia mais ou menos o tamanho da carga horária, essas coisas, eu sabia que ia ser difícil, mas igual os outros realmente foi um choque saber que era mais difícil do que eu pensava, mas eu acho que a expectativa que eu tinha ela era muito bonitinha pro que é aqui, porque aqui é muito pesado, não só carga horária, mas tudo também umas certas coisas que eu acho que eu estava esperando uma coisa um pouco mais bonitinha, seriam alguns comportamentos que a gente ia ter que aguentar por ser alguém superior, superior entre aspas e nós eu não sabia que a gente ia ter que passar por isso, então isso foi uma coisa que saiu muito da minha expectativa. Então eu acho que de certa forma a minha expectativa era uma coisa muito bonitinha porque é de verdade. Mas assim, não fiquei decepcionada, a IF ainda seria a minha escolha, eu não acho. (Você amadureceu?) Com certeza, porque as coisas que a gente passa. Eu acho que hoje em dia eu sou uma estudante muito mais preparada pra, por exemplo, uma faculdade assim, eu acho que eu é pra vida na verdade, a gente aprendeu a levar tapa e não cair. A gente dá um tapa de volta, tipo isso.

Aluno: Bom, a expectativa que eu tinha do IF em relação a estudo suprida porque eu tinha uma expectativa que a gente ia sair aqui formado realmente pra administração, pro mercado de trabalho, agora no estágio eu vi que realmente a gente sai preparado porque eu achei que eu não ia conseguir fazer nada no estágio e assim eu sabia praticamente tudo mas o ensino médio também é incrível, só que eles passam uma imagem assim, tipo, no campus é muito humanizado, mas passa uma imagem de que todo mundo vai sempre te compreender aqui dentro do campus e todos os professores vão sempre estar ali, te entender e tipo assim, isso era coisa que falavam até no vestibulinho, né? Que é o o meio que um cursinho. E aí tipo assim, tem professores tipo o Beto que entende os alunos, ele cuida assim, ele entende o emocional. Mas tem alguns professores que assim, eles não tão nem aí pro seu psicológico mesmo, ele fala o que tem que falar, é estourado e assim, eu acho que isso daí quebrou um pouco a expectativa. E mas foi mais isso mesmo que eu tive quebra de expectativa de resto foi bem suprido.

Professora Karla: Pessoal, só um gancho aí, vamos manter essa linha do Beto que está aqui, nós podemos falar o nome e os demais, a gente pode falar a situação que ocorreu, o evento, só não podemos falar o nome, tá bom?

Aluno: Eu acho que não é muito como a gente esperava, porque a gente que vem do ensino fundamental a gente tá acostumado com professores estão ali pro que a gente precisar. Então foi um baque da gente sair do ensino fundamental onde os professores estão, pra gente lidar basicamente com uma faculdade que é tipo assim ah eu tenho meus problemas o professor vai entender, não, se vira você com seus problemas, você tem que entregar aquilo. É óbvio que tem exceções de professores que se importam, mas a grande maioria quer aquilo e pronto.

Professora Karla: É unânime a questão da grande maioria? É uma maioria ou uma minoria? que tem essa formação? Que se importa?

Respostas: a turma se dividiu.

Professora Karla: A maioria de vocês concorda que a maioria que é que é minoria os que trazem essa formação humanizada?

Respostas: a turma se dividiu.

Aluno: Eu tenho uma visão diferente, pra mim é maioria. Eles querem o seu resultado, se você vai passar por, sei lá, três dias sem dormir, se você vai ter vinte e cinco mil crises, eles querem o seu resultado que você chegou nisso? Se vira. Então, assim, é muito pouco o professor realmente importa com a sua saúde mental e que não vai te tratar igual como a uma máquina. Então, é muito pouco.

Aluno: O problema é que a gente tem que lidar com isso muito novo. Primeiramente sobre a questão das expectativas de quando entrei no IF, como que eu tô agora? Eu entrei aqui achando que ia ser bem mais tranquilo, porque eu acho que a maioria dos alunos que estão aqui era sempre os melhores da sala. Então, eu entrei aqui com uma cabeça achando, não, vou dar conta super e aí no primeiro ano de pandemia foi, né? Porque a gente estava na pandemia e tals. Chega no segundo ano, que que eu tô fazendo aqui. Então assim, eu precisei me esforçar, me colocar ao extremo que eu jamais achei que eu conseguiria. Então, agradeço muito ao IF, a professores que me fizeram ir até o extremo pra eu ver que eu era uma pessoa capaz de chegar até aquele ponto a questão de se importar ou não se importar, né? Da maioria da minoria. Eu acho que há muitos professores aqui quer trazer essa visão pra gente da questão de que a gente tá numa escola, mas que a gente tá saindo daqui justamente, acho que a maioria precisa caso pagar uma faculdade pro mercado de trabalho. Então, não tem, não vão chegar, achar, me idealizar na minha cabeça que eu vou chegar numa empresa, eles vão cem por cento se importar com a minha saúde mental se eu estou bem ou não, porque eles querem resultado. Se eu sou literalmente pra eles ali, uma peça que se eu estiver dando trabalho de forma eliminar. Então assim, aqui na IF eu acho que a questão de a gente ser obrigado a entregar resultados pra mim, eu vejo como um ponto positivo, porque eu me coloco ao extremo obviamente momentos que a gente surta e tals, mas eu acho que no geral eu tirei uma experiência, esse ano a gente tá começando, mas principalmente o ano passado, tirei uma experiência muito boa disso, me colocaram no extremo, eu acho que o IF me obrigou a isso, pra mim foi uma experiência muito positiva.

Aluno: Eu concordo totalmente com a fala do colega anterior, assino embaixo tudo igual ele falou sobre as perspectivas, expectativa e tals, é no primeiro ano, foi num modo remoto, no modo online, então ninguém vivenciou a IF em si mesmo, né? Mas assim, a partir do segundo ano, acho que foi um choque pra todo mundo, mas acho que igual ele disse. Muitos aqui eu acredito que todos eram os melhores da sala quando estavam no nono ano, quando estavam no fundamental, então todo mundo acha que entrou com uma capacidade muito grande de conseguir estar aqui, conseguir aguentar o ritmo da IF, certo e eu no segundo ano particularmente eu tive que entrar eu entrei em choque mas assim eu me dediquei e me coloquei como compromisso como responsabilidade certo? Enquanto ao técnico em administração e eu não entrei aqui pelo técnico, eu entrei pelo ensino médio. Então, se tivesse uma escolha lá de marcar, eu quero fazer só o ensino médio, eu marcaria só o ensino médio, mas assim, vendo técnica em administração me agregou muito, não colocava expectativa, até porque eu não queria técnico, acho que isso é me atrapalhar pra estudar pro ensino médio, mas não me atrapalhou, só agregou o conhecimento, o estágio também é obrigatório, viu que o a gente observou que a gente é capaz de

estar no mercado de trabalho agora no terceiro ano. E enquanto em relação a maioria e minoria dos professores que tratam a gente como máquina, eu acho que é a minoria, porque o ano passado a gente tinha muitos professores, a gente tinha em torno de quinze, dezesseis professores, certo? E a gente pode citar muito pouco que tratava a gente assim, né? E os que não tratavam a gente assim, fazia o papel dos outros que não tratavam, certo? Sempre o IFTM disponibilizou o psicólogo e tudo mais, sempre conversava abertamente, tinha professor que conversava assuntos de outras coisas pra ficar uma aula mais tranquila, mais relaxada e isso é descarregava aqueles professores que puxavam um pouco mais, mas igual os outros colegas disse, acho que isso sim é uma coisa útil e que vai ajudar a gente no mercado de trabalho, mas eu acredito aqui que eu acho que ninguém foi tratado com animal, como algum.

Aluno: Comentando sobre minhas expectativas, quando eu entrei também eu respondi a pergunta que eu vim focada pelo ensino médio, né? Até porque por eu querer medicina e ter que passar em federal o meu objetivo era antes aí ah o curso de Administração Técnico não tinha aula no terceiro ano a tarde só até o segundo. Então que que eu imaginei? Vai chegar no terceiro que é o ano realmente do vestibular eu vou poder fazer um cursinho a tarde. Na real eu entrei no em ADM pensando nisso, pensando que além de ter um formar em um curso técnico e aprimorar o meu currículo, terceiro ano eu ia conseguir focar realmente no meu objetivo então olhando assim da [falou seu nome] de quando fez a inscrição se for pra mim pensar de forma inteligência pra pensar em relação ao meu objetivo final que é medicina eu não sei se optaria pela IF pelo fato de certa forma esse ano eu não estou conseguindo cumprir o meu objetivo inicial. Só que olhando pra o lado de [falou seu nome] que teve o técnico esses dois anos, está tendo esse ano. Eu não me arrependo porque foi uma matéria que me surpreendeu assim como o colega falou fez eu crescer no estágio assim como todo mundo me surpreendeu muito porque eu pensei gente eu vou chegar lá no estágio eles vão ter que ficar me ensinando me mostrando tudo eu dei conta de fazer muito mais do que eram lá formados em administração, muitos ficaram até surpresos de tipo, demonstrar tanta habilidade. Então, olhando como [falou seu nome] é estudante que passou esses três anos, eu não me arrependo. Em relação aos professores, realmente a IF cansa demais, a IF puxa muito, eu sou de outra cidade, então o transtorno de ir e voltar todo dia é muito cansativo e eu acredito que não só pra mim, mas até os que moram aqui sofrem muito com isso, pela carga horária pesada, só que é aquilo uma coisa que eu acredito muito. Ninguém aqui tem dificuldade em todas as matérias. Sempre é uma ou outra. E realmente a gente passa por por professores incríveis que vai dar uma experiência pra gente perfeita que vai fazer a gente gostar da matéria assim como o que vai ter professores que vai fazer a gente desgostar da matéria. Só que é aquilo. Cada um tem sua facilidade e sua dificuldade. Ano passado ano passado a gente enfrentou professores difíceis e professor e fáceis. Esses professores que de certa forma era legais com a gente, a gente não é que a gente não tinha uma matéria deles, a gente tinha. Só que a gente tinha facilidade porque a gente tinha gosto de aprender. Os que dificultavam era os que a gente realmente tinha que desempenhar. Não era em todas que a gente tinha que desempenhar tanto então era aquilo, eu acho que sim, é difícil. São professores que às vezes puxam muito? Sim, mas não são todos. Então, um exemplo, se você tem dificuldade naquele professor porque aquele puxa muito, mas é em uma ou outra. Então, você desempenha mais naquela e na outra. Igual um exemplo eu tive dificuldade em física. Então eu tive que me desempenhar mais em física. E nas outras por eu não ter facilidade eu não me desempenhava tanto porque eu conseguia ter um foco maior na aula. Então eu acho

assim, lógico é difícil, foi uma matéria que eu apresentei dificuldade, só que como eu tinha só dificuldade naquela matéria eu apresentei meu foco nela, então não foi um desafio que eu consegui concluir, porque é questão de também você deve se dedicar só o professor. Se você tem dificuldade naquela matéria, você tem que se dedicar a ela. Então, essa é a minha opinião.

Aluno: Bom, quando falando em questão de como eu saberia que fosse, como eu achava que era. E a minha expectativa, isso eu quando eu entrei aqui a minha escola já tinha o preparatório pra pro próprio IFTM já com uma parceria. Então eles falavam pra gente como se que funcionava, mas nunca ninguém me falou o real, o como seria, falava que a escola era muito boa, que tinha umas oportunidades muito boas, mas nunca me falaram que realmente era mesmo. E eu entrei aqui, assim, vocês tão falando que eu entrei aqui pra fazer o curso de administração? Não, eu entrei pra fazer o ensino médio, mas o curso de administração era o que mais se adequava ao meu futuro, porque administração, a gente querendo ou não, eu falo que administração tá em tudo, desde uma empresa, até mesmo dentro da sua casa você controlando você administrando sua vida. Então, eu escolhi Administração mas eu não pretendo continuar na administração, eu pretendo fazer medicina e eu acho que não vai ser um curso perdido, eu vou ter uma experiência que não vai ficar em vão, não que as outras fariam e em relação tipo a escola em si, eu acho que é bem cansativa, só que os meus pais desde sempre me cobraram muito, então meus pais sempre tiveram pulso firme comigo na escola, eu sempre tive, eu não estou falando que as outras pessoas não tem que estudar, mas estou contando. E fiquei um pouco abalada porque é realmente é muito pesado, é muito cansativo você tipo na maioria das vezes você não consegue ter uma vida social pelo fato de ser uma cobrança constante, mas como o colega disse o IFTM ele me ensinou a ir ao extremo e me mostrar que eu sou capaz de ir além do que eu imaginava e isso pra mim foi muito bom porque eu consegui desenvolver várias habilidades tanto soft skills como da vida mesmo e essa pressão que que é imposto sobre a gente a gente Acaba que no final a gente consegue ver que esse esforço valeu a pena. Quando a gente se mata o ano inteiro e quando a gente chega ali no final a gente vê que a gente conseguiu, a gente se mata, a gente morre, nossa, passam perto mas no final a gente consegue sobressair e ver que que teve um bom aproveitamento.

Aluno: Quando eu fui entrar aqui eu sempre pensei que fosse ser um curso tranquilo, um bom ensino, acho que como a amiga disse, a gente nunca imagina o real, porque ninguém que estuda aqui fala. Ninguém fala a realidade do cansaço porque se for falar também desmotiva as pessoas entrarem aqui, mas eu sempre tive o sonho de vim pro IFTM porque a minha escola não tem um bom ensino assim, apenas particular e eu nunca tive essa condição de pagar. Claro que aqui pra quem mora fora sai com um curso de escola particular, mas eu vim com um sonho eu realizei meu sonho foi, superou minhas expectativas em cem por cento, tudo que eu aprendi aqui eu sempre falo que o IF não forma somente pra administração o ensino o ensino médio, o IF forma pra vida, prepara a gente pra vida porque a gente pelo menos não sabia andar de ônibus, não sabia andar sozinha, não tinha cartão, não tinha conta e com os três anos que eu tive aqui no IF, eu fui aprendendo a fazer tudo isso sozinha, então o IF me tornou independente e na questão de apoio pelos professores eu recebi muito desde a equipe da limpeza até o diretor do campo, sempre fui muito apoiada aqui, me senti muito acolhida como eu moro em outra cidade as vezes eu acabava meio-dia eu fico aqui até as quatro e quarenta e sempre sou muito bem tratada, muito bem

acolhida. Então realmente eu me sinto em casa, é uma escola que eu tenho paixão, eu não aguentaria fazer o ensino médio em outro lugar eu amo o IF mesmo, os professores daqui me dou bem com todos, nunca tive problema, é triste falar que eu adoro mas acho que não tem escola melhor, na região não existe.

Aluno: A minha experiência com o IFTM anteriormente e atualmente é muito mista eu acho que eu sou um dos praticamente únicos daqui que não tinha expectativa pro IFTM porque eu venho de outra cidade e além de ser de outra cidade eu venho de cidade interioriana, pequena e da zona rural. Então assim, vários complicadores. Só que além disso, eu não sabia da existência do IFTM dois meses, dois meses não, um mês antes de abrir as inscrições pro meu ano. Então, a IFTM veio como uma oportunidade que eu sabia que eu não ia ter outro igual. Então ou eu pegava essa ou eu sabia que eu não ia tão longe quanto eu queria. Então quando eu tive obtive a pelo menos a opção de tentar entrar na IFTM eu já sabia que eu queria ir FTM e de alguma forma já sabia que eu queria entrar e que eu sabia que eu ia entrar, só me faltava saber em qual curso e tudo mais. A IFTM sempre foi dita pela única pessoa que me apresentou o curso como a oportunidade de ensino médio, pelo menos aqui na região mais positiva, melhor. Se você não tem dinheiro e você quer um ensino de qualidade, você tem que tentar IFTM. Então, na minha cidade antiga eu tinha um colégio estadual e eu estudei sexto, sétimo, oitavo e o nono naquela escola e eu sabia que me formando lá eu ia precisar de algum outro tipo de estudo pra passar em algum lugar que eu queria. Eu não sabia, por exemplo, o que que era um instituto federal. Então, quando eu passei na IFTM, foi aí que eu descobri o que era a IFTM. Eu sabia que era integral, eu sabia que era difícil e eu tinha essa imagem bem definida que entre os cursos que foram ofertados, eu sabia que eu não ia pra nenhum, mas eu sabia que a administração era o que cabia mais no meu perfil e era o que eu mais ia usar durante a minha vida igual a colega falou, eu sabia que a administração ia caber em qualquer outra decisão que eu fizesse ali depois. E eu sabia que o perfil dos alunos de administração eram o meu perfil de aluno. Então foi isso que me encaminhou. Na IFTM é um misto gigantesco, porque igualmente de novo eu pego as palavras da Mari, eu aprendi a fazer tudo. Algumas coisas contra a minha vontade, sobre o esgotamento de aluno, eu nenhuma maneira queria estar esgotado, de jeito nenhum, ninguém gosta de tá esgotado, mas eu acredito que tu tem às vezes tudo tem um bom positivo e negativo então essa pressão dada eu acho que é um pouco da confiança de ser um aluno da IFTM técnico em administração eles esperam bastante da gente, eles sabem que a gente consegue bastante coisa. Essa levar ao extremo? Não acho, não precisa. Estava bem OK do meu jeito, mas a IFTM eu considero a oportunidade da minha vida e eu acho que pra quem vende um lar você sabe que seus pais não terminaram estudo, você não teve a oportunidade, meu pai e minha mãe não são formados. Então, a oportunidade de se formar pra gente não é como, tipo, ah, eu tenho a opção de dar certo ou não. É, você vai ter que fazer dar certo porque pra mim nunca foi uma opção, sempre foi uma coisa que eu quero fazer e eu tenho que fazer por toda a história, entendeu? Então é isso. Estou nessa linha. Eu não quero generalizar, mas é só opinião. É, minha opinião.

Aluno: Eu acho, eu acredito que muito, muitos daqui falaram que de certa forma concorda se levar ter essa ser levado mais ar ao extremo? São pessoas que tem um pouco mais de facilidade em pegar essas matérias e eu acho que não só pelos professores mas até por parte de alguns dos alunos acontece muito isso de ficar com isso na cabeça de que todo mundo vai conseguir se esforçar então se ele ali se o

professor ele passar a coisa mais difícil se esforçar em todos vão conseguir não vão não conseguir todos aí mas você não conseguiu, você estudou menos. Não, eu não estudei menos, eu estudei o mesmo que você, eu não consegui porque não é o meu nível. E aí entra a parte desses professores que não conseguem fazer esse ensino de forma vamos falar assim que eles não conseguem passar para as pessoas tem mais dificuldade e ainda de forma rude e grosseira fica parecendo eles deixam como se nós que não conseguimos pegar isso de forma mais fácil nós a gente não tá no nível, a gente nem deveria tá aqui, nós não deveríamos estar na sala com esses mesmos alunos que conseguiram, isso faz com que pessoas como nós que não conseguem alcançar esse essa expectativa, chega em casa falando, eu vou desistir, vou pra uma escola qualquer porque eu sou uma merda, desculpa a palavra, sou uma pessoa muito abaixo do que essas pessoas que tão estudando comigo e eu acredito que isso não é uma coisa que deve ser passado numa escola A gente tá aqui justamente pra aprender e a gente tá aqui pra entender que eu estou numa sala com vários níveis diferentes, assim como tem pessoas que conseguem se esforçar e pegar, assim como tem pessoas que não esforça não pega pessoa que se esforça, não pega. São várias situações e eu acho muito ruim essa generalização que acontece por parte dos professores e de alguns alunos que parece que se esforçar vai conseguir. Não, nós não vamos, nós passamos por várias coisas, nós não vamos, mas a gente vai continuar esforçando. Infelizmente vai continuar generalizando e a gente vai conseguir independente do que falarem.

Professora Karla: O relato é desse tema? É sobre a mesma pergunta? Você consegue ser um pouquinho mais sucinta?

Aluno: Pra mim a IF foi vamos dizer assim a luz no fim do túnel porque muita gente não tem oportunidade que tem estando aqui estando em qualquer outra escola. A gente foi um pouco preparado pro mercado de trabalho, com a experiência do estágio, não é qualquer pessoa que tem essa experiência, tem sim muitos professores que pegam mais pesado, mas eu acho que é pelo fato de entender que a gente estar aqui e já é algo mais superior e eu também entendo que o nível de dos estudantes varia de que acordo com o que acontece na sua vida pessoal. Então às vezes alguns tem possibilidade de coisas melhores e outros não estão aqui focados em uma faculdade e outros estão aqui focados pro mercado de trabalho porque não tem uma condição de pagar uma faculdade, precisa trabalhar e aqui tem oportunidade pra isso. Então, pra mim a IF foi uma porta aberta de muitas coisas, várias possibilidades. A convivência, o dia a dia eh tem momentos que são cansativos, são exaustivos, mas eu não trocaria a IF por qualquer outra escola, tanto pela convivência, tanto pelos professores que são de extrema qualidade, são muito qualificados é claro que não é todo mundo que se dá bem em todas as matérias, isso seria o normal, a gente é muito esgotado de várias formas diferente, mas eu creio que todo mundo saindo daqui vai ter a melhor da experiência e vai olhar pra trás e pensar, se eu tivesse feito outra coisa diferente, minha vida poderia tá sido totalmente diferente, tanto pra algo positivo, tanto não. Então, acho que foi mais uma porta aberta e minhas expectativas no geral mesmo suprida de todas as formas possíveis, apesar do esgotamento emocional, físico e entre outros.

Aluno: Bom, eu minhas expectativas com IF quando eu, eu na verdade eu não tinha muita expectativa pra mim mesma, eu num eu só queria entrar no IF porque eu não sabia muito bem o que que eu seria de mim o meu futuro e como eu moro em outra

cidade, eu não me via muito futuro estudando lá. Quando eu entrei no IF, eu tinha uma expectativa, uma ideologia muito grande em relação a esses professores, eu esperava que fosse muito mais frequente com que a gente fosse aprendendo a matéria como foi já citado anteriormente por outros colegas meus, o IF é uma escola que vai juntar vários alunos, de várias escolas, com várias capacidades diferentes. Então, o ensino individualizado não é aqui, não faz parte do IF. Então, o cansaço muitas vezes que os outros alunos sentem, muitas das vezes é devido a dificuldade que ele tem em certa matéria. Eu, particularmente, me adaptei muito bem ao IF, a rotina, eu não vejo tão cansativo quanto outras pessoas dizem que são, mas isso lógico, isso é um fator meu e foi uma experiência que eu ainda pretendo dar o melhor de mim, foi uma experiência que eu realmente veio o IF como uma oportunidade que eu não sei se eu repetiria, porque eu não outras escolas justamente pra ver se eu teria um ensino que eu gostaria mais de ter, um ensino mais pesado, mas isso foi por conta que o meu ensino pelo visto, pelo que eu entendi consigo me adaptar melhor com coisas mais pesadas. Então, não foi uma coisa que eu tive tanta dificuldade em me adaptar. Mas o é uma oportunidade que eu vejo como foi muito gratificante, porque eu conheci meus próprios limites. Eu tive muitas experiências ótimas, desde professores até alunos, colegas e foi uma experiência que eu repetiria assim, se meu eu do passado, eu acho que ele sentiria que foi uma das melhores opções do que continuar com o que eu já tinha na minha cidade natal.

Professora Karla: Pessoal muito obrigada. Vamos continuar então com algumas perguntas. Quem aqui veio de escola particular?

Resposta: um, dois, três, quatro, cinco, seis alunos vieram da escola particular.

Professora Karla: Quem de vocês não é de Uberaba?

Resposta: Um, dois, três, quatro, cinco, só? Parece que tinha mais. Cinco. Cinco são de fora. Tem amis um de Ponte Alta, então são seis.

Professora Karla: Pessoal, todo mundo entendeu o que que é uma formação Omnilateral? Todo mundo conseguiu entender? Pensando aí no que nós aprendemos hoje sobre uma formação Omnilateral, quantos de vocês considera que estão passando por esse tipo de informação? Nós temos aí uma formação omnilateral que é a o que o instituto promete entregar. Ele quer entregar pra você mais do que o técnico. Ele quer te fazer uma pessoa melhor, uma pessoa mais crítica, uma pessoa que aplicar o que você está aprendendo no seu social. Quantos de vocês acreditam que estão recebendo essa formação?

Resposta: Vinte e cinco, porque duas não colocaram.

Professora Karla: Agora a pergunta chave do nosso trabalho vocês entraram aqui com uma expectativa já de fazer a faculdade e ou isso mudou com o tempo? Você vieram pro ensino médio pensando mais no mercado de trabalho ou mais em continuar a formação propedêutica, lembrando que formação propedêutica é fazer uma faculdade?

Resposta: Vinte e seis. Só um. Só um que não que fez [o curso] voltado pro mercado de trabalho.

Professora Karla: Quantos de vocês precisam trabalhar para fazer a faculdade? Fazer a faculdade? (Você fala se não for federal?) Isso, se a faculdade for particular quantos de vocês precisam trabalhar pra conseguir fazer?

Resposta: Quatro cinco seis sete oito nove dez onze treze quatorze quinze dezesseis dezessete dezanove. Exatamente. Então vinte, vinte alunos precisam estar trabalhando pra conseguir fazer uma faculdade caso ela seja particular ou então tem que ter fazer a opção de ser federal.

Professora Karla: Na condição de vocês hoje pelo ensino que vocês recebem no ensino médio vocês acreditam que conseguem passar numa federal?

Resposta: Vinte e dois alunos acreditam que a formação do IFTM possibilita pra que eles façam uma federal.

Professora Karla: Pessoal, agora eu queria relatos de vocês em relação a expectativa que vocês tinham antes e a expectativas que vocês vão ter depois sobre o mercado de trabalho. Como que é isso? Não é ah eu consigo trabalhar? Eu não consigo, não. Não seria nesse sentido. Aqui foi só um aluno né? Que respondeu a pergunta central. Só um aluno que entrou pelo mercado de trabalho. Mas então vou pegar seu relato porque ele seria um relato importante pra nós. Porque é uma parte do nosso trabalho. [...] O central do meu trabalho é o seguinte, lembra que eu falei que a formação do instituto é formar técnicos que vão voltar para o mercado de trabalho? O objetivo é o mercado de trabalho. Então nós entendemos que dentro dessa análise as vezes o aluno pode entrar com esse sentimento de trabalho, mas no meio do curso ele desvia pra uma faculdade, certo? Aqui nós tivemos uma realidade diferente da que nós tivemos em todas as outras turmas que eu fiz grupo focal. Nós temos alunos que já entraram com a realidade de querer uma faculdade. Entendeu? A gente foi meio que ao contrário. Vocês foram ao contrário da situação. Então eu queria relatos de vocês de como vocês veem o mercado de trabalho pra gente ter alguma coisa pra acrescentar. Mas eu vou pegar o depoimento aqui do meu amigo.

Aluno: Fica a pergunta mesmo Karla?

Professora Karla: Me fala um pouco da sua expectativa de ter entrado no IFTM voltado pro mercado de trabalho, como que você acha que vai ser depois?

Aluno: Bom, começando do início, eu sou uma pessoa que eu gosto de viver a minha vida. Então, minhas expectativas eu não pensava em faculdade, tipo assim, ver meu futuro estudando, eu via meu futuro vivendo minha vida e tendo experiências de vida. Então dentro da minha realidade lá em dois mil e dezanove, eu queria sair da minha bolha e expandir. E o IF era essa oportunidade. Meu canal, essa era minha asa que eu teria pra voar, entendeu. Eu vim mais pensando no trabalho que eu faria depois de sair daqui. Com a formação do IFTM. Como a amiga já disse, muitos já disseram, eu vim pra administração porque administração tem tudo, e no meio do caminho eu fui me descobrindo, fui amadurecendo e acabei tomando outros rumos, hoje eu já quero fazer uma faculdade, não estou focado mais em sair direto pro trabalho, quero ter uma formação antes de viver essas experiências de vida que eu quero viver. Então, o instituto me moldou muito, me transformou em outra pessoa, hoje eu tenho uma outra mentalidade, claro que moldou pra algumas coisas, alguns aspectos bons e ruins, porque tudo na vida é uma transformação, mas no geral é isso mesmo. Vou fazer dança ou bacharelado em letras. Bacharelado.

Professora Karla: Mas alguém que tem uma experiência assim dessas vivências que mudou? Na expectativa que era de uma mudou pra outra?

Aluno: Eu entrei aqui pensando já em faculdade, eu posso ter mudado o curso Mas a questão da faculdade em si fortaleceu principalmente a ideia de uma federal assim virou um sonho pra Deus abençoar, a gente vai conseguir realizar.

Professor Antenor: Eu vou colocar um depoimento que vocês não vão acreditar, mas é real. Tudo isso que vocês falaram pra nós, isso falta de vida social, de cansaço, de extenuamento de estar aqui, a gente ouvia isso muito em dois mil e dezesseis, dezessete, dois mil e dezoito, é comum e vocês não devem ter lembrado até porque a como a gente se conheceu a distância eu não falei o que eu costumo falar. Então logo no primeiro dia de aula enquanto coordenadora eu jogava a real e falava que aqui há choro ranger de dentes e há mesmo aqui surta e era comum surtar aqui no IFTM, vocês sabem o porquê? Porque até dois mil e vinte nosso curso tinha quinhentas horas a mais de aula que tem hoje. Eu não estou brincando. A reforma que nós fizemos foi pra diminuir o curso. O curso eram três mil seiscentos e noventa horas. Nós caímos o curso pra três mil e cem horas. O curso de vocês tem quinhentas horas a menos do que era. Três mil e seiscentos então, agora pense só que pensa comigo, alguma coisa tinha de mágico, porque o que a que a Ana falou, é verdade. O pessoal ficava aqui dois anos, manhã e tarde e o terceiro ano ficava só de manhã. Nossa, mas como que a gente conseguia isso com quinhentas horas a menos e o intuito da mudança foi, vamos fazer um curso mais light pra galera cansar menos. Então, tá vendo? Então, às vezes a gente toma algumas atitudes que o resultado prático não é o que a gente queria. Muitas vezes o resultado prático não é o que a gente pensava.

Aluno: Acho que o tem um pouco da a nossa experiência também, tem que levar em consideração que a gente tá desde o quinto ano com ensino remoto e aí o último ano, terceiro ano, o ano mais importante que vai definir tudo pra gente daqui pra frente tá sendo presencial, o perfil do durante todo esse tempo. Então, isso fez essa sobrecarga também, tipo, é até a gente voltar a se preparar tudo mais é e nós não tivemos essa experiência.

Professor Antenor: você lembrou bem, nós não tivemos essa experiência que o essa turma com esse formato começou em dois mil e vinte, teve um mês de aula, casa.

Aluno: É porque pra gente, a gente estava no oitavo, era criança, treze anos, teve pandemia, a gente volta em outra escola pra mim, em outra cidade. Dezesseis anos. Gente é que evolui muito, né? É a gente tá no ensino fundamental.

Professor Antenor: Exatamente. E eu e eu entendo tudo que vocês tão passando, por quê? Porque eu também fiz integrado. Eu fiz integrado médio integrado em eletrônica e meu também era desse jeito, a gente ia pra escola sete horas da manhã, saia da escola seis horas da tarde. Só que aí quando você vai pra UFU que você entra oito horas da manhã, sai seis horas da tarde você vai rindo. É. Por quê? Ah, tô acostumado.

Aluno: Mas é o que eu falo, o IFTM pode ser pesado, ele pode ser cansativo, ele pode fazer, mas ele prepara pra vida.

Professora Karla: Ele tem essa função de tirar vocês da meninice, trazer vocês pra uma vida pré-adulta. Então, a gente já tem que ter essa consciência.

Professor Antenor: É, o IF não traz, o IF te joga.

Aluno: A gente reclama e tudo mais no fundo, isso nos prepara, isso nos destaca. Pois não só no nosso currículo, mas ele nos campos técnicos, mas se destaca na vida e nós já estamos preparados.

Professora Karla: Essas coisas que vocês relataram pra mim como dificuldade, eu vejo na vida de vocês como aprendizado, tá transformando vocês em pessoas mais preparadas, qualquer coisa que vocês forem fazer, qualquer carreira que vocês decidirem seguir, vocês vão ter destaque em relação as pessoas que não passaram por isso, nós temos aqui com duas turmas, não temos sessenta alunos, certo? Que tão formando agora no IFTM em administração, mas quantos alunos nós temos na rede pública que não tem professores com essas preocupações de formar pessoas críticas, pessoas fora da caixinha, né? Sem contar que aqui são professores extremamente capacitados que tem experiências que a gente vai passar [...] Se eu pudesse dar um conselho pra vocês é: vivam intensamente esse momento, vocês tão no último ano não é pra fazer bagunça não, né professor? É porque daqui a pouco vai cada um para um curso, cada um vai seguir uma vida. Então vivam esse último ano com toda força que vocês tem, com toda intensidade que vocês tem, com toda jovialidade que vocês tem. Aproveitem a vida de vocês, esse momento de vocês, certo? Muito obrigado pela a participação na minha pesquisa. Obrigada pela honestidade de vocês. Espera aí que eu trouxe uma lembrancinha, senta aí. Tchau, até amanhã. Tchau, galera.

Fim da gravação.

APÊNDICES D – MEMORIAL

MEMORIAL**IDENTIFICAÇÃO**

Nome: KARLA INES SOUZA COSTA

Filiação: Mãe – Isalmar Inês Souza Costa

Pai – Luiz Carlos Souza

Data e local de nascimento: 09 de março de 1980, em Uberaba/MG

Nacionalidade: Brasileira

Profissão: Professora e Administradora

Estado Civil: Casada, com dois filhos.

Endereço: Avenida Sargento Wilson Damasceno de Macedo, 634 – Jardim

Nenê Gomes – Uberaba/MG

Telefones: (34) 98822 – 3613

E -mail: karlainsouza@gmail.com

FORMAÇÃO ACADÊMICA**Graduação**

Curso: Bacharel em Administração.

Instituição: Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro.

Ano de Conclusão: 2003.

Curso: Formação Pedagógica em Matemática.

Instituição: UNIFRAN.

Ano de Conclusão: 2020

Curso: Formação Pedagógica em Pedagogia.

Instituição: IBRA.

Ano de Conclusão: 2021

Formação Complementar**Curso:** MBA em Gestão de Recursos Humanos**Instituição:** UNINTER**Ano de Conclusão:** 2014**Curso:** Mestrado Profissional em Educação Tecnológica.**Instituição:** IFTM**Ano de Conclusão:** em andamento

O presente portfólio, tem a função de relatar as impressões, por mim absorvidas, no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro do campus Uberaba, como requisito de avaliação e conclusão.

Para isso, discorro sobre as fases e temas mais marcantes, ministrados nesse período. Em cada fase busco relacionar a teoria e a prática e suas relações com meu cotidiano e vida acadêmica.

Nascida em uma família simples, mas repleta de muito amor, muita comunhão e temor a Deus, pude viver baseada em princípios que fizeram de mim a pessoa que sou hoje. Apesar de quando pequena a família pertencer a classe baixa e passar por algumas dificuldades, não nos faltou incentivo ao estudo e ao crescimento profissional.

Desde muito cedo eu entendia que o estudo poderia mudar minha realidade, e mesmo tendo estudado em escola pública, já tinha no meu coração o desejo de fazer um mestrado desde muito cedo, mas confesso que isso parecia muito distante de minha realidade, até que vi o programa do IFTM.

Meu jardim de infância foi na Escola Municipal Joãozinho e Maria. Inicialmente, a escola ficava em um galpão improvisado, até que a construção do prédio pudesse ser concluída. Minhas irmãs já estudaram no prédio novo, mas o galpão onde estudei não tinha muita estrutura, eram todas as salas juntas sem divisão e tínhamos dois banheiros para todas as crianças.

Era pequena, mas ainda me lembro daquela época. Apesar da estrutura precária, podíamos contar com professoras surpreendentes. Lembro-me da professora Mara do antigo pré, ela com certeza marcou minha vida. Carinhosa e muito

atenciosa, ensinava transbordando amor e com toda dedicação que lhe era permitido. Foi uma fase muito feliz. Nossa educação física incluía descer com papelão nos morros de grama perto da quadra, e as festas eram regadas de muita pipoca e bexiga. Minha memória afetiva desse período é muito feliz. Saí do pré com seis anos já lendo e fazendo algumas pequenas continhas, e com um raciocínio lógico que meu pai dizia ser diferenciado.

A segunda fase de minha trajetória estudantil, já não foi muito fácil. Iniciei meu primeiro ano do ensino fundamental na Escola Estadual Leandro Antônio de Vitor. A escola tinha estrutura física, muitas salas e duas quadras enormes novinhas. Porém, os alunos na sua maioria eram da chamada Vila Arquelau, que na época abrigava a periferia daquela região, então os alunos eram muito diversificados em idade e diferenças culturais.

Minha personalidade retraída, me fez sofrer muito bullying. Na quarta série metade da turma ou traficava ou era usuário de droga e o convívio não era muito fácil. Mesmo com minha personalidade pacífica de vez enquanto tinha que fugir de alguns alunos encrinqueiros que batiam nos alunos de forma gratuita na saída da escola. Não dava pra ser criança diante de tal realidade, o jeito foi crescer rápido.

Depois conseguir vaga na Escola Municipal Frei Eugenio, onde estudei em período integral por dois anos. Lá era longe da minha casa, mas a escola era muito boa. Pela manhã tínhamos os conteúdos propedêuticos, e a tarde tínhamos atividades de costura, culinária, pintura, dança, artesanato entre outras. Lá consegui fazer amizades que perduram até hoje. Foi um tempo de muito aprendizado.

A integração entre aprendizado e trabalhos manuais contribuíram para criar em mim um senso de responsabilidade e habilidades extras curriculares que uso em meu cotidiano desde então.

Os próximos anos foram na escola Municipal Boa Vista, onde concluí até o antigo nono ano. Professores maravilhosos. Minha adolescência se mistura as memórias nesse colégio. Aqui fui bem preparada pelos professores, o que me permitiu passar na prova do Colégio Tiradentes, onde cursei o ensino médio. Uma conduta mais rígida diferenciava esse colégio dos demais. Dois marcos desse tempo escolar foi que aprendi a ter gosto pela leitura e que conheci meu marido. Isso já tem vinte e dois anos, como tempo voa.

Minha trajetória acadêmica iniciou na Faculdade de Ciências econômicas no ano 1999, que era conceito A pelo Mec e tinha um preço mais acessível que a

concorrência. Na época ainda não tínhamos tantas opções disponíveis como hoje. Passei em sétimo lugar e dedico essa colocação aos professores que me ensinaram o valor do ensino e aprendizado e que sem eles não seria possível tal feito. O curso escolhido foi Administração, que cursei por quatro anos. Trajetória marcada de muitos trabalhos e atividades práticas como estágio em grandes empresas. Nesse tempo eu já trabalhava para poder pagar meus estudos. Não vou dizer que foi fácil, as dificuldades financeiras para me alimentar e me transportar eram absurdas, mas foi um tempo muito prazeroso.

Terminado a faculdade, já tinha me estabelecido no mercado de trabalho. Um ano depois já tinha trabalhado em grandes empresas como a antiga FOSFÉTIL, e era gerente administrativa numa multinacional chamada GRUPO FERTIPAR que atuava no distrito industrial da cidade de Uberaba. Lá foi a oportunidade de colocar na prática todo ensinamento que recebi na faculdade, onde implantamos vários sistemas de controle e administração, e muitos processos da área de recursos humanos e qualidade. Me senti realizada e todo esforço enfrentado até aqui valeu a pena.

Alguns acontecimentos pessoais me fizeram dar uma pausa na carreira. Mas depois do nascimento de meus dois filhos, fiz uma pós graduação em Recursos Humanos pela UNIPAR e posteriormente fiz uma Licenciatura complementação em Matemática e uma em Pedagogia.

Em 2018 iniciei minha trajetória como professora em Administração e Recursos Humanos na rede estadual. Sempre estudei em escola pública e hoje minha busca é por levar um estudo de qualidade a todos os alunos sem distinção de classe social ou habilidades de aprendizado. Já formamos várias turmas, e em todas elas fui professora homenageada ou nome de turma, com honras segundo os alunos (risos), isso pra mim é motivo de muito orgulho, ainda sou amiga da maioria deles.

Após o processo seletivo e todas etapas que o mesmo constitui, enfim recebi a notícia que fui classificada para iniciar o Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de educação, Ciências e Tecnologia do Triângulo Mineiro do campus Uberaba. Que alegria, que honra. O que antes era tido apenas como um sonho, um projeto, agora se faz verdade.

Tenho grandes recordações de nossa primeira aula inaugural, me encontrava cheia de expectativas por esse novo marco que se iniciava em minha trajetória, tanto pessoal como acadêmica e profissional. Entre palestras em espanhol e grandes doutores como palestrantes, tive meu primeiro contato com a turma. Mesmo que no

formato online, formato esse que ainda estamos vivenciando, pude sentir uma turma colaborativa e empolgada.

Muito diferente da educação tradicional que recebi, e que até então permeava minha trajetória de estudante e professora. Dali em diante, minha forma de estudar e lecionar não foram mais a mesma. Eu tinha descoberto que a escola pela qual desejamos, é um caminho pela qual ainda estamos percorrendo e que cada um de nós temos uma responsabilidade nessa evolução e nesse processo.

“Educação é lugar de limitações e grandezas”, foi uma das frases citadas durante nosso processo de aprendizado no mestrado para ilustrar a questão da tríade: educação, profissão e tecnologia.

A coisa que mais me tocou foi a temática Trabalho, acredito que isso se dê por conta da identificação que ela tem com a administração, minha formação inicial, onde trabalhei por 18 anos e que de certa forma ainda atuo, mesmo como docente, pois no momento só dou aula para os cursos de administração e recursos humanos.

Durante nossa trajetória neste curso, fomos agraciados com uma série de seminários com as temáticas: Perspectivas atuais da educação; educação como prática de liberdade; história da educação no Brasil; o dualismo perverso da escola pública brasileira: a escola pública no processo de democratização da sociedade; o privilégio da servidão; trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada; manifesto comunista; trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos; a emergência do ultraneoliberalismo, Brasil e América Latina; ensino integrado, a politecnicidade e a educação Omnilateral: por que lutamos?; Marx e a pedagogia moderna; ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?; concepção do ensino médio integrado; práticas pedagógicas e ensino integrado; Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração; a interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais; a identidade cultural na pós-modernidade; identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais; aparelhos ideológicos de estado; microfísica do poder; a era da indeterminação; identidade e diferença; quem precisa da identidade?; identidade de Bauman; a formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.

Vimos autores como Ciavatta, Bauman, Stuart Hall, Foucault, Frigotto Ricardo Antunes, Engels, Marx e vários outros com as propostas acima. Foi enriquecedor ter acesso a todo esse acervo.

O ano de 2022, foi marcado não só na minha trajetória acadêmica, mas também na minha vida. Marcada por muitos problemas de saúde e por uma depressão muito forte, cheguei a pensar que não ia conseguir concluir o curso. Mas pude contar com minha mãe, minhas irmãs e marido que cuidaram de mim com afinho e amor. Após a recuperação, falo disso para que sirva de exemplo para pessoas que estão passando por momentos difíceis e não estão vendo uma solução, um propósito, uma luz no fim do caminho... sempre existe luz, e essa luz é Deus que nos guia e nos fortalece para alcançar nossos objetivos com alegria e saúde. Agradeço a todos que estiveram aqui, por cada oração, ligação, visita, palavras de afeto, enfim tudo quanto fizeram por mim. Gratidão ao professor Otaviano que sempre demonstrou compaixão e entendimento da minha situação e me guiou até aqui.

Passado esse ano inteiro, após as três cirurgias que realizei, aqui estou cheia de saúde e novidade de vida. Voltei ao trabalho e aos estudos, dando continuidade a dissertação. Nesse período, de novembro a fevereiro, foram realizados os grupos focais e o mês de março, foi rodeado pela escrita e as infinitas análises.

Agora, ao final desse tempo de muito aprendizado e conquistas, chego ao final desse tempo inesquecível. Muitos amigos ficam desse processo, que levarei no coração e na vida.

Estamos hoje, no caminho para uma educação que ainda não conhecemos. A caminhada tem nos feito pesquisadores, e a vivência tem nos levado a novos conhecimentos e experiências. Saio desse semestre, após realizar não só uma dissertação, mas todo conjunto de experiências, com um pensamento mais crítico, mais atualizado e mais voltado a pesquisa e inovação.

Na busca de identificar e refletir sobre a trajetória de uma etapa muito significativa da minha vida, redijo este portfólio em plena maturidade, relatando o meu percurso como estudante desde o início até aqui. Para tanto, assinalo, no transcurso da escrita acima, as situações que penso como mais significativas e relevantes.

É importante lembrar que as experiências vividas foram analisadas pelo meu ponto de vista no presente momento, a partir da minha compreensão de vida atual.

A oportunidade de apresentar minha trajetória acadêmica em um portfólio permitiu-me uma reflexão sobre todas as atividades realizadas em minha vida estudantil, e perceber minha evolução profissional e acadêmica, proveniente do resultado da aprendizagem conquistada nesse período.

Vivi cada fase com muito otimismo, acreditando que a dedicação promove

resultado e realização. Pude alcançar um nível maior de maturidade por meio do aprendizado adquirido. Foi um prazer fazer parte dessa família IFTM.

ANEXOS

ANEXO I – LIBERAÇÃO DA PESQUISA NO CEP

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA



DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONVERGENCIA DA FORMAÇÃO OMNILATERAL VERSUS A FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO.

Pesquisador Responsável: OTAVIANO JOSE PEREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63577822.8.0000.5154

Submetido em: 02/11/2022

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO TRIANGULO MINEIRO

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1941306



DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

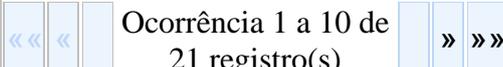


LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações
PO	OTAVIANO JOSE PEREIRA	2	02/11/2022	08/12/2022	Aprovado	Não	   



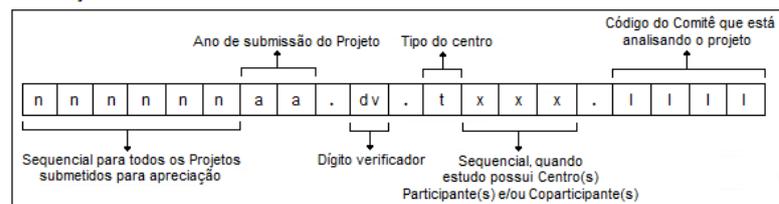
HISTÓRICO DE TRÂMITES

Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
 Ocorrência 1 a 10 de 21 registro(s)							

Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	08/12/2022 10:59:08	Parecer liberado	2	Coordenador	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	PESQUISADOR	
PO	08/12/2022 10:57:46	Parecer do Colegiado Editado	2	Coordenador	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	08/12/2022 10:57:20	Parecer do colegiado emitido	2	Coordenador	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	08/12/2022 10:56:51	Parecer do relator emitido	2	Coordenador	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	08/12/2022 10:39:12	Aceitação de Elaboração de Relatoria	2	Coordenador	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	11/11/2022 06:05:10	Confirmação de Indicação de Relatoria	2	Coordenador	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	03/11/2022 11:30:42	Indicação de Relatoria	2	Coordenador	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	03/11/2022 09:27:51	Aceitação do PP	2	Secretária	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	02/11/2022 20:30:19	Submetido para avaliação do CEP	2	Pesquisador Principal	PESQUISADOR	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	
PO	19/10/2022 09:31:33	Rejeição do PP	2	Secretária	Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM	PESQUISADOR	1-Solicita-se que as alterações feitas no projeto Ver mais >>

LEGENDA:**(*) Apreciação**

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	Nc = Notificação de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAEE

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Triângulo Mineiro TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa: A FORMAÇÃO OMNILATERAL E PARA O TRABALHO: Um comparativo entre os cursos técnicos em administração do IFTM – Campus Uberaba e da Escola Estadual Irmão Afonso, sob a responsabilidade da pesquisadora KARLA INÊS SOUZA COSTA, aluna regular do Curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do IFTM – campus Uberaba, do orientador Prof. Dr. OTAVIANO JOSÉ PEREIRA e do coorientador VICENTE BATISTA DOS SANTOS NETO.

Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o relato de caso e solicitar a sua permissão para que o mesmo seja publicado em meios científicos, dissertações, revistas, congressos e/ou reuniões científicas ou afins.

O objetivo desta pesquisa é relatar situação específica sobre o tema, a saber. Sua participação ao preencher esse questionário será de extrema importância para o sistema educacional, pois o mesmo visa analisar as expectativas de ocupação dos estudantes dos cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do curso ensino médio em ADM do IFTM.

Se o(a) Sr.(a) aceitar esse relato de caso, os procedimentos envolvidos em sua participação são os grupos focais e caso necessário preencher o questionário no google forms informando maior quantidade de detalhes possíveis de suas experiências conforme tema trabalhado no mesmo.

A descrição do relato de caso envolve o risco de quebra de confidencialidade (algum dado que possa identificar o(a) Sr.(a) ser exposto publicamente). Para minimizar esse risco, NENHUM DADO QUE POSSA IDENTIFICAR O(A) SR(A) COMO NOME, CODINOME, INICIAIS, REGISTROS INDIVIDUAIS, INFORMAÇÕES POSTAIS, NÚMEROS DE TELEFONES, ENDEREÇOS

ELETRÔNICOS, FOTOGRAFIAS, FIGURAS, CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS (partes do corpo), entre outros serão utilizadas sem sua autorização. Fotos, figuras ou outras características morfológicas que venham a ser utilizadas estarão devidamente cuidadas (camufladas, escondidas) para não identificar o(a) Sr.(a).

Contudo, este relato de caso também pode trazer benefícios. Os possíveis benefícios resultantes da participação na pesquisa são analisar as expectativas de ocupação frente ao mercado de trabalho e confirmar a importância dessa modalidade educacional no atual cenário brasileiro e frente exigências tecnológicas.

Sua participação neste relato de caso é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a realização do relato de caso, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que você recebe ou possa vir a receber na instituição.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação neste relato de caso e o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos. Sinta-se à vontade para solicitar, a qualquer momento, os esclarecimentos e documentos da pesquisa e/ou dos pesquisadores que julgar necessários. E, caso decida-se por não participar ou suspender seu consentimento, esteja ciente de que não lhe será solicitada nenhuma explicação, assim como nenhuma penalidade ou censura serão aplicadas.

O (a) senhor(a) não terá nenhum gasto por participar nesse estudo. O (a) senhor(a) tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que você sofra em decorrência dessa pesquisa.

Foram tomadas precauções para protegê-lo(a) de eventuais riscos e desconfortos. Nesse sentido, nos comprometemos a: manter sua identidade bem como a identidade da instituição de ensino em completo sigilo; restringir o uso do material coletado ao contexto da produção de trabalhos científicos, nos quais não aparecerão dados pessoais ou quaisquer outros elementos que possam permitir sua identificação; só utilizar para a composição de referidos trabalhos conteúdos que, além de terem sido obtidos mediante seu consentimento, tenham sido posteriormente checados e autorizados pelo(a) senhor(a).

Ao final da investigação, o(a) senhor(a) será contatado(a) pela pesquisadora responsável para ter acesso, caso deseje, aos resultados da pesquisa.

Caso consinta em participar, no momento de assinar o(a) senhor(a) receberá uma cópia deste documento (TCLE), também devidamente assinada pela pesquisadora. No

cabeçalho poderão ser facilmente encontrados: identificação, e-mail e telefone da pesquisadora; identificação, e-mail e telefone da professora orientadora, bem como endereço, e-mail e telefone do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), que avalia se as pesquisas estão sendo planejadas e executadas de forma ética e em respeito aos direitos dos participantes.

Contato dos pesquisadores:

Pesquisador: KARLA INES SOUZA COSTA

E-mail: karlainessouza@gmail.com

Telefone: (34) 9 8822 3613

Endereço: Avenida Sargento Wilson Damasceno de Macedo, 634, Bairro Nenê Gomes. Uberaba-MG

Pesquisador: Otaviano José Pereira

E-mail: otavianopereira@iftm.edu.br

Telefone: 34.99298.1461

Endereço: Rua Itapagipe, 251, Jd. Induberaba, Uberaba-MG

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Eu, _____ li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo: *A formação omnilateral e para o mercado de trabalho*, e receberei uma cópia de minhas respostas realizadas na entrevista pelo e-mail fornecido.

Uberaba, _____ de _____ de 2023

Assinatura do Participante

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador assistente